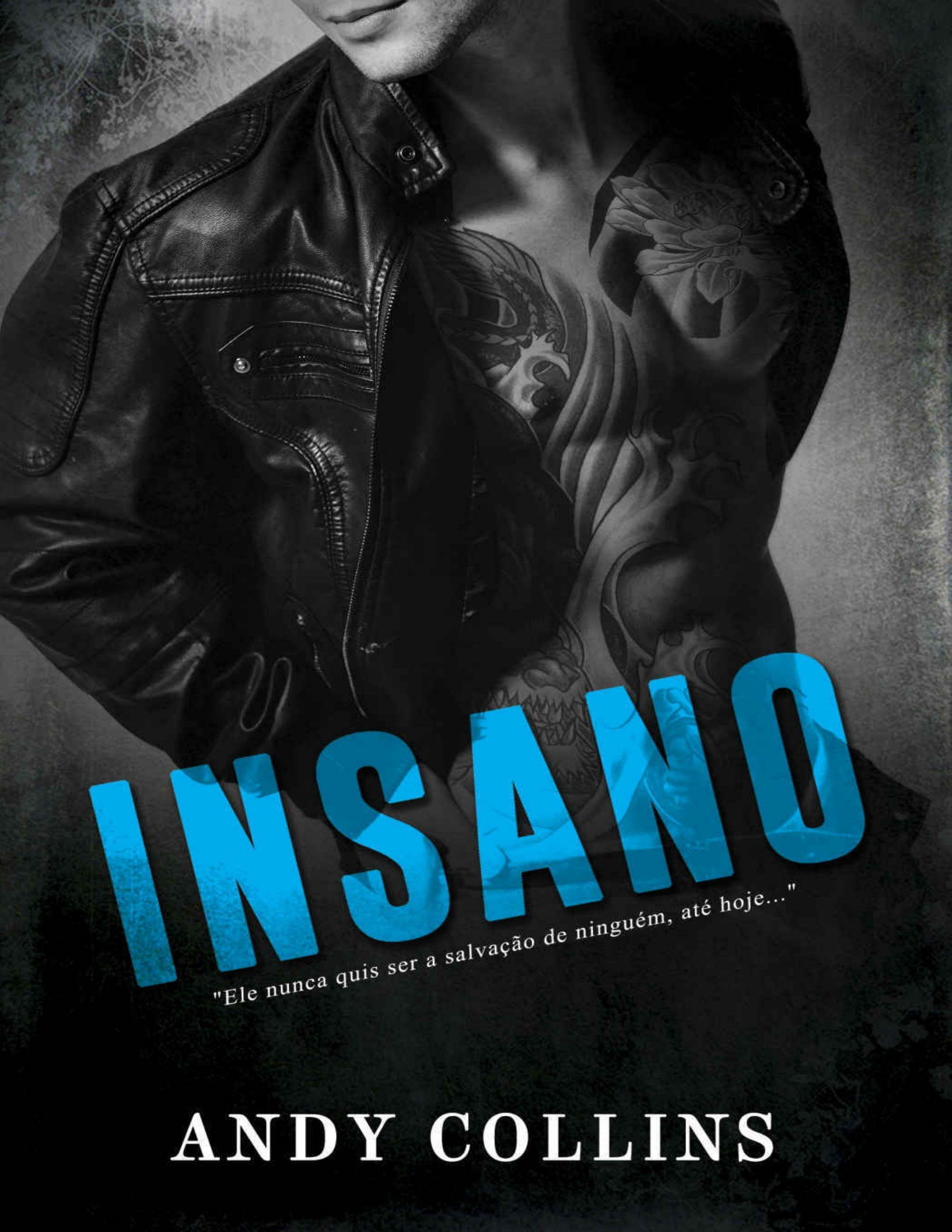




INSANO

"Ele nunca quis ser a salvação de ninguém, até hoje..."

ANDY COLLINS



Capa: Dri K.K

dri.capista@gmail.com

Revisão e Copidesque: Samantha Silveira

Diagramação Digital: Olívia Nayara Medeiros Jardim

olivialivros@hotmail.com

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n.º. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para todos que acreditam no impossível.
E para pessoas especiais,
que acreditaram que eu poderia ir além.
Always together.

Preconceito: sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância.

Prólogo

Quando as mulheres me olham, a primeira coisa que imaginam é sexo e quando elas conseguem isso, logo pensam que tenho sérios problemas.

Sabe o amor? Aquele sentimento egoísta, que te afoga e destrói de dentro para fora, então, já tive isso, em altas doses.

Eu era um adolescente na época, cheio de sonhos românticos e uma namorada que se chamava Lizzy, ela era a menina mais sexy da escola, e como eu nunca fui o típico adolescente cheio de espinhas na cara, consegui fisgar a melhor, porém, hoje sei que o sucesso que *Originals* estava fazendo e o status de namorada do vocalista, foi o que realmente atraiu Lizzy. A banda já era bastante requisitada nas festas de fraternidades, mesmo que eu e meus companheiros ainda não estivéssemos terminado o colegial, éramos sempre chamados.

Braden, Micah, Josh e eu formávamos o *Originals*, uma banda que surgiu na garagem da casa do Braden e hoje já está na segunda turnê mundial. Mesmo assim, depois de tanto sucesso, pelo menos duas vezes ao ano fazíamos um show dentro da faculdade, eu gostava disso. Era como uma viagem de volta ao passado, onde conseguia ver claramente aquele adolescente idiota apaixonado, usando um anel de castidade ridículo, o mesmo anel que foi para o lixo no dia em que flagrei minha namorada exemplar transando com um idiota que ela acabara de conhecer.

Tudo que havia de bom dentro de mim se esvaiu em uma única noite. A imagem dela suada e nua, ofegando e sussurrando obscenidades para um cara que ainda estava vestido, cuja única coisa de fora era o pau que entrava e saía freneticamente de dentro dela, ainda me assombrava. Não pensem que ainda a amo, aquilo foi apenas um lembrete do quanto fui idiota e do quanto essa merda de amor pode machucar. É essa imagem que vejo sempre quando transo com alguma garota: o rosto de Lizzy, então, qualquer tipo de sentimento que possa surgir, evapora.

Talvez eu esteja sendo um pouco cruel, e, talvez, apenas talvez, seja por isso que hoje estou acordando em uma cama de hospital. Meu nome é Gael Trent Malloy, e acho que vou começar a pagar pelos meus pecados.

*“This is how an angel dies
blame it on my own sick pride,
blame it on my A.D.D baby”*

Sail — Awolnation

“É assim que um anjo more / Isso é culpa do meu orgulho doentio / Culpe meu distúrbio de déficit de atenção, querida”

Gael

Tenho uma hora antes de começar o show, e o *Madson Square Garden* está lotado, consigo ouvir o som da banda que faz a abertura, eles tocam um cover de Awolnation, a música *I Am*, e tenho que confessar, os caras são bons, porém, não tanto quando a ruiva que está em cima de mim.

— Devagar, gatinha, assim você vai acabar machucando algo muito precioso. — falo para a ruiva que cavalga apressadamente em cima do meu pau, essa mulher pode acabar me esfolando se não for com calma.

Obediente, ela diminui o ritmo, e eu gemo. Porra! Ela sabe o que faz. Levo um dos seios à boca sugando com vontade, enquanto a mão caminha suavemente até sua bunda, massageando aquela entrada apertada, deixando-a relaxada, porque assim que eu a fizer gozar, é lá que meu pau vai ser enfiado.

Mordo seu seio esquerdo, eles são redondos e fartos, uma boa grana investida em silicone de alto nível, isso a faz se contorcer. Estamos deitados no sofá do camarim, se alguém entrar agora vai ter um belo show. A gatinha não tem pudor, e rebola na minha mão cada vez que coloco outro dedo dentro dela, e isso me faz trabalhar ainda mais em seus seios, lambendo e mordendo.

— Temos trinta minutos, Malloy — Braden bate na porta avisando que tenho que me preparar, a ruiva continua gemendo em cima de mim, e já não conseguindo me conter, tiro-a de cima de mim e a levanto, ela começa a protestar, mas logo me posiciono atrás dela e a curvo segurando a base de sua coluna, suas mãos no sofá e sua bunda totalmente empinada, consigo ter uma bela visão da pele branca, e algumas sardas a deixam ainda mais sexy.

Começo a traçar círculos lentos em seu ponto mais sensível, bem devagar, e quando sinto que ela está quase chegando lá, sussurro no seu ouvido.

— Tente não gritar. — Ela não teve tempo nem de pensar, verifico se está lubrificada o suficiente, então cubro sua boca com a mão e entro de forma rápida, sentindo seu corpo todo tencionar. — Calma, gatinha, apenas relaxe e curta o passeio, está na hora do nosso show.

Com a mão livre começo a circular novamente seu clitóris em movimentos rápidos. Sei que ela não vai demorar muito, aumento o ritmo das estocadas, enquanto meu dedo trabalhava com mais

afinco. Senhor me ajude, eu estou quase lá.

Quando sinto seus músculos apertando meus dedos, finalmente explodo. Uma coisa não posso negar, a ruiva é gostosa pra caralho.

— Ah Deus, Malloy, você quase me mata. — Ela está ofegante, debruçada no sofá. Sabia que aquilo era um elogio, então beijo suas costas e espero minha pulsação se acalmar.

— Preciso ir. — Saio de dentro dela e vou ao banheiro me livrar do preservativo — Você pode usar o banheiro se quiser. — grito enquanto tomo uma ducha rápida, sabia que tinha ainda uns bons vinte minutos. Braden sempre fala menos tempo do que realmente temos.

— Posso esperar você, se quiser. — Ela entra no banheiro totalmente nua.

— Não será necessário, vou estar exausto.

— Ora, Malloy, você nunca fica exausto para um bom sexo. — Ela tinha razão, apesar de não ter ideia de como ela sabe isso, afinal essa era a primeira vez que transava com ela, não era?

— O passeio foi ótimo, mas estou ocupado. — Saio do banheiro no mesmo instante em que Micah abre a porta.

— Vamos, Malloy, estamos atrasados. — ele olha em minha direção, vendo que estou apenas com uma toalha, e depois para ruiva ainda nua e sem nenhuma vergonha.

— Já estou indo. — Ignoro o som de frustração que ela solta seguido pelo baque totalmente desnecessário na porta do banheiro.

— Qual é a dela? — Micah pergunta enquanto saímos para outra sala, assim posso me arrumar com mais calma.

— Sinceramente, não sei, a mulher gozou umas duas vezes, o que ela quer mais?

— Só duas? Sério, Malloy? Pensei que você fosse melhor do que isso. — ele fala sorrindo e batendo no meu braço.

— Playboy, sou muito melhor do que isso, apenas com quem acho que merece — pisco para ele antes de entrarmos no camarim e me deparar com uma tremenda bagunça.

Corro para as araras onde ficam disponíveis nossas roupas e escolho o habitual, uma calça jeans desbotada que cai no meu quadril, as mulheres acham sexy, eu que não vou reclamar. Um cinto que não serve para nada, e nada de camisa, até porque elas nunca duram até o fim do show e estou cansado de ouvir sermão por causa de quantas camisetas perco em cada apresentação.

Braden e Josh já estão prontos, Micah ainda está vestindo sua camiseta da sorte, algo surrado e esburacado que ele jura que dá algum tipo de sorte, então todos nós nos reunimos no centro do camarim para uma breve oração, um momento de agradecer por estar lotado e pedir proteção.

O palco tem pelo menos uns cinquenta metros de profundidade e está preparado com trinta toneladas de equipamentos, nossa equipe é uma das melhores do ramo. Câmeras de alta definição estão espalhadas pelo estádio, além de microfones que captam o som do público, é tudo muito foda.

Então me preparo mentalmente para o que vem a seguir, enfrentar um público de mais de quinze mil pessoas não é novidade, porém, hoje é como se algo estivesse fora do lugar. Todos nos posicionamos, e quando a guitarra de Braden começa os primeiros acordes, esqueço qualquer coisa que esteja me perturbando e me concentro apenas na música. Eu me concentro naquilo que sei fazer de melhor.

*“Never free,
Never me,
So I dub thee unforgiven”*

Unforgiven — Metallica

“Nunca Livre / Nunca eu mesmo. / Então os nomeio de Imperdoáveis”

Hanna

Dizem que nós artistas manifestamos nossos sentimentos e os refletimos em nossa arte, no meu caso, esse sentimento é extravasado por meio das tintas e expostos nos quadros. E, é quando toda minha angústia deixa de ser preto e branco e passa a ter cores. É como se meus quadros revelassem toda minha alma, consciente ou não. É assim que me sinto a cada pincelada, como se o futuro dono da obra fosse sentir tudo que sinto a cada rabisco, cada toque suave do pincel e a cada mistura de cores.

Tinha acabado de fazer cinco anos quando ganhei meu primeiro kit de pintura, era como se tivesse encontrado o pote de ouro no fim do arco-íris, meu pai, que ao longo dos anos mal olhava nos olhos da filha loira, com aparência de boneca de porcelana, me deu de presente. Foi o primeiro e último ato de bondade que ele teve comigo. Hoje, eu agradeço por isso.

Aprendi desde cedo o que significa mergulhar de cabeça em algo que você gosta, e nas pinturas, eu me perdia. Com o tempo, a preocupação no rosto da minha família era visível, minha mãe, alguns anos mais nova que meu pai, tinha uma aparência elegante, traços finos e angelicais. Seus longos cabelos negros contrastavam com seus imensos olhos verdes. Foi a primeira coisa que aprendi a pintar, a cor dos olhos de minha mãe sempre me fascinava.

Toda vez que me olhava no espelho, eram os seus olhos que via, mesmo tentando esquecê-los, eles estavam ali, me assombrando.

Quando fiz quinze anos, comecei as sessões de análise. Meu pai, um senhor de cinquenta anos e empresário respeitado da nossa cidade, não entendia o motivo de tanta preocupação. Dizia que era apenas uma fase, coisa de adolescente, ele não entendia o porquê de sua filha ficar horas, ou mesmo dias inteiros, trancada em uma sala com uma paleta nas mãos e um cavalete. Ele não entendia que essa era a única maneira que tinha encontrado para me afastar de tudo que me cercava.

Talvez seja esse o motivo, duas da manhã e eu ainda me encontrava estudando uma pintura de Monet, um dos meus pintores favoritos. Uma específica sempre atraía minha atenção, acho que é pelo fato de suas obras serem em sua maioria de paisagens.

— Hanna? — Maggie entra no meu escritório.

— Sim? — respondo sem tirar os olhos do computador.

— Não acredito que você ainda esteja trabalhando? São duas da manhã! — fala exasperada.

— Acho que perdi a hora. — Dou de ombros e quando menos espero, a luz do monitor se apaga. Maggie está desligando tudo e, não faz isso gentilmente.

— Anda, hora de dormir — levanto sem protestar.

Maggie e eu moramos juntas há mais de três anos. Ela, indo e vindo de suas mudanças relâmpagos da casa de seus namorados, e sempre acaba voltando para cá. Então, já estou mais que acostumada a ter meu computador desligado rudemente.

Maggie é o tipo de amiga que se infiltra na sua vida de tal forma que você não consegue escapar. Sua personalidade explosiva e temperamento egoísta fazem dela uma vaca na maioria das vezes. Porém, comigo é diferente. É como se estivéssemos em sintonia, como uma música regida por um grande maestro. Dificilmente perdemos o compasso, então, tudo flui muito bem entre nós.

— Você não tem que acordar cedo? — Maggie diz enquanto me acompanha até o meu quarto, acho que ela tem receio que eu volte ao escritório e amanheça na frente do computador.

— Sim, tenho que dar aula, não me esqueci disso, sabe?

— Eu sei, e também sei que não para quando está trabalhando em algo — Paramos em frente ao meu quarto.

— Pretendia ir dormir logo. — Dou um sorriso que certamente denuncia minhas intenções totalmente contrárias.

— Sei, em algum momento entre amanhã ou depois — Maggie sorri e beija a minha testa, desejo boa noite e entro no meu quarto.

Por mais que a minha profissão seja repleta de cores, por incrível que pareça meu quarto é praticamente estéril, sem vida. Maggie não consegue permanecer muito tempo, isso só me faz sorrir, porque é exatamente desse tipo de quarto que preciso. Onde nada tira minha atenção, o silêncio se impõe. Assim não preciso falar com ninguém e consigo me ouvir.

Diferente do estúdio que fica no andar superior, inteiro recheado de telas, restos de tintas e pincéis espalhados por toda parte. Minha amiga diz que se sente em casa quando está lá, não posso discordar.

Nosso apartamento ocupa dois andares do edifício, décimo quinto e décimo sexto para ser mais exata. Como se trata de um apartamento por andar neste edifício, utilizei o segundo para montar meu estúdio, onde posso pintar à vontade sem ter que ouvir sons inapropriados. Depois da morte do meu pai, recebi sua herança e foi assim que consegui comprar os imóveis.

Entro no banheiro, tiro a *legging* e a regata estilizada. É uma das minhas preferidas, são pintadas por alunos meus e feitas exclusivamente para mim. Jogo tudo no cesto de roupa suja, ligo o chuveiro e espero a temperatura ficar boa. Quando entro a sensação é indescritível, é como se o peso do mundo estivesse escorrendo junto com a água e o sabão.

— Deus, eu não imaginava que estava tão cansada.

Saio do chuveiro depois do que pareceu ser uma eternidade, seco meu corpo e meu cabelo. Ou melhor, no caso do meu cabelo faço o melhor que posso, pois estou tão cansada, que meu corpo tem vontade própria e me leva quase que diretamente para cama.

E assim, o cansaço finalmente vence minha mente e consigo apagar.

*“Where I was, I had wings that couldn’t fly.
Where I was, I had tears I couldn’t cry.”*

Tears Of The Dragon – Bruce Dickinson

“Onde eu estava, eu tinha asas que não conseguiam voar / Onde eu estava, eu tinha lágrimas que eu não conseguia chorar”

Gael

O único som que ouço é um bip, um maldito bip que soa insistentemente, com muito esforço tento abrir os olhos, mas não consigo enxergar direito, muito menos reconhecer o local, até ouvir a voz de Braden.

— Hey! Cara, você finalmente acordou!

— O que houve? — Algo semelhante a minha voz sai arrastada.

— Sofremos um acidente — fecho os olhos tentando lembrar de algo e nada de concreto me vem à mente — Na verdade, você sofreu.

Tento entender suas palavras, olho em volta e vejo apenas uma parede branca e um cheiro terrível de éter.

É como se eu tivesse sido atropelado por um trator, para falar a verdade, acho que o trator passou por cima e ainda deu ré para ter certeza de ter feito um bom serviço. Vendo minha expressão confusa, Braden começa a narrar o que aconteceu.

Estávamos na quinta música e eu andava pela passarela que dava acesso ao público, antes de terminar houve um barulho semelhante a uma explosão, e a passarela desabou. Braden explica que me encontraram algum tempo depois sob alguns escombros. Uma pessoa morreu.

— Inferno, Braden, como isso aconteceu? — Estava cada vez mais confuso, nada daquilo fazia sentido.

— Não sabemos ainda, acredito que tenha sido uma falha na montagem — Braden estava com uma aparência horrível, olheiras evidentes e os ombros caídos mostravam muito mais que cansaço, era preocupação.

— Meu Deus! — É só o que consigo dizer, tento processar tudo isso, mas minha cabeça dói, estou completamente chocado.

— Vou chamar alguém e avisar que acordou, ok? — Braden dá um tapa na minha perna e caminha em direção a porta.

— Faça isso de novo! — digo rapidamente.

— Fazer o quê? — Ele me olha confuso ainda segurando a maçaneta.

— Bater na porra da minha perna! — digo exasperado.

— O quê? — Braden me olha assustado.

— Só faça o que eu mandei, droga! — falo mais alto do que o necessário e meu amigo volta colocando sua mão na minha perna direita. Como previ, nada. Eu não senti nada.

— AHHH! — grito a plenos pulmões, e Braden fica pálido, provavelmente entendendo o que está acontecendo — Inferno! Não é possível, não é possível! — Começo a socar a minha perna, totalmente descontrolado.

— Calma, Gael, vou chamar um médico.

Braden sai correndo em direção a porta enquanto estou completamente fora de mim, a intravenosa que estava no meu braço direito sai por causa dos meus movimentos bruscos, e mesmo assim, não sinto nada.

— Sr. Malloy? Sou Sara, sua enfermeira. O senhor precisa se acalmar, Dr. Sanders já está a caminho. — Uma enfermeira que entra com Braden começa a arrumar a minha bagunça.

— Me acalmar? Foda-se, eu quero a porra desse médico aqui. AGORA!

— Gael... — Braden me adverte.

— O QUÊ? Quer calma também? Não é você que *não* está sentindo as malditas pernas, Braden, então vai se foder também.

— Pode aplicar — ele fala para a enfermeira que prepara algo para introduzir no meu soro.

— Vou processar o hospital, os médicos, os organizadores do evento. Vou processar Deus se for preciso, mas vou sentir as minhas pernas novamente, estão me ouvindo?

Difícilmente não ouviriam, tenho certeza de que deu para escutar do lado de fora do quarto, mesmo estando com a voz arranhada. A enfermeira me lançou um olhar idiota, que certamente significava pena, enquanto Braden mantinha-se inexpressivo.

A última coisa que lembro é Micah entrando com uma tipoia no braço, seguido por Josh e um homem de jaleco branco, então tudo escurece.

*“The wise man said just find your place
In the eye of the storm.”*

Send Me Angel – Scorpions

“O homem prudente disse para achar seu lugar / Nos olhos da tempestade”

Hanna

Quanto tempo é necessário para esquecermos? Não sei a resposta e é por isso que continuo olhando para esse maldito papel amassado.

— Sabia que ia encontrar você aqui — Maggie entra no estúdio. Estou sentada na cadeira olhando através janela.

— Você sempre sabe! — Dou um sorriso enquanto ela senta no chão ao meu lado e encara a paisagem a nossa frente.

— Adoro esse lugar.

— Eu também — confesso, apertando um pouco mais o papel em minhas mãos.

— Por que você ainda olha isso?

— Isso o quê? — Maggie me lança um olhar que diz “é sério?” e não precisa ver o que estou olhando, ela já conhece esse papel — Não sei, Mag, acho que me ajuda a pensar.

— Acho que ajuda a deixá-la deprimida — fala, ainda olhando para a janela — Você não tem que dar aulas hoje?

— Sim, vou sair daqui uma hora.

— Isso explica suas roupas ridículas — Ela sorri.

— Não são ridículas, Mag, gosto de vestir para incentivá-los.

— São desenhos bizarros.

— É arte, Mag, e são pintados por crianças de seis anos.

— Suas camisetas são horrorosas, incluindo aquelas pintadas por aqueles delinquentes.

— São artistas de rua. — digo pacientemente e me levanto da cadeira.

— São delinquentes — Maggie fala como se fossem a escória da terra.

— Grafiteiros. Não vou discutir isso, ok? Hoje estarei no hospital e volto depois do almoço.

— Tudo bem, mas isso não acabou aqui, você quer jogar fora? — Ela aponta para o papel na minha mão. É sempre a mesma pergunta, não posso culpá-la.

— Não, vamos indo — suspiro enquanto ela joga um braço por cima do meu ombro, caminho até a mesa e coloco o papel na gaveta, no seu lugar de sempre e descemos as escadas para o nosso apartamento, a mesa já está pronta para o café.

Maggie implica com o trabalho que faço, dou aula para jovens que estão detidos, duas vezes

por semana, nos outros dias faço trabalho voluntário em um hospital de reabilitação, trabalho diretamente com crianças que têm alguma dificuldade motora, eles sempre pintam camisetas e me dão de presente, eu sempre as uso quando vou ao hospital.

— Tenho que confessar uma coisa — digo enquanto passo uma dose generosa de geleia na minha torrada.

— Você é gay.

— Não, idiota — falo com a boca cheia e rindo ao mesmo tempo — Só mantenho você aqui porque faz um excelente café da manhã.

— Muito meigo da sua parte, Srta. Hanna.

Maggie finge estar magoada enquanto tomamos nosso café, com uma das mãos ela segura a xícara e com a outra usa o celular, péssimo hábito.

— Acho que esse apartamento é mais meu do que seu — ela diz, finalmente deixando de lado o celular.

— Você adora esse lugar, eu sei.

— Sabe, acho que é por isso que meus relacionamentos não dão certo.

— Seus relacionamentos não dão certo porque você sempre acaba traindo seus namorados.

— Não, é esse lugar, ele sempre me atrai de volta. E eu não traio, não tenho culpa se com o tempo eles acabam se tornando verdadeiros chatos.

Tento não rir, mas é algo praticamente impossível. Maggie é uma bela mulher, com corpo esguio, pele clara e personalidade forte que fazem dela uma mulher sedutora, capaz de colocar os homens aos seus pés. Mas, infelizmente, seu sentido de liberdade é extremamente apurado, e quando se sente presa, bem, seu quarto volta a ser ocupado novamente.

— Quando arrumar o senhor perfeito e se mandar, vai deixar o apartamento de presente, certo?

— Não estou à procura de príncipes, Mag — Pego mais algumas torradas e coloco camadas generosas de geleia.

— Mas deveria, nem lembro a última vez que vi você com alguém — seu olhar para mim é assustador — Acho que você deveria sair com um desses, hum... como se chama? Ah, *Marchand*, isso, você deveria sair com um desses. — Por pouco ela não bate palmas, tamanha é a sua empolgação.

— E por que acha que eu deveria sair com um *Marchand*? — pergunto curiosa.

— Em primeiro lugar, eles parecem inteligentes, acho que se daria bem com um cara assim, essas coisas de serem compatíveis e tal.

— Não faço ideia de onde tirou isso, nesse caso, o ideal não seria um pintor?

— Nem pensar, você sabe que passa até três dias acordada quando está pintando, não sabe? Juro que já procurei seringas no seu quarto, acho que você injeta cafeína na veia. — engasgo com minha torrada e começo a rir — Sem contar que se ele for igual a você, não serei tia tão cedo.

— Tudo bem, nos últimos minutos quis me arrumar um encontro e agora está falando em filhos, melhor eu ir trabalhar.

Começo a retirar a louça suja e levo tudo para máquina, tentando apagar dos meus pensamentos as asneiras da minha amiga.

— Nossa! Você soube do acidente com a banda de rock? — ela fala sem tirar os olhos do celular.

— Nããoooo! — respondo.

— Desculpa, esqueci que não é desse planeta. Tenho fotos do acidente, quer ver?

— Só se quiser ver meu café da manhã no seu colo, caso contrário, obrigada.

— Nossa! Tem uma galera aqui que ficou bastante machucada. — Noto a preocupação na sua voz.

Ligo a máquina e guardo o restante dos itens na geladeira, se me arriscar a ficar por mais alguns segundos, sei que é bem capaz de mostrar todas as fotos detalhadas e não faço a menor ideia de como ela as consegue.

— Volto mais tarde. — Beijo o topo de sua cabeça e ela resmunga algo que não consigo identificar, saio do apartamento e vou para o trabalho.

O hospital onde trabalho é um dos mais bem-conceituados em reabilitação para pessoas com alguma dificuldade de locomoção. Tem um departamento específico para atletas, e o meu predileto, a pediatria. É de onde consigo tirar minha força de vontade para levantar todos os dias. É impressionante o sorriso no rosto de uma criança cada vez que consegue realizar uma tarefa simples. E, nesse mesmo departamento, também trabalhamos com pacientes especiais e os quadros mais graves, e lá os ajudamos a encarar o dia a dia.

O elevador abre e quando chego à calçada, o ar frio bate em meu rosto e sinto a temperatura agradável. É um dia perfeito para ser preenchido com cores. O hospital fica a três quarteirões do meu prédio e sempre vou caminhando. Isso funciona como um combustível para minha mente, e é quando consigo colocar todos os pensamentos em ordem. Nunca fui fã de academias, então esse hábito veio a calhar.

Assim que chego, meu coração se acalma. É só estar nesse local que sinto uma paz acolhedora, me sinto bem-vinda.

— Bom dia, Lucy!

— Bom dia, Srta. Daves. — Lucy, a recepcionista, me cumprimenta. Foi a primeira pessoa que conheci aqui; senhora de meia idade, usa um coque sempre impecável e unhas com cores berrantes. E tem sábios conselhos para dar, constantemente.

O trajeto até o terceiro andar é o mesmo. Sigo cumprimentando algumas pessoas, médicos e alguns pacientes frequentes, até chegar ao meu destino, que eu chamo de *andar dos milagres*.

É aqui que tiro as minhas forças, minha vontade de seguir em frente.

— Bom dia, meus anjos! — Assim que a porta fecha, cinco pares de olhos me encaram e sorrisos começam a brotar em seus rostos.

— Tia, Hanna — Amelie, uma garota de seis anos que sofreu um acidente e teve a mão esmagada. Os médicos conseguiram reconstruí-la, o que foi praticamente um milagre. Agora, ela faz um trabalho intenso de fisioterapia e como costume dizer, nas horas vagas nos divertimos pintando.

Ela é uma das cinco crianças que estão aqui comigo, trabalho com elas há seis meses. Amelie tem os cabelos cacheados e olhos negros bastante expressivos, se os olhos são o espelho da alma, ela tem um dos espelhos mais brilhantes que já vi, pois transmite uma enorme alegria.

— Olá, Amelie, como estão todos hoje? Inspirados? — todos me observam com expectativa nos olhos — Acho que hoje é um bom dia para trabalharmos com telas, o que acham?

— Você vai me deixar usar suas tintas, tia Hanna? — David fala se aproximando. Seu problema é na perna, uma doença congênita que o deixou com os movimentos limitados. Ele só

consegue andar com ajuda de um andador, eu o chamo de *Superman*, porque ele sempre usa uma camisa com o símbolo desse herói.

— Sim, hoje é dia de usá-las. Você me ajuda, *Superman*? — Ele abre um sorriso e me acompanha até o armário.

Essa sala é bastante ampla e iluminada, fiz algumas doações para melhorar o espaço e deixá-lo mais arejado e bem iluminado. Temos cavaletes, um armário grande onde guardo as tintas, pincéis e papéis, cinco mesas adaptadas para as diferentes necessidades dos alunos e ainda conto com a ajuda de Colton e Lanna, dois enfermeiros do hospital.

— Hoje eles estão animados — Lanna se aproxima com algumas tintas enquanto ajudo David com sua mistura de cores.

— Sim, ficam agitados quando estão com tintas nas mãos. Onde está Colton?

— Ele não pode subir. Não notou o movimento lá em baixo?

— Deveria ter notado?

— Alguns jornalistas. Uma banda famosa sofreu um acidente, estão aqui.

— Ah, acho que ouvi algo. Devagar, *Superman*. — Pego nas mãos de David e oriento seus movimentos enquanto Lanna caminha nas outras mesas para verificar os outros.

Não costumo deixar que os pais entrem na sala nesses momentos. É quando as crianças se sentem mais à vontade, como se não estivessem em um hospital sendo monitoradas o tempo inteiro, aqui estão livres para criar.

Duas horas depois, as mães entram para levar as crianças. Lanna me dá um sorriso depois de ver a enorme bagunça e vem me ajudar a colocar as telas para secar e limpar tudo. Meia hora depois estamos exaustas.

— Que tal um café? — pergunto assim que termino de guardar os pincéis.

— Desculpa, preciso ir agora, meu plantão começa em quinze minutos.

Pego minhas coisas, me despeço de Lanna e vou até a cafeteria, preciso comer algo antes de voltar para o apartamento.

Na lanchonete, meu pedido é o de sempre: um café expresso. Sento em uma mesa isolada e observo a movimentação. E Lanna tinha razão, algumas pessoas parecem agitadas hoje, e consigo ouvir alguns comentários sobre roqueiros.

— Posso? — Uma voz grave me tira dos meus pensamentos, olho para cima e encontro um incrível par de olhos azuis, tão brilhantes que me hipnotizam mesmo com a tentativa de escondê-los sob o boné que está usando. Suas grandes mãos estão segurando a cadeira à minha frente e olho de um lado para o outro percebendo que está tudo lotado.

— Sem problema.

— Você trabalha aqui? — Ele senta e noto seus músculos se agarrarem a sua camisa. Sua boca parece ter sido desenhada e por um momento percebo que não consigo pensar em qualquer resposta.

— Trabalho, no terceiro andar. E você? — Nunca fui boa em paquera, mas essa pergunta não poderia ter sido menos idiota.

— Paciente.

— Ah, está tudo bem? — Então ele vira o boné para trás e noto pequenos hematomas no seu rosto. Depois vejo a tipoia no seu braço, e me sinto estúpida.

— Acho que sim. Sou Micah. — Ele estende a mão.

— Prazer, Micah. Sou Hanna.

Ele dá um meio sorriso e nos cumprimentamos, logo em seguida faz um pedido igual ao meu.

— Então, Hanna, trabalha há quanto tempo aqui?

— Não muito. E você, o que faz?

— Não sabe mesmo quem eu sou, não é?

Micah dá um sorriso um pouco tímido e então percebo com quem estou falando.

— Você é da banda de rock, certo? Estão todos bem? — pergunto verdadeiramente preocupada, pelo que Mag disse o acidente foi grave.

— Cara, você é a primeira pessoa que pergunta se estamos bem antes de pedir autógrafo — Ele encosta-se à cadeira e seu sorriso se alarga.

— Desculpa, não sou muito ligada nessas coisas. — Fico um pouco envergonhada.

Mas logo vejo seu olhar ir de tímido a intenso em uma fração de segundos, e sinto como se estivesse sendo analisada.

— Não se desculpe, na verdade isso é até bom.

— Então, você não respondeu, estão todos bem?

Ele começa a responder, mas seu celular apita e olha levantando uma sobrancelha.

— Desculpa. É Hanna, não é?

— Sim.

— Preciso ir agora. E sim, estamos bem, na medida do possível.

— Que bom.

— Até mais. E acho que vamos nos encontrar mais vezes. — Ele pisca para mim e eu sorrio.

Enquanto ele caminha para o caixa, consigo analisá-lo por inteiro. Ele é alto e seus músculos se destacam na camiseta preta. É um cara que claramente cuida do corpo. Logo depois, o atendente vem na minha direção, com um pedaço de torta de morango.

— Hanna, aquele moço deixou sua conta paga e mandou te entregar isso.

Ele coloca o prato em cima da mesa e um bilhete escrito em um guardanapo.

“Obrigado pela preocupação. Você foi uma das poucas pessoas que realmente pareceu se importar”

Bem, isso foi estranho.

*“I’m not afraid of burning bridges.
Cause I know they’re gonna light my away”*

We Don’t Run – Bom Jovi

“Eu não tenho medo de queimar pontes / Porque sei que elas vão iluminar meu caminho”

Gael

Não importa o quão longe você consegue ir, não importa o quanto você conquista, a vida sempre dá um jeito de te passar a perna e virar seu mundo.

Assim que acordo, Braden vem novamente ao meu lado, seu rosto estampa preocupação. Não é difícil saber o motivo, ao lado dele encontra-se o cara que deduzo ser o médico.

— Por quanto tempo vou ficar assim? — pergunto sem rodeios.

— Não temos certeza, Sr. Malloy, a lesão foi muito grave e até que o inchaço diminua, não tenho como saber a extensão das sequelas. — Seu tom é sério.

— Quanto tempo, porra!? — Bato meus punhos na cama, não consigo acreditar em nenhuma palavra que sai da boca desse médico. Não consigo acreditar em toda essa situação fodida.

— Gael... — Mais uma vez Braden tenta me controlar. Olho em volta e vejo que só a enfermeira, o maldito médico e ele estão aqui.

— Exijo outro especialista. — digo para Braden em um tom que ele sabe o que significa, eu não vou aceitar discussões.

— O senhor está no melhor hospital da cidade e temos um excelente centro de reabilitação. Aqui poderá se adaptar com a nova situação e...

— Não preciso me adaptar a nada, eu vou voltar a andar — Minha voz é glacial, simplesmente não consigo processar isso. É como se eu fosse abrir os olhos e perceber que tudo não passa de um pesadelo — Vão embora daqui.

— Sr. Malloy...

— Vão. Embora. Agora! — Braden não diz nada, apenas fala algo para o médico e então ele e a enfermeira se retiram.

— Que inferno! Pode me dizer por que está agindo assim? — Ele vira em minha direção.

— Inacreditável que ainda pergunte isso. Olhe bem pra mim? — Aponto para o meu corpo inerte. Meus pensamentos estão a cada minuto mais confusos, em certos momentos, eu sinto como se minhas pernas estivessem se movendo, e de repente, percebo que tudo não passou de um sonho.

— O que vejo é um cara que sobreviveu por um milagre e está agindo como uma criança. Os médicos estão aqui para te ajudar, quando vai perceber isso?

— Quando eu voltar a andar — falo, em tom cético.

— Gael...

— Não, Braden, não fala nada. Não é você que está em uma merda de cama, e não sente a porra das pernas.

— É tudo muito recente, nem os médicos sabem ao certo.

— É tudo uma merda do caralho e você vai providenciar outros especialistas. Eu quero os melhores, Braden, nem que eu tenha que gastar cada centavo que possuo.

— Tudo bem, darei alguns telefonemas se isso te deixa mais tranquilo.

— Ok — respondo e ele então não questiona mais as minhas decisões. Meu amigo me conhece muito bem para entender que vou até o fim do mundo se for preciso para conseguir o que eu quero.

— O pessoal está aqui e eles querem ver você.

Ele senta ao meu lado e me olha esperançoso. Ainda não vi nenhum membro da banda, pelo menos não enquanto estive acordado.

— Como eles estão? — Estava tão absorvido com meus problemas que ainda não tinha perguntando sobre meus amigos.

— Estão bem. Micah teve um problema no braço, mas você sabe como ele é, já tirou a tipoia. Josh só sofreu alguns arranhões, nada grave.

— E você?

— Estou bem. E vendo todos salvos é um grande alívio.

— Não sei se quero ver alguém, Braden — digo honestamente — Não sei se tenho condições de ver todos os olhares de pena.

— Pelo amor de Deus, Gael! De onde você tirou isso? Você os conhece, sabe que não será assim.

— Eu só... só não posso, ok? Agora não.

— Tudo bem, vou lá fora. E se precisar de algo, avisa, ok?!

Ele se despede e assim que ouço a porta bater, lágrimas começam a rolar pelo meu rosto. Não sei se é de alívio por saber que estão todos bem, ou se é de tristeza pelo meu estado. Chega a ser até irônico, um cara que nunca teve medo de nada, de repente, se encontrar em uma situação de completa impotência, sem sequer ter coragem de encarar os próprios amigos.

Uma semana depois e ainda me recuso a ver meus companheiros de banda e Braden me atualiza de tudo. Mais dois especialistas passaram para me avaliar, porém obtive as mesmas respostas, é preciso esperar. E eu odeio esperar.

Passo os dias sendo limpo e examinado. Eu me sinto completamente ridículo.

— Os caras estão vindo e é melhor você mudar essa cara.

— Eu já disse que não quero ver ninguém.

— Não seja idiota. Eles já estão aqui.

Quase não tenho tempo de protestar, a porta abre e dois caras entram, empurrando e falando um mais alto que o outro. Porra, meu coração acelera de emoção ao ver que todos estão bem e, mesmo tendo notícias diárias, é um alívio vê-los. Mesmo que jamais confesse isso a eles.

— Finalmente. Já estava me perguntando se iria virar um exilado — Micah se aproxima e bate no meu ombro.

— Como você está se sentindo? — Josh pergunta, e senta-se na cama tomando cuidado para não tocar nas minhas pernas. O que não entendi, já que não sentia porra nenhuma.

— Não tão bem como eu queria — digo.

— Braden disse que estava com um humor de merda. — Micah fala enquanto abre a geladeira.

— Mesmo humor de sempre.

— Humor de merda — Os três concluem ao mesmo tempo e, depois do que parece uma eternidade, consigo sorrir.

— Já estava sentindo falta disso. — Micah se aproxima e me abraça.

— Não seja um maricas, Playboy, eu não morri — ele se afasta tentando esconder a lágrima que desliza em seu rosto.

— Hoje você vai sair para fazer alguns exames — Braden fala antes que todos comecem a chorar, o que provavelmente, nos livrou da situação mais constrangedora que já vivemos.

— Nem fodendo. Não vou sentar naquela coisa.

Desde quando me informaram que eu precisava me movimentar, venho me recusando a sentar na cadeira de rodas. É como se ao usá-la estivesse me condenando a ficar ali, pelo resto da vida.

— Você tem que fazer esses exames.

— Desde quando você virou meu pai?

— Desde quando passou a se comportar como uma criança — Braden fala trazendo a cadeira enquanto Josh e Micah tentam abafar uma risada — Então, vai ser por bem ou por mal?

Reviro os olhos e quando percebo, Josh e Micah estão me carregando. Há dois dias a sonda foi retirada, porém tudo ainda é muito estranho e constrangedor, mas pelo menos, meu pau não tem mais nada enfiado nele. Os médicos dizem que isso é um bom avanço, pois o inchaço diminuiu bastante e estou fazendo várias sessões de fisioterapia. Já consigo sentir pequenas sensações, como formigamentos, para ser mais exato. Hoje, por exemplo, o médico quer testar se eu consigo uma ereção. Ele diz que na maioria dos casos esses problemas eram psicológicos.

— Então, quer dizer que vamos ver se você ainda consegue dar uma? — Josh ajusta meus pés na cadeira e tenho vontade de chutar sua cara.

— Não seja idiota, Josh! Agora vamos, temos um pau para examinar — Micah fala e Braden o acerta com um tapa na nuca.

Balanço minha cabeça sorrindo enquanto Micah me empurra pelo corredor, está tão quente que não aguento e tiro a camisa, ficando apenas de calça de moletom. Acho que estou tão nervoso que tudo me incomoda. E mesmo depois de perder um pouco de peso, acho que ainda chamo atenção porque as enfermeiras não param de olhar.

— Não era mais fácil você pedir para uma delas bater uma para você? — Josh sussurra no meu ouvido e quando estou prestes a responder sinto um baque de repente.

Fico estático quando em seguida, uma mulher cai sentada no meu colo. Seu cabelo loiro está preso em um rabo de cavalo, ela está usando um vestido na altura das coxas, um daqueles vestidos com alças finas que deixam os ombros descobertos — ombros perfeitos, por sinal — seu cheiro entra através das minhas narinas e penetra no meu sistema, é uma mistura doce e suave. Sua pele é tão branca que dá a impressão de que se tocar vai deixar marca. O corpo dela está

todo tenso, como se não conseguisse nem se levantar, e por Deus, eu não quero que se levante.

— Ai merda, merda! — ela resmunga inclinando-se para frente cobrindo o rosto com a mão, esse movimento faz com que o quadril dela pressione mais ainda a minha virilha.

Putá merda!

— Não que esteja incomodado, mas, acredito que amorteci sua queda — sussurro em seu ouvido e sinto o corpo dela enrijecer, não consigo conter um sorriso.

Ela se levanta e me olha, e encaro os olhos verdes mais brilhantes que já vi. Então, seu olhar desce para meu dorso e para nele. É como se estivesse hipnotizada pelas minhas tatuagens, analisando cada detalhe e linha, e isso é sexy demais.

— Hanna? — ouço Micah chamá-la, deve ter tentado umas três vezes até ela finalmente tirar os olhos de mim e virar seu rosto.

— Micah! — e vai em direção a ele, dando um forte abraço — Meu Deus! Desculpe-me, acabei me distraindo por um momento e não vi vocês.

A loira fala parecendo completamente constrangida e ao mesmo tempo bastante à vontade com Micah.

— Não se preocupe, está tudo bem — ele responde.

— Machuquei você? — Ela vira novamente em minha direção e seus olhos parecem preocupados.

— Me leva de volta para o quarto, Braden — digo sem tirar os olhos dela.

— Mas...

— Me leva de volta para a porra do quarto. — Seguro os braços da cadeira com tanta força, que seria capaz de esmagar alguma coisa.

Braden não discute mais, pega a minha cadeira e a vira, deixando Micah, Josh e a loira desastrada para trás.

— O que deu em você Gael? Que diabos foi aquilo? A garota estava te pedindo desculpas.

— Cala a boca, Braden.

— O quê? Você precisa fazer a droga dos exames e, cara, não acredito que tratou a garota daquele jeito.

De uma hora para outra meu humor foi de oito a oitenta, odeio com todas as minhas forças estar nessa cadeira, odiei o olhar que vi no rosto dela quando perguntou se eu estava bem, odiei a sensação do corpo dela no meu colo. E o que, inexplicavelmente odiei mais, foi vê-la abraçando Micah.

Eu só podia estar sob efeito dos medicamentos.

— Não preciso fazer porra de exame nenhum.

— Você bateu com a cabeça por um acaso? Por que não precisa mais fazer o exame?

Ele para em frente ao meu quarto e cruza os braços aguardando a minha resposta.

— Porque, fiquei duro no momento em que aquela maldita mulher caiu no meu colo.

Seu olhar desce para minha virilha e fica completamente chocada, não posso culpá-lo, pois só a lembrança do cheiro dela está me deixando duro.

*“All that I want is
Stillness of heart”*

Stillness Of Heart – Lenny Kravitz

“Tudo o que eu quero / É silêncio no coração”

Hanna

Constrangida era o mínimo que poderia estar, não só porque caí no colo daquele homem, mas também pelo fato que fiquei distraída demais por alguns segundos com todas aquelas tatuagens — tudo bem, não foram segundos — foram minutos, e o fato de ainda pensar nelas enquanto Micah está falando na minha frente, não é um bom sinal.

— Você está bem? — ele pergunta segurando meu braço.

— Desculpa, acho que me distraí. O que você disse?

— Relaxa, isso acontece muito quando ele está por perto — Micah diz casualmente.

— O quê? Não, não é nada disso, eu só...

— Pare de se desculpar. — ele me corta.

— Acho que devo um pedido de desculpas a ele, isso foi tão constrangedor, será que o machuquei?

— Quem? Gael? De maneira nenhuma. Não precisa ficar assim, Hanna, essas coisas acontecem o tempo todo.

— Ah é? Tipo, uma mulher caindo no colo de um homem em uma cadeira de rodas? Sim, deve acontecer muito por aqui.

E caímos na risada enquanto ele me puxa e beija o topo da minha cabeça. Depois passa um dos braços no meu ombro e começa a andar pelo corredor. Seu amigo já tinha ido, ele não conseguia parar de rir de toda essa situação, me deixando completamente envergonhada.

— Ainda acho que devo ir pedir desculpas.

— Tudo bem. O quarto dele é o quatrocentos e dois, logo ali. — Micah aponta na direção da porta e vejo dois seguranças na frente. Interessante — Não vou poder te acompanhar, mas Braden deve estar lá dentro, ele não vai permitir que Gael seja grosseiro.

— É tão ruim assim? — pergunto preocupada.

— Ele só não está em seus melhores dias.

— Certo, vou lá, me deseje sorte.

— Você já tem — Micah beija minha cabeça novamente e segue para o elevador.

Arrumo meu vestido, tentando não parecer uma bagunça. Verifico se o crachá do hospital ainda está preso ao vestido, pelo menos acho que não vão barrar a minha entrada. Ajeito a bolsa

e ando em direção ao cômodo com meus batimentos cada vez mais acelerados. Graças a Deus estou em um Hospital.

Mostro meu crachá para os seguranças e peço para falar com Braden.

— Um minuto, por favor — O mais alto fala e entra no quarto, tento olhar em todas as direções para disfarçar meu nervosismo e logo em seguida ele retorna, seguido de outro cara que acredito ser o Braden.

— Olá, sou Hanna Daves. — Estendo a mão enquanto ele me analisa dos pés à cabeça. Qual o problema desses caras?

— Então, senhorita Daves, a que devo à honra? — Ainda não tinha reparado, mas ele tem uma voz extremamente bonita, assim como Micah. Seus olhos escuros são tão atraentes quanto às tatuagens de suas mãos. Balanço a minha cabeça para me concentrar.

— Preciso pedir desculpas para o Gael.

— Malloy?

— Ele é o cara na cadeira de rodas, correto? — ele acena — Nesse caso, sim, preciso pedir desculpas a ele. — Fico meio confusa com essa correção no nome, mas não pergunto.

— Entre, mas não me responsabilizo. — Ele dá um meio sorriso e me acompanha.

O quarto é diferente dos que estou acostumada a entrar. Esse é tão luxuoso quanto possível, tem um sofá de couro preto, bem grande por sinal. Uma cama que deve acomodar pelo menos três pessoas e mais algumas flores decorando o ambiente.

Depois de apreciar ao meu redor, olho para cama e vejo que ele está me encarando com uma cara nada amistosa. De cabelo amarrado e puxado para trás, e, droga, continua sem camiseta.

Novamente me perco olhando suas tatuagens. São tão bonitas, e ocupam boa parte do peito, descendo por cada curva dos seus músculos. Do lado esquerdo havia uma flor e do direito um dragão. Toda em preto e branco, e era como se tivessem sido desenhadas acompanhando seus músculos, completamente perfeitas.

— Senhorita? — Sinto Braden segurar meu braço levemente.

— Oh, sim. Desculpa, estava...

— Me analisando — O cara na cama fala.

— Sim, mas vim aqui para pedir desculpas pelo que aconteceu agora pouco — falo, constrangida.

— Não preciso de suas desculpas, nem do seu olhar de pena — Ele é ríspido.

— Malloy... — Braden o adverte. Qual é o problema desse cara?

— Não estava te olhando por pena — digo perplexa, mas omito o verdadeiro motivo dos olhares.

— Ah, não? É triste ver um cara como eu, preso em uma cadeira, não é?

— Eu, eu... — Já não conseguia falar nada, o olhar em seu rosto era qualquer coisa menos amistoso.

— Venha, vamos sair daqui. Você já pediu desculpas — Braden me puxa pelo braço me levando em direção a porta, mas eu paro.

— Sabe de uma coisa? Você não mereceria um olhar de pena meu, pode acreditar. — falo sem tirar os olhos dos seus e testemunho seu espanto. Eu mesma acabo me surpreendendo com meu tom, nunca fui grosseira com ninguém, até agora.

Saio batendo a porta, caminho direto para o elevador e ainda bem que ninguém me

acompanha, porque estou uma bagunça completa, e o pior, agora acho que devo mais um pedido de desculpas.

Droga.

O caminho para casa é rápido, acho que a pressa de chegar me faz andar mais rápido do que o normal e preciso tirar essa raiva de dentro de mim. Eu preciso pintar.

Nem passo no apartamento e sigo direto para o estúdio. Para que Mag não se preocupe, mando uma mensagem de texto informando que estou no estúdio trabalhando. Abro a porta e deixo o cheiro do lugar me invadir. Como me sinto bem aqui.

Solto minha bolsa no chão e pego algumas tintas, posiciono uma tela e os pincéis. Ligo o som e me perco olhando na tela em branco enquanto Lenny Kravitz com *Stillness Of Heart* estoura pelos alto-falantes, bem propício para o meu estado de espírito.

Minhas mãos começam a ganhar vida e as pinceladas são inevitáveis. Não percebo quanto tempo se passou até me pegar olhando para três telas. Todas em preto e branco e, todas com as tatuagens *dele* reproduzidas.

— Hanna? — Maggie entra no estúdio com duas canecas na mão.

— Quanto tempo dessa vez? — pergunto segurando uma das canecas, tomando um gole de café.

— Só oito horas, isso é um recorde, sabe... — ela sorri e olha para as telas. — Uau! Nunca vi você pintar em preto e branco!

Nem eu, penso.

— Não sei o que me deu. — Dou de ombros.

— Essa flor me parece familiar. — Ela chega perto da tela e começa a analisá-la.

— Vamos, preciso de um banho.

Puxo seu braço e seguimos em direção à porta. Antes de fechá-la dou uma última olhada para os quadros e suspiro. Não tenho ideia do que fazer com isso, e certamente não vou querer ficar olhando.

— Vá tomar um banho, vou preparar algo para você comer.

— Tudo bem.

Vou direto para o chuveiro. Quando fecho os olhos a única coisa que me vem à mente são aquelas malditas tatuagens e a aquela voz absurdamente sexy.

Depois de passar tempo demais no banho, vou para cozinha e vejo a mesa posta. Uma massa deliciosa, ponto para Mag!

— Você tem alguma notícia sobre o acidente daquela banda? — pergunto, já que ela é a rainha dos sites de fofocas.

— Não muito. Malloy, o vocalista, foi o que mais se machucou. Parece que está impossibilitado de andar, ou algo assim.

— Hum.

— Por que o interesse repentino? — Eu sabia que ela não ia deixar essa questão passar, nunca fiz esse tipo de pergunta antes.

— Acho que estão no hospital, está bastante tumultuado por lá — digo tentando parecer alheia a sensação de estar sentada no colo daquele estranho grosseiro.

— Ah, parece que sim. Ei, bem que você poderia pegar um autógrafo se cruzar com eles — fala como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

Engasgo com a massa que tinha acabado de colocar na boca e começo a tossir descontroladamente. Maggie pega um copo com água e tenta me acalmar.

— Nossa, você está bem?

— Estou bem! — bebo um pouco da água e me recomponho — Acho que preciso descansar, pode deixar que limpo tudo mais tarde.

— Vai mesmo!

Sopro um beijo para Mag e vou para o meu quarto. Coloco meu pijama e desabo na cama. Como permiti que uma situação desastrosa dessa me afetasse tanto? E caramba, por que não consigo parar de ver aquelas malditas tatuagens toda vez que fecho os olhos?

Quando era mais nova, meus pais tentaram controlar o impulso que eu tinha por me concentrar demais em um objeto ou uma planta. Qualquer coisa que minha cabeça achasse interessante, eu ficava obcecada. Passava dias pintando até outra coisa ocupar o seu lugar, e então começaram as análises. Não ajudou muito meu analista ser fã de arte e seu consultório ser tudo menos tradicional.

Dr. Hunt não é do tipo convencional, talvez seja por isso estamos em perfeita sintonia, ele se parece muito com *Einstein*: cabelos grisalhos, apontados para todos os lados e cara de maluco. Desde a minha primeira consulta eu o chamo assim, e ele adora.

Acho que vou precisar de uma consulta extra essa semana.

*“You could be my someone
You could be my scene
You know that I’ll protect you”*

Blurry – Puddle Of Mudd.

“Você poderia ser meu alguém / Você poderia ser meu salvador / Você sabe que eu a protegerei”

Gael

Nunca em minha vida uma mulher tinha me respondido daquele jeito. E eu só queria um momento de paz e não alguém me olhando com pena. Não faço ideia de quem ela é, só que tinha conseguido me irritar, e me excitar, duas vezes no mesmo dia.

— Que merda foi essa? — pergunto para Braden que me olha com ar de reprovação.

— Isso, foi apenas você sendo grosseiro mais uma vez.

— Eu? Viu como ela saiu daqui?

— E você acha que ela não tinha razão?

Sim, tinha todas as malditas razões do mundo para sair daquele jeito, ou até pior.

Depois que Braden foi embora, não consigo dormir, estou muito nervoso e ansioso demais para sair desse lugar. Pela primeira vez, eu só quero ir para casa.

A todo o momento, consigo ouvir alguns murmúrios e enfermeiras se lamentando pelo meu estado. Não consigo mais assistir ou ler um jornal, em todos eles ficam passando as minhas imagens andando pelo palco e isso só me consome mais.

Os médicos estão bastante otimistas com o meu progresso. Aparentemente, minha lesão foi apenas parcial, e existe uma grande possibilidade de que eu volte a andar. Nada disso ainda é garantido e eu detesto essa sensação.

Às vezes, fico apenas deitado olhando para o teto, tentando me concentrar. Procurando por algum tipo de milagre. E assim, eu voltaria a andar, finalmente.

Doce ilusão.

Aqui, os dias se transformam em noite numa velocidade incrível. E nesse meio tempo, continuo recebendo somente as visitas da banda. É enorme a quantidade de flores e presentes que chegam a todo momento. Nosso empresário se encarrega de enviar tudo para o escritório. E Troy já está ficando louco, tenho certeza disso. Estávamos programando uma pausa para começar a gravar um novo álbum, temos muito trabalho a fazer. Mas agora, eu simplesmente não vou conseguir.

— Hoje você vai visitar alguém — Braden diz entrando no quarto, seguido de Josh.

— E aí, cara! — Josh me cumprimenta — Na boa, você já deu uma boa olhada nessas

enfermeiras?

Na verdade, sim. Queria dizer que olho todo santo dia, mas a única pessoa que vem à minha cabeça é uma loira desajeitada de língua afiada, especificamente.

— Sabia que tem uma aposta rolando nos corredores?

— Que aposta? — pergunto, mas já imagino do que se trata.

— Qual será a enfermeira que vai transar com você — Josh fala sorrindo.

Se fosse em outra época, certamente já teria fodido toda a enfermaria e, provavelmente, as médicas também. Mulheres nunca foram um problema.

— Quem visitarei? — pergunto tentando desviar do assunto *mulheres*. Não seria nada bom se soubessem que ultimamente só penso em uma mulher. Uma, que só vi duas vezes, e no mesmo dia.

— Um médico, ele irá te ajudar.

— Se ele não me fizer voltar a andar, dispenso — Josh me ajuda a sentar na cadeira que Troy mandou fazer sob medida. Cheia de uma parafernália eletrônica, ele a chama de Ferrari das cadeiras, e eu, de lixo.

— Você precisa conversar com alguém — Braden fala e vejo a expressão no rosto do Josh. Merda, não acredito que eles estão fazendo isso.

— Nem começa...

— Sim, é isso mesmo, você terá alta em alguns dias, Gael. Precisa voltar para a banda, todos nós precisamos de você.

— Eu não vou voltar, Braden.

— Malloy, você está exagerando — Josh abre a porta enquanto coloco a cadeira em movimento.

— O caralho que estou.

Seguimos para o terceiro andar. Normalmente saio só para fazer alguns exames, mas já sei para onde estou indo e tenho certeza que ainda vou acabar matando Braden algum dia.

— Aqui está. Venho buscar você daqui uma hora.

— Você não está falando sério. — Olho para a porta cheia de rabiscos coloridos. Ele vai me deixar na ala infantil, é isso?

— Uma hora, Gael.

Braden vai embora e Josh me dá um meio sorriso. Olho novamente para porta sem entender e noto uma placa de madeira brilhante que diz:

Dr. Hunt.

Psicólogo.

Bata se achar que está louco, caso contrário, não fique aí parado com cara de idiota, entre logo de uma vez!

Leio e releio pelo menos três vezes para ter certeza do que estou vendo. Isso só pode ser brincadeira! Quem em sã consciência escreve isso na placa do consultório? Seguindo o que estava escrito, entro sem bater.

Por um momento, acho que me deixaram na porta errada. A sala é *multicolorida*. Com telas espalhadas, e um sofá azul com várias almofadas amarelas e verdes. A poltrona que fica em frente à mesa é vermelha e a cadeira do médico, roxa. Ele ainda está de cabeça baixa, tem o

cabelo todo bagunçado e na altura dos ombros, completamente grisalho. Estava escrevendo algo em um papel e está ouvindo alguma coisa pelos fones no ouvido, pois sua cabeça se movimenta em um ritmo lento.

Tento chamá-lo quatro vezes. Mas só me vê depois que coloco a mão em cima do papel.

— Eiiii! Você deve ser o cantor, certo? — diz quando finalmente tira os fones. Ele parece bem mais velho do que eu imaginava.

— Malloy.

— Sou Dr. Hunt. É um prazer conhecê-lo, Sr. Malloy. — Estende a mão e nos cumprimentamos. Então dá a volta na mesa, afasta a cadeira vermelha e aponta para que me posicione melhor. Depois que agradeço, ele volta para o seu lugar.

— Não vai ter um divã ou algo do tipo?

— Você se sentiria melhor em um? — Cruza os braços e joga seu corpo para trás. A cadeira inclina tanto que parece que vai virar a qualquer momento.

— Nenhum pouco.

— Eu também. Então, Sr. Malloy, precisa de alguma coisa? Um cigarro? Pó? Um microfone?

— O quê? — pergunto, espantado. Que maluquice é essa? Ele volta para a posição normal e começa a abrir a gaveta.

— Hum, deixe-me ver. Tenho várias opções aqui, menos um microfone, desculpe. — Ele continua a vasculhar a gaveta.

— Ao contrário do que algumas pessoas pensam, *Dr.*, eu não uso drogas.

— Ah, então é uma pena porque, realmente, não tenho o microfone. — Seu tom é de tristeza.

— Também não pretendo cantar.

— Hum, não entendi — volta para a pilha de papel que está ao lado de um boneco de cachorro esquisito e começa a ler — Aqui diz que você é cantor e que teve uma lesão na coluna, nada sobre voz.

— Correto.

— Então porque não quer cantar? — Joga novamente os documentos na mesa e quase derruba o cachorro.

— Não pretendo voltar a cantar.

— Pelo que ouvi, você canta muito bem. — Mostra os fones de ouvido e eu dou um sorriso.

— Isso foi antes do acidente.

— Hum, entendo.

— Não, honestamente, não entende. — Junto as mãos e descanso em cima da mesa, desafiando-o a dizer algo. E ele não diz nada, apenas me olha.

— Então, Sr. Malloy, me fale o que trouxe você até aqui?

— Ainda estou tentando entender.

— Nesse caso, vamos descobrir então. Não quer mesmo um cigarro?

— Não, obrigado.

— Bem, eu quero. — Pega um de dentro da gaveta e acende.

— Não é proibido fazer isso aqui dentro?

— Aprenda uma coisa, rapaz. Na minha sala, mando eu.

Coloca os fones de ouvido novamente e recosta na cadeira fumando calmamente, enquanto fico aqui com cara de idiota. Ele fecha os olhos e balança a cabeça de um lado para o outro no ritmo

da música. Em alguns momentos a cadeira balança junto que chego a me assustar. Esse maluco vai virar e eu nem vou poder ajudá-lo.

Eu definitivamente vou matar o Braden.

Uma hora e dois cigarros depois, ele me informa que meu tempo acabou. Ainda não acredito que estou pagando para ficar sentado na frente de um lunático fumante por uma hora inteira.

Saio do consultório e por um milagre não tem ninguém me esperando, vou em direção ao elevador e começo a observar esse andar. Ele é diferente dos outros, mais alegre e colorido. Vejo algumas enfermeiras conhecidas que me cumprimentam constrangidas e tento o melhor para não ser grosseiro, pelo menos não tanto como tenho sido nos últimos dias.

Enquanto estou aguardando o elevador, sinto minha nuca arrepiar. Olho em volta e é quando a vejo. Está sorrindo, encostada em uma parede. Vestida com *legging* preta e camiseta que vai até a metade da coxa. Cabelo amarrado num rabo de cavalo firme e os braços um pouco sujos de tinta. Ela está linda, e está conversando com Micah.

*“More that I ever knew
Yeah, all I need is you.”*

Wait For Me – David Cook.

“Mais do que eu jamais soube / Sim, tudo o que eu preciso é você”

Hanna

Engulo em seco quando percebo quem está nos olhando parado em frente ao elevador, seu semblante está sério. Dessa vez, todo vestido de preto. A camisa de manga longa cobrindo todo seu torso. E, aparentemente, está com péssimo humor. Micah logo percebe onde estou olhando e abre um sorriso.

— Oi, Malloy! — puxa meu braço me guiando em direção ao elevador e, imediatamente, me arrependo de não ter ido embora — Estava te esperando. Como foi?

— Mesmo? Não parece que estava, não por mim pelo menos — fala em tom de descaso, o que me deixa ainda mais constrangida. No entanto é como se Micah já estivesse acostumado com esse tipo de tratamento, ou não se importa, porque apenas ignora.

— Peço desculpas e licença, mas já estava de saída — falo ajustando a minha bolsa.

— O elevador está na sua frente, caso não tenha percebido. — Micah olha chocado para o amigo e antes que abra a boca, eu explodo.

— Você é sempre grosseiro assim?

— E você sempre pede desculpas?

Ficamos nos encarando até que finalmente o elevador abre. Ele recusa a ajuda de Micah entrando no elevador, e por um momento, penso que irá fechar a porta e nos deixar para trás. Então Micah coloca as mãos na base da minha coluna e me conduz para dentro. A sensação é sufocante e o silêncio constrangedor.

— Sabe de uma coisa — ele vira a cadeira, ficando de frente para mim, praticamente tirando Micah do caminho — Se quer mesmo se desculpar, jante comigo amanhã à noite.

— O quê? — pisco sem entender o que exatamente está propondo.

— Que porra é essa, Malloy? Ainda nem teve alta.

— E você não é meu médico. Então amanhã, às sete, mando alguém te buscar.

A porta abre e saímos do elevador, ainda estou processando o convite para jantar. Esse cara só pode ser maluco.

— Até amanhã — diz sem olhar para trás e sai empurrando a cadeira. Micah parece tão chocado quanto eu.

— Ei, não disse que aceitava o convite — grito chamando a sua atenção, então ele para.

— Eu não disse que era um convite — seu rosto vira parcialmente e vejo algo que é, possivelmente, um sorriso — Seu amigo irá buscá-la às sete e não precisa ter medo, estou em uma cadeira de rodas, o que eu poderia fazer com você?

E simples assim, ele continua seu caminho. Suas palavras explodem na minha cabeça. Ele é o oposto de tudo que já tive ou desejei: grosseiro e arrogante. E não passa pela minha cabeça em momento algum dizer não a ele.

O que há de errado comigo?

— Acho que pego você amanhã à noite, tudo bem? — Micah fala sorrindo

— Isso é sério?

— Com certeza.

— Assim, do nada? — pergunto, confusa.

— Ele é assim, Hanna. Impulsivo, mas acredite, é uma boa pessoa. Mais tarde, me passa seu endereço.

Beija minha cabeça e vai em direção ao quarto do amigo. Volto para o elevador na esperança de que tudo isso tenha sido apenas um delírio, porque se não foi, acho que consegui um problema dos grandes.

Chego em casa e Mag está no sofá trabalhando em alguma papelada. É tão raro vê-la assim, que às vezes penso que tem outra pessoa em casa.

— Oi. — Eu me jogo no sofá ao seu lado.

— Desembucha — fala sem tirar os olhos da papelada e apenas arruma os óculos.

— Nossa, eu não falei nada.

— Não precisa. Você se sentou como se tivesse o peso do mundo nas costas, e sei que sempre volta do hospital parecendo que acabou de chegar da Disney, portanto, pode falar.

Às vezes, a capacidade que ela tem de ler meus sentimentos realmente me assusta.

— Tenho um jantar amanhã. — Finalmente tenho sua atenção e ela esquece completamente os papéis.

— Meu Deus, sério? Quando foi isso? Quem é ele? — Ela se arruma confortavelmente com as pernas cruzadas em cima do sofá e me encara na expectativa. Parece uma criança aguardando o presente de natal.

— Você promete que se eu contar, não vai surtar? — Olho apreensiva.

— Para me perguntar isso, é porque é bem melhor do que imagino. — Fecho os olhos e gemo, essa conversa vai ser longa.

— Vou jantar com Gael.

— Gael? Quem é Gael? — Mag junta as sobrancelhas e tenho certeza que está pesquisando em sua mente sobre esse nome, mas então me lembro de como ouvi os outros o chamando.

— Malloy. Gael Malloy, algo assim.

— O que? — ela dá um pulo do sofá — Gael Trent Malloy? GAEL MALLOY, AQUELE GOSTOSO DO ORIGINALS?

— Acho que sim. — Encolho os ombros.

— Por favor, me abane! — Ela cai novamente no sofá e começa a fazer movimentos com as mãos como se estivesse passando mal.

— Não seja dramática, Mag.

— Isso não é drama, é fato. E, caramba, nem quero saber como conseguiu esse jantar.

— É um pedido de desculpas.

— Aaahhhh... mas você vai me contar isso, quero todos os detalhes!

Então, segue para a cozinha voltando logo depois com alguns aperitivos e uma garrafa de vinho. Começo a contar tudo, como conheci a ele e o Micah. Em alguns momentos, ela bate no meu braço me repreendendo por não ter contado nada antes, e em outros, diz que vai matar Gael se ele continuar a ser grosseiro. E por fim, vamos até meu closet.

— Então, você precisa estar sexy, mas sem ser vulgar. Tem que ser do tipo difícil. Esses caras adoram mulheres assim.

— Mag, não vou transar com ele, é só um jantar.

— Hum, será que ele consegue?

— Consegue o quê?

— Ah, Hanna, você sabe. Será que consegue transar?

— Não faço ideia.

— Bem, caso a resposta seja sim, você precisa estar preparada. Aquele cara é o sonho de consumo de qualquer mulher. Acredite em mim, eu já sonhei com ele muitas vezes.

— Muita informação, Maggie. — Cubro os ouvidos e saio do closet. Ela vem atrás, sorrindo e com um vestido azul de um ombro só nas mãos. Um que vai marcar minhas curvas mais do que eu gostaria.

— Aqui — ela joga na minha cama — Use este, fica lindo em você e valoriza seu corpo.

Resmungo sabendo que nunca vou vencer essa batalha e já começo a me preparar mentalmente para o dia seguinte.

Como previsto, Maggie não me deixa sequer chegar perto do estúdio e fica, literalmente, me vigiando. Depois de Micah confirmar que tinha recebido minha mensagem com o endereço, começo a maratona para me arrumar. Confesso que ainda tinha alguma esperança de que isso tudo fosse uma piada ou algo do tipo. Não sendo nada disso, outra coisa veio em meus pensamentos. Pelo que Micah havia me contado, ainda faltava pelo menos uma semana para Gael ter alta. Será que nosso jantar seria no hospital?

Assim como combinado, Micah apareceu para me buscar. Abri a porta e quase não contive o riso. Ele estava um pouco diferente, seu cabelo geralmente bagunçado estava alinhado, usava um terno e uma camisa com os primeiros botões abertos por baixo, e para completar, tênis. Eu sorri.

— Entre — digo, apontando o caminho — Por que está vestido assim? — pergunto, curiosa.

— Ah, não pense que ele me fez usar isso. Tenho um compromisso depois — ele pisca, e logo Mag vem para sala.

— Micah, deixa eu te apresentar. Essa é minha amiga Maggie — olho para minha amiga — Mag este é Micah.

— Encantado. — Ele pega a mão dela e beija.

— O prazer é todo seu — ela fala se derretendo por completo, me pergunto sobre os conselhos que me deu na noite anterior.

— Vamos, não ligue para ela. — Pego minha bolsa na bancada.

— Ah, você pode ligar quando quiser e aparecer também — Deus, minha amiga está no modo caçadora.

— Até mais. — Micah sorri enquanto saímos.

— Desculpe por isso.

— Malloy tem razão, Hanna.

— Sobre o que?

— Você pede muitas desculpas. — Nós sorrimos e entramos no elevador.

— Onde vamos? — pergunto quando ele abre a porta do carro.

— Para o apartamento do Malloy.

— Ele teve alta? — Fico espantada.

— Resolveu ir para casa.

— Como? Isso é permitido?

— Quando se tem dinheiro e pode bancar um tratamento em casa, acho que sim.

Micah liga o som enquanto seguimos pelo trânsito e por um momento não reconheço as músicas que estão tocando, mas logo ouço uma voz inconfundível e sinto uma estranha sensação de paz.

— É a sua banda?

— Sim. Gostou?

— É um pouco diferente do que costumo ouvir, mas gostei muito.

— Aqui — ele abre o porta-luvas e me entrega um CD —, nosso último CD. Pode ficar pra você.

— Obrigada — Admiro a capa.

— Disponha, depois me fala se gostou das músicas.

A conversa flui agradável enquanto Micah me conta sobre a banda e como se conheceram. É incrível a ligação entre eles, são amigos desde sempre e isso me faz sorrir. Ele explica como Gael conseguiu sair do hospital. Entre gritos e palavrões, sua vontade venceu e ele irá três vezes por semana para fazer fisioterapia.

— Porque você o chama de Malloy? — Fico curiosa porque desde que nos conhecemos uma única vez ele falou o nome Gael, e acredito não ter sido intencional.

— Ele não gosta de ser chamado pelo primeiro nome. O único que o chama assim é o Braden, acho que por ser seu amigo mais antigo, algo assim.

— Ah, nesse caso preciso me lembrar de chamá-lo por Malloy — falo mais para mim do que para ele.

— Sim, se quiser sair viva de lá — ele sorri e logo estamos estacionando em frente a um imenso edifício. — Desculpe por não poder te acompanhar, mas você já está autorizada a subir, basta informar seu nome na portaria.

— Você vai me deixar aqui, sozinha?

— Vai estar em boas mãos, prometo. E se precisar é só me ligar.

— Obrigada, eu acho.

Despeço-me e desço do carro tentando não ficar nervosa, não faço ideia do que me espera e não tenho noção de como fui me meter nessa.

*“So don’t go away
Say what you say
But say that you’ll stay
Forever and a day”*

Don’t Go Away – Oasis

“Então não vá embora / Diga o que disser / Mas diga que ficará / Pela sempre e além”

Gael

Desde o momento em que entro no meu apartamento me sinto fora do lugar. Mesmo com todas as providências para que eu me sentisse o mais confortável possível, como a instalação de um elevador que dá acesso ao segundo andar para não precisar mudar de quarto. Nem assim consigo me sentir em casa, senti falta de pisar no chão descalço e de subir pulando os degraus. Agora olho para a escada e a única coisa que sinto é raiva.

— Bom dia, Sr. Malloy. Bem-vindo! — Sarah, minha governanta que me acompanha desde que comprei esse lugar, dá as boas-vindas. O apartamento está vazio, como solicitei, quero ter um momento em paz.

— Obrigado, Sarah.

— Suas coisas já estão no quarto, senhor. E o senhor Braden já ligou duas vezes.

— Tudo bem, se ligar novamente diga que pulei da janela — Ela não se abala pelo que eu digo, e isso a faz subir ainda mais no meu conceito — Hoje terei uma convidada para jantar e não faço ideia do que ela gosta, portanto faça algo especial, por favor.

— Sem problemas.

Sarah se despede enquanto sigo para o elevador, preciso chegar ao meu quarto. Pelo caminho fico mais estressado ainda, tapetes foram retirados da sala para melhorar minha locomoção, mesas foram afastadas e vasos retirados.

Porra, não estou na minha casa.

Acho que meu quarto é um dos lugares que quase não foi reorganizado, tudo está no mesmo lugar, aparentemente. Cama e lençóis ainda são os mesmos. Vou para o closet e noto a diferença, os cabides estão mais baixos. Tudo está modificado e não gosto disso. Sinto-me completamente fora do lugar e exausto, agora a única coisa que me vem à mente é que preciso descansar.

Volto para cama e consigo sair dessa maldita cadeira. Com esforço considerável me acomodo o mais confortável possível e permaneço em silêncio encarando o teto por um tempo procurando algum sentido em tudo isso. Mesmo com todos os laudos médicos ao meu favor, ainda não consigo

ter nenhum raio de esperança. E hoje, já não tenho certeza de nada na minha vida.

Algun tempo depois, acordo um pouco atordado e bastante desconfortável. Escuto alguém batendo na porta bem no momento que estou com vontade de começar a amaldiçoar ou quebrar alguma coisa.

— Pode entrar. — Tento me arrumar na cama, mas tenho dificuldades. Esses movimentos são mais difíceis que imaginei.

— Senhor, seus amigos estiveram aqui. E o senhor Micah ligou avisando que já está indo buscar sua convidada. — diz Sarah ao entrar.

Inferno! Dormi muito mais do que esperava.

— Tudo bem. Ah, Sarah, posso pedir um favor?

— Claro.

— Pode me dar um banho? — Dou um sorriso que sei usar bem e que a derrete, mas não no sentido sexual. Sarah é uma senhora e cuidou de mim em momentos bem inoportunos.

— Seria um prazer, mas seus amigos trouxeram alguém para ajudar com as suas necessidades.

Então, ela me ajuda a sentar na cama e sai no quarto. Não demora muito e a porta abre novamente, Sarah volta acompanhada de um homem com cara de fuzileiro.

Nem fodendo que vou deixar esse cara me dar banho!

— Nem pense nisso — digo, já adivinhando do que se trata. Mesmo porque não seria tão difícil, o cara está vestido de branco da cabeça aos pés.

— Então acho que irá receber sua visita sem tomar banho. — Sarah sabe exatamente como ser pior do que eu quando quer, penso em todas as minhas possibilidades e finalmente percebo que preciso ceder.

Jackson é o nome do meu novo enfermeiro e ele explica como será seu trabalho. Confesso que no fundo fico um pouco aliviado, pois até os resultados dos meus exames saírem, não posso correr o risco de me machucar. Ele ajuda a me vestir, tentando me dar o máximo de espaço possível. Escolho o básico, uma camisa preta e jeans. E se tudo correr como planejado, estarei sem elas até o fim da noite.

Pego meu celular e vou para o elevador. Treze mensagens de Braden provam que não está no seu melhor humor, no entanto, apenas uma chama a minha atenção, a de Micah informando que já está chegando. Quando leio as mensagens de Braden, consigo até ouvir sua voz dizendo que isso não dará certo e que não devo machucar quem não tem nada a ver com meus problemas. Ele passou o dia todo ontem me dando mil motivos para desistir do que ia fazer. Chamou-me de louco e, preocupado, disse que ia acabar dando merda. Vou provar para ele que sou muito mais que isso, estou mais para *insano*.

Assim que escuto a campainha tocar, Sarah se apressa em atender. Meu coração acelera um pouco, talvez por medo de dar alguma coisa errada. Então, eu a vejo entrar. Linda, cabelos loiros caindo em ondas perfeitas, o vestido em um tom de azul que realça ainda mais seu tom de pele. É como uma boneca de porcelana, cílios grossos e boca feita para ser idolatrada.

E de uma coisa tenho certeza, não tem possibilidade alguma dessa boneca sair intacta daqui hoje.

— Por aqui. — Sarah a acompanha até onde estou.

Quando seu olhar encontra o meu, um sorriso surge em seus lábios e noto que aumenta o aperto das mãos na pequena bolsa que está segurando.

— Olá — Estende a mão e eu retribuo o cumprimento. Um silêncio se estende sobre nós.

— Como foi o trajeto? — pergunto alguns segundos depois, ainda segurando suas mãos.

— Micah é um excelente motorista. — Sua voz é doce. Sinto uma pontada no estômago. E isso além de novidade, é ridículo, pois nunca fiquei nervoso na presença de uma mulher.

— Sim, ele é. Sente-se. É Hanna, certo? — desvio do assunto *Micah*.

— Obrigada. Sim, é Hanna. — Ela senta no sofá, e começo a imaginar mil maneiras de possuí-la ali mesmo. Não seria a primeira vez desse sofá para esse fim.

— Então, Hanna, o que você faz? — Aproximo minha cadeira e percebo sua tensão. Ela parece tão perdida quanto eu, sua mão segura a bolsa como se sua vida dependesse disso. Está acuada, porém é discreta. Em momento algum demonstrou estar deslumbrada pelo local. Isso me deixou muito curioso.

— Faço trabalhos voluntários — diz encolhendo os ombros.

— Senhorita, aceita algo para beber? — Sarah entra na sala com uma bandeja.

— Obrigado, Sarah. Já pode preparar para o jantar para servir. Você deve estar com fome, não? — digo pegando os copos e entregando o dela. Hanna agradece com um sorriso enquanto Sarah volta para cozinha. Bebo um gole e quase cuspo de volta.

— Mas que droga é essa?

Olho para o líquido amarelo no copo e vejo que Sarah me deu suco de laranja.

— Acredito que não pode tomar nada alcoólico — Hanna sorri se divertindo com a minha cara de nojo.

— E o seu é o quê? — Chego mais perto e pego seu copo provando a bebida. Nesse instante, nossos olhares se prendem e sinto como se estivesse provando a sua boca.

— O mesmo do seu — Ela engole seco e devolvo o copo — Gael... Quer dizer, Malloy eu...

— Não. Não precisa se corrigir, eu gosto assim.

— Gosta? Do quê? — Ela parece confusa.

— Do som da sua voz quando diz meu nome — Sua boca abre levemente, parecendo chocada com o que acaba de ouvir, e eu também.

Vá com calma, Malloy.

— Eu não pretendo demorar.

— É só um jantar, Hanna. E você me deve um pedido de desculpas.

— Sobre isso, eu sinto muito, não quis ser rude. — Aproximo ainda mais minha cadeira e seguro sua mão. Ela olha nossas mãos juntas, em seguida, seu olhar sobre pelo meu braço e para. Novamente, sinto-a analisando minhas tatuagens.

— Quem precisa pedir desculpas sou eu, Hanna. Não deveria ter tratado você daquela forma, na verdade, não deveria tratar ninguém assim. — Ela pisca várias vezes tentando absorver meu pedido de desculpa.

— Isso é normal, confesso que já ouvi coisas bem piores.

— Você trabalha há muito tempo no hospital? — Tiro minha mão, e percebo ela notar o movimento.

— Não muito, mas é um trabalho que me deixa feliz.

— Essa é a vantagem de trabalhar com o que ama. — Minha voz sai em um tom amargo. Isso me faz lembrar do quanto amo estar no palco.

— Eu ouvi suas músicas — seus olhos se iluminam — São muito boas na verdade.

— É. São sim — digo tentando encerrar o assunto.

Sarah interrompe novamente para anunciar que o jantar está pronto e, em silêncio, seguimos para sala de jantar. Meu humor estava excelente, até falarmos sobre música.

— Poderia puxar a sua cadeira, mas acho que pode compreender minha falta de cavalheirismo. — Dou um meio sorriso.

— Algo me diz que sua falta de cavalheirismo vem de muito tempo. — Sorrimos e ela olha para mesa, os lugares estão dispostos nas cabeceiras. Claramente distante um do outro.

— Desculpa, mas não gosto de conversar gritando durante o jantar — ela diz trazendo seu prato e senta-se ao meu lado na mesa.

Sua atitude quebra qualquer momento de tensão que o tema anterior possa ter trazido, e quando começamos a comer, a sala é tomada por nossos gemidos. Senhor, estava sentindo falta da comida da Sarah, e isso está muito bom.

Em meio a garfadas, Hanna me conta que mora com uma amiga e que adora pintar. Ela dispara a falar. Dá pra perceber a felicidade que sente quando o assunto são seus alunos e sua amiga, pois enquanto fala, sorri o tempo todo. E não posso negar, estava me divertindo.

Depois de voltarmos à sala, consigo finalmente convencer Sarah de que minha convidada não precisa tomar a mesma bebida que eu, então serve uma taça de vinho a Hanna. E conforme a conversa desenrola percebo que um jantar nunca passou tão depressa, pois quando vejo o horário, está na hora de agir.

Vou em direção ao aparelho de som e coloco *Through Glass* de Stoone Sour, ela ergue uma sobancelha e aproximo minha cadeira lentamente em sua direção.

— Quer dançar? — Estendo a mão e ela me olha com um sorriso nos lábios.

— Tem certeza? — Ela encosta as pontas dos dedos nos meus. Seguro sua mão com força e a puxo, fazendo com que sente no meu colo. Um pequeno grito abafado escapa dos seus lábios. Ela, certamente, não estava esperando por isso e não tem ideia do quanto estou ansioso para tê-la de novo nessa posição.

— Dance comigo, Hanna. — coloco seus cabelos para trás me dando total acesso ao pescoço, e sussurro novamente — Apenas dance comigo.

— Gael...

— Shh. Aproveita o passeio — sussurro ao ouvido.

Hanna se acomoda no meu colo e seu corpo se encaixa perfeitamente. Enquanto a música toca, deixo uma mão no controle e faço pequenos movimentos na cadeira acompanhando o ritmo e com a outra acaricio sua nuca. Seu cheiro é tão excitante, e quando ela fecha os olhos, não me contengo. Começo a beijar devagar o pescoço, deixando a mão vagar pelas costas. Sem me dar conta, minha cadeira já está parada e estou com a mão direita acariciando sua coxa. Assim que a música acaba, encontro seu olhar. E sinto que me deseja tanto quanto eu desejo ela. Não preciso tomar iniciativa, pois Hanna me beija suavemente. Começa beijando meu lábio inferior, mordendo lentamente. Um gemido sai da minha garganta e isso a faz querer mais. Segurando seu rosto com as duas mãos, vejo que seus olhos verdes estão brilhando ainda mais.

Meus lábios avançam novamente nos dela, dessa vez, com uma fome inacreditável. Com uma das mãos começo a deslizar das costas ao seu quadril e a arrasto até o fecho lateral do vestido, subindo lentamente pela parte interna da coxa. Ela geme quando os dedos encontram a sua calcinha, consigo sentir toda a sua excitação.

— Vamos para o quarto — falo no seu ouvido, ela responde apenas com um gemido.

Com ela ainda no colo, ouço sua risada enquanto vamos até o elevador. Acho que estou começando a gostar dessa cadeira.

— Você vai ter que me ajudar, ok? — peço na esperança de não assustá-la. Por mais experiência que possa ter no que diz respeito a sexo, ter movimentos limitados não está no currículo.

— Eu vou cuidar de você — ela só diz isso e sinto como se fosse explodir a qualquer momento.

Com certo esforço saio da cadeira e me deito. Ela começa a observar o ambiente e eu fico nervoso, sentindo como se fosse minha primeira vez. Hanna começa a tirar o vestido com movimentos lentos e sensuais.

Putá merda, ela vai fazer um strip-tease.

Mesmo sem música e com apenas o som das nossas respirações, esse foi o *strip-tease* mais sensual que já vi. E quando ela está apenas de lingerie, começa a subir na cama engatinhando lentamente. É a primeira vez que serei despido por uma mulher, de certa forma, isso tudo é novo pra mim. Seu sorriso sexy enquanto abre o zíper da minha calça me deixa ainda mais excitado e quando ela tira minha boxer passando a língua nos lábios ao mesmo tempo, eu me perco.

Esqueço que as pernas não estão funcionando, esqueço que estou nervoso, esqueço o motivo de realmente estar com ela aqui. Eu só quero estar dentro dela.

— Hanna... — Minha voz é praticamente um sussurro, uma súplica. Tiro a camisa jogando de qualquer jeito ao meu lado e vejo seus olhos no meu peito percebendo como brilham de maneira diferente, igual da primeira vez.

— Hanna. — chamo sua atenção e ela me olha.

— Gael.

Meu nome nunca soou tão doce.

— Olhe nos meus olhos, tudo bem? — assente e seguro sua nuca aproximando-me do ouvido e sussurro — Quero esse olhar no meu, quero que se perca nele quando eu estiver dentro de você.

*“Cause everything that don’t make sense about me
Makes sense when I’m with you”*

Wanted – Hunter Hayes.

“Porque tudo que não faz sentido em mim / Faz sentido quando estou com você

Hanna

Essa noite não deveria seguir esse rumo, isso vai contra todos os meus valores. Transar no primeiro encontro? Ainda estou tentando processar, porém quando ouço a voz cheia de desejo pedindo para olhá-lo, algo dentro de mim acende como um vulcão adormecido, como se só estivesse esperando pela sua voz para despertá-lo.

Gael aponta a gaveta onde está o preservativo e noto que a cada movimento meu, seu olhar percorre meu corpo. Não é de se admirar que esse homem consiga quem desejar, seu olhar consegue fazer qualquer uma derreter.

Sem pressa, coloco o preservativo enquanto admiro cada centímetro seu. Em seguida, permito que me penetre, lenta e deliciosamente. Gael suspira e quando estou completamente preenchida, vejo-o fechar os olhos e inclinar a cabeça para trás absorvendo o momento. Começo a beijar seu peito devagar, passando a língua nos mamilos, e depois dou atenção especial a cada detalhe das tatuagens. Suas mãos estão nos meus quadris, me incitando a mexer e quando obedeço, ele estremece.

Seus olhos se abrem e vejo a mais pura luxúria. Começo a me mover ao ritmo do dedo circulando meu clitóris sensível. Minha boca unida a dele em uma dança perfeita. Sua língua passeia devagar, sem pressa, dando todo prazer que necessito. Não tenho certeza de quanto tempo vou aguentar, mas sei que o que está acontecendo é muito mais do que já experimentei até hoje.

— Não vou aguentar, Gael — digo quebrando nosso beijo.

— Quero ouvir você gritar meu nome, Hanna — ele diz enquanto puxa meu cabelo e me beija tão intensamente que consegue me deixar ainda mais louca.

Esse cara sabe das coisas. Só com seus beijos estou extasiada.

Seus toques ficam cada vez mais intensos, sinto a força dos dedos cada vez que toca meu corpo. Não sei por quanto tempo ele ainda pode aguentar, mas eu sei que vou gozar a qualquer momento.

As mãos tocam meus seios. Admirando meu corpo, explorando cada centímetro. Os dedos pressionam com força minhas coxas, incentivando a aumentar o ritmo.

Segura meu quadril com força, ajudando nos movimentos. Beijo o pescoço dele e ouço seus

gemidos cada vez mais roucos. Não consigo assimilar o que sai desses lábios porque estou imersa, me afogando nesse mar de sensações.

Chegamos juntos ao clímax, gozando tão intensamente que chamamos o nome um do outro. Gael fala meu nome repetida vezes e é algo que me deixa tonta. A melhor sensação que já tive, porém, a mais estranha. Nunca me senti tão em paz, tão relaxada.

Sinto-me completa, e mal conheço ele.

— Você pode me ajudar a levantar? — A voz dele me tira do meu devaneio.

Ele ainda está dentro de mim, nossas respirações acalmando lentamente. Meu coração está tão descompassado que não tenho certeza se voltará ao normal.

— Precisa ir ao banheiro? — pergunto enquanto me levanto devagar e o ajudo a sentar. Sinto-o estremecer enquanto separamos nossos corpos. Os lençóis estão molhados de tanto suor, seu peito brilha e consigo sentir seu cheiro em mim.

— Apenas tirar esse preservativo e me limpar.

Gael vai para a cadeira e o acompanho até o banheiro, o local é enorme, e ele não tem nenhuma dificuldade para se locomover. Descarta o preservativo no lixo e me encara.

— Aceita tomar um banho diferente?

— Como assim diferente? — Pergunto e o ajudo a trocar sua cadeira por uma de banho. Ainda não sei como estou conseguindo ajudá-lo, Gael é bem mais pesado do que eu imaginava.

— Vem aqui.

Entramos no chuveiro e jatos começam a sair de vários pontos, não consigo evitar o sorriso. Em silêncio tomamos banho juntos, porém, seu olhar nunca vacila. Observa cada movimento que faço, me deixando excitada novamente.

Cadê a mulher que não gosta nem de sair de casa?

— Vem aqui, Hanna — Quando me aproximo, ele fecha os jatos d'água e pede que eu me vire e apoie as mãos na parede. Quando me posiciono, Gael se inclina um pouco e sinto sua respiração em um lugar que não imaginava.

— Quero provar você. — Sua voz carregada faz minhas pernas fraquejarem, então sinto quando sua língua começa a circular bem devagar, como se estivesse apreciando a mais perfeita das refeições.

Ele morde e eu ofego, espalmando as mãos na parede na tentativa de manter o equilíbrio. Mas cada vez que a língua trabalha e os dedos me invadem, sinto que irei desabar a qualquer momento de tanto prazer.

Deus do céu, eu nunca fui tão longe. Principalmente com um estranho.

Ele segura minha bunda com força contra o rosto. Chupa meu clitóris, dando suaves mordidas. Meus quadris moem contra ele conforme a dor latejante entre as coxas cresce descontroladamente.

Gael não é só um mestre com a guitarra, também é com a boca.

— Puta merda! — Tento me controlar quando uma das mãos aperta um dos seios, sendo completamente atencioso.

Meus mamilos estão tão doloridos de desejo, que tenho quase certeza de que posso ter um orgasmo se continuar a massageá-los desse jeito.

— Porra, Hanna! Você é muito gostosa.

Seus dedos deslizam dentro da minha boceta ao mesmo tempo em que olho sobre o ombro e o encontro observando os próprios movimentos.

Com uma das mãos me dá prazer e com a outra acaricia o pau. A cena me deixa hipnotizada. Sua mão executa movimentos lentos, no mesmo ritmo em que os dedos trabalham em mim.

Finalmente explodo e grito seu nome mais uma vez porque agora é a sua língua que me invade. Posso sentir o sorriso entre as pernas. O descarado está se divertindo.

Ele lambe cada gota do meu orgasmo enquanto meu corpo ainda treme.

— Muito, muito gostosa. — Sua voz grossa causa arrepios por todo meu corpo.

Abro os olhos e posso ver que também gozou, a prova disso é evidente em sua perna.

Ele ajuda a me limpar cuidadosamente, e beija cada pedaço que consegue alcançar antes de se enxaguar.

Depois de nos secarmos, voltamos para o quarto. Quando vejo o horário, estremeço. Está muito tarde e o que era para ter sido apenas um jantar, seguiu madrugada à dentro.

— Preciso ir — digo enquanto pego minhas roupas. Gael já foi pra cama.

— Por que não dorme aqui? — pergunta naturalmente.

— Obrigada, mas preciso ir. Tenho muito trabalho a fazer. — É como se os papéis estivessem invertidos.

— Trabalho? Agora? — Ele olha para o relógio ao lado da cama.

— Meus horários são bem mais estranhos do que você pode imaginar.

Já estou pronta quando o vejo tentar pegar uma calça que está dobrada em cima da cômoda.

— Espera, vou te levar para casa.

— De pijama? — pergunto, sorrindo.

— Bem, não é como eu fosse descer do carro e te levar na porta, então acho que pijama serve. — Seu sorriso é tão sincero que não recuso sua oferta.

Vestindo somente a calça, tenho muita dificuldade em controlar os olhos e não encarar as tatuagens.

Gael é forte, mas não de um jeito exagerado. Seus cabelos loiros na altura do ombro, moldam com perfeição o rosto. Os olhos são de um azul profundo, que escurecem quando ele fica excitado. É um impressionante jogo de cores e quando sorri, surgem covinhas capazes de derreter todo gelo do Alasca. Quando sou flagrada espiando, ele sorri e faz um gesto com o dedo para eu me aproximar e beija meus lábios.

Seu enfermeiro nos acompanha até meu apartamento e durante o caminho, Gael me explica mais sobre a banda enquanto escutamos algumas das músicas. Eu não menciono que ganhei o último cd.

— Então, é aqui que você mora? — fala quando paramos em frente meu prédio.

Provavelmente deve ter estranhado o fato de alguém que faz trabalhos voluntários morar em um bairro como esse.

Tribeca não é um bairro que alguém sem emprego fixo, moraria.

— Sim, é aqui.

— Sabe, Hanna, você é a primeira mulher que eu realmente gostaria de acompanhar até a porta de casa — Ele passa o polegar pelos meus lábios, com os olhos turvados como se tivesse sido tomado por uma onda de tristeza.

— Você já fez muito, acredite e obrigada pela noite, Gael.

— Obrigado pela incrível noite, Hanna.

Ele aproxima meu rosto, trazendo minha boca até a dele sem se importar com o motorista ou o

enfermeiro. E o que começou com um simples beijo de despedida, se torna ousado.

— Eu realmente tenho que ir — falo enquanto me afasto ofegante.

— Tem certeza que não quer passar a noite comigo?

— Quer acordar às cinco da manhã? — Ele faz careta e não contendo o sorriso.

— Você ganhou. Mas podemos marcar outro jantar?

— Eu te ligo.

Beijos seus lábios mais uma vez e desço do carro, correndo em direção à porta do prédio. Dou uma última olhada para ele e quando a janela do carro começa a fechar, seus olhos estão em mim. Sinto meu coração disparar.

Quando entro no elevador, a única coisa que consigo pensar são em suas palavras, sua voz e seu toque enquanto transávamos.

Eu estava perdida.

Já estou deitada e ainda não parei de pensar nele. Mesmo com suas limitações atuais, me fez sentir tanto prazer que me pergunto como era antes do acidente? Não é de estranhar a maneira como Mag fala dele, e isso não me ajuda em nada para relaxar.

Levanto e vou para o estúdio, mas antes preparo uma caneca com meu chá preferido. Não preciso de café para me manter acordada, meu corpo está mais desperto do que nunca. Troco de roupa e visto uma camisa mais confortável. Ajusto a tela, sento no chão e fecho os olhos.

Ainda sinto o cheiro do seu perfume em mim, e recordo dos beijos tão doces e cheios de necessidade. Como posso me sentir assim? Não é como se tivesse feito sexo sem compromisso pela primeira vez. Isso foi muito mais além. E sua condição física em nada refletiu, ele foi intenso e o desejo em seus olhos eram explícitos, sem mencionar as marcas que ficaram na minha pele devido a pressão dos seus dedos.

Nossa sintonia foi tão boa. Mais que isso, foi perfeita. E quando me dou conta disso, sinto algo mudar dentro de mim. Estou perdida. Entreguei minha alma em poucas horas para um completo estranho.

Para conter um surto de pânico, começo a pintar. Mas continuo escutando o som da voz dele em minha mente e, inevitavelmente, as lágrimas rolam pelo meu rosto. Elas não são de tristeza, são de um sentimento que nunca me permiti sentir.

Minha mente se perde, sentindo todas as sensações ao meu redor e lembrando do seu olhar.

O mesmo que parece preencher o vazio que existe no meu.

Paro de pintar quando a sala está completamente iluminada pela luz do sol, olho para o relógio e me assusto, são nove da manhã. Hoje não tenho nenhum compromisso, então decido apenas comer algo rápido e voltar para o estúdio.

— Ei, mocinha, onde pensa que vai? — Mag me para assim que entro na cozinha — E por que você está com essa roupa? Estava pintando?

— Sim, e só vim pegar algumas coisas, tomar um banho e já estou voltando.

— O jantar não foi bom?

— O jantar foi melhor do que eu esperava — falo sorrindo enquanto pego algumas coisas e saio correndo sem dar tempo para a chuva de perguntas.

Volto a pintar ouvindo *It's Not Easy*. A cada pincelada é nele que penso, a cada movimento dos dedos, são os movimentos dele que me vem à mente.

No final pinte dois quadros. Fico observando cada detalhe. Eles refletem tanto aquela noite.

Só me lembro de ter parado algumas vezes para comer algumas frutas e beber água.

Acabei passando três dias aqui.

Meus Deus!

Maggie vai me matar.

*“I just want to stay around
And when my heart beats
I promise I won’t let you down.”*

Concrete Angel — Gareth Emery

“Eu só quero ficar ao seu redor / E enquanto meu coração bater / Eu prometo que não vou te desapontar”

Gael

Observo, atentamente, Hanna entrar no prédio. Assim que o carro começa a se mover, eu congelo. Memórias de algumas horas atrás me vem à mente como um turbilhão. Seu corpo, cheiro e gosto. As palavras dos médicos e os prognósticos.

PUTA QUE PARIU.

Eu consegui! Não consigo parar de sorrir. Soco o ar várias vezes, sem me conter. Estou de volta! Malloy está de volta! Pego o celular e ligo para o meu amigo.

— Braden! — grito assim que ouço ele atender, sua voz de sono é inconfundível.

— Gael? Que merda, por que está gritando?

— Eu consegui! Caralho, Braden! E-U-C-O-N-S-E-G-U-I!!!!!!! — falo cada letra bem devagar.

— Como assim? Do que você está falando?

— Eu transei com ela — falo em um tom vitorioso, isso era mais emocionante do que ganhar qualquer maldito prêmio de música.

— Você o quê? Com quem?

— Porra, cara!!! Dá para jogar água nessa merda de rosto e prestar atenção? — grito com ele. Braden está tão confuso.

— Ei! Droga, você liga no meio da noite e quer compreensão?

— Vai se foder, Braden. — digo sorrindo — Eu transei com ela, entendeu? Eu consegui, cara.

— Com ela? A amiga do Micah?

— A Hanna. Sim, a amiga dele.

— Uau! — fala espantado.

— Por que o espanto?

— Bem, você saiu com ela o que? Ontem? Hoje? Caramba que horas são?

— Ontem e acabei de deixá-la em casa. Você está ligado na importância disso? Eu consegui, cara. E não interessa com quem ou a quanto tempo a conheci. Estou de volta!!! — digo mais entusiasmado do que imaginava.

— Isso vai dar merda, Gael.

— Pare com o pessimismo.

— Ok, amanhã você tem que ir no hospital, certo? E sobre o outro assunto?

— Braden, realmente está tarde e estou exausto. Já estou chegando no meu apartamento, mais tarde nos falamos. — Desligo antes que comece um sermão.

Nada vai tirar a felicidade que estou sentindo nesse momento. Bloqueio qualquer pensamento que não seja a noite que tive com ela.

Porra, eu quero mais, muito mais.

Chego em casa e Jackson ajuda a me instalar. Não demora muito e logo caio em um sono profundo, e sonho o tempo todo com uma mulher de cabelos loiros.

Acordo com o celular tocando e tento alcançá-lo tão rápido que quase caio da cama. Para minha decepção, é o nome de Micah que aparece no visor.

— Alô! — Atendo ainda com a voz carregada não só de sono. Um mau humor repentino me ataca.

— Liguei para saber se vai querer companhia para ir ao hospital. — Sei, até parece que sou idiota.

— Está tudo bem, é apenas uma sessão de fisioterapia.

— Hum, e o jantar de ontem? Correu tudo bem? — Aí está o motivo da ligação, um ligeiro sorriso aparece no meu rosto.

— Playboy, avise ao mundo que estou de volta! — Minha voz sai mais entusiasmada do que pretendia.

— É bom ouvir isso, Malloy, mas cuidado com o que pretende com ela.

— Isso é uma ameaça? — Não gosto do seu tom.

— Apenas um aviso. Os dois podem sair machucados.

Antes que eu possa responder, o desgraçado desliga. Quem esse Playboy pensa que é afinal? E que porra é essa para ter cuidado? Olho para o celular e busco o nome dela. Sei que ficou de ligar, mas porra, sou eu que faço as ligações aqui.

O telefone dela chama várias vezes até cair na caixa postal. Decido não deixar recado, já é humilhante demais não ser atendido. Nem sei o que tinha na cabeça. Droga, o que eu tinha pra dizer?

Jackson me ajuda com a rotina, banho, limpeza e roupas. Ele é uma pessoa bem discreta, fala quase nada, na verdade. No meio da manhã, vamos para o hospital e uma parte de mim, uma parte lá no fundo, deseja profundamente encontrá-la.

Uma hora depois, após alguns exercícios para fortalecer a musculatura, conto para meu médico sobre o que aconteceu. Ele fica tão surpreso quanto eu e me explica que para isso ter ocorrido dependeu muito de como a minha mente estava no momento, e principalmente, do companheirismo e cumplicidade.

Não tenho certeza do que ele acharia se soubesse que passei a noite com uma completa estranha. Acabo omitindo esse fato.

Passo o resto do dia em casa e Braden passa para dizer que nosso empresário quer se reunir com todos no fim de semana para decidirmos como será daqui para frente. Só sei que ainda não estou preparado para subir em um palco.

No fim da tarde, não consigo resistir e ligo outra vez. Caixa postal. Mas que merda!

Completamente entediado, pego alguns cd's e coloco para tocar. Deixo a música fluir até

relaxar.

Dois dias se passaram e não tive nenhuma notícia dela, liguei várias vezes e sempre chamava até cair na caixa postal. Enviei algumas mensagens e não obtive resposta. Muitas perguntas estão na minha cabeça e a única que aceito é que aconteceu alguma coisa com ela. Pego o telefone e ligo para última pessoa que gostaria.

— Preciso de um favor — digo assim que ele atende.

— Já até imagino do que se trata.

— Sem gracinhas, Playboy. Preciso de ajuda.

— Tudo bem, pode falar.

— Você tem falado com a Hanna? — pergunto sem rodeios.

— Hum, não. A última vez foi quando a deixei na sua casa.

— Não falou mais? Nenhuma mensagem? Nada?

— Não, Malloy. Nada. Ela é diferente, não é?

— Do que você está falando? — Começo a me irritar.

— Diferente das mulheres que você costuma sair.

— Só estou preocupado com ela — falo na defensiva

— Eu também, por isso tenha cuidado.

— Vocês, por acaso... — Ele me interrompe com sua risada.

— Não. Se ela fosse minha de alguma forma, jamais a teria levado em seu apartamento. —

Micah fala sério de repente.

— Bom saber.

— Ela é apenas uma amiga que tenho afinidade. É inteligente, forte e não se aproximou como a maioria das mulheres.

Isso eu tinha que concordar. Hanna era diferente. Ela é ousada, porém, seus olhos mostram fragilidade como se precisasse ser cuidada, mas não permite qualquer tipo de cuidado.

Ela me confunde.

— Eu só estou preocupado com ela, Micah. — digo, tentando disfarçar minha raiva por pensar que estou sendo rejeitado.

— Então vá até ela. Você sabe o endereço, não sabe?!

E o idiota desliga na minha cara outra vez, mas me deixou com uma ideia fixa na cabeça. Se ela não entrar em contato hoje, vou atrás dela. Caralho, eu nunca fui atrás de uma mulher antes.

No fim da tarde vou até o consultório do Dr. Hunt, Braden insistiu que preciso de terapia e isso é uma merda. Aquele velho nem ao menos ouve o que eu digo.

Assim que chego no consultório, Jackson me ajuda a entrar e depois sai, me aguardando do lado de fora. Às vezes me sinto como uma criança estúpida.

Esse consultório é totalmente diferente da sala dele no hospital, lá era uma confusão de cores. Aqui é mais moderno. Concluo com espanto. O cara parecia o Matusalém, quem diria que gostava de móveis modernos.

— Ora, Ora! Nosso roqueiro está de volta. — Sua voz rouca, acho que deve ser por conta de tanto cigarro, me recebe com entusiasmo.

— Esperava que não voltasse? — pergunto, enquanto ele tira a poltrona de frente à mesa para acomodar a minha cadeira.

— Não, você está me pagando bem caro e algo me diz que não gosta de desperdício — ele pega um cigarro e eu contorço meu rosto — Então, o que temos para hoje? Alguma novidade?

— Tudo continua na mesma — Noto uma pequena estatueta na sua mesa. Era algo abstrato, um emaranhado de arame que deveria ser alguma coisa, só não consegui identificar o quê.

— Não pensava que a sua vida fosse tão chata assim.

— Não era até ficar desse jeito. — Aponto para as minhas pernas.

— Você sempre reclama de tudo?

— E você sempre fuma durante as consultas?

— Você não deveria ter a mente mais aberta para um astro do rock tatuado?

Ponto para o doutor.

— Vamos ficar fazendo isso a tarde toda? — pergunto, já sem paciência.

— Não, você me paga apenas por uma hora.

Não consigo conter o sorriso, esse velho é mais maluco do que pensava.

— Venha, vamos dar um passeio — Ele levanta e começa a empurrar a minha cadeira para fora do consultório. — Seu carro está esperando?

— Sim. Está aqui em frente.

— Ótimo, vamos precisar dele.

Assim que Jackson nos vê, levanta uma sobrancelha e faz cara de quem quer perguntar alguma coisa, mas desiste.

— Pode seguir em frente, por favor. Passo as instruções no caminho.

Dr. Hunt fala para o meu motorista enquanto se senta ao meu lado no banco de trás. No trajeto ele dá algumas coordenadas e percebo que paramos em frente a um prédio velho, num bairro de classe média.

Mas para onde esse velho me trouxe? Metade das pessoas aqui vão me reconhecer. Como se estivesse lendo meus pensamentos, puxa um boné do seu casaco.

— Coloque isso, e não se preocupe, vamos entrar rápido.

Saímos do carro e ele me guia para dentro do ginásio. Ouço o barulho de bola batendo no chão e alguns gritos.

— Veja, Malloy! Olhe quantas pessoas estão na mesma situação que você e não tem uma vida tão monótona.

Começo a olhar em volta e vejo um jogo de basquete acontecendo, um jogo de cadeirantes.

Eu congelo.

Ninguém aqui parece me reconhecer, as pessoas passam por mim cumprimentando o Dr. Hunt e nem sequer prestam atenção em mim. É como se eu fizesse parte disso tudo, desse mundo.

Não.

Não.

Não.

Preciso sair daqui agora. Começo a me afastar, minha respiração está totalmente descontrolada, meu peito dói e minha cabeça parece que vai estourar. Dr. Hunt não me segura ou tenta me impedir, apenas se despede de mim da maneira mais natural possível.

— Te vejo em dois dias, Malloy — percebo que está sorrindo sem precisar me virar. Levanto o

braço e mostro o dedo do meio, ele explode em uma gargalhada.

Filho da puta.

Ninguém questiona quando grito para me tirem desse lugar e logo sou colocado dentro do carro. Preciso de ar. Não. Eu preciso dela. Pego o celular e ligo, insistentemente. Cinco tentativas depois e sou atendido.

— Hanna, eu...

— Oi, desculpa, não é a Hanna. É a Maggie, amiga dela. — Meu coração para de bater. Será que aconteceu algo? Ou será que ela não quer falar comigo?

— Aconteceu alguma coisa com ela?

— Não, ela está trabalhando e não leva o celular para o estúdio. É alguma coisa urgente? — Solto a respiração de uma vez, agradecendo mentalmente por estar tudo bem.

— Você sabe me dizer que horas ela chega do trabalho?

— Hum? Você é algum amigo novo?

— Pode-se dizer que sim, sou Malloy.

— Ah! — ela exclama surpresa — Bem, o estúdio é no apartamento de cima, mas...

— Estou indo aí. — interrompo antes que ela comece a falar e desligo o telefone. Passo o endereço ao motorista e peço para me levarem até lá.

Agitado e muito surpreso com tudo, que involuntariamente, coço as pernas. Tiro o boné idiota da cabeça e prendo o cabelo. Começo a tamborilar os dedos na porta do carro, porque essa porcaria de trânsito não ajuda?

Chegamos ao prédio e temos dificuldade para estacionar. A vaga de deficiente está ocupada, provavelmente por algum idiota que não tem nenhuma deficiência a não ser de consciência. Droga, a rampa de acesso a calçada está bloqueada. Definitivamente hoje não é meu dia. Coloco o boné novamente e abaixo meu rosto, pois é humilhante demais ter a cadeira carregada por dois brutamontes e não quero sair na capa de nenhum jornal amanhã.

O porteiro interfona solicitando nossa autorização para subir e me reconhece de imediato. Pede um autógrafa e eu retribuo com um sorriso. Há dias não passava por essa situação. É como nos velhos tempos, penso. Apesar da minha situação, em momento algum, ele fala algo a respeito ou olha tempo demais.

Porteiro esperto.

Minha entrada é autorizada e dispenso meu pessoal, posso muito bem continuar sozinho. Jackson me lança um olhar especulativo, mas não fala nada. Apenas pede para ligar se precisar.

A porta do apartamento está aberta, percebo que o local é bem amplo e luxuoso. Pela localização deve custar muito. Tribeca não é conhecido por ter apartamentos a preços acessíveis. Quem é essa mulher, afinal? Mora em um prédio de luxo, mas anda de regatas rabiscadas? A roupa que usava no nosso jantar, apesar de muito bom gosto, não era de nenhuma marca famosa. Não posso dizer o mesmo da sua lingerie, aquela peça custava o salário de muita gente, disso eu tinha certeza.

— Oi — Uma ruiva me recebe com um sorriso. É muito bonita, suspeito que seja Maggie, amiga de Hanna.

— Você é a Maggie?

— Sim, entre e fique à vontade.

— Você poderia chamá-la? Preciso falar com ela.

— Claro que precisa. O número de ligações no celular dela prova isso.
— Se ela ao menos levasse o celular — dou um sorriso e Maggie aponta para sala.
— Quer beber alguma coisa?
— Não, obrigado. Só preciso falar com ela. — Suspira e senta dramaticamente no sofá.
— Ela está trabalhando e não posso interrompê-la.
— Será que não pausa nem para um café? — Seu rosto se contorce, não estou gostando disso.
— Desculpa, não posso fazer isso. Quando ela terminar, aviso que você esteve aqui.
— Ela não viu minhas ligações? — pergunto curioso.
— Hanna não apareceu aqui nesses dias.
— O que você quer dizer com isso? Ela está desaparecida? — Minha voz sai mais elevada do que eu pretendia.

— Ouça, estou vendo que é novato no que diz respeito a Hanna. Ela não está desaparecida, está trabalhando no estúdio aqui em cima — ela aponta para o teto — Quando parar de pintar, ela vai voltar. Simples assim.

— O que quer dizer com isso? Ela fica lá em cima pintando direto?

— Nossa. Se ficou assim por causa de três dias, não quero nem ver como ficará quando ela sumir por sete.

Eu abro a boca na tentativa de argumentar, mas nada racional me vem à cabeça. Quem em sã consciência trabalha por três dias seguidos?

— Você quer dizer que ela não para?

— Eventualmente para comer ou tomar um banho.

— E dormir? — Ela sacode a cabeça em negação, fico sem saber o que dizer e ouço passos apressados.

— Desculpa, Maggie. Eu sei que tínhamos um compromisso — Hanna entra na sala apressada e para abruptamente quando nota a minha presença.

— Gael? — ela fala surpresa.

Já dormi com mais mulheres do que posso contar. Ou até mesmo me lembrar, mas nunca, em toda a minha maldita vida, tinha ficado tão excitado como estava agora diante do que se encontrava à minha frente.

Hanna está com os cabelos presos em um coque frouxo, com vários fios soltos emoldurando o rosto manchado de tinta, claramente, numa tentativa de manter o cabelo longe dos olhos. Os braços e pernas estão cobertos de pingos coloridos. E é agora que me dou conta. Ela está só de camisa, uma que mal cobre as coxas, com as mangas enroladas até o antebraço. E é definitivamente uma camisa masculina.

E eu estava com ciúmes da porra de uma camisa.

*“I’m lost here in this moment
And time keeps slipping by
And if I could have just one wish
I’d have you by my side.”*

Stay – Miley Cyrus.

“Estou perdida nesse momento / E o tempo continua passando / E se eu pudesse ter apenas um desejo / Eu desejaria ter você ao meu lado”

Hanna

Olho para todos os lados tentando entender o que se passa dentro da minha própria casa. Gael está aqui, me olhando como se quisesse me devorar. Isso é no mínimo surreal.

Assim que falo seu nome, vejo um brilho no seu olhar. Parece ainda mais bonito do que me lembrava; cabelo amarrado, jeans surrado, camiseta branca por baixo de uma camisa de manga longa que esconde suas tatuagens. E ele está absurdamente sexy.

— O que faz aqui? — Não consigo esconder minha surpresa.

— Queria falar com você. — Gael dá de ombros como se o simples fato de estar na minha sala, fosse algo cotidiano.

— Ah, queria mesmo! Quinze ligações perdidas mais vinte e cinco mensagens provam isso. — Mag dispara e fico perplexa. Ele quer mesmo falar comigo tanto assim?

— Obrigado pela explicação, Mag. — Gael olha para ela e sorri, e minha amiga se derrete.

— Disponha. Agora preciso ir. Fiquem à vontade, crianças.

Mag vai em direção ao quarto e olho de volta para meu visitante. Ele não parece nenhum pouco constrangido pelo comentário da Mag, muito pelo contrário. Movimenta a cadeira até que esteja tão próximo quanto possível.

— Senti sua falta. — Eu congelo. Estou coberta de tinta. Meu cabelo, provavelmente, deve estar como um arco-íris, mas pelo o olhar intenso, parece nem ter notado. Gael não é do tipo de homem que esconde o que quer, e tenho a impressão que nem mesmo sabe disso.

— Preciso de um banho. — É a única coisa que consigo falar. Ele dá um meio sorriso, com certeza, sabendo que me pegou de surpresa e não só pela sua aparição repentina, mas por suas palavras.

— Eu poderia me oferecer para te ajudar, mas acredito que no momento seja um pouco difícil chegar ao seu quarto — Olho em direção ao corredor que dá acesso ao quarto. Ele tem razão, a cadeira passa nele, mas não vai conseguir atravessar a porta.

Droga.

— Pode me esperar? Prometo não demorar.

— Tudo bem.

— Quer alguma coisa? Água, ou suco?

— Quero que cale a boca, Hanna. — Eu fico chocada. Será que ouvi direito?

— O que disse?

— Quero que pare de falar e me beije, Hanna, ou prefere que eu te puxe? Por que vou fazer isso se for preciso.

Ainda tentando processar metade do que acabo de ouvir, Gael começa a me puxar para o seu colo. Então segura meu rosto com as duas mãos, diminuindo nossa distância. Sinto-o respirar fundo. Uma, duas, três vezes. Fecha os olhos por um instante, e parece que está lutando para se acalmar.

Ficamos desse jeito, testas encostadas, respirando um ao outro.

Minhas mãos vão para o seu cabelo e o solto, passando os dedos entre os fios. Gael ainda mantém os olhos fechados. Ouço a porta fechar e percebo que Mag saiu discretamente nos deixando a sós. Ele tira uma das mãos do rosto e lentamente acaricia minha coxa. De repente, fico consciente de que estou vestindo só uma camisa confortável e mais nada.

Tenho certeza de que percebeu isso no momento em que entrei na sala.

Sinto um gemido atravessar a garganta quando os dedos sobem vagarosamente pela coxa, como se estivesse tocando um instrumento. Sua mão esquerda desce e sobe pelas costas. Parando na nuca, entrelaçando os dedos no cabelo e apertando com rigor.

Abrimos nossos olhos.

— Eu realmente senti a sua falta.

Não tenho tempo de responder porque Gael puxa meu cabelo para trás, expondo o pescoço e começa a beijar minha garganta. Primeiro suavemente, em seguida sinto a língua no mesmo instante que um dedo me penetra. É uma explosão de sensações, ele trabalha em mim, enquanto a língua passeia pela garganta. Meus olhos permanecem fechados absorvendo cada movimento. Ele faz tudo com bastante lentidão, é como se estivesse brincando comigo, me provocando, sem realmente me dar tudo.

Ele continua segurando meu cabelo, puxando-o com mais força. É uma mistura de dor e prazer. Os dedos não param dentro de mim, entrando e saindo, circulando e pressionando. Sua boca desce pelo meu pescoço, e como as mãos estão ocupadas, ele arranca cada botão com os dentes.

Deus do céu! Nunca me senti tão excitada.

— Onde quer ser beijada, Hanna?

Gael endireita a cabeça e encosta sua testa na minha, seu olhar é tão intenso. Minha camisa já está completamente aberta, os seios inchados implorando para serem devorados. É isso que ele quer ouvir, quer que eu implore. E eu vou implorar, mas do meu jeito.

Não respondo, não com palavras pelo menos. Ele pressiona mais e me faz chiar de tanto prazer. Deixo a blusa deslizar pelo ombro e seguro meu seio, pressionando a ponta, ele não afasta o olhar. Quando acrescenta mais um dedo dentro de mim, de forma brusca e excitante, sua boca vai para o lugar que tanto desejava. Ele não se contém e morde com força, fazendo com que eu aperte seus cabelos, não sei se estou machucando-o, inferno, é como se eu quisesse que ele sentisse a mesma coisa que eu.

— Você ainda não me beijou, Hanna — Sua voz sai como um sussurro entre meus seios,

trilhando um caminho com beijos até a garganta, depois queixo, e quando finalmente chega à boca, não consigo mais esperar. Beijo-o como se minha vida dependesse dele, como se nunca pudesse ter o suficiente. E durante o melhor beijo da minha vida, eu gozo gemendo em sua boca.

— Passe essa noite comigo. — Gael fala sem tirar a boca da minha.

— Amanhã preciso ir ao hospital. — Minha voz sai estremecida.

— Eu também. Podemos ir juntos — Ele afasta a boca da minha e sorri, suas covinhas são evidentes. Essa imagem me faz ter a certeza de que ele nunca recebeu um não.

— Vou tomar banho e pegar algumas coisas. Não demoro.

— Eu espero. — Antes de me deixar levantar, ele me beija profundamente. Sigo para o quarto com o sorriso mais idiota no rosto.

Meu corpo ainda está em chamas quando abro o chuveiro, a água quente começa a me acalmar. Noto que ainda tenho algumas marcas da nossa primeira noite e essa lembrança faz minha pele formigar de desejo. Tento me arrumar o mais rápido possível, não querendo fazê-lo esperar, na verdade odeio fazer as pessoas esperarem. Pego apenas o necessário para passar uma noite. Coloco tudo dentro da mochila, visto calça jeans e blusa de seda, já que o tempo não está frio. Ou será o meu corpo que ainda está quente? Não faço ideia. A única coisa que sei é que acabei de ter o melhor orgasmo da minha vida em cima de uma cadeira de rodas.

Volto para sala e o encontro próximo a varanda. Está distraído, o cabelo preso novamente e tem o olhar distante.

— Estou pronta.

— Você tem uma bela vista. — Vou até onde está e ele não vira em minha direção em momento algum.

— Sim, é muito bonita. Do estúdio é muito melhor.

— Seu estúdio fica no andar de cima, né?

— Fica.

— Meu motorista está lá em baixo, tudo pronto? — Concordo com a cabeça e ele estende a mão pedindo a mochila, eu a entrego e saímos.

No caminho para o apartamento o telefone dele não para de tocar, na terceira vez, seu humor já não está como antes. Percebo que todas as ligações são dos outros membros da banda, e seja lá qual for a pergunta, todos recebem a mesma resposta: Ainda não.

— Hanna, Jackson vai me ajudar agora e eu já pedi algo para comermos. Não vou demorar, ok?

— Tudo bem. Não precisa de mim?

— Não, vou apenas tomar banho. Vou deixar suas coisas no meu quarto, fique à vontade.

Enquanto observo-o ir para o quarto, percebo como está abatido. Ainda não tivemos tempo de conversar e não faço ideia do motivo de ter aparecido em casa.

Sento no sofá e pela primeira vez me permito ver o local. Apesar de bastante espaçoso, algumas mudanças são perceptíveis, como o elevador que leva ao andar superior e o banheiro da suíte.

Já estou quase cochilando quando Jackson aparece.

— Senhorita, o Sr. Malloy a aguarda no quarto.

Agradeço e subo as escadas. Da última vez, fui com Gael no elevador que dava acesso praticamente dentro do quarto. Pelas escadas é diferente, vejo vários cômodos, mas não me perco

porque a suíte dele tem a maior porta. Bato e aguardo.

— Pode entrar.

— Você me chamou?

— Por que você bateu? — Sua expressão é confusa.

— Bem, não costumo invadir quartos.

— Você não precisa bater, Hanna, não aqui. Você se importa de comer aqui?

— Nenhum pouco. Está cansado? — Eu me aproximo da cama, ele está sem camisa e as pernas estão embaixo das cobertas.

— Um pouco, acho que o dia foi mais puxado do que esperava. — Ele fecha os olhos e inclina a cabeça para trás enquanto solta uma longa respiração.

— Se quiser posso ir embora. Também não dormi esses dias e...

— Você não dormiu? — Ele me olha incrédulo.

— Estava trabalhando — falo na defensiva.

— Você passa três dias seguidos trabalhando, sem comer e sem dormir?

— Eu como. — Cruzo os braços como uma criança.

— Sério?

— Gael, você precisa saber — sento na borda da cama sob seu olhar severo —, que quando estou pintando sou diferente, eu me entrego por completo.

— Ouça, estamos exaustos. Jackson vai trazer a comida e vamos comer, depois conversamos sobre isso, tudo bem?

— Tudo bem.

— Mas quero que saiba que eu não concordo, Hanna. Isso é perigoso.

Antes que eu possa protestar, nossa comida chega. É um verdadeiro banquete servido num carrinho, daquele igual ao de hotel de luxo. Posiciono a bandeja na cama, sirvo os pratos e comemos em silêncio. É tudo tão estranho, não estou acostumada com esse tipo de proximidade. Na verdade, nem gosto disso. Não gosto de questionamentos sobre como trabalho, principalmente de alguém que acabei de conhecer.

— Você pode usar uma camiseta minha.

— Acho que trouxe uma — respondo enquanto procuro na mochila. As louças já foram retiradas e a única coisa que quero agora é descansar. Acho uma camisa confortável que sempre uso para dormir, não que seja a roupa mais adequada para se usar quando vai dormir na casa de um cara. Ainda mais de um cantor famoso.

— Prefiro que use a minha — diz quando me aproximo da cama já vestida.

— O que tem de errado com essa? — pergunto olhando para baixo. É comum e branca, sem nada de especial.

— Era de algum ex-namorado seu?

— De um o quê?

— Use uma das minhas, Hanna. Entre no closet, tenho várias nas gavetas, pode escolher a que você quiser.

— Está implicando com uma camisa por supostamente ser de algum ex?

— Vou ter que ir buscar uma para você?

— Quantas mulheres já vestiram alguma camisa sua, Gael?

— Nenhuma mulher dormiu com nada meu, Hanna. E se quer saber, nenhuma sequer passou a

noite comigo.

Suas palavras me pegam de surpresa.

*“I’ve fallen In love
I’ve fallen in love for the first time.
And this time I know It’s for real.”*

I Want to Break Free – Queen.

“Eu me apaixonei / Eu me apaixonei pela primeira vez / E dessa vez eu sei que é pra valer.”

Gael

Hanna me encara com espanto. Nem eu sei por que falei isso, mas é a mais pura verdade, ninguém passava a noite comigo. Mesmo depois dos shows, durante alguma turnê, nunca permiti que uma mulher passasse a noite. Geralmente, o sexo acontecia no camarim, ou no quarto do hotel. E quando tudo terminava, eu sempre seguia o meu caminho.

Dessa vez é diferente. Não sei se é pelo fato de que não ter gostado de vê-la em uma camisa masculina. E ela não era nenhuma virgem, disse eu já sabia, mas algo surgiu dentro de mim e eu não estou gostando nada disso.

— Tudo bem — Hanna fala derrotada e tira a camisa, caminhando em direção a cama completamente nua.

— Sem dúvida está bem melhor agora — falo em tom de brincadeira.

— Não me provoque. — Ela dá um sorriso e me ajuda a deitar.

— Estou exausta.

Hanna deita a cabeça no meu peito e começo a acariciar seus cabelos, logo sinto seu corpo relaxar e a respiração suavizar. Ela dorme tranquilamente com a cabeça apoiada em mim, me abraçando como se eu fosse fugir. Dada as circunstâncias, creio que isso não seria possível, pelo menos não sem acordá-la.

Enquanto escuto o som da sua respiração, tento lembrar quando foi a última vez que tive uma mulher assim nos braços, completamente entregue. Isso nunca aconteceu comigo, e ainda não consigo compreender como está acontecendo agora, justo com ela.

Ela é linda, isso é inquestionável. Tem uma beleza natural, olhos verdes como duas esmeraldas. Vejo as pálpebras tremerem levemente durante o sono, os cílios são claros, assim como seus cabelos, e a boca? Deus, essa boca está me fazendo ter o mais ardiloso dos pensamentos.

Sinto como se estivesse congelado por dentro e ela está me aquecendo, começando a derreter a parede de gelo que ergui há muito tempo. Pego o celular e ligo para Braden.

— Ei, cara! Como você está? — Ele atende animado, ouço um barulho no fundo. Percebo que é o som de música.

— Ela está aqui, Braden — falo baixo para não acordá-la.

— Ela quem? Cara, você não fala coisa com coisa ultimamente.

— Hanna.

— Está com você, aí? — ele pergunta surpreso.

— Sim, está dormindo — Olho mais uma vez e ainda está do mesmo jeito. Passo os dedos novamente em seus cabelos e sinto os braços me apertarem mais.

— Hum, isso é bom, não é?

— Não. Isso é a porra da melhor coisa que podia ter acontecido comigo desde aquele maldito acidente.

— Fico feliz por você, meu amigo.

— Onde você está?

— Em uma das festas malucas que o Micah faz.

— Hum.

— Sente falta disso? Sabe que pode vir quando quiser.

— Não, estou bem. Não quero olhares de pena de ninguém, Braden.

— Você sabe que não é assim, Gael. São todos seus amigos.

— São porra nenhuma.

— Certo, não vou mais discutir com você, aproveita sua companhia.

— Aproveitem vocês também.

— Ah, isso sem dúvida! Só espero lembrar de alguma coisa amanhã.

Sorrio e nos despedimos, as festas que Micah costuma fazer são sempre as melhores; sexo, drogas e rock'in roll. Elas costumam durar dias seguidos. Olho para a mulher dormindo em meus braços e a única coisa que consigo pensar é: Não, eu não sinto falta disso.

Com Hanna, consigo esquecer essa situação em que estou, me faz esquecer que sou incapaz de andar. Sinto que posso conversar sobre tudo com ela, ser o homem que eu sempre fui, capaz de proporcionar prazer a uma mulher. Quando penso nisso, começo a ficar excitado, mas tento me controlar, pois ela está visivelmente exausta e amanhã tem que ir para o hospital. Fecho os olhos e sinto minha respiração sincronizar com a dela, até que adormeço.

Acordo com os braços dormentes e com Hanna ainda dormindo na mesma posição. Tento afastá-la para mudar de posição, mas ela acorda ao menor movimento.

— Acordei você, me desculpe.

— Não, eu já estava dormindo demais — ela reprime um bocejo — Precisa de ajuda?

— Jackson vai me ajudar, se quiser pode ir tomar banho.

— Nossa, sinto como se um caminhão tivesse me atropelado. — Ela alonga o corpo nu e não consigo desviar o olhar.

— Bem, eu sinto como se um caminhão tivesse dormido em cima de mim.

— Ai, Deus! Desculpa! — ela fala visivelmente constrangida.

— Vem aqui. — Ela se aproxima e não consigo me conter.

Seguro um de seus seios e o aperto, ela geme. Sua mão vai para minha virilha e quando nota minha ereção, começa a me beijar. Hanna beija ao longo das tatuagens, peito, braços e abdômen. E sem aviso, a boca cobre toda minha ereção.

— Puta merda! — falo surpreso.

Agarro a cabeceira da cama em êxtase. Ela me toma com habilidade, chupando e lambendo

toda a extensão. Eu sei o que está fazendo, ontem lhe dei prazer e hoje ela está retribuindo.

— Caralho, Hanna! — Gemo quando estico a mão e seguro sua cabeça, incentivando a ir mais fundo. E ela não me decepçiona começando a aumentar o ritmo. Eu não duro muito e explodo em sua boca.

Hanna engole tudo e logo depois me beija. Consigo sentir o meu gosto nela. Esse é o beijo mais erótico que eu já recebi.

— Agora posso ir tomar banho.

Ela sai em direção ao banheiro e eu sorrio. Essa mulher será a minha perdição.

Assim que termina, Hanna aparece pronta. Como das outras vezes, com o cabelo preso em um rabo de cavalo, camisa colorida e jeans. Sem contar a primeira vez que jantamos, acho que nunca a vi usar maquiagem.

Ela é perfeita.

— Assim que terminar de me arrumar, vamos tomar café e seguimos para o hospital, ok? — falo quando ela senta na cama. Jackson já está esperando no quarto.

— Posso te esperar aqui.

— Não precisa. Já é bastante constrangedor — Aponto para o brutamontes vestido de enfermeiro.

— Vou esperar lá em baixo então.

Ela pisca e sai do quarto. Jackson me ajuda a subir na cadeira e ir até o banheiro para que eu possa fazer minha higiene. Agradeço a Deus todos os dias por não precisar usar nenhuma sonda, então consigo ir ao banheiro normalmente. Quase isso, porque mijar em pé já não é algo que eu possa ter orgulho de fazer.

Já que vou para fisioterapia, visto uma calça de corrida e uma camiseta com a logo da banda. Olho no espelho e a imagem estampada traz lembranças que estou me esforçando em não ter. A banda sempre foi a minha vida e desde o acidente, todos me perguntam quando estarei pronto para voltar ao palco. Ainda não tenho essa resposta. Olho para minha guitarra largada no canto do quarto e percebo que faz tempo que não toco, e nem componho nada.

Desço e encontro Hanna lendo uma revista, a *Rolling Stone*. Uma edição que tem a banda na capa, sinto um momento de nostalgia ao ver aquela revista. Era uma edição especial que falava sobre a *Originals*. Na capa eu estava sentado em uma cadeira com os outros em pé ao meu lado.

Irônico.

— Estou morrendo de fome — falo chamando sua atenção.

— Não vou negar, já roubei uma torrada enquanto esperava — Hanna sorri e vamos em direção à mesa.

Durante o café, ela explica o que fará hoje no hospital. Seu trabalho com as crianças é incrível. Conta o nome de cada uma, quais são seus problemas e os diagnósticos. Ela é, sem sombra de dúvidas, muito feliz com esse trabalho.

— Então, além do trabalho voluntário, você também é pintora? Vende seus quadros em alguma galeria?

— Não vendo os quadros — ela diz me pegando de surpresa

— Nunca tive vontade de expor minhas pinturas. Elas revelam a minha alma, algo muito profundo e íntimo. Não tenho intenção de vê-los pendurados em uma parede qualquer e saber que para o comprador, não terá o mesmo significado que tem para mim.

— Entendo. Então, como sobrevive? Sem querer me meter nessa sua vida, mas, você mora em um belo apartamento e até agora o único trabalho que mencionou foi o do hospital.

— Também trabalho com adolescentes.

— Detentos. Trabalho voluntário também.

— Eu tenho o suficiente.

— Isso eu já percebi.

— Vai querer investigar meu imposto de renda também? — seu tom é de brincadeira, mas sinto que está incomodada e não quer falar sobre isso.

— Se estiver envolvida em algo ilegal, direi que fui coagido.

Ela começa a gargalhar e isso me deixa feliz. Adoro o som da sua risada e percebo que poderia muito bem passar o dia inteiro ouvindo-o.

Vamos juntos para o hospital, onde Micah e Josh ficaram de me encontrar. Preciso ir pela entrada dos fundos para não chamar atenção, então Hanna se despede antes de ir para a entrada principal. Assim que chego no andar da fisioterapia, Micah e Josh já estão à minha espera, os dois sentados com óculos escuros.

— Vocês estão um lixo. Dois verdadeiros pedaços de merda.

— Não estávamos com uma bela mulher na cama, então... — Josh dá de ombros.

— Fale de você — Micah tira os óculos e me encara — Como ela está?

— Muito bem, Playboy. Já posso entrar? — pergunto apontando para a sala.

— Sim, chamaram seu nome agora pouco.

— Se não se importam, vou tirar um cochilo — Josh fala encostando a cabeça na parede cobrindo o rosto com o boné.

— Noite agitada? — pergunto a Micah.

— Você não faz ideia — ele sorri e entramos na sala

Meia hora depois já estou frustrado, é como se nenhum daqueles exercícios estivesse fazendo efeito. Sinto algum formigamento nas pernas, mas nada significativo, são apenas alguns espasmos, mas nada que desse força suficiente para os músculos.

— Parem! — grito assustando a fisioterapeuta.

— Está sentindo dor? — ela me pergunta

— Não, porra! Não estou sentindo nada! — grito novamente batendo na mesa ao meu lado, o barulho a assusta novamente.

— Malloy, colabora. — Micah fala.

— Colaborar? Caralho!!! É só isso que tenho feito e ainda não vejo nada melhorar.

— Senhor, tem que ser paciente. Essas lesões demoram, e...

— Micah, me tira daqui.

— Malloy...

— Porra! Me tira daqui! Esses incompetentes não vão me ajudar em nada.

Quando começo a gritar a porta abre e Josh entra assustado seguido de Hanna, eles olham em volta tentando entender o que está acontecendo.

— O que está acontecendo aqui? — ela pergunta e olha a fisioterapeuta que parece estar prestes a chorar. Sério mesmo?!

— Nada, além de um bando de incapazes.

— O quê? Por que está gritando desse jeito?

— Eu quero ir embora, só isso.

— Já terminou? — ela não pergunta para mim, olha diretamente para a fisioterapeuta que nega com a cabeça

— Ainda não acabou.

— Eu termino quando achar que devo.

— Ah, é?

— É — respondo sem desviar o olhar, ela me olha desafiadoramente.

— Me ajuda, Micah — Hanna se aproxima de mim e Micah me coloca na cadeira. Quando penso que vou embora desse inferno, ouço — Vamos dar um passeio.

Hanna começa a empurrar a cadeira, furiosa pelos corredores, quando percebo, estamos no andar da pediatria. Um corredor colorido, cheio de bichos pintados na parede, ela empurra a cadeira para dentro de uma sala e me deparo com algumas crianças pintando.

— Está vendo, *senhor temperamental*? — sussurra no meu ouvido, apontando para as mesas — Aquelas crianças ali, um deles não tem uma perna, está vendo? — Ela aponta para um garoto que deve ter aproximadamente oito anos. Está sentado em uma cadeira de rodas e tem a perna amputada do joelho para baixo. Está sorrindo diante da tela que está pintando — Aquele ali, tem uma doença genética que o impede de se locomover — olho novamente e vejo outro garoto sentado, as pernas são um pouco tortas, há duas muletas ao seu lado.

— Quem é ele, tia Hanna? — uma garotinha pergunta, me assustando. Não tinha percebido que estava ao nosso lado.

— Um amigo — Hanna responde — Diga oi para o Gael, Alice.

— Eu tinha um cabelo igual ao seu. — A menina se aproxima tocando o meu cabelo, um lenço rosa com estampa de borboletas cobre sua cabeça.

— Alice, venha terminar seu desenho. — Uma moça a chama e ela sai correndo, sorrindo.

— Ela tem leucemia. — Hanna diz sem me olhar.

Olho para aquelas crianças, todas ali estão sorrindo de algo, ou concentradas em suas tarefas, nenhuma parece reclamar ou estar triste.

Então a realidade me atinge e percebo o que ela quis fazer, me trazendo até aqui. E eu odeio isso. Saio da sala e Hanna não me segue.

— Vamos embora daqui — falo para Micah e Josh que me olham completamente atônitos.

*"I owned every second that this world could give.
I saw so many places, the things that I did.
Yeah with every broken bone
I swear I lived."*

I Lived – OneRepublic.

"Eu possuía cada segundo que este mundo podia dar / Eu vi tantos lugares, as coisas que eu fiz / Sim, com todos os ossos quebrados / Eu juro que vivi"

Hanna

Assim que ouço o barulho da cadeira se afastando, quase desabo. Esfrego os olhos para conter as lágrimas. Eu simplesmente não consigo acreditar no comportamento dele, é um absurdo e totalmente imaturo. Não pensei que Gael fosse tão grosseiro assim, mas será que realmente o conheço?

Afinal, o que eu sei sobre ele?

A conclusão que chego me assusta demais. Gael é um completo estranho para mim. Estou transando com um estranho.

O que é que estou fazendo?

Meia hora depois, arrumo minhas coisas e vou para casa. O trajeto é lento e tortuoso, não consigo esquecer a surpresa estampada em seu rosto quando entramos na sala. Eu me sinto tão idiota por ter usado as crianças dessa forma.

Passo na cafeteria e compro um *Latte Macchiato*, aquele copo fumegante faz milagres com meus nervos. Enquanto bebo, memórias da nossa noite inundam meus pensamentos, seu sorriso, e até sua falta de paciência com algumas coisas. Nosso tempo foi tão curto, mas é como se nos conhecêssemos a vida toda. Gael é um homem com qualidades incalculáveis, além de absurdamente atraente. Mesmo sua possessividade é algo que o deixa ainda mais sexy. Existe algo inexplicável sobre ele que fica impossível de dizer não. Seja o que for, minha resposta é sempre sim quando se trata dele.

Olho várias vezes o visor do celular, sem mensagens ou chamadas perdidas, nem mesmo de Micah. Não sabia que poderia me sentir pior do que já estava, não até agora.

— Então, como foi com o roqueiro sexy e apaixonado? — Mag me aborda antes mesmo de dar o primeiro passo para dentro.

— Hum. Acho que posso ter estragado tudo — falo enquanto me sento no sofá e coloco minha bolsa de lado, esticando as pernas em seguida. — E só para constar, não tem paixão nenhuma

rolando.

Mag revira os olhos e senta ao meu lado, depois começa a estudar a minha expressão. Odeio quando faz isso, me sinto como se estivesse sendo observada por um microscópio. Ela me conhece há tanto tempo que tenho quase certeza de que vai descrever todo o ocorrido, sem eu dizer uma única palavra.

— Vai me contar o que houve ou preciso arrancar de você? — diz assim que termina sua análise. Sem outra alternativa, eu começo a falar; conto como foi perfeita a nossa noite e como pela manhã virou um desastre. Ela escuta com toda atenção não me interrompendo nenhuma vez, o que realmente não é bom. Minha amiga é explosiva, e quando fica calada, não é um bom sinal. De jeito nenhum.

— Diga alguma coisa! Você está me assustando.

— Babaca! — ela diz e suspiro aliviada.

— Eu sei. Ele foi mesmo, mas eu não consigo...

— Não! Você é uma babaca, não ele! — ela interrompe e me deixa sem palavras — E não me olhe com essa cara, Hanna. Como pode ser tão insensível?

— Eu? Você está falando sério? De que lado está, afinal?

— Do lado dos roqueiros sexys apaixonados, é claro! — responde como se fosse a coisa mais óbvia do mundo, o que vindo dela, certamente é.

— Você não entende.

— Não, Hanna, é você que não entende. Mesmo que as coisas estejam claras como água, você não entende.

— Vou para o estúdio. Você está sendo ridícula. — Meu tom sai mais frio do que pretendia.

— Seu pai ligou — Mag fala quando me levanto, automaticamente desabo no sofá. Minha visão fica turva, sinto falta de ar e acho que estou ficando sufocada.

— Respira, Hanna. Apenas respire — ouço a voz dela tentando me acalmar, mas está tão longe. Raiva, é a única coisa que consigo sentir. Por que ele me ligou? Depois de tantos anos, isso não faz sentido.

— V-Você tem certeza? — consigo balbuciar.

— Tenho sim, a voz dele é inconfundível. Antes que pergunte, ele não disse o que queria, apenas perguntou por você.

— E minha mãe? — Balança a cabeça negativamente e meu coração se despedaça mais um pouco.

Deito com a cabeça no colo de Mag. Nada no mundo poderia me preparar para uma ligação dos meus pais. Dez anos se passaram desde que ouvi a voz de um deles. Foram dez anos de puro silêncio, mas não fazia a menor diferença porque nunca tivemos um relacionamento saudável, não mesmo. Mas nesse momento, eu simplesmente não consigo entender o motivo.

Ou, talvez, como Mag mencionou, eu só não quero enxergar.

Horas passam e adormeço no sofá. Quando acordo, um cobertor está em cima de mim e uma música fraca toca na cozinha. Reconheço a voz no mesmo instante. Gael canta como ninguém, seu timbre de voz é capaz de derreter corações, ou mais precisamente, calcinhas. Desconfio que a segunda opção é mais recorrente.

— Aqui, garota — Mag me entrega uma xícara de chá, senta ao meu lado e me encara.

— Obrigada. — Ergo a caneca e fazemos um brinde com nossas bebidas — E obrigada

também pela música ambiente.

Ela sorri dando de ombros e nos recostamos para apreciar o chá e a voz de Gael.

— Ainda é doloroso para você? — Ela não tira os olhos da xícara.

— Não sei se consigo sentir alguma coisa.

É isso. Finalmente consigo expressar o que estou sentindo com essa ligação. Um grande vazio. Anos esperando por um telefonema, ou qualquer migalha que viesse deles. E agora, eu não sinto nada.

— Preciso ir para o estúdio. — Levo nossas xícaras para cozinha e coloco na máquina de lavar, o fogão exala um aroma maravilhoso.

— Você fez massa?

— Fiz e a senhorita não vai a lugar algum. Já está quase pronto, vamos comer e depois ver um filme, ou descansar. Você escolhe.

— Só quero trabalhar um pouco.

— Hanna, escuta, não vou te deixar subir dessa vez. Sinto muito, mas você não está bem. Amanhã tem que ir cedo trabalhar com seus delinquentes e a tarde no hospital, e não esqueça que tem horário com seu médico. Então meu bem, esqueça, hoje você não sobe.

— Eles não são delinquentes — suspiro frustrada, mas Mag tem razão. Provavelmente, eu iria me perder nas pinturas. Muita tensão num dia só, estou exausta fisicamente e mentalmente.

— Com certeza não estão lá por bom comportamento.

Sorrimos e ajudo a terminar o jantar. Comemos na sala, Mag tenta me distrair o tempo inteiro contando como foi seu dia e qual é sua nova conquista. Ela consegue distanciar minha mente de toda essa confusão, me arrancando sorrisos de vez em quando. Depois do jantar, consigo dormir mais leve e ao acordar sinto a falta de um corpo quente ao meu lado. Ah, Gael, o que você está fazendo comigo?

Levanto de péssimo humor, e só piora, porque ao olhar em volta e não ver Gael, sinto meu peito se apertar de dor. Mag não comenta nada e vai para o trabalho me deixando com meu humor de merda.

Pela manhã consigo me distrair com meninos na casa de detenção, hoje estão agitados e bastante animados, isso é um alívio para mim. Mesmo com guardas monitorando, ter cinco adolescentes sob meu comando, às vezes pode ser um pouco preocupante. Quando chega o horário de ir para o hospital meu coração acelera. Desde ontem Gael não entra em contato. Pensei várias vezes em mandar mensagens e até para Micah comecei a digitar uma, mas apagava logo em seguida.

Almoço em um bistrô que fica à poucos metros do hospital. O lugar tem uma atmosfera maravilhosa e intimista. Eu amo esse tipo de lugar.

Assim que chego no hospital, o pouco que sobrou do meu coração se aperta porque sei que ele não virá, principalmente depois do que aconteceu ontem. Micah chegou a mencionar que estavam preparando um espaço no apartamento para que a fisioterapia fosse feita em casa. Gael não queria expor nem ele, nem os integrantes de uma das maiores bandas da atualidade. E perambular pelo hospital, não estava ajudando a manter a discrição.

— Posso entrar? — Bato na porta de um consultório que conheço como ninguém.

— Temos alguma coisa marcada hoje? — Ele me olha confuso folheando sua agenda.

— Desde quando você usa agenda, Dr. Einstein? — Dr. Hunt ergue uma sobrancelha e joga a

agenda.

— Tem toda razão. Mônica teima em manter uma agenda e eu não sei pra quê, afinal, ela é a secretária. É ela quem tem que ter um troço desses. — O som da agenda quando atinge o chão me faz sorrir, ele indica com a mão para me sentar e obedecer.

— Estava com saudades — falo segurando sua mão. É incrível como me sinto bem na presença dele. Dr. Hunt me acompanha há tantos anos que se tornou muito mais que um médico. É meu amigo, o pai que nunca tive, para ser mais exata.

— Não me engane, mocinha. Mônica remarcou você pelo menos três vezes. O que está acontecendo, querida?

— Ando uma bagunça. E para completar, meu pai ligou.

— Hum — ele resmunga e pega o bloco de anotações — E como se sente sobre isso?

— Sinto que preciso de um amigo, e não de um psicólogo. — Dou um sorriso e ele larga o bloco de lado.

— Tenho filhos para criar, sabia?

— Você não tem filhos. — Cruzo os braços e o encaro.

— De novo você tem razão, mas tenho um cachorro.

— Ele está velho.

— Justamente. Precisa de mais cuidados e isso custa dinheiro. Como vou pagar se vocês só pedem pelo amigo e não o psicólogo?

Não consigo conter minha risada.

— Aí está. O sorriso que estava com saudades. Quer conversar sobre a ligação do seu pai? — Dr. Hunt levanta e vamos para o sofá, ele senta ao meu lado e segura a minha mão. Suas mãos são tão pequenas e enrugadas, e por um momento eu fico analisando-as.

— Sei que são lindas, mas preciso da sua atenção, garota.

— Desculpa — desvio o olhar das suas mãos — Não quero falar sobre meu pai, gostaria de falar sobre outra pessoa.

— Hum! Você tem minha total atenção.

Como se um caminhão de palavras tivesse tombado dentro da minha cabeça, começo a falar. Falo sobre a relação com Gael, não menciono seu nome ou o fato de ser famoso. Só de sua condição, sobre o que tivemos e como estraguei tudo.

— Ele é um grande babaca, sabe? — Dr. Hunt sorri.

— Por isso que te chamo de Einstein.

O restante da nossa conversa se resume ao meu dia a dia no hospital. Ele pergunta quantas vezes eu estive pintando e por quanto tempo. Conto como senti necessidade de pintar depois de tudo que aconteceu ontem e como Mag me impediu — Garota esperta — ele disse. Pouco tempo depois saio do consultório e vou direto para sala de pintura, pelo horário já estão todos me esperando.

Quando entro na sala, vejo uma cena que me deixa sem chão e de queixo caído. Ele está ali, sentado em sua cadeira conversando com Alice. Ele raspou a cabeça e quando me vê, só vejo desprezo em seu olhar. Fico congelada no lugar. Alice estava usando uma peruca. Foi feita com os cabelos dele?

Deus! Ele cortou os cabelos e fez uma peruca para ela. Eu me sinto um lixo.

Gael não fala uma palavra, se despede de Alice com um abraço e sai da sala, sem me dar um

único olhar.

*“Although the names change
Inside we’re all the same
Why can’t we tear down the walls,
And show the scars we’re covering?”*

Inside Us All – Creed.

“Embora os nomes tenham mudado / No fundo nós somos todos iguais / Por que não podemos derrubar essas paredes? / Para mostrar as cicatrizes que estamos cobrindo”

Gael

Se alguém procurar no dicionário o significado da palavra idiota, provavelmente verá uma foto minha. Em destaque. Foi exatamente isso que me tornei desde que a conheci, ou desde quando esse maldito acidente aconteceu. Perdi totalmente o controle das minhas emoções. De oito a oitenta, numa fração de segundos e isso não é bom, é perigosamente explosivo.

Quando Alice tocou meu cabelo, senti uma onda de eletricidade atravessar todo o corpo e posso jurar que essa sensação passou pelas pernas. Sai daquele lugar, atordoado. Sei que estou tratando todos da pior maneira possível. Droga, até meus amigos não sabem como falar comigo, mas Hanna ultrapassou os limites.

Quem ela pensa que é?

Uma boa foda, com certeza. Mas estava ocupando um lugar muito maior, e não era só na cama. Hanna estava invadindo um lugar que estava esquecido há anos.

Negligenciar o próprio coração tem seu preço e o meu estava sendo cobrado com juros. Ainda não estava pronto para encará-la, mas confesso que olhei mais vezes do que gostaria para o celular.

Não posso evitar o olhar de desprezo quando a vejo entrar na sala para ministrar a aula. Sua cara de espanto ao me ver é tão grande quanto o aperto que sinto no peito.

Saio sem me despedir e vou para casa. Ela não me segue, o que é bom porque preciso de tempo para colocar a cabeça no lugar. O desejo que sinto por ela é insano, o que me deixa assustado demais. Inferno, estou mais para acuado, na verdade.

Assim que chego em casa, Braden e Josh estão me esperando. Recuso-me a perguntar sobre Micah. Tenho certeza de que se descobrir que está com ela, meu orgulho vai por água abaixo e antes que eu me dê conta, estarei no apartamento dela.

Depois de muito discutir e acertar alguns detalhes, sinto que está na hora de voltar a ensaiar. Por incrível que pareça, ontem consegui escrever algumas linhas de uma nova canção. Para variar

Hanna estava na minha cabeça.

— Acho que podemos ensaiar aqui mesmo no estúdio — Josh fala olhando uma pilha de documentos. Propostas de marketing duplicaram desde o acidente, todos querem o cantor cadeirante estampando em suas propagandas.

Fodam-se todos!

— Tudo bem. — Concordo bebendo alguma coisa verde que a Sarah insiste que eu beba.

— Você parece estar em outro lugar? Está tudo bem aí? — Braden toca minha cabeça com os dedos.

— Acho que o cérebro dele foi embora, junto com os cabelos — Josh diz, largando os documentos.

— Falando em cabelos, você não nos contou o motivo disso. — Braden me encara, esperando uma resposta.

— Verdade, você era pirado no seu cabelo.

— Era só cabelo, vai crescer — respondo sem querer dar mais detalhes.

— Tudo bem, senhor “Não toquem no meu cabelo”. — Josh sorri.

— Onde está o Micah? — Não resisto, faço a pergunta que está me corroendo a porcaria da reunião inteira.

— Ele teve um compromisso. Uma garota, eu acho, não deu detalhes — Josh informa enquanto Braden me encara.

Merda.

— Tudo bem, Gael?

— Melhor impossível. Alguém topa sair para jantar? Estou precisando respirar.

Eles não pensam duas vezes porque desde o acidente não saio de casa. Só saía para o hospital, e para o apartamento dela, me lembro. Josh liga no restaurante que costumamos frequentar e solicita uma mesa reservada. Braden envia um texto para Micah avisando onde estamos e pede para se juntar a nós. Nunca desejei tanto que ele fosse nos encontrar.

O Mikonos é um restaurante japonês onde costumamos ter alguns jantares privados. Tem uma sala reservada onde já consegui bons momentos com algumas garotas. O lugar é refinado e não existe perversões, de forma alguma, mas ser amigo do Takashi, o dono do lugar, nos dá alguns benefícios. Conseguir uma mesa em um dia lotado é um deles.

Nossa chegada é como de costume, entramos pela entrada de serviço e alguns funcionários olham para mim, porém, mantêm a discrição. Takashi nos recebe sem fazer nenhum comentário, me tratando normalmente. Tapas fortes no ombro e fazendo piadas sobre meu novo corte de cabelo.

O lugar está lotado, tomo meu lugar e observo. Enquanto Braden e Josh pedem as bebidas, quatro mulheres entram no meu campo de visão e elas vêm em nossa direção.

— Você não fez o que estou pensando, fez? — Josh olha para as mulheres e sorri, amplamente. Droga, o maldito fez isso.

— Nossa diversão chegou! — As meninas se aproximam, uma cumprimenta Josh com um logo e, desnecessário, beijo na boca, enquanto a outra senta-se ao lado de Braden. As outras duas sentam ao meu lado.

Isso só pode ser brincadeira.

Não consigo reclamar porque logo o garçom traz saquê e as meninas começam a tagarelar. Nos velhos tempos, certamente não estaria reclamando, mas hoje a situação é um pouco diferente.

E quando vejo uma mão passar na minha perna, acho ridículo.

Alguém aí avisa a *senhorita mãos leves* que não sinto porra nenhuma na perna?

Rodadas e mais rodadas de bebidas são servidas. Sally, Molly ou sei lá como chama a acompanhante de Josh, já está sentada no colo dele enquanto Braden conversa com uma ruiva ao pé do ouvido.

Dane-se, viro o saquê que estava na minha frente de uma vez.

— Foda-se! — Digo antes que Braden me repreenda, a bebida desce queimando e ele sorri. Meu médico vai me matar, com certeza não deveria estar bebendo.

Na terceira dose, já não me importo com a loira sussurrando no meu ouvido. A menina tem a boca mais suja do que a minha, porém o efeito lá em baixo é zero. Droga, bem que eu poderia estar rodeado de duas morenas, não? Tinha que ser loiras?

Elas não são como ela. Hanna tem um sorriso de tirar o fôlego e o olhar intenso. Imagens dela me vem à mente e fico imediatamente excitado. A loira número um entende como um convite e começa a lambar minha orelha, fecho os olhos e só consigo pensar em Hanna. Enquanto uma coloca a mão descaradamente em um local muito privado, a outra chupa o lóbulo da orelha. Graças a Deus, nossa mesa é bem localizada e discreta, e a plateia não consegue ver o show, pelo menos não completamente.

Eu gemo e quando abro os olhos, me deparo com uma loira furiosa me encarando. E não é a loira número um, muito menos a número dois.

É Hanna.

Ela está elegante. Com um vestido preto na altura do joelho que revela seu corpo e tem as curvas mais perfeitas que já vi. Ao seu lado está Mag, que não tem um olhar muito amistoso e Micah.

Desgraçado.

Sem desviar do olhar dela noto Micah sussurrando algo em seu ouvido, ela assente e eles se juntam a nós quando mais cadeiras são disponibilizadas e o ar fica pesado, quase palpável.

As meninas ficam em êxtase com a chegada dele, Micah tem um sorriso fácil, e é conhecido por ser sempre cordial com todas. Estou começando a odiá-lo por isso.

— Não sabia que teríamos companhia — Micah fala olhando para as meninas sorrindo.

— E eu, não sabia que você iria trazer companhias — digo entre dentes.

— Desculpem, eu não deveria ter vindo. — Hanna se levanta e sai, sua amiga fica imóvel olhando para ela.

— Não se atreva a ir atrás dela. Eu vou. — digo para Micah e saio, deixando duas loiras tagarelas protestando para trás.

Consigo contornar as mesas até a saída, torcendo internamente para que ela ainda esteja lá fora. Não me decepçiono, pois, a encontro encostada na parede, seu olhar fixo para rua.

— Hanna. — Minha voz atrai sua atenção e noto os olhos estão vermelhos, mas não vejo nenhuma lágrima.

— Gael, esse não é o momento.

— Podemos conversar?

— Não sei se conseguiria me escutar, ainda restou alguma coisa do seu ouvido? — ela diz com ironia, e eu adoro o ciúmes estampado na sua voz.

— Está com ciúmes, Hanna?

— Eu? Claro que não — diz com desdém

— Mas eu estou, porra! — grito e me posiciono na sua frente, ela se assusta e dá um passo para trás, encostando na parede.

— Por que tinha que aparecer com ele? Porra, Hanna! Por que você não me procurou? — Eu me inclino puxando seu pulso, ela se aproxima também e seu rosto fica tão próximo quanto possível. Ela me encara com tanta valentia que fico surpreso.

— Você não tem esse direito. — A raiva é evidente em sua voz embargada. Olho para meu braço percebendo que ainda estou segurando seu pulso, afrouxo o aperto dos dedos, pois sua pele é tão branca que qualquer movimento mais forte deixará marca. E, Deus, como eu gosto de marcá-la, de morder todo esse corpo.

— Você é minha, Hanna. Entenda isso de uma vez por todas!

— Sua uma ova. Não pertenço a ninguém, Gael. Muito menos a uma pessoa que me olha com desprezo e depois corre para as primeiras vagabundas que aparecem!

— Eu estava pensando em você. — Seguro seu rosto com as mãos, encostando sua testa na minha. — Senti tanto a sua falta. Um dia sem você é como ir para o inferno, Hanna.

Ela não fala nada, mas quando fecha os olhos e respira fundo, sei que está sentindo o mesmo que eu. Beijo sua testa, olhos, nariz. E quando minha boca finalmente encontra a dela, somos interrompidos pelo Takashi.

— Seu carro já está esperando, Gael. Pedi para o motorista dar a volta já que ele foi para a saída de serviço. Estão com sorte, pois não tinha muita gente aqui fora, do contrário, teria sido um belo show.

Meu amigo sorri e entra no restaurante. Hanna senta no meu colo e afunda o rosto no meu pescoço. Não preciso perguntar quem chamou o motorista, meus amigos me conhecem melhor do que eu mesmo.

— Você está bem? — pergunto quando noto seu corpo começar a tremer levemente, ela está chorando.

— Hanna, me desculpa, eu sei que fui um filho da puta com você.

— Não fala nada, Gael. Agora não. Eu só preciso ficar assim um pouco.

Hanna fica no meu colo até o carro chegar. Ainda estamos na frente do restaurante e atraindo mais atenção do que eu gostaria, mas não tiraria ela dessa posição por nada no mundo.

Nosso trajeto é feito em total silêncio, não consigo decifrar o que está pensando. O que me acalma é que sua mão está entrelaçada à minha.

Entramos no quarto e ela me ajuda a trocar de roupa, dispensando Jackson que não argumenta. Hanna faz tudo em silêncio, nada sensual, está apenas cuidando de mim.

Nunca ninguém cuidou de mim.

— Preciso sentir sua boca novamente. — Minhas palavras saem como um apelo, assim que ela senta ao meu lado.

Hanna fecha os olhos como se estivesse dando total liberdade para fazer o que eu quisesse. Toco seus lábios com a ponta dos dedos, desenhando seu contorno como se estivesse realçando cada detalhe. Ela solta um suspiro profundo. Os dedos seguem para o pescoço; como ela é perfeita! Até esse pedaço da anatomia dela me atrai. Seguro firme sua nuca e beijo os lábios. A sincronia é perfeita e sinto Hanna se entregar totalmente nesse beijo. Tento transmitir o quanto sinto a falta dela, o quanto sinto muito por ter sido babaca, o quanto quero que fique.

Porra, como eu a quero aqui. Abro seu vestido e o tiro lentamente.

— Caralho, Hanna. — Ofego quando seus seios se libertam, ela está sem sutiã.

— Quero você Gael. Muito.

— Eu também quero você, Hanna. Tanto que me assusta. — Ela abre os olhos e tira o vestido.

Seus seios estão inchados, os mamilos implorando pela minha boca.

Quando finalmente os alcanço, Hanna joga a cabeça para trás enquanto sugo com vontade. Consigo sentir seu corpo entrar em chamas. Instintivamente, uma mão desce e pressiona por cima do pedaço minúsculo de pano que ela chama de calcinha. Hanna solta um palavrão e crava as unhas no meu ombro. Em resposta, mordo o seio e ela treme.

— Só vai gozar quando eu estiver dentro de você, querida. — Sorrio e tiro minha mão. Seu olhar fica furioso.

— Gosta de brincar, Gael? — Seu sorriso é malicioso e acaba com o que restou da minha razão.

Não preciso verbalizar nenhuma reposta, ela me ajuda a deitar e tira minha calça e boxer. Meu pau nunca esteve tão duro. Hanna observa e passa a ponta da língua na cabeça dele.

— Porra, Hanna... — Ofego e ela sorri.

— Quero que confie em mim, tudo bem? — No estado em que estou, ela pode me matar que ainda morreria feliz.

— Vá em frente.

Ela sai da cama e vai até o closet, logo retorna com uma faixa de cetim nas mãos. Posiciona-se em cima de mim, eleva meus braços e amarra os pulsos.

Putá que pariu.

— Vou te dar o melhor sexo que já teve, Malloy. E você irá pensar duas vezes antes de deixar qualquer vagabunda lambar seu pescoço novamente.

Perdi completamente a capacidade de falar. Hanna consegue me surpreender sem o menor esforço. Minhas mãos estão suspensas. Sei onde ela quer chegar, as pernas estão imóveis e agora, minhas mãos. Estou completamente a sua mercê.

E isso é muito foda!

— Vou deixar você observar.

São suas últimas palavras antes de começar a me torturar, ela começa pela orelha, mordendo exatamente no lugar que a loira – que nem lembro mais da existência – passou. Ela morde com força arrancando um palavrão de mim e me deixando cada vez mais duro. Acho que vou explodir antes mesmo da sua boca chegar no meu pau.

Hanna é implacável. Morde meu pescoço, ombro, e logo em seguida, lambe cada lugar para amenizar a dor que causou. Seus dedos passam, preguiçosamente, pelas minhas tatuagens. Ela não tem pressa, e eu amo isso.

Deus, amo cada movimento que ela faz.

Ela arranha meu abdômen, a língua passa pelo meu mamilo fazendo meu corpo estremecer. Tento em vão puxar meu braço e ela apenas sorri. Tira a calcinha e se aproxima. Começa a passar a língua devagar por toda extensão do meu pau, para logo em seguida, cobri-lo por completo com a boca.

Putá que pariu, eu vou morrer.

Hanna monta em mim, devagar, permitindo que eu a preencha toda. Estou em casa, é o que

sinto nesse exato instante. Que meu corpo pertence a ela, cada centímetro dele foi moldado para seu deleite. Assim como ela foi feita para mim.

Ela cavalga lentamente, tomando minha boca com paixão. Seus gemidos me deixam tão excitado, é uma melodia viciante.

Hanna desamarra minhas mãos, então seguro seu corpo. Elas vão direto para sua bunda, apertando, ditando um novo ritmo, até que, gozamos juntos.

Ela sussurra meu nome misturado a gemidos de prazer enquanto eu só consigo dizer o nome dela, o quanto é perfeita.

— Isso foi incrível — digo olhando em seus olhos, ela ainda está em cima de mim.

— Ninguém te amarrou antes?

— Nunca ninguém me fez sentir como você faz, Hanna. Essa é a diferença. — Ela sorri e me beija com ternura.

Relaxados, fechamos os olhos e dormimos.

Ouvi-la gozar chamando meu nome, é minha nova droga. Nada de remédios para dormir. Eu preciso dela, preciso ouvir sua voz gritando meu nome em êxtase como hoje.

Dormir ao lado dela é algo satisfatório, acordar ouvindo o som da sua voz é algo mágico.

— Gael, como ficamos nessa posição? — Ainda estou zozinho por causa do sono, e tento abrir os olhos para compreender o que ela está dizendo. Sua voz não está tão calma como sempre, então eu noto o motivo.

Ela está deitada com as costas para o meu peito, meus braços enlaçados na sua cintura, uma mão no seu seio e minhas pernas entrelaçadas às suas. Estamos deitados de conchinha!

— Puta Merda!

Ficamos paralisados. Quando dormimos, ela estava nos meus braços, mas não dessa maneira. Muito menos minhas pernas.

“I got all I need when I got you and I”

Flashlight – Jessie J.

“Eu tenho tudo o que preciso quando estamos juntos”

Hanna

Gael ficou completamente imóvel, em estado de choque. Ficamos em silêncio por um longo tempo até que ele me abraça forte e começa a soluçar.

Ele está chorando.

Já vi muitos homens chorarem em várias situações, mas esse se despedaçando em meu ombro, era de longe a coisa mais bela que já presenciei. Os braços me apertam com tanta força que quase me deixa sem fôlego, suas lágrimas caem livremente pelo ombro nu.

— Você está bem? — falo quando noto sua respiração acalmar. Ainda estou de costas para ele então não consigo ver seu rosto.

— Eu não sei, Hanna. Estou apavorado — ele confessa me deixando em pânico.

— Tente se mexer — encorajo, mas não sei se deveria fazer isso.

— E se eu não conseguir? — Tento me conter, o desespero é evidente na sua voz.

— Ei, está tudo bem, ok? Se não conseguir, o simples fato de estarmos assim, já deve significar algum progresso. — Aperto sua mão em um gesto para mostrar que estou com ele.

Gael parece pensar sobre isso e sinto-o encostar a cabeça no ombro. Logo depois o beijo, então o corpo dele inteiro fica tenso e ouço um grito de dor.

— Gael!! O que houve? Você está bem? — Viro rapidamente e ele está deitado com as mãos no rosto, chorando novamente.

— Meu Deus, Gael, o que houve?

— Isso doeu! Caralho, como doeu! — ele fala entre risos e choro. Jogo o meu corpo ao seu lado e rimos juntos, já não posso mais segurar minhas lágrimas.

— Você acha que consegue novamente? — Viro e ele me encara, enxugo seu rosto enquanto o meu ainda está molhado pelas lágrimas.

— Acho que não, foi um esforço muito grande. É como se um caminhão tivesse passado por cima de mim.

— Isso é um bom sinal, não é? — Sento na cama e meu coração parece que vai sair pela boca.

— Não faço ideia — ele esfrega o rosto mais uma vez — Eu só sei que foi estranho, me sinto exausto.

— Mas você sente as pernas? Não acha que devemos ligar para alguém?

— Vem cá — ele puxa meu corpo mais para perto, deitando minha cabeça em seu braço — Vamos ligar, está bem?! Mas por enquanto só quero ficar aqui — Beija minha cabeça e relaxo em seus braços.

O tempo passa em um silêncio confortável, Gael não se move, apenas suas mãos massageando minhas costas. Quando elas param, sinto sua respiração ficar mais lenta.

Ele adormeceu.

Saio da cama sem fazer barulho e noto o quanto parece estar exausto, porém seu semblante é sereno. Não contendo o sorriso que surge no meu rosto.

Entro no banheiro e olho meu reflexo no espelho, estou uma bagunça. Os cabelos estão um emaranhado só, mas nunca estive mais feliz por estarem assim. Entro no box e abro o chuveiro. Gael é realmente cuidadoso com os cabelos, tem pelo menos três tipos de shampoos na prateleira. Uso seus produtos sem cerimônia, ter o cheiro dele em mim é inebriante.

Prendo o cabelo ainda molhado e visto a mesma roupa que usei na noite anterior. Meu estômago está começando a protestar, então desço para comer alguma coisa.

Assim que termino de descer as escadas me deparo com Micah, ele me analisa da cabeça aos pés e depois sorri.

— Sabia que estaria aqui. — Ele se aproxima e beija minha mão.

— Acho que devo um pedido de desculpas — meu rosto cora de constrangimento.

— Não, Hanna, sou eu que devo. Eu sabia que ele estaria lá, mas não sabia sobre as mulheres. Se tem alguém aqui que te deve desculpas, sou eu.

Solto um suspiro e nos abraçamos. Micah em pouco tempo se tornou um grande amigo, nossa conversa é sempre leve, ele é realmente uma boa companhia.

— Ele está lá em cima? — Micah aponta para a escada.

— Sim, mas está dormindo — omito o que aconteceu mais cedo, não é algo que seus amigos devam saber através de mim.

— Vou esperar então, preciso falar com ele, Hanna. Eu vi como ele ficou quando nos viu e não quero que tenha a impressão errada sobre nós dois. Gael é como um irmão para mim.

— Vem, me acompanha no café então, podemos conversar enquanto o esperamos acordar.

Seguro seu braço e vamos para a cozinha, a mesa está posta e Sarah abraça Micah com carinho e enche-o de beijos. Percebo o quanto fica constrangido, mas é evidente a afeição que ela tem por todos.

— Então, Hanna, eu sei que não deveria me meter, mas como vocês estão? — No tempo que conheço Micah, nunca me questionou sobre o meu relacionamento com Gael, nossas conversas são sobre tudo, menos nossa vida amorosa.

— Sinceramente, não tenho certeza — digo tomando um gole do café enquanto ele me observa atentamente.

— Nesse caso, eu preciso te dizer que nunca vi ele assim. Ele parecia querer me matar ontem.

— Sinto muito por isso, Micah.

— Não. Já te disse que sou eu aquele que precisa se desculpar. O que eu quero dizer, Hanna — ele se inclina e segura minhas mãos — É que você está fazendo bem a ele. Gael não é mais o mesmo desde que te conheceu.

— Desde o acidente, você quer dizer.

— É isso que está pensando? Que ele não vai querer você, se voltar a andar?

— É disso que tenho medo, Micah. — suspiro apertando mais suas mãos — Eu já estou acostumada a não ser desejada na vida de alguém, mas não sei se consigo seguir em frente se isso acontecer com Gael. Ele se tornou algo tão importante para mim, ao ponto de me sentir vazia quando ele não está por perto, fico perdida, sabe?

— Ele não vai fazer isso — ele diz com veemência.

— Quem pode garantir? Ontem mesmo, ele estava com duas mulheres penduradas nele. — Faço uma careta ao lembrar da cena.

— Gael pode demorar a perceber, Hanna, mas sei que sente, exatamente, a mesma coisa que você. Só não espere arrancar isso dele tão cedo.

Ele sorri, batendo de leve na minha mão e voltamos nossa atenção para o café. Sarah nos enche com bolos, frutas e tudo que um café digno dos melhores hotéis pode oferecer. Eu me sinto em paz aqui, como se meus problemas deixassem de existir.

Quando acabamos, ele me acompanha até a sala e continuamos a conversa. Micah me faz sorrir como sempre; fazendo piadas sobre a banda e contando histórias sobre os shows. Quando estou segurando a minha barriga de tanto rir, ele me segura e ouvimos um barulho. Ainda sorrindo, me viro e vejo Gael nos observando de sua cadeira.

— Ei, cara, estávamos esperando você acordar. — Micah levanta e se aproxima para cumprimentar Gael. Ele não para de me encarar e quando olha para o amigo, tudo acontece em um milésimo de segundo.

Gael puxa Micah pela camisa e acerta um soco bem no meio do rosto. Com o impacto, os dois caem no chão. Eu grito tentando acalmá-los, mas Gael acerta mais um soco e Micah devolve e, de repente Micah está por cima dele.

A porta abre e ouço mais uma pessoa gritando ao mesmo tempo em que Braden entra voando na sala, acompanhado por Jackson. Eles conseguem separar os dois e Jackson ajuda Gael a sentar novamente na cadeira. A cena é chocante, como dois animais enfurecidos, Gael está tão vermelho que parece que vai explodir de raiva, enquanto Micah ainda tremendo tenta respirar fundo para se acalmar.

Eu não consigo falar.

— Porra. Que merda é essa? — Braden olha os dois e eles não emitem nenhum som.

— Precisamos conversar — Micah fala ainda com a voz pesada.

— Fique longe dela — Gael fala entre dentes. Braden me olha e percebo que não tinha me notado ainda.

— Ela é minha. — Escuto, ainda em choque quando ouço Gael dizer isso.

— Ela não é um objeto! — Micah grita e me sobressalto. O que esses dois estão fazendo?

— Gael, eu...

— Agora não, Hanna — ele me corta sem me olhar, continuando a encarar Micah. Está desafiando o amigo a chegar perto de mim?

Isso é ridículo.

— Eu vou embora — digo mais para mim do que para qualquer um deles.

— Suba, Hanna, converse com você depois. — Gael finalmente me olha.

— Subir? Você está me tratando como uma criança, Gael. Não sou sua propriedade, você não manda em mim.

— Quer saber? Foda-se! Pode ir, aproveita e pede para esse imbecil te levar embora.

— Você está sendo ridículo, sabia?

— Vocês é que são ridículos — ele grita.

— Você tem problemas, Gael. — Passo por eles e vou para o quarto buscar minha bolsa.

— E você notou só agora? — ele grita enquanto subo furiosa.

— Ela gosta de você — ouço Braden falar antes de chegar no andar superior. Gael passou de todos os limites dessa vez. O que ele pensa que eu sou? Um objeto que ninguém pode tocar?

Sento na cama e tento me acalmar, estou tão furiosa que sou capaz de bater naqueles dois. Brigar como animais, isso não faz nenhum sentido. Deito na cama e encaro o teto. Resolvo enviar uma mensagem para Mag, avisando que estou indo para casa. Sua resposta é rápida.

Estou te esperando. Bjs

Encontro minha bolsa e quando abro a porta do quarto quase dou de cara em uma parede de músculos. Braden sorri para mim.

— Você tem um minuto? — Respiro fundo e volto a sentar na cama.

— Eles estão conversando, caso queira saber.

— Pelo menos não estão se espancando. — Reviro os olhos e Braden sorri.

— Eles estavam precisando disso. Fiquei muito surpreso quando vi a cena. Pelo visto Gael ainda está em forma.

Não posso deixar de sorrir com a observação. Sim, ele está em ótima forma. Braden parece ser o mais velho da banda, o mais centrado também, pelo que Micah me conta. Ele, como todos os outros, tem um sorriso que pode derrubar qualquer mulher, e seu corpo não deixa nada a desejar, é um homem para se admirar.

Ficamos algum tempo conversando, ele pergunta sobre as minhas pinturas e meu trabalho no hospital. Não entramos no assunto Gael ou Micah, e me sinto estranhamente aliviada. Quando acho que não tem mais assunto e já me enrolou o bastante, pego minha bolsa e levanto.

— Bem, obrigada pela conversa, mas eu preciso ir.

— Ele quer que você fique.

— Eu sei, mas tenho que ir. Preciso trocar de roupa e se ele quiser falar comigo, sabe onde me encontrar. Você pode dizer isso a ele, por favor? Vou sair pela porta de serviço, não quero atrapalhar.

— Tudo bem. Eu darei seu recado, mesmo sob ameaça de levar um soco.

Sorrimos e Braden me acompanha até a porta. Ainda consigo ouvir alguns palavrões sendo proferidos ao passar pelo corredor. Droga de homens que mais parecem adolescentes.

*“This Time
When the lights die
And there’s nothing left to say
That’s when you’ll need me”*

When The Lights Die – Boyce Avenue.

“Dessa vez / Quando as luzes se apagarem / E não reste mais nada a dizer / É quando você precisa de mim”

Gael

— Então, os dois babacas já pararam de brincar? — Braden entra na sala, eu já não tenho forças nem para argumentar. Meu punho dói, a porra do olho direito dói.

— Ele só precisa se afastar dela e o problema está resolvido — digo olhando Micah que sorri ironicamente.

— O que deu em você, Malloy? Ela não é sua propriedade, e se ainda não enxergou, somos só amigos.

— Conheço você, Playboy. Você não vai brincar com ela. Entendeu?

Estamos tão próximos quanto possível, Micah está sentado em uma poltrona e minha cadeira está posicionada na frente dele. Braden solta um gemido e senta no sofá.

— Eu vou falar sério, se brigarem de novo, vou deixar vocês dois se matarem — ele diz olhando para nós dois.

— Diga que você entendeu, Playboy. Não me incomode de arrancar essas palavras de você.

— Certo, entendi — ele suspira colocando a mão no rosto. — Mas você é um idiota. — Sorrio.

— Um idiota que pertence a ela. Lembre-se disso.

Quando parece que finalmente chegamos a um entendimento, Josh entra na sala e nos olha incrédulo.

— Nossa, que bagunça é esta por aqui. Vocês brigaram? — Ele aponta para Micah e depois para mim.

— Sim — dizemos em uníssono.

— Mas que porra é essa?! Foi por causa da loira? A que acabei de ver lá embaixo?

— Ela saiu? — pergunto olhando para Braden.

— Disse que você sabe onde ela estará, não queria atrapalhar. — Ele dá de ombros.

— Deus do céu! Vocês são muito otários. Perdedores. — Josh senta ao lado de Braden.

— O que você entende disso? *Senhor Mestre dos Relacionamentos?* — Viro em direção a ele.

— Gael! — Braden me adverte.

— Não, eu quero ouvir que merda ele entende sobre isso?

— Eu entendo que vocês não devem deixar uma boceta atrapalhar a banda. — Grita enquanto se levanta e vem em nossa direção.

— Vou quebrar a sua cara, Josh. — Micah segura meu braço para que eu não avance — É só nisso que você pensa? Na banda? No dinheiro?

— E o que tem de errado nisso? Essa coisa toda do acidente já nos rendeu um bom prejuízo, e agora você está querendo uma namorada para te controlar?

— Quando assumir o que sente, Josh, talvez entenda o que está acontecendo entre Hanna e eu.

— Besteira. Assim que voltar a andar, ela será mais uma na sua imensa lista de foda.

— Já chega, Josh — Micah levanta.

— O quê? Você também? Ah, qual é?! Caras, vocês só podem estar de brincadeira. — Ele caminha até o bar e pega uma bebida — Servidos?

— Qual é o seu problema, Josh? — Braden fala com um tom de voz que eu nunca não tinha escutado.

— Meu problema? Qual é a porra do meu problema? — Josh joga o copo e ele se estilhaça no chão — Eu quero subir na porra do palco, quero tocar a bateria e sentir toda aquela vibração quando estamos lá em cima. *Esse é o meu problema, não a porcaria de uma foda qualquer.*

— Vai embora, Josh — Braden grita. Ele se retrai, mas logo se recompõem.

— Quer saber? Vai se foder você também, Braden!

Josh sai batendo a porta com força, fazendo o chão da sala estremecer. Braden senta derrotado no sofá e passa as mãos no cabelo, visivelmente atordoado.

— O que está acontecendo com ele? — Micah e eu nos aproximamos.

— A mesma confusão de sempre. Josh não sabe o que quer da vida — Meu amigo nunca esteve nesse estado, mesmo com todas as confusões de Josh, essa é a primeira vez que vejo Braden com esse olhar.

— Você tem que dar fim a essa palhaçada, Braden — Micah fala tocando seu ombro.

— Sim, eu sei. Só não imagino como. — Ele fecha os olhos e joga a cabeça para trás. Esse tempo todo estive tão envolvido com meus problemas que acabei negligenciando meus amigos.

Eu sei que todos estão sentindo falta do palco, a emoção e toda aquela adrenalina são o que nos motivava, isso nos torna mais vivos. Até mesmo para Josh, com sua bagagem complicada, fica bem mais fácil de lidar com tudo.

— Eu consegui mover as pernas hoje — digo rapidamente, ganhando um olhar incrédulo de todos.

— O quê? Como? — Micah pergunta absolutamente surpreso.

— Você está de brincadeira, Gael? — Braden estreita os olhos.

— Jamais brincaria com isso.

— Como isso aconteceu? — Micah pergunta novamente e senta ao lado de Braden. Começo a contar como tudo ocorreu, como foi sobre-humano o esforço que fiz para mudar de posição e da falta de coragem para tentar novamente. Logo, Braden pega o telefone e liga para o médico.

Uma hora mais tarde estamos saindo para o hospital. Envio uma mensagem para Hanna pedindo que me encontre lá, dizendo o quanto gostaria que estivesse presente e me desculpo por ter sido babaca.

Sua resposta demora um pouco e quando chega meu coração se aflige.

Oi, é a Mag. Hanna está no estúdio, assim que sair de lá, vou avisá-la. Parabéns pela melhora, e sim, você é um babaca. Bjs.

Aperto o celular com força e quase desisto de ir na consulta, porém, o sorriso estampado no rosto dos meus amigos, as risadas e piadas dentro do carro me fazem prosseguir.

— Josh já está nos esperando. — Braden confirma quando recebe uma mensagem de Josh. Eu sabia que mesmo com toda aquela explosão, ele não perderia esse momento. Ele pode ser um babaca na maioria das vezes, mas não é estúpido e acima de tudo, jamais deixaria qualquer um de nós na mão.

Assim que entramos no hospital, encontro Dr. Hunt saindo, ele para e me analisa.

— Não tenho nada marcado com você, tenho? — ele pergunta.

— Não, nossa consulta é amanhã e no seu consultório.

— Ah, que bom. Então, se me dão licença, rapazes, eu tenho que levar meu cachorro para namorar — ele passa apressado e antes de abrir a porta para sair, ele vira e grita — E, Malloy, você está com um sorriso idiota no rosto.

O cara é a pessoa mais confusa que eu já conheci.

Josh está nos aguardando na recepção, ele me dá um olhar caloroso apertando meu ombro. Eu sei que esse é o mais próximo de um pedido de desculpas que vai me dar. Ele não olha para o Braden.

Todos subimos para o consultório. O médico fica bastante entusiasmado com o progresso, mas avisa que é apenas o começo. Ainda teremos que fazer alguns exames e resalta que preciso me esforçar nas sessões de fisioterapia. Uma bateria de exames é solicitada e sou encaminhado para sala onde são feitos alguns testes de sensibilidade. Braden me acompanha enquanto Micah e Josh vão para a cafeteria.

Os exames são lentos e dolorosos, o médico informa que precisaremos esperar sair os resultados para começar a adaptar o tratamento. Depois de horas entrando e saindo de máquinas, e sendo furado em todos os locais possíveis, conseguimos sair do hospital. E pela primeira vez me permito ter esperança.

No caminho de casa, os rapazes compram comida em um dos restaurantes que frequentamos. Fico no carro esperando enquanto tento falar com Hanna.

— Oi, Mag.

— Você sabe que só tem algumas horas que mandou a última mensagem? — responde com raiva — Ela ainda está lá.

— Eu sei. Eu só... Ela está bem?

— Sim, está. Pelo menos do jeito dela.

— Ok. Se ela sair, por favor avisa...

— Eu vou avisar que você está enchendo a minha paciência. Pode deixar! — Ouço o sorriso por trás da sua voz.

— Tudo bem. E, Mag?

— Sim?

— Certifique-se de que ela coma.

— Vai mandar em mim agora? — Ela bufa.

— Não, só estou fazendo um pedido.

Desligo bem na hora que os rapazes entram no carro. Não consigo disfarçar minha cara azeda. Ainda não entra na minha cabeça por que as atitudes dela são assim, e ainda age como se fosse tudo normal. Será que ela tem algum tipo de transtorno?

Essa pergunta fica martelando na minha cabeça por todo o caminho. O ânimo no carro é evidente, todos estão muito animados com meu progresso, mas noto Micah me observando atentamente.

— O que aconteceu? — ele sussurra quando entramos em casa. Sarah vem nos receber e leva a comida para a cozinha, com Braden e Josh brigando pela comida.

— O que você sabe sobre a Hanna? — Micah me olha, passa as mãos no cabelo e depois respira fundo

— Porra, cara, é tão ruim assim?

— O que você quer saber? — Ele senta no sofá, colocando os cotovelos nos joelhos.

— Você disse que são amigos. Amigos conversam. Quero saber o que sabe sobre ela, sobre as pinturas, por exemplo.

— Você faz alguma coisa com ela além de transar? — Ele sorri.

— Derrama logo de uma vez, Playboy.

— Certo. — ele esfrega a ponta do nariz — Hanna é diferente, isso você já deve ter notado. Ela é especial, uma mulher que tinha tudo para ser amarga, mas, a única coisa que sabe ser, é generosa.

— E?

— E, bem, eu não sei muita coisa, Malloy. Isso não é segredo meu, não cabe a mim dizer.

— Ela tem algum tipo de distúrbio ou algo assim? Ela passa dias trancada pintando, e está fazendo isso nesse exato momento.

— Se ela tiver, faz alguma diferença para você?

— Claro que não — respondo rapidamente, mas isso não tem sentido. Ela é completamente normal, não é?

— Tem certeza? Com o *Grande e Sexy* vocalista voltando a andar, vai fazer alguma diferença?

Eu não consigo responder, ele me olha esperando uma resposta que nem mesmo eu tenho.

— Pense nisso.

Ele bate na minha perna e sai para a cozinha.

E se ela tiver algum problema? Será que isso faz diferença agora?

E, caramba, por que não me contou sobre isso? A única coisa que tenho certeza agora é de que eu preciso sair. Chamo Jackson e saio do apartamento sem falar com ninguém.

*“As much as I’d like
The past not to exist
It still does.”*

Lost In Paradise – Evanescence.

“Por mais que eu queira / Que o passado não exista / Ele ainda existe”

Hanna

Assim que chego à portaria, recebo uma mensagem do meu pai. Fico imóvel olhando o texto, e não acredito no que estou lendo. Ouço o porteiro me chamando para avisar que o táxi chegou.

Entro no carro atordoada, sem saber como reagir. A cabeça dando voltas e mais voltas, a raiva que nunca tinha sentido antes começa a me corroer.

Passo meu endereço ainda trêmula, tentando raciocinar o porquê disso, depois de tantos anos. Bile sobe na garganta e um gosto amargo se forma na minha boca.

Eu vou vomitar.

Solto várias respirações até que, finalmente, o táxi para em frente ao meu prédio. Jogo dinheiro para o motorista me desculpando apressadamente. Aperto sem parar o botão do elevador, e quando as portas se abrem, entro e me encosto na parede em busca de equilíbrio.

Lágrimas que não caíram durante dez anos, agora querem desabar. Quando abro a porta, passo correndo por Mag assistindo TV, e vou para o banheiro. Vomito tudo que comi durante o café.

A dor que sinto é tão grande que não suporto mais, caio no chão e choro compulsivamente. A porta abre e Mag vem me abraçar.

— Ei, o que houve? — Sua voz é suave, ela esfrega minhas costas tentando me acalmar.

Não consigo verbalizar o que estou sentindo, apenas deixo as lágrimas tomarem conta de mim. Meus soluços ficam mais fracos e então consigo erguer os olhos. Pego o celular e mostro a ela.

— Oh, Hanna. Eu nem sei o que dizer. — Mag me abraça novamente — Vem, vamos sair daqui.

Saímos do banheiro e vamos para sala, deito no sofá com a cabeça no seu colo, ela acaricia meus cabelos, enquanto eu penso no que fazer.

— Você está melhor? — ela pergunta preocupada.

— Acho que sim.

— O que pretende fazer?

— Nada, Mag. Vou fazer exatamente o que ele fez nos últimos anos, ignorar.

Ficamos em silêncio alguns minutos, Mag me serve chá enquanto continuo deitada. Não tenho forças nem para respirar.

— Acho que vou para o estúdio trabalhar um pouco.

— Hanna, isso é uma boa ideia?

— Preciso esquecer essa droga de mensagem.

Levanto e vou me trocar, visto *legging* e camiseta. Mag me encontra no corredor e entrega alguns sanduíches, sorri para mim e me abraça. Subo para o estúdio e faço a única coisa que me faz esquecer de todos os problemas, me entrego às pinturas.

Ajusto a tela no cavalete e me concentro. Faz muito tempo que não vejo o rosto que vou desenhar agora, mas com toda certeza é algo que eu não esqueço com tanta facilidade. Então começo as primeiras pinceladas.

Entre lágrimas e tintas, não sinto o tempo correr. Minhas mãos trabalham com tal agilidade que nem eu sabia que possuía. A mente volta no tempo, quando eu tinha tudo, menos aquilo que mais importava para uma criança.

Algun tempo depois, deito no chão e encaro o teto, não tenho vontade de levantar, quero apenas ficar aqui com meus pensamentos. A noite é uma perfeita companheira e a madrugada uma amiga. É quando a cidade muda seus sons, os barulhos das constantes buzinas já não são mais ouvidos, agora são só as lembranças que me embalam.

— *Ouça, Hanna, você não pode dizer isso a ninguém, entendeu? Será um segredo.*

— *Tudo bem.*

— *Você quer seus pais felizes, não quer?*

— *Sim.*

— *Então prometa, Hanna. Você nunca dirá nada sobre isso.*

— *Eu Prometo.*

Lembro-me dos sorrisos orgulhosos dos meus pais quando fiz essa promessa, era como se todos os problemas do mundo tivessem acabado. Estavam sorrindo para mim e isso nunca tinha acontecido antes, por um breve momento, senti-me orgulhosa por fazê-los felizes.

Não sei por quanto tempo estou deitada, mas sinto o pincel ainda na mão e já não tenho mais vontade de pintar. Na imagem praticamente pronta, o rosto impassível e imponente, daquele que um dia chamei, inocentemente, de pai, me encarava.

— Ei, posso entrar? — Maggie entra e me oferece uma caneca fumegante.

— Vim ver como você está.

— Acho que estou bem, obrigada — sento e pego a caneca das suas mãos. — Para você ter vindo aqui, devo estar horrível. — Bebo um gole e sinto um alívio imenso.

— Nem tanto, para falar a verdade. E é isso que me assusta.

— Desculpa, não queria te assustar.

— Não se desculpe, Hanna. Eu sei como deve ser difícil para você, e nossa, como eu queria socar aquele bastardo por fazê-la sofrer.

— Não tanto quanto eu, garanto a você. — Ela sorri e senta ao meu lado.

— Trouxe o celular, seu roqueiro ligou. — Olho para tela, são duas da manhã.
— Acho que está um pouco tarde para retornar.
— Ainda vai ficar aqui?
— Vou, mas sem pintar, quero apenas apreciar o sol nascer.
— Hanna... — fala em tom preocupado — Tem certeza que está bem?
— Absoluta.
— Eu não concordo, mas também não posso ficar. Promete ligar se precisar de mim?
— Prometo. Pode ir, Mag.
— Tudo bem. — Ela levanta e beija minha testa.
— E, Mag... Obrigada por estar aqui — falo quando chega na porta, ela vira e joga um beijo, e vai embora.

Pego um cobertor e arrasto a poltrona confortável para perto da janela, seguro a caneca contemplando a cidade vazia e suas luzes. Acho que sou capaz de ficar assim por dias, olhando cada detalhe.

Abro os olhos e o estúdio está à meia luz, a caneca já não está na minha mão, então percebo a presença de mais alguém.

— Gael! — Minha voz sai quase como um suspiro. Ele está tão lindo, e aqui, fico desesperada para abraçá-lo.

— Não queria acordar você. — Ele posiciona a cadeira na minha frente.

— Como conseguiu entrar?

— Quando cheguei Mag me trouxe até aqui. — Olho para janela, confusa. O céu ainda está escuro.

— Que horas são?

— Três da manhã.

— Você veio me procurar às três da manhã?

— Eu não sou nenhum maluco, ok? — Ele passa a mão na cabeça raspada — Mas eu queria muito te ver.

— E agora que me viu? — Ele pega minha mão e leva até os lábios.

— Agora eu preciso sentir você.

Ele beija cada junta dos meus dedos, puxando de leve o braço, um convite para me sentar no seu colo. Pego o cobertor e prontamente aceito a oferta.

— Você tem uma linda vista. — Ele vira para frente comigo aninhada nos braços.

— Sim, eu amo esse lugar. — Suspiro apertando seu pescoço.

— Está tudo bem? — Ele me aperta forte.

— Agora está.

Gael beija meus cabelos e ficamos ali, comigo no colo, ouvindo apenas sua respiração enquanto olhamos para os prédios à nossa volta. A cidade já não está tão iluminada e a sensação de paz é indescritível.

— Você foi até o hospital hoje? — Eu me ajusto olhando-o nos olhos, e ele sorri.

— Sim, e fiz uma série de exames.

— E? — Pergunto com um sorriso nos lábios.

— E, eu gostaria que estivesse lá quando eu for buscar os resultados.

— Gael, não acho que... — Ele me interrompe segurando o rosto com as mãos.

— Shhhh. Não diga nada, Hanna. Eu quero você lá.

— Mas, Gael, é muito importante, eu não quero tirar esse momento dos seus amigos.

— Hanna, você e meus amigos são os únicos que importam, quem eu quero comigo quando for buscar a porcaria daqueles resultados. — Seu tom não me deixa opção a não ser concordar.

— Estarei lá. — beijo seus lábios — Desculpe-me por ter saído hoje, mas acho que vocês precisavam conversar.

— Eu fui idiota demais com você, me perdoe.

— Não tem problema — passo a mão no seu rosto e ele se inclina levemente contra minha mão e então deposita um beijo na palma.

— Acho que estou atingindo altos níveis de idiotices com você — fala sorrindo.

— Pode-se dizer que sim. — Ele belisca minha cintura me fazendo sorrir.

Aninho-me mais em seu corpo. É tão estranho como nos encaixamos tão perfeitamente, mesmo sentados em uma cadeira de rodas desconfortável, eu não poderia estar melhor acomodada.

Quando estou começando a pegar no sono, ouço sua voz suave cantarolando no meu ouvido.

*“I’m looking at you through the glass
Don’t know how much time has passed
Oh, God, it feels like forever
But no one ever tells you that forever
Feels like home, sitting all alone inside your head”*

Reconheço a música, *Through Glass* da Stone Sour, a mesma que ouvimos na casa dele, na primeira vez que dormimos juntos. Nunca souu tão perfeita quanto agora. A voz dele é algo sublime, e é como se cada verso tivesse sido feito para mim. Ele canta suavemente, embalando e me embriagando com a voz.

Ele termina e começa de novo, três vezes. Em todas elas, me abraça com carinho, passando as mãos pelo meu cabelo e acaricia as costas. Ele não faz nada além disso, e é perfeito. Ele não questiona, nem mesmo sei se viu a pintura ou o que Mag disse. Mas só sua presença e o fato de que entende o que eu preciso, me acalma e me apavora na mesma medida.

Meus sentimentos por ele são maiores do que imaginava.

— Eu já vi muitas vezes o nascer do sol — sua voz é melancólica —, mas acho que esse será o único que não serei capaz de esquecer. — Ele me pressiona contra seu corpo.

— Nunca foi assim para mim também — digo com sinceridade. Eu já contemplei essa cena várias vezes, sozinha ou com Mag, mas assim? Com um homem? Desfrutando apenas do momento, com certeza será inesquecível.

— Passe o dia comigo?

— Eu preciso ir ao hospital no final da tarde.

— Posso te deixar lá, mas depois quero que volte para meu apartamento. — Isso não era uma pergunta.

— Você está me corrompendo, senhor Malloy.

— Você, senhorita Daves, já me corrompeu. — Seu sorriso me compece.

Ficamos mais um pouco apreciando o nascer do sol, quando finalmente me levanto, alongo meu corpo notando seu olhar de cobiça. Ele apenas pisca, dá um sorriso torto e alonga os braços

também.

— Suas pinturas são impressionantes — ele fala olhando em volta, meu estúdio está uma bagunça, vários quadros espalhados.

— Você acha? — pergunto sem jeito. Sempre fui muito segura, mas nesse momento, a opinião dele parece ser muito importante. Então o que eu não esperava acontece, ele vê os quadros que pinteí dele, ou melhor de suas tatuagens.

Merda.

— Isso aqui é o que eu estou pensando? — Ele aponta para um dos meus preferidos, é a tatuagem do lado direito.

— Vamos indo, ok? Isso já está bastante constrangedor. — Coloco as mãos nos olhos.

— Posso ficar ele?

— O quê? — pergunto espantada. — Você quer ficar com isso?

— É perfeita. Foi você que pintou e eu quero algo seu na minha casa. — Ele dá de ombros admirando o quadro.

— Bem, então, é seu.

Pego a pintura e entrego para ele, saindo dali o mais breve possível. Não sei se ele reagiria da mesma forma se visse o quadro que pinteí dos olhos de Micah. Estremeço só de pensar.

— Quando vai tirar esse sorriso idiota do rosto? — Pego a bolsa com algumas coisas e entramos no carro dele.

— Só estou aqui pensando há quanto tempo que é obcecada por mim. — Soco seu braço e ele sorri mais ainda. Idiota.

No caminho até o apartamento, Gael não para de sorrir, brincando o tempo inteiro sobre a minha obsessão com a tatuagem.

Chegando no apartamento, Sarah nos recebe com um largo sorriso e a mesa repleta, um café da manhã de dar água na boca. Gael pede licença e vai para o quarto seguido de Jackson para cuidar de sua higiene.

— Desculpe-me não poder tomar café com você, ok?

— Posso levar algo para você, se quiser?! — digo antes que ele suba.

— Eu agradeço. Obrigado. — Ele beija minha mão e sobe.

Sento sozinha e olho para a enorme mesa, parece que servirá um batalhão.

— Não se preocupe, menina. Os meninos ainda estão dormindo, esse café não vai durar muito tempo.

— Eles estão aqui?

— Sim, todos eles. E são um terror quando estão juntos.

Sorrio e começo a tomar meu café. Sarah deve ter razão, quatro homens juntos deve ser uma bagunça, e com base no que já vi, posso imaginar o que podem fazer.

Quando termino, preparo uma bandeja com tudo que Gael gosta, segundo Sarah; algumas torradas, geleia e quem diria, leite com cereal. Levo tudo para o quarto e quando entro, ele está sentado na cama. Jackson massageia uma das pernas e ele está com os olhos fechados.

Fico em silêncio para não atrapalhar e tenho certeza que não emito nenhum som, mas mesmo assim ele me chama.

— Sente-se aqui comigo, Hanna — fala ainda de olhos fechados.

— Como você sabe que sou eu? — Coloco a bandeja na cômoda e me acomodo ao seu lado.

- Consigo sentir sua presença.
- Como? Você tem superpoderes? — pergunto curiosa.
- Não — ele abre os olhos pela primeira vez — Acho que é algo bem mais forte que isso.

*“I thought that I heard you laughing,
I thought that I head you sing,
I think I thought I saw you try.”*

Losing My Religion – R.E.M

“Eu achei que ouvi você rindo / Eu achei que ouvi você cantar / Eu acho que pensei ter visto você tentar”

Gael

Quando percebi que estava, às duas da manhã, em frente ao prédio dela, sabia que tinha perdido o juízo.

Hanna tomou uma parte minha que nunca pensei que existisse. Só o fato de ir até lá, sentir seu corpo junto ao meu, é mais do que merecia.

Vê-la assim, tão frágil e ao mesmo tempo tão forte, tive a certeza de que iria protegê-la a qualquer custo. Mag não me disse o motivo dela estar daquele jeito. Depois de me chamar de louco por acordá-la àquela hora, ela me levou até o estúdio. Hanna parecia tão pacífica enquanto dormia, como uma boneca de porcelana.

Minha boneca.

Olho para o lado e vejo o mesmo semblante, ela dormiu antes de Jackson terminar a massagem. Não gosto de ter ninguém presente nesses momentos, mas com Hanna é diferente. Sua presença me acalma de forma inexplicável. O sorriso doce, a voz macia, que pode ser autoritária ao mesmo tempo, e esses imensos olhos cor de esmeralda. Tudo nela me hipnotiza, eu nunca desejei uma mulher como a desejo, e não estar por *inteiro* com ela me tortura.

Quando a encontrei dormindo naquela poltrona, meu único pensamento foi o de pegá-la no colo, levar para o quarto e fazer amor até a exaustão. Queria ajuda-la a esquecer a razão que fez seu sorriso desaparecer. Não foi preciso fazer nenhuma pergunta, pois consegui enxergar a dor naqueles olhos. E mesmo com a cabeça repleta de dúvidas, me controlei e mantive a boca fechada. Só queria ficar ali, com ela nos braços. Dando o conforto que precisava, e que não pensasse em mais nada além das minhas mãos nos cabelos e minha voz no ouvido.

Eu sou um bastardo doente.

— Bons sonhos — tiro seu cabelo do rosto e beijo os lábios enquanto ela dorme profundamente —, minha boneca.

A palavra *minha* vem à mente mais uma vez e sai através dos lábios como se fosse algo bastante simples, natural. É realmente isso que penso sobre ela? Que ela é minha?

Sim. Porra, sim! Ela é minha e vou fazer com que se lembre disso a cada maldito segundo.

Mesmo quando eu não estiver por perto.

A lembrança de que não estarei sempre por perto me estremece, meu desejo de voltar a andar e subir nos palcos novamente é tão grande quanto à vontade que tenho de ficar trancado com ela em um quarto apenas fodendo. Duro, forte, suave, lento e de todas as maneiras possíveis, até que a única palavra que ela vai conseguir pronunciar será meu nome.

Porra, eu devo estar muito fodido da cabeça.

Fecho os olhos na tentativa de dormir um pouco, preciso me preparar para mais tarde. Estão todos aqui e pretendemos ensaiar. E, merda, estou nervoso pra caralho. Mesmo sabendo que isso é só um simples ensaio, estou uma pilha de nervos. Olho para o lado de novo e o que vejo me acalma. Como ela consegue ser tão linda?

Em silêncio, faço uma oração pedindo a Deus que todos esses pensamentos de merda na cabeça não passem disso, pensamentos de merda.

Algumas horas depois, acordo com um barulho no quarto, na verdade parecia que estava tendo uma festa ali. Alguns assovios chamam minha atenção.

— Cara, como ela é gostosa — Josh fala olhando para cama, Braden estava ao seu lado sorrindo e Micah olhando na direção do banheiro.

— Mas que porra! — Olho para o lado e me dou conta do motivo do assovio e do comentário de Josh. Hanna está espalhada na cama, uma perna esticada e a outra encolhida, metade da sua bunda à mostra e a outra metade coberta pelo lençol. Ela ainda dorme profundamente.

— Hora de comer, vocês não podem viver só de sexo — Braden fala.

— Eu poderia — Josh diz, sorrindo maliciosamente.

— Sumam daqui seus pervertidos! — cubro praticamente todo o corpo, mas ela acorda no mesmo instante e começa a se alongar, ainda de olhos fechados, bocejando e com a porra dos peitos quase saltando para fora — Merda.

Jogo o lençol em cima dela enquanto grito para saírem do quarto. Hanna se assusta, ao mesmo que ouvimos gritos de *Sortudo* e *Egoísta*. Sorrio e penso no quanto estão certos.

— Meu Deus, eles estavam aqui? Todos eles?

— Sim — digo sorrindo enquanto ela cobre o rosto envergonhada.

— Eles não viram nada indecente viram?

— Eu poderia arrancar os olhos deles se tivessem visto mais do que deviam.

Hanna sorri e beijo seus lábios, poderia ficar assim pelo resto da tarde, se não fosse meu estômago protestando e a ameaça de invasão no quarto.

— Precisa de ajuda? — Ela passa a mão no meu rosto carinhosamente.

— Não, eu me viro. Pode deixar.

— Vou trocar de roupa então — beija meu pescoço e vai ao banheiro.

Já estou pronto para sair quando ela volta; vestida de short, que não cobre nada além da bunda e uma camisa da *Originals*, que por sinal ficou sexy pra caralho nela. Termina a trança colocando sobre um dos ombros e me lança um olhar travesso.

— Apesar de odiar saber que aqueles bastardos ficarão babando nessas pernas, eu confesso que gosto muito do que estou vendo — digo quando se aproxima, ela brinca dando uma volta completa e pisca para mim.

— Estamos com ciúmes hoje? — Ela se inclina e mesmo sem decote, os seios fartos enchem meus olhos. Eu conheço cada centímetro do que está dentro daquela camisa.

— Acho melhor irmos, ou não vamos sair daqui tão cedo.

— Não seria má ideia. — Ela morde os lábios me provocando.

— Não me tente, Hanna. — Vejo os pelos dos braços arrepiarem e seus olhos iluminando com o som da minha voz. Sorri e então descemos.

Todos estão na mesa, e se calam assim que entramos. Vejo como nos olham, Hanna segura minha mão e eu aperto um pouco, Josh dá um sorriso malicioso e Braden acena com a cabeça, Micah sorri para Hanna que retribui.

Tento não pensar em assassinato.

Ela toma seu lugar ao meu lado e o momento de silêncio se esvai. Josh é o mais barulhento de todos, ele está empolgado com o ensaio. Do jeito que vem me tirando do sério para ensaiar é capaz de ter um orgasmo nos primeiros acordes.

— Pronto para daqui a pouco? — Braden me olha.

— Com certeza — respondo

— Ele já nasceu pronto. Ele é a porra do Malloy — Josh fala enquanto engole a comida e não posso deixar de sorrir. Por mais idiota que ele seja, sempre fui como a merda de um herói para ele.

— O que tem daqui a pouco? — Hanna pergunta.

— Vamos ensaiar — Micah responde.

— Ah, eu não sabia. Posso ir para o hospital mais cedo, não quero atrapalhar — ela me diz constrangida.

— Não, você fica. — Meu tom é firme.

— Gael, eu não quero atrapalhar.

— Você fica, Hanna.

— Melhor não discutir, *garota do tempo* — Josh fala.

— Garota do quê? — ela fala virando para ele.

— Garota do tempo — ele fala orgulhoso como se tivesse dado a ela o apelido mais foda do mundo — No outro dia que vi você saindo daqui, estava olhando o celular e o porteiro te chamou pelo menos três vezes até que finalmente prestou atenção. Era como se estivesse perdida no tempo. Então, você é a garota do tempo.

Josh dá de ombros e Hanna franze o cenho, depois abre um sorriso e não se contém. Ela sorri genuinamente e o som da sua risada me pega de surpresa.

Eu poderia me acostumar com esse som.

— Você me ganhou, Josh. — Ela aponta um garfo. Ele que coloca a mão no coração e sopra um beijo para ela. Reviro os olhos.

No decorrer do almoço, Hanna conquista de vez todos eles enquanto permaneço calado. Ela não para de falar, arrancando risadas e confissões de alguns dos momentos mais constrangedores, e na sua maioria, eram sobre mim.

Minha garota está conquistando seu espaço e eu estou orgulhoso.

Quando terminamos, vamos para o estúdio. Já tem algum tempo que não entro ali. Percebendo minha hesitação, Hanna sorri e entrelaça os dedos nos meus. Levo sua mão até a boca e beijo lentamente.

Respira.

Inspira.

Abrimos a porta, com um suspiro que mais pareceu um gemido, entro. Está tudo igual; paredes à prova de som revestidas de tecido azul, microfones e mesa de som. Tudo intacto, menos eu.

Hanna se acomoda próximo a mesa de som. Eu pedi que ninguém viesse hoje, preciso de tempo para me adaptar a minha nova realidade. Braden ajusta a altura do microfone e Josh me entrega a guitarra. É como se uma energia me envolvesse, olho para o instrumento no colo e penso no quanto estava com saudades. Ergo a cabeça e encontro os olhos de Hanna focados em mim. Ela está concentrada e não desvia o olhar. Ouço quando todos estão prontos e a primeira nota vibra na minha guitarra.

We Don't Run do Bon Jovi é a música que escolhemos. Fala sobre não fugir, não importando quais são os obstáculos. É assim que estou me sentindo nesse momento. Sinto o som saindo da garganta e fecho os olhos. É como se estivesse voltando a viver, e tudo começasse a fazer sentido de novo.

No fim da música, todos estamos em êxtase. Josh joga as baquetas no ar gritando um palavrão enquanto todos nós rimos da sua empolgação. E quando olho para frente, encontro imensos olhos de esmeralda com um brilho diferente, refletindo alegria e dor ao mesmo tempo.

Nesse momento, Hanna percebe o que já estava temendo, mesmo se não conseguir voltar a andar, o palco é o meu lugar e a música é a minha vida.

*“There might be more than you believe
There might be more than you can see.”*

It's Not My Time – 3 Doors Down.

“Pode haver mais do que você acredita / Pode haver mais do que você pode ver”

Hanna

Sentada, observando enquanto tocam, meu coração acelera em um ritmo inesperado, e isso é novo para mim. São sensações que me deixam em conflito. Eu vejo como Gael se transforma quando está cantando e a única coisa que me vem à mente é como ele deve ter sido no palco.

A energia no estúdio é palpável, as emoções que vejo transbordando no rosto de cada um é indescritível. Josh toca a bateria como se sua vida dependesse disso. Braden está totalmente focado no baixo, enquanto Micah toca a guitarra com habilidade impressionante. Mas nenhum deles se compara a Gael. Os dedos passam corda por corda como se fosse algo tão precioso quanto a vida. Não noto nenhum movimento brusco, como vejo Micah fazer. Gael trata a guitarra como um bebê, algo delicado e valioso, e me deixa sem fôlego.

É provavelmente a coisa mais sexy que eu já o vi fazer.

O rosto radiante quando pega a guitarra, e então a ficha cai. Eu sei que ele vai voltar aos palcos, onde pertence. Vai voltar para vida. Uma que temia não fazer parte.

Eu tremo e percebo uma lágrima correr pela face e a limpo rapidamente. Quando terminam, começo a aplaudir. Eles são incríveis juntos. Josh joga as baquetas para o alto gritando. Não consigo parar de sorrir e corro para me juntar a eles.

— Vocês foram incríveis — digo ao abrir a porta, Gael me olha com uma expressão séria.

— Você vai ver quando começarmos a ensaiar de verdade — Micah diz sorrindo.

— Deus, eu preciso descarregar essa adrenalina. — Josh sacode os braços arrancando risada de todos.

— Vocês... — Gael passa a mão na cabeça, parece um pouco constrangido — Podem nos deixar a sós, por favor?

Entre gritos e assovios, Josh me entrega as baquetas fazendo uma reverência e eu agradeço constrangida. Depois que eles saem, eu ainda estou com sorriso bobo no rosto.

— Vem cá. — Ele estende a mão e quando as pontas dos dedos tocam os seus, é como se o mundo parasse, e não restasse mais nada entre nós. Devagar, nossas mãos começam a se entrelaçar e ele me guia para seu colo.

Nossos olhos se encontram e não consigo decifrar o que ele está sentindo. Parece um oceano pronto para me engolir. E eu entro sem medo.

— Sei que já ouviu muitos elogios, mas eu tenho que dizer, você é incrível! — Toco seu rosto e ele fecha os olhos sentindo o toque.

— Nunca levei elogio a sério. Não como agora. — Ele sorri e eu juro que quase derreto nesse momento.

— Como se sente?

— Como se pudesse desafiar a porra do mundo inteiro. — Sei que está falando a verdade. Entendo como é a sensação de estar no caminho certo, mas não posso evitar a risada.

— Então, *senhor conquistador*, antes disso, o que deseja fazer? — Coloco os braços ao redor do seu pescoço.

— Nesse momento? Quero começar conquistando você. — Ele segura meu rosto com as mãos e eu perco a fala. Sem necessidade de dizer mais, sua língua começa a explorar minha boca.

Ele é diferente do cara intenso que acabei de ver cantando, chupa meu lábio inferior me fazendo gemer. Ele não tem pressa, os beijos são tão delicados quanto o toque. Eu retribuo e consigo sentir seus batimentos cardíacos, ficando em dúvida se é pelo beijo ou pela euforia do ensaio.

Quando um gemido sai da minha boca, toda calma e delicadeza se esvai. Sua boca aumenta os movimentos e eles ficam mais urgentes, selvagens. Gael tira minha blusa e abre o fecho do sutiã, deixando meus seios livres para o seu olhar, e ele começa a beijar ternamente, sussurrando algo incompreensível na minha pele. Inclino a cabeça e deixo a mente vagar no mar de sensações que é esse homem.

Sua mão aperta minha coxa e abro para lhe dar mais acesso, os dedos habilidosos abrem o zíper do short. Eu esqueço de tudo e de onde estamos, em um estúdio de música. Levanto e ele faz um barulho frustrado, eu preciso tanto senti-lo.

Tiro o restante da roupa e seu sorriso não poderia ser mais presunçoso.

Ele não fala nada enquanto tira a camiseta. Em seguida, abre o zíper e sem nenhum esforço deixa o pau livre. Mesmo sentando em uma cadeira de rodas, seu olhar esquenta cada molécula do meu corpo. O suor escorre devido ao esforço durante o ensaio, e isso só o deixa mais... droga, duvido que um homem possa ser mais sexy que isso.

Gael me vira e fico de costas para ele. Suspiro quando sinto os lábios passando pela espinha e descendo pela bunda. Estou em pé, e as pernas fraquejam quando uma mão alcança meu clitóris. Um pequeno grito de prazer sai sem que eu possa conter. Estou tão perdida nas carícias, que não ouço sua voz, ou talvez seja ele que não está emitindo som algum.

Quando sinto que estou prestes a explodir, as mãos seguram meu quadril e gentilmente me abaixam. Gael me penetra, lentamente, beijando as costas e quando me preenche por completo, ele para.

— Caralho, Hanna! Como eu estava precisando disso — eu não respondo, começo a me mover lentamente, apoiando os braços na lateral da cadeira para manter o equilíbrio, até que consigo definir um ritmo. Gael geme e aperta meus seios, e quando seu corpo se inclina para trás, atinjo o ápice. Gozamos juntos, em perfeita harmonia. É intenso e ao mesmo tempo sombrio. A sala fica em completo silêncio, não parece a mesma de poucos instantes atrás. O farfalhar da cadeira de rodas não é mais ouvido, somente a nossa respiração. Ofegante, e irregular.

— Isso, foi... — ele diz, mas não se move.

— Foi.

Tento me levantar, mas ele enlaça os braços na cintura, fazendo as costas colarem em seu peito. Ele ainda respira forte, e o suor entre nós acaba me excitando.

— Acho que precisamos de banho. — Inclino a cabeça no seu ombro.

— Podemos fazer isso juntos, o que acha? — Morde minha orelha, criando mais uma onda de arrepios. Ele percebe, e então sorri — Acho que seu corpo tem outros planos.

— Ai, droga! — Lembro do compromisso no hospital. Levanto devagar para não machucar ele, pois ainda estava dentro de mim, e pelo visto, seu corpo está tendo os mesmos pensamentos do meu.

— Não sou culpado de querer você! — Ele levanta os braços em sinal de rendição. Se fosse outra pessoa, estar nu da cintura pra cima em uma cadeira de rodas e as mão para cima, poderia ser estranho. Mas com ele? É simplesmente sexy.

— Tenho que ir, eu não posso faltar. — Pego sua camiseta e jogo para ele. Depois de devidamente vestidos, saímos da sala e voltamos para o apartamento.

Durante o percurso, ele segura minha mão e brinca dizendo que poderia me dar uma carona até o quarto. Ainda tenho tempo, então comemos um lanche na cama, enquanto Jackson massageia as pernas. Seu semblante cheio de energia é substituído por dor e cansaço.

— Então, vocês vão começar a ensaiar de novo? — pergunto e mordo o sanduíche.

— Acho que sim — ele está de olhos fechados, absorvendo a massagem.

— E sempre ensaiam aqui?

— Algumas vezes, mas tem o estúdio da gravadora também.

— Posso assistir ao próximo?

— Pode ir em todos, Hanna. — Eu corro.

— Quando vai tocar algo seu para mim? — Seus olhos se abrem.

— Meu? Composto por mim? — Concordo com a cabeça

— Há muito tempo que não componho, Hanna.

— Não? Mas, eu vi algumas faixas no CD, a composição estava *The Originals*, pensei que fossem suas. — Ele suspira, aperta os olhos e os abre novamente.

— Passei por momentos bem pesados e me envolvi com coisas que foderam com minha cabeça. Depois disso, não consegui compor nada.

— Ah — É só o que consigo falar antes de morder mais um pedaço do sanduíche. Porém, ele desce com gosto amargo.

— Quem as escreve é Micah.

— E por que não tem o nome dele? — pergunto, confusa.

— Acredite, aquele Playboy é mais fodido da cabeça do que eu. — Ele sorri.

— Não consigo imaginar. Aliás, por que bateu nele naquele dia? — Uma sombra escura passa pelo seu rosto, mas ele se recompõe rapidamente.

— Conheço Micah melhor do que imagina. Se ele quisesse você na cama dele, é lá que estaria agora — não consigo imaginar Micah agindo assim. Gael percebe minha incredulidade e continua a falar — Ele não tem sentimentos, Hanna. Nenhum, pode acreditar.

— Hum, então, você é o *Insano* e ele, o *Insensível*? — Deixo o sanduíche de lado e dou total atenção a ele, um amplo sorriso surge no seu rosto.

— É quase isso.

— E você, Sr. Malloy, tem algum sentimento?

— Droga, Jackson! — Ele pula, mas pelo sorriso nos lábios do enfermeiro, a massagem continua normal.

— Desculpe. O que você perguntou mesmo? — Mordo os lábios para segurar um sorriso.

— Braden e Josh, como eles são?

— Ah, sim. Braden é como um pai ou irmão mais velho, e Josh é o oposto.

— E?

— Esses dois são bem complicados. É melhor não tentar entender.

— Eu sei, os opostos se atraem, certo? — Ele me olha incrédulo.

— O que você quer dizer com isso?

— Vamos apenas dizer que são uma banda bastante interessante.

— Hanna, não brinque com fogo.

Seu tom é de aviso, mas dou um sorriso tranquilizador e mudamos o rumo da conversa. Meia hora depois, começo a me arrumar. É incrível tudo que aprendi sobre ele durante nossa conversa. Mas é tão difícil imaginar todas essas informações novas. Gael, por exemplo, não consigo imaginar ele drogado ou algo assim, muito menos Micah sendo uma pessoa sem sentimentos. E quanto a Josh e Braden?! Sacudo a cabeça, é melhor nem tentar entender.

— Você vai dormir aqui hoje? — Gael pergunta me levando até a porta.

— Eu não sei. Tenho que ver o Dr. Hunt agora e...

— Dr. Hunt?

— Sim.

— Você é paciente dele?

— Gael, podemos falar disso outro dia? Estou realmente atrasada.

— Volte pra cá depois, Hanna.

— Por favor?! — Digo erguendo uma sobrancelha.

— Eu não pedi. — Vira a cadeira e começa a voltar para dentro ao mesmo tempo que as portas do elevador abrem.

Às vezes acho que odeio ele.

*"I don't deserve your love
But you give it to me anyway."*

I Don't Deserve You – Plumb.

"Eu não mereço seu amor / Mas você me dá ele mesmo assim"

Gael

Assim que nos despedimos, volto para o quarto. Eu já estava enlouquecendo só com a possibilidade de que ela não voltasse para cá. Cassete, que merda está acontecendo comigo? Desde quando eu me tornei esse cara?

Eu não tinha a menor ideia. Tudo começou como um jogo, eu queria provar algo a mim mesmo e não sei em que momento eu virei a presa. Só tenho certeza de uma coisa, eu não consigo mais ficar sem ela. E isso está me consumindo.

Cada momento que passamos juntos, aprendo algo novo. Ela é a única mulher que sinto vontade de conversar por horas, não apenas transar e ir embora. Sua risada faz cada célula do meu corpo vibrar. Hanna se tornou meu combustível, minha droga. E eu só tenho vontade de ter mais.

— Então, quando vai contar? — Braden entra no quarto me tirando dos meus pensamentos.

— Contar o quê?

— Não se faça de inocente, Gael, porque você não é. Quando vai contar pra Hanna o que vai acontecer? — Respiro fundo e solto o ar devagar. Eu não queria ter essa conversa agora. Porra, quem estou tentando enganar? Eu não queria ter essa conversa nunca.

— Quando for a hora.

— E quando será isso? Quando estiver entrando na porra do ônibus?

— É foda, Braden!

— Você já teve isso, Gael. Era para ser só sexo, cara. Só uma noite para saber se iria conseguir, e agora? Eu ouvi quando você praticamente intimou a mulher pra voltar. Isso não vai acabar bem, Gael, para nenhum dos dois.

— Eu tenho tempo. Ainda não começamos a ensaiar e tenho muitas sessões de fisioterapia ainda. Então, não enche o saco, caralho!

— Só não diga que não avisei. Ela gosta de você, mas não é para caras como nós — Braden passa a mão na cabeça refletindo suas próximas palavras — Você não vai querer arrastar ela para nossa vida, vai? Praticamente vivendo dentro de um ônibus. Essa é a primeira vez que passamos tanto tempo em casa.

— Eu sei, e só que... Cara, eu preciso dela. Não sei quando isso aconteceu, mas porra, eu preciso muito dela.

— Você está apaixonado?

— Não — falo em tom firme.

— Então que merda que você está fazendo, Gael?

— Olha, Braden, eu só preciso de tempo, só mais um pouco com ela. Hanna sabe que vou voltar para a estrada. — Eu vi isso nos olhos dela quando estávamos ensaiando, não precisou me dizer.

— Resolva isso, Gael. Precisamos de você.

— Agora você está falando igual ao Josh. Aliás, se tem alguém aqui com merda pra resolver, esse alguém é você! — Aponto para ele e Braden me encara com a expressão furiosa, ele odeia quando falamos a seu respeito.

— Não fale o que não sabe, Gael. — Ele fecha as mãos em punho.

— Já está bem na cara, sabia?

— Do que você está falando?

— De vocês, seu idiota. Quando vai parar com a palhaçada, Braden? É ridículo.

— Resolva seus problemas, Gael. Eu resolvo os meus. E quer saber, você está agindo exatamente como Josh.

Braden sai furioso do quarto e eu me jogo na cama, exausto. Odeio quando discutimos, principalmente quando o ataco com aquilo que sei que machuca ele.

Eu sou um idiota.

Procuro um bloco de papel porque quando algumas palavras surgem na cabeça, preciso escrever, afinal faz muito tempo que não consigo compor. Eu sei que são apenas palavras, mas juntas podem dizer tudo que eu ainda não tenho coragem.

INSANO

~~**Olhe nos meus olhos, e me diga que ainda não sentiu ...**~~

Risco as palavras, isso vai ficar uma merda. Encaro o papel por algum tempo e penso em tudo que passei para chegar até aqui. Todos os shows em bares com público de dez pessoas até o último show, um recorde de público que acabou em tragédia.

Fico pensando se Hanna aceitaria vir comigo. Pegar estrada não é fácil, mesmo com todo dinheiro que temos, são tantas viagens que em algum momento você acaba esquecendo aonde pertence. Eu nunca tinha visto esse apartamento como um lar, até hoje. Essa ideia é simplesmente absurda, mas ao mesmo tempo, pensar em recomeçar sem ela ao meu lado, chega a doer.

Eu estou completamente ferrado.

Coloco o bloco no lugar, vendo as únicas palavras que consegui escrever. Estou tão imerso em meus pensamentos que acabo dormindo.

Acordo desorientado e olho o celular. Nenhuma ligação ou mensagem. Droga, essa mulher só pode estar testando toda minha paciência.

Onde você está?

Mando uma mensagem e aguardo.

Em casa, acabei de chegar.

Como assim acabou de chegar? São dez horas da noite. Olho novamente o relógio.

Porque não voltou?

***Já está tarde, não quis incomodar.
Micah vai buscar você.
Gael, não precisa, amanhã nos falamos.
Ele estará aí em meia hora, fique pronta.***

Assim que mando a última mensagem ela liga e ignoro a ligação. Ligo para Micah.

— Onde você está?

— No meu quarto. Algum problema?

— O motorista está de folga, quero que vá buscar Hanna.

— Tudo bem. Quando?

— Agora. Ela está esperando no apartamento.

— Ok, vou pegar um capacete extra — fala e escuto ele se movendo.

— Só se você quiser morrer, pegue um dos carros.

Não dou tempo para argumentações, nem sonhando eu deixaria Hanna vir agarrada na cintura dele na garupa de uma moto. Só de pensar nisso meu corpo ferve de raiva.

Sarah entra no quarto logo depois trazendo a refeição. Assim que termino, vou para o banho. Sempre tenho uma sensação ruim quando sento na cadeira. Mesmo com todos os exercícios e um pouco de independência, sei que ainda falta muito à percorrer para voltar a andar. E contra toda lógica, essa informação não me assusta. Pelo contrário, fico animado. Significa mais tempo ao lado dela.

Olho na bancada e lembro de alguns itens dela que vi mais cedo, pego o celular e faço uma lista. Eu tenho que providenciar algumas coisas e deixá-la o mais confortável possível. Braden vai me matar, mas foda-se, ela é minha e eu a quero aqui o máximo de tempo que puder.

Duas malditas horas depois e nenhuma notícia de Micah ou Hanna. Mas que inferno? O que eles estão pensando?

Tento controlar a pouca paciência que me resta quando, depois de uma hora, Micah finalmente liga.

— Porra, onde vocês estão? — grito com ele.

— Cara, ela não quer ir.

— Como? Como assim não quer vir?

— Ela está furiosa com você. Disse que não ia para sua casa hoje e mesmo assim mandou buscá-la. Ela ao menos sabia que eu estava vindo?

— Me deixe falar com ela — exijo.

— Ela foi para o quarto. E mandou avisar que desligou o celular.

— Inferno!

— Dá para parar de gritar no meu ouvido? Já ouvi gritos demais por sua causa, quase apanhei aqui.

— Ela bateu em você? — pergunto incrédulo.

— Quase.

— Isso é bom. — Sorrio.

— Tudo bem, vou para casa agora. A amiga maluca está me olhando de maneira estranha.

— Você vai ficar aí.

— Mas...

— Aí, Micah. Vai dormir aí. Preciso da Hanna na portaria às sete da manhã — digo tentando

organizar meus pensamentos.

— O que você vai aprontar?

— Só esteja com ela às sete na portaria, ok?

— Como vou convencer ela? E sete da manhã? Cara, você quer me matar — Micah fala, frustrado.

— Faça só esse favor para mim, o resto eu resolvo. Hanna é pior do que eu nessas alterações de humor, droga.

Micah ri concordando comigo e me informa que se for atacado por Mag, ficarei devendo muito mais que um favor. Até parece, se ele recusar uma mulher, isso sim será estranho.

Depois de fazê-lo jurar que não vai passar nem perto da porta do quarto da Hanna, mando uma mensagem para Braden.

Preciso que você frete um jatinho.

Tudo bem, amanhã eu ligo.

Sua resposta é rápida, mas ele não entende.

Preciso que faça isso agora.

Isso é alguma piada noturna?

Não, apenas faça.

Droga, o que é dessa vez? Para onde vamos?

Nós não vamos para lugar nenhum. Eu vou com a Hanna para Bali.

Bali? Indonésia?

Que bom que ainda se lembra das aulas de geografia. E reserve um hotel.

Não sou a porra da sua secretaria.

Não, minha secretaria seria mais gostosa.

O que pretende fazer?

Sequestrá-la.

Assim que mando a última mensagem, fico imaginando a cara dele. Sim, se essa teimosa pensa que pode se afastar de mim, está muito enganada.

Ela pode te denunciar sabia?

Braden responde.

Ela estará ocupada demais gritando meu nome. De puro prazer, obviamente.

Já avisou Jackson?

Não, iremos só Hanna e eu.

PORRAAAAAAAAAAAAA.

Pode ter certeza que terão muitas.

Pessoas normais resolvem seus problemas com jantares, Gael.

Eu nunca disse que era normal.

*“All I have, all I need,
He’s the air I would kill to breathe”*

Breathe Again – Sara Bareilles

“Tudo que eu tenho, tudo de que preciso / Ele é o ar que eu gostaria de respirar”

Hanna

A cada dia me convenço que Gael e eu não somos como fogo e gasolina, nós dois somos as chamas, que juntas se espalham causando o maior incêndio já visto. E o que acontece depois de tudo pegar fogo? Sempre nos queimaremos. Ele tem a capacidade de me tirar do sério como nenhum homem, me faz sentir a mulher mais desejada e submissa, tudo ao mesmo tempo. Ele extrai o pior de mim, e eu não podia estar mais fascinada.

Assim que saio do apartamento, como já imaginava, o motorista está me aguardando e me leva até o hospital. Não estou atrasada para a consulta com D. Hunt, mas estou mais nervosa que o normal. Nossas consultas têm se tornado cada vez mais esporádicas e depois do meu envolvimento com Gael, ficaram cada vez mais escassas.

Dr. Hunt consegue arrancar informações minhas que até então eram desconhecidas por mim. E isso me deixa tensa porque não quero que saiba mais do que o necessário sobre o Gael. Não quero passar pela humilhação quando ele voltar para os palcos e eu me tornar apenas uma lembrança.

Cada passo que dou em direção ao consultório, repito para mim que não vou falar sobre Gael, mesmo que meu estado de nervos seja, exclusivamente, culpa dele. Repito também que não vou me deixar levar pelos impulsos, pelo amor de Deus, eu não sou assim. Mas não estou me reconhecendo mais, desfocada e totalmente obcecada por sexo. Sexo com um determinado roqueiro que me tira dos eixos.

— Boa tarde, doutor. — Entro e o vejo sentado lendo uma revista, quando noto a matéria de capa, quase tenho um ataque de pânico. Gael foi fotografado saindo do hospital e a manchete especula sobre sua recuperação. A foto parece ter sido tirada por algum *paparazzi*, ele não deve ter notado que foi fotografado.

— Olá! Veja se não é minha paciente favorita! — Hunt larga a revista e vem ao meu encontro, ele me abraça e meus nervos imediatamente se acalmam. Eu me sinto em casa.

— Você deve falar isso para todos os seus pacientes. — Ele pisca e volta a sentar na cadeira, ignorando a revista.

— Já faz um bom tempo, não? — pergunta, mas sei que ele não está *exatamente* perguntando, então apenas concordo com a cabeça.

— E então, o que trouxe você aqui hoje?

Hunt cruza as mãos e se inclina para frente, apoiando-se na mesa. Ele claramente espera uma resposta, mas eu não tenho uma.

— Eu não sei. — Sou sincera e ele sabe disso.

— Como estão seus pais? — Reviro os olhos, exageradamente, e olho em volta como se alguém pudesse ouvi-lo.

— Meus pais estão mortos, sabe disso.

— Vai ficar se enganando por quanto tempo, Hanna? Isso não te faz bem e você não é assim.

— Tenho sido essa pessoa minha vida inteira, Hunt. Você sabe melhor do que isso.

— Ah! Agora sou Hunt? Nada de Dr. Einstein?

— Desculpa. — seguro sua mão — E apenas não sei o que dizer.

— Você sabe, Hanna. Alguma coisa aconteceu e você sabe o que a trouxe aqui.

— Recebi uma mensagem dele — digo e ele aperta minha mão.

— Isso é ótimo. Ele ligou também, não ligou?

— Como pode ser ótimo? Não depois de todos esses anos! Isso não pode ser bom, eu sei disso.

— Você respondeu?

— Ignorei. — Ele solta um suspiro pegando a revista que estava lendo, abre uma página e vira para que eu possa ver.

Merda.

Engasgo na hora, a foto estampa uma página inteira com meus pais sorrindo, amplamente.

— Talvez, seja esse o motivo da ligação. — Hunt fecha a revista, mas a mensagem na revista é bastante clara, viajariam à Nova York, em breve.

— Com certeza é para se certificar de que mantereis distância. Não precisava se dar ao trabalho.

— Está na hora de deixar isso para trás, menina.

— Eu já deixei, e você sabe disso.

— Você ainda pinta?

— Sim.

— Ainda passa *dias* trancada?

— Eu sei onde quer chegar, e isso não tem nada a ver com minha concentração.

— Tem certeza? Porque eu acho que isso só acontece quando quer fugir de alguma coisa.

Ele levanta a sobrancelha e tento não rir da pelugem grisalha, sei o que ele quer, mas não vou ceder, não hoje.

— Não tem acontecido com tanta frequência — digo e me remexo na cadeira.

— Hum, então temos um novo foco, é aquele cara que mencionou? O roqueiro com humor de merda?

— Ele não tem humor...

— É, eu já saquei vocês há muito tempo.

— Saquei? Desde quando usa essas expressões? — Cruzo os braços, divertida.

— Seu namorado tem o linguajar pior, aposto. Não tem o melhor humor, mas vamos trabalhar nisso. — Ele não é meu namorado, penso.

— Você não deveria falar sobre ele — advirto e ele sorri.

— Ética nunca foi minha praia. Além do mais, acho que fazem bem um ao outro. Agora,

Hanna... falemos sobre seus pais.

Afundo na cadeira, derrotada, porque não quero voltar nesse assunto. Tento me esquivar o máximo possível, mas Hunt é implacável e começa a arrancar pedaços da minha história.

— *Escuta, Hanna, você não pode mais chegar perto deles, ok? Eles são muito pequenos — minha mãe fala assim que entra no quarto. Só estava vendo eles dormirem.*

— *Mas, são meus irmãos, eu queria brincar — digo com tristeza na voz.*

— *Não, Hanna, nunca mais repita isso! Eles não são seus irmãos. — Ela puxa meu braço, me levando do quarto.*

Foi a última vez que vi eles.

Estou em prantos mais uma vez quando termino de contar uma parte do passado, dor física é fácil de suportar, às vezes nem lembramos da sensação depois. Mas dor na alma, essa sim é insuportável e inesquecível. Alma quebrada não tem conserto, sentimentos não são como quebracabeças que você pode espalhar e depois juntar as peças.

É impossível.

Hunt espera pacientemente enquanto me recomponho, cada vez que venho aqui e tenho que me lembrar do passado, uma avalanche de sentimentos toma conta de mim. É o único momento que me permito sentir algo em relação a tudo isso.

— Sente-se melhor? — pergunta enquanto limpo as lágrimas do rosto.

— Acho que sim.

— O que vai fazer? Sobre a matéria?

— Não quero saber de nada disso, fiz tudo o que me pediram.

— Acho que você está indo pelo caminho errado, Hanna.

— Foi o caminho que eles escolheram, doutor. Eu sinto muito. Fui a criança que cresceu aprendendo a esconder segredos, e acho que as mentiras acabaram se tornando verdades na minha vida. E se for sincera, são verdades bem mais doces.

Depois, conversamos por mais tempo e ele me pergunta como está o trabalho no hospital e isso me dá novo ânimo, não falamos sobre meus pais ou Gael, mas tenho certeza que o segundo assunto é uma questão de tempo até que as perguntas comessem.

Sigo para meu apartamento, e acho que perdi a noção do tempo, pois está bem tarde. Não tenho vontade de voltar para a casa do Gael, não depois de tudo que passei hoje. Meus pais conseguem estragar qualquer vestígio de humor.

Quando abro a porta do quarto, meu celular apita com mensagens de Gael. Mesmo respondendo que acabo de chegar e que ficarei em casa hoje, ele insiste e pede para eu me preparar, pois estão vindo me buscar. Recuso e ele ignora minha ligação. Vou direto para o banheiro, decidida a não entrar nesse jogo. As coisas não funcionam dessa maneira, eu não sou sua propriedade para fazer o que quiser quando bem entender.

Deus, estou exausta.

Mag grita, avisando que vai preparar algo para comermos e entro no banho. Relaxo depois de alguns minutos e esqueço daquela porcaria de revista. Penso em mandar mensagem para Gael, avisando que vou amanhã em seu apartamento. Hoje eu só quero minha cama.

Saio do banheiro enrolada na toalha e ao entrar no quarto solto um grito de susto. Micah está parado no meio do quarto de braços cruzados e olhar perigoso. Senhor, se já não estivesse apaixonada pelo amigo dele, provavelmente, estaria na cama com Micah.

— Merda! — digo e ele sorri. — Droga, Micah, o que faz aqui?

— Seu namorado não avisou que eu vinha te buscar?

— Namorado? — falo confusa. Ele me lança um olhar que diz “Qual é?” e eu jogo um travesseiro nele.

— Não somos namorados, Micah.

— Diga isso para o senhor “Vá buscar Hanna! Agora!”.

Sorrio com a imagem que me vem à mente.

— Tive um fim de tarde de merda, Micah, e não estou a fim de sair. Só preciso da minha cama.

— Você sabe que se ele pudesse andar, ele mesmo estaria aqui, não sabe? E provavelmente jogaria você no ombro e te levaria a força. Estou pensando em fazer isso.

— Faça isso e corto suas bolas. — Aponto para a virilha e ele se contrai.

— Certo, mas você poderia se trocar, por favor? Está meio difícil me concentrar.

Olho para a toalha e fico completamente envergonhada. Coloco Micah para fora do quarto enquanto tento parecer mais apresentável. Assim que chego na cozinha, Mag já está colocando a mesa, com mais um lugar. Olho em volta e vejo Micah no sofá.

— Não adianta. Eu não vou com você. — Sento do seu lado e ligo a TV.

— Vamos comer primeiro, saco vazio não para em pé e nem pensa direito. — Ele me leva até a mesa e puxa minha cadeira, depois faz a mesma coisa com Mag. E ela se derrete.

Comemos um maravilhoso macarrão com queijo, não é um dos pratos elaborados dela, mas pelo horário, sei que fez isso porque sabia que eu não tinha comido nada, e é por isso que a amo demais.

Depois do jantar, eu me despeço para ir me deitar e aviso a Micah que vou desligar o celular, e que seu amigo vai ter que conviver com isso. Ele não fala nada enquanto saio.

Minha noite de sono é a pior possível, reviro na cama o tempo todo. Acho que não tenho pesadelos porque simplesmente não dormi. Pego meu *iPod* e seleciono algumas músicas da *Originals*. A voz dele funciona como um calmante.

Acordo quando alguém bate à minha porta. Nossa, essa voz tem poderes especiais, apaguei e nem percebi.

Levanto desorientada e procuro pelo celular. São seis da manhã? Não vejo nenhuma mensagem do Gael. Outra uma batida na minha porta me assusta. Que inferno, Mag não levanta assim tão cedo.

— Mag, não acha que é cedo demais?

— Levante-se e venha tomar café. — Micah?

— O que você está fazendo aqui às seis da manhã? — falo sem entender nada enquanto abro a porta.

— Eu não fui embora, tenho ordens para descer com você, às sete. — Ele entra no quarto todo desalinhado.

— Você o quê? — falo espantada — Dormiu na sala?

— Tecnicamente — ele passa as mãos no cabelo constrangido — Vem, você tem pouco tempo para o banho e um café rápido, vista algo confortável.

— O que está acontecendo?

— Seu tempo está passando.

Ele sai me deixando com cara de idiota, vestida de pijama na porta do quarto. Não sei o que aconteceu comigo essa noite, mas faço exatamente o que ele pediu, em meia hora estou na cozinha, tomando café com Micah e Mag.

Mag? Desde quando ela levanta tão cedo?

— Já terminou? — ele pergunta olhando o relógio.

— Sim. — Limpo a boca e olho para Mag que está distraída lendo jornal. Essa cena tem mais de uma coisa errada; a primeira é Mag acordada tão cedo e a segunda é que está lendo jornal.

— Apareça quando quiser, Micah. Mesmo se não for para sequestrar Hanna, fique à vontade para voltar.

Fico chocada olhando-a, já estávamos de saída quando Micah volta e a encara.

— Você deveria escolher melhor os caras que convida para sua casa, Maggie.

— Não tenho medo desses caras.

Micah se aproxima de Mag e com o dedo ergue o queixo dela, e se encaram me deixando constrangida.

— É porque nunca conheceu um igual a mim.

Ele se afasta e ela quase perde o equilíbrio. Certo, acho que os hormônios aqui estão em ebulição.

Descemos em silêncio, e ainda bem que Micah não comenta nada sobre a cena bizarra que acabou de acontecer, não sei se me sinto à vontade para conversar sobre isso. Mas tenho certeza de que ficarei sabendo até os detalhes não publicáveis, mais tarde.

Uma SUV preta está estacionada na frente do prédio, ninguém precisa me falar que Gael está ali dentro, consigo sentir sua presença a quilômetros de distância. Micah abre a porta e no banco de trás, encontro um Gael sorridente. Meu sorriso é automático, acompanha o dele como um reflexo no espelho. Do seu lado está Braden, de óculos escuros e nenhum sorriso. Micah fecha a porta e entra no banco da frente.

— Pode me dizer o que é tudo isso? — pergunto e ele pega minha mão.

— Senti sua falta — ele beija a palma —, e vamos viajar.

— Como? Você disse... viajar?

— Sim, só alguns dias.

— Não posso viajar, Gael.

— Eu não perguntei se você pode, Hanna. — Ele beija minha mão novamente e a solta quando o carro entra em movimento.

— Você está me levando contra minha vontade?

— Não. Você quer ir, só que ainda não sabe disso.

— Meu Deus, seu ego é maior do que eu imaginava — coloco as mãos no rosto — Gael, preciso estar no hospital hoje, e ainda tem a casa de detenção, eu não posso simplesmente viajar.

— Micah vai para o hospital, ele adora crianças, e Braden — ele bate no ombro do amigo — Vai cobrir você na casa de detenção, ele é bom com caras desajustados.

— Isso só pode ser alguma brincadeira? — Fecho os olhos com força e respiro fundo.

— E, tem uma mala pronta para você. Viu? Está tudo certo, estamos indo viajar. — E pega minha mão mais uma vez.

— Você é louco! — olho para Micah e ele dá de ombros.

— Eu nunca disse que era normal — seu tom me causa arrepios, e me beija nos lábios — Vai ser só poucos dias, só você e eu, prometo que não vai se arrepender.

— Como conseguiu roupas para mim?

— Estamos em Nova York, não tem nada nessa cidade que eu não consiga.

Braden e Micah sorriem. Essa é a primeira vez que vejo Braden sorrir desde que entrei no carro. O clima fica mais leve entre eles, e eu me acalmo.

Talvez, inconscientemente, Gael está me dando exatamente o que eu preciso nesse momento. Um pouco de paz. Uma fuga diferente.

“Oh there ain’t no reason for you to declare war on the one who loves you so.”

Soldier Of Love – Pearl Jam

“Não existe motivo para você declarar guerra / àquele que te ama tanto”

Gael

Nervosismo não fazia parte do meu vocabulário, pelo menos, não até Hanna surgir na minha vida. Uma noite em claro, rodando as lojas abertas nesse horário em Nova York, não foi capaz de me acalmar. Braden quase enlouqueceu quando propus que fossemos fazer compras. Eu teria Hanna por cinco dias, não queria nenhum motivo que a fizesse recusar essa viagem.

O arranjo de Micah sobre o hospital e Braden e Josh na casa de detenção foram bem-vindos, eles estavam entediados e seria um momento e tanto para aqueles garotos. Depois esses bastardos podem me agradecer por terem feito algo de bom em suas vidas de merda.

Eu poderia ter pulado de alegria ao vê-la entrando no carro, e quando concorda com a viagem, porra, eu sou o homem mais feliz dessa cidade. Seguro sua mão por todo caminho até chegarmos no aeroporto. Hanna está calma e enquanto conversa com Braden passando algumas instruções, consigo ver o deslumbre de um sorriso no seu rosto.

Quando descemos do carro, Braden me ajuda com a cadeira de rodas e me afasta de todos.

— Escuta, Gael — Braden aponta o dedo na minha direção — Espero que aproveite e resolva o que precisa com ela nesses dias. E o que tem na cabeça? Viajar sozinho? Nós não concordamos com essa loucura. Só pode ter enlouquecido de vez.

— Estarei com ela, você está surtando à toa.

— Pode ser, mas preste atenção. Você tem dois meses, entendeu? Dois meses e estaremos no palco em Miami. Assim que retornar dessa loucura, voltamos aos ensaios. Os ensaios de verdade.

— O que você está dizendo? Eu tenho uma porrada de fisioterapia para fazer, nem peguei os resultados dos exames ainda.

— Já está decido. Assim que retornar, voltaremos para nossa rotina.

— Quem decidiu essa merda?

— A banda. — Passo a mão pela cabeça, nervoso. Ele sabe como me atingir perfeitamente, porque quando todos tomam uma decisão, não tem argumentação.

— Vocês decidiram tudo pelas minhas costas?

— Se está bem para uma viagem maluca dessas, então já está pronto para assumir suas responsabilidades na banda. E não se esqueça, dois meses e pegaremos a estrada.

— E a fisioterapia?

— Um ônibus já está sendo equipado e dois fisioterapeutas serão contratados. Não se preocupe, Troy está cuidando de tudo.

— Porra! — Volto e vejo Hanna e Micah esperando na porta do avião.

Quando embarcamos, uma *Aisle Wheelchair*, um modelo de cadeira especial para me locomover dentro da aeronave, já estava à minha espera. Eu só quero ir para o quarto, estou exausto.

Depois de todo o procedimento de segurança, decolamos. Depois de anunciado que já podemos tirar o cinto de segurança, vamos conhecer o quarto.

— Será que as roupas que comprou me servem? — Hanna pergunta quando estramos.

— Não subestime meu conhecimento sobre suas curvas, meu bem — falo praticamente correndo em direção a cama e com certo esforço me estico nela.

— Passou um trem em cima de você? — Ela sorri e tira a sapatilha deitando ao meu lado.

— A noite foi longa. — Reprimo um bocejo e ela ri.

— Vamos descansar, minha noite também não foi fácil.

Ela deita a cabeça no meu peito e nos cobrindo com o lençol. Uma mão vai para baixo da minha camisa, e faço o mesmo com ela. O contato pele com pele me acalma e eu pego no sono.

Não sei por quanto tempo dormimos, mas o que me desperta é a bunda de Hanna se esfregando sedutoramente no meu pau. Puta merda, não existe maneira melhor de acordar. Minha mão vai direto para dentro do seu short e ela ofega.

— Você já está pronta? — sussurro no ouvido. Em resposta ela pressiona ainda mais o corpo contra o meu.

Estendendo o braço que está apoiando sua cabeça, desço a mão e alcanço o seio, ela geme baixinho enquanto as duas trabalham ao mesmo tempo lhe dando prazer.

— Tire a roupa — ela não vira, mas começa a tirar as roupas. Tiro minha camisa e sinto sua pele encostar na minha, é maravilhoso. Então, beijo seu pescoço. — Vou passar cinco dias enterrado em você, baby. E não vou parar.

Hanna vira o corpo e seu olhar encontra o meu, ela tem os olhos verdes mais lindo que já vi. Eles ficam quase transparentes quando está excitada.

Olha para meu jeans e começa a me despir. Agora não resta mais nenhuma peça de roupa entre nós.

— Espero que você cumpra a promessa.

Puxo sua nuca e colo meus lábios nos seus, estou desesperado para tê-la. Hanna brinca com a língua, chupa e morde os lábios, nosso beijo se torna cada vez mais envolvente. De repente, ela me puxa e nos vira, fazendo com que meu corpo fique em cima dela. Como conseguiu fazer isso?

— Hanna... eu... não estou te machucando, estou? — falo incerto, ela sempre ficava por cima. — E não tenho tempo de perguntar como conseguiu nos virar tão depressa porque o que fala em seguida me deixa sem reação.

— Quero sentir seu corpo em cima do meu, Gael. Quero você, desse jeito. Não se preocupe, você não vai me machucar.

— Merda. Faz muito tempo que não fico nessa posição — Falo enquanto enterro o rosto no seu pescoço, tentando acalmar meu coração.

— Eu confio em você. — Hanna segura meu pau e me guia. Beijo seu rosto devagar, apoiando meu peso nos braços.

Devagar, preencho cada centímetro dela, seus olhos jamais deixam os meus. Ela está totalmente exposta para mim, vou deslizando devagar aproveitando essa nova sensação, ela parece tão frágil assim.

Minha doce pintora está se entregando.

Quando estou inteiro dentro dela, solta um gemido e me beija. Reúno toda a força que tenho, mas não consigo me mover. Merda! Porém, ela não deixa isso me afetar e começa a fazer movimentos leves, e eu sinto que fui para o céu. E tão bom, caralho!

Hanna segura minha bunda com força me levando mais fundo a cada movimento seu. Unhas arranham minhas costas e eu mordo sua boca. Ela está tão molhada.

Nossos gemidos tomam conta do quarto. Estamos suados, sedentos um pelo outro. Hanna não para, pressionando seu quadril cada vez mais forte. E eu entro cada vez mais fundo.

— Goza comigo, Hanna. Por favor, eu não vou aguentar muito tempo.

Era isso, eu estava suplicando para que gozasse comigo, queria sentir ela quebrando em pedaços sob meu corpo.

— Eu estou quase lá. — Ela aperta meu braço com uma das mãos e beija cada pedaço acessível do meu corpo enquanto a outra continua apertando firme minha bunda. Cada gota de suor que encontra é lambida por ela.

Esse é o momento mais erótico de toda a porra da minha vida.

— Gael!

Quando grita, sinto os músculos se contraírem em volta do meu pau, é o gatilho que precisava. Eu gozo. O orgasmo é tão intenso que suga o resto de força que me restava.

Meu corpo ainda treme em cima dela. A cama está uma bagunça, meu suor pingando. Hanna me envolve nos braços, sinto seu coração tão acelerado quanto o meu.

— Você está bem?

— Acho que vou dormir e acordar só quando chegarmos. Você, literalmente, acabou comigo, Hanna.

— E isso é bom?

— Deus! Isso é perfeito. De onde tirou forças para me virar?

— De você — levanto a cabeça e encontro seu olhar — Você é a minha força, Gael. É o meu anjo.

Uma palavra jamais mexeu tanto comigo. Ela me chamou de anjo, logo eu, que sempre fui o diabo. Eu nunca quis ser o anjo de ninguém, até agora.

— Você me tem, Hanna. Cada pedaço de merda meu, é seu. Até o coração, que eu não sabia que ainda tinha, é seu.

— Gael, eu...

— Não diga nada, ok? Eu não faço ideia do que aconteceu aqui, mas foi a melhor coisa que já experimentei e não sei se um dia serei capaz de abrir mão disso.

— Um dia vai ter que acontecer.

— Não vou permitir.

— O que você quer dizer com isso? — tento me mover para sair de dentro dela

— Não ouse, você vai continuar assim. Quero você dentro de mim, Gael. Agora fale.

— Eu vou voltar aos palcos.

— Isso não é novidade, eu já sabia.

— Volto em dois meses. — Seus olhos se abrem e ela dá um sorriso triste.

— Então, vamos fazer valer a pena esses dois meses.

Não respondo nada e beijo os lábios dela, ainda não estou pronto para dizer tudo, primeiro preciso de um plano.

Depois de nos limpar, voltamos para a sala. Essa é a vantagem de jatinhos particulares, você pode fazer o que quiser, até a porra de uma festa.

Esse jato em particular, é o que sempre escolho quando viajo; amplo, tem acabamento todo em madeira, sete poltronas, sofá, e um espaço íntimo composto por duas poltronas de couro marfim e uma pequena mesa de madeira entre elas. Ao ver a mesa, percebo que estou faminto.

— Eu poderia comer um cavalo — digo quando consigo me ajustar na poltrona. Hanna me observa e sorri.

— Não duvido, eu também poderia comer um.

A tripulação começa a servir o almoço um pouco tardio, já que passa das três da tarde. Comemos um delicioso salmão com alcaparras e suco de frutas. Ainda estava proibido de tomar qualquer bebida alcoólica e não gosto muito disso, mas recordo de quando descumpri essa regra, e não foi das melhores lembranças que tive.

Tinha vontade de fazer tanta coisa com ela, uma, era levá-la até um chalé, beberíamos um bom vinho na frente da lareira e iríamos transar a noite toda. Preferencialmente, com ela de quatro.

Deus, só de pensar nela nessa posição, meu pau dói.

Olho para os dedos dos pés e os sinto mexer, quase imperceptível. É um pequeno avanço, mas o suficiente para renovar minhas esperanças. Quem sabe meu desejo possa se realizar num futuro não muito distante.

— Do que você está rindo? — Hanna pergunta e percebo que tenho um sorriso idiota no rosto.

— Ah, não você vai querer saber. Hanna, tenho algo para te dar, acho que vai gostar.

— Hum, o que é?

— Infelizmente, vai ter que ir buscar. Pega a mala pequena que está perto da cama, por favor?!

— Tudo bem. — Ela levanta e vai em direção ao quarto.

— E, Hanna...

— Sim?

— Não abra a mala. — Ela mostra a língua e sai sorrindo.

Pego o celular para verificar se tenho mensagens e não me surpreendo. Josh, Braden e Micah, praticamente, lotaram a caixa com baboseiras e brincadeiras infantis.

Enviar *selfie* dos três, mandando o dedo do meio? Sério?

Posiciono o celular e faço o mesmo. Eu nunca disse que era maduro, disse?

A resposta não demora.

Responda rápido: o que fizeram primeiro: transaram ou dormiram?

Josh pergunta, eu sorrio.

Dormimos.

CARALHO. Cara, você era meu ídolo. Me fez perder mil dólares.

Estavam apostando?

Mais ou menos.

Babacas.

— Você trouxe um corpo aqui dentro? — A voz de Hanna me distrai dos idiotas.

— Não reclama, ela tem rodinhas. Agora pode abrir.

— Bem que eu poderia ter feito isso lá dentro — ela resmunga por causa do peso.

— E qual seria a graça? Quero ver sua reação quando ver o que tem aí.

— Espero que não seja nada proibido para menores. — Ela dá um sorriso sexy e abre a mala.

Assim que vê o que tem ali, os olhos ficam vermelhos. Ela tira uma pequena tela branca e algumas tintas. Em seguida, um enorme bloco de desenho e lápis, muitos deles.

— Você pensou em tudo, não foi?

— Nesse exato momento, eu tenho certeza de que acabei pensando em tudo.

— Eu adorei.

— Temos um longo voo, não quero que fique entediada.

— Você nunca me deixa entediada — ela fala sem me olhar, encantada pelo material.

— Nem tudo tem que ser só sexo, querida.

Os olhos me prendem enquanto caminha lentamente até onde estou. Espalma as mãos nos braços da poltrona e abaixa a cabeça até alinhar nossos olhares.

— Estava pensando... mesmo que não seja só sexo, eu ainda posso pensar em outra forma de agradecimento. — Seu olhar vai direto para o meu pau. Merda.

— Você é má, senhorita Daves.

— Você não tem ideia.

*“How long will I love you?
As long as stars are above you
And longer if I can.”*

How Long Will I Love You – Ellie Goulding

“Por quanto tempo eu vou te amar? / Por tanto tempo quanto as estrelas estiverem acima de você / E por muito mais tempo, se eu for capaz”

Hanna

Passamos as próximas horas conversando, Gael me conta como adora viajar nesse jato e como será nossos dias. Estávamos indo para Bali e eu ainda não podia acreditar.

Assim que ele adormece, depois da massagem que fiz em suas pernas, pego o novo material de pintura e abro o caderno. Ele está dormindo de costas para cima, um braço cobrindo parcialmente o rosto. E sem camisa posso ver as tatuagens, elas parecem ganhar vida a cada respiração.

As asas nas costas, eram de um anjo sombrio. Mas, mesmo com esse lado obscuro, Gael era apenas o meu anjo.

Droga, eu estava completamente apaixonada. Essa viagem só vai servir para me machucar ainda mais quando tudo acabar, tenho certeza disso. Nossa história é um conto de fadas com prazo de validade. E agora, esse prazo já tinha até data definida. Dois meses, esse é o tempo que terei com ele.

Estava desenhando os traços da tatuagem, quando senti ele me encarando.

— Ei — sua voz grossa faz meus sentidos vibrarem —, por quanto tempo dormi?

— Quatro horas. — Confiro no relógio.

— Nossa!

— Você estava cansado.

— Para falar a verdade, eu estava relaxado. O que você está fazendo? — Ele senta na cama alongando os braços, seus músculos se contraem e eu aperto minhas coxas.

E o maldito percebe.

— Precisa de alguma coisa? — ele pergunta olhando para o meu corpo de cima a baixo.

— Você é tão convencido. — jogo um lápis nele.

— E como está se sentindo, alguma dor nas pernas?

— Está tudo bem. Olhe... — Gael puxa o lençol e mostra os dedos dos pés se movendo.

Depois gira um pé. — Está vendo? Tudo perfeito.

— Se você precisar de alguma coisa ou sentir algo, vai me dizer, entendeu?

— A única coisa que estou sentindo nesse momento, Hanna, é tesão.

Quando ele tenta puxar meu braço, ouvimos o comandante anunciar que em breve pousaremos.

— Acho que não vamos dar uma rapidinha. — Ele faz uma cara de desapontado.

— Vista-se, *deus do sexo*.

— Sabia que você me chamava assim nas suas fantasias. — Não contenho o riso. Jesus, como é convencido.

Guardo minhas coisas na mala e começo a me arrumar. Já anoiteceu então visto jeans, bata azul e sapatilhas. Começo a observar minhas roupas novas. É tudo tão delicado; blusas de seda, vestidos rodados, apenas dois jeans e muitos biquínis.

— Não me diga que foi você quem escolheu esses biquínis também?

— Foi — ele resmunga vestindo a camisa — Você não gostou?

— Gostei, mas também estou vendo que esqueceu as lingerie, não tem quase nada aqui — reviro a mala de novo e escuto a risada brincalhona. Ah, não!

— Você fez isso de propósito?!

— Achei que não fosse precisar delas.

— Seu pervertido! — Jogo uma blusa em seu rosto e ele a pega no ar levando até o nariz.

— Viu? Ela já tem seu cheiro.

— Será que é por que você comprou meu perfume também?

— Talvez. — Ele dá de ombros, sorrindo maliciosamente.

Fecho a mala e vamos aos nossos lugares nos preparar para o pouso. Dispensamos o jantar e ficamos conversando sobre tudo e nada. A vista é incrível, conforme o avião se aproxima do solo, as luzes da cidade ficam cada vez mais perto.

— É incrível, Gael — falo sem tirar os olhos da janela, ele segura minha mão e leva aos lábios.

— É sim, deve ser ainda mais bonito quando pousarmos.

— Você nunca veio aqui?

— Não, mas sempre quis vir. Queria que fosse em alguma ocasião especial. — Seu tom é melancólico.

— Obrigada. — Seguro seu rosto e beijo-o nos lábios.

Quando desembarcamos, um carro está nos esperando. Nossa, mesmo tendo dormido a maior parte do voo, ainda estamos cansados. Checo o celular e não há nada novo, algumas mensagens de Mag e nada mais. Suspiro aliviada e guardo o aparelho.

A chegada no hotel não podia ser menos surpreendente. O hotel era o *Togu Bali*, que fica na cidade de Canggu. As suítes ficam em construções isoladas, cercadas por jardins tropicais exuberantes. Eu estava em êxtase para ver todas as cores na luz do dia.

Depois do *check-in*, fomos levados para a suíte. Gael me explica que ao lado do hotel, fica uma praia isolada, em uma antiga aldeia de pescadores.

— Alguém fez o dever de casa — falo observando os jardins.

— Eu disse a você que sempre quis vir, eu penso sobre esse roteiro há alguns anos.

De repente, sinto-me um pouco estranha, não sei como me encaixo nisso tudo, em que lugar exatamente pertenco em seus sonhos.

Paramos em frente a suíte e um funcionário do hotel, trazendo nossas malas, abre a porta. Quando vejo o quarto fico sem fôlego. Cada detalhe é simplesmente perfeito. Os acabamentos são todos em madeira, a cama de dossel no centro é imensa. Lençóis e cortinas em tons pastéis dão um

ar romântico a decoração rústica. Uma mesa está localizada próxima às janelas, que acredito, ter vista privilegiada do jardim. É mais uma varanda separada por paredes de vidro. É possível ouvir o barulho do oceano daqui.

— Estou encantada — digo para um Gael todo sorridente.

— Então, acertei na escolha.

— É perfeito. — Começo a explorar o quarto.

— Podemos estrear a banheira agora? — Gael fala apontando para a imensa banheira de mármore com pétalas de flores flutuando na água. Ela já estava preparada e fica próxima de uma piscina, tudo isso cercado por um imenso jardim — Acho que não vamos sair desse quarto tão cedo.

Ele sorri e voltamos para dentro, coloco as malas no lugar mais fácil, já está tarde e meu corpo anseia por um descanso.

— Tudo bem se deixarmos a banheira para amanhã?

— Eu ia fazer a mesma proposta, mas tenho que preservar minha reputação. Vem aqui, estou com saudades de você. — Gael me puxa para o colo e eu vou de bom grado.

— Sabe que em breve não vamos mais poder fazer isso, né? — falo me referindo a essa posição na cadeira de rodas.

— E por que não? Será melhor, vou poder te carregar nos braços, deitá-la na cama, tirar sua roupa e beijar cada centímetro do seu corpo, começando pelos pés.

— Hum, isso parece uma excelente proposta, Sr. Malloy.

— Detesto quando você me chama assim. — Sua expressão é severa.

— Sério? Por que?

— Não sei, todo mundo me chama assim, eu gosto quando você fala meu nome, ou faz aqueles sons “mais Gael, por favor!”. — Ele geme fazendo uma imitação barata da minha voz quando estou implorando por mais.

— Você não presta. — Bato no seu braço e ele sorri.

— Eu sou o melhor, no quesito não prestar.

— Tudo bem, acho que é a nossa deixa para ir deitar. — Levanto e ele pega meu pulso.

— Eu disse alguma coisa errada? — Ele me olha confuso.

— Que você não presta. Você é muito melhor do que pensa, Gael. Olhe em volta e veja o que está fazendo pra o meu bem. Não subestime quem você é de verdade. E não se esqueça do que fez pela Alice, eu sei que nunca conversamos sobre isso, mas foi a atitude mais altruísta que já vi. Não se diminua, Gael, pelo menos não na minha frente.

Ele não fala nada e me solta. Vou até onde está a mala e começo a procurar algo para vestir. Por que será que não fico surpresa quando não encontro um pijama? Abro a mala dele e pego uma de suas camisetas, não preciso virar para ver que está sorrindo, eu sabia que era essa a intensão.

— Você quer tomar banho comigo? — pergunto.

— Promete que não vai abusar de mim? Sou um homem em uma cadeira de rodas.

Estendo a mão e vamos juntos para o banheiro. O local está todo adaptado para suas necessidades, uma cadeira de rodas, semelhante a que ele usa em casa para o banho, sem contar que provavelmente houve mudança na disposição dos móveis no quarto, porque há espaço para se movimentar sem dificuldades.

Depois do banho, ele veste apenas uma boxer e eu uso sua camisa. Retiro as pétalas de flores que enfeitam a cama, o perfume no quarto é agradável. Sinto-me em paz.

Assim que deitamos, adormecemos nos braços um do outro. Gael me envolve e a sensação de proteção é imensa. Então percebo sua perna se erguer aos poucos e cobrir a minha. Sorrio internamente, são pequenos os avanços e sei que demanda muito esforço dele, mas não poderia estar mais orgulhosa.

Acordo e a cama está vazia. Não sei que horas são, minha mente está confusa, deve ser pelo fuso horário. Viro-me e vejo Gael sentado na mesa, olhando para longe. Totalmente distraído do laptop na sua frente.

Levanto, coloco um chinelo e vou em direção a varanda. Ele está diferente essa manhã vestido apenas calça de pijama. Sua expressão é melancólica.

— Bom dia. — Quando ouve a minha voz, vira a cabeça em minha direção, me presenteando com o mais belo sorriso.

— Bom dia. Dormiu bem?

— Com os anjos — beijo-o nos lábios e me sento ao seu lado — Você poderia ter me acordado. O que está fazendo? — Aponto para a tela do laptop.

— Vendo nosso roteiro.

— Uau! Alguém está animado.

— Muito. E você?

A expressão dele é apreensiva, como se estivesse com medo da resposta. Decido me divertir.

— Não sei, imaginei que não fossemos sair do quarto. — Dou um sorriso maroto.

— Isso está no nosso roteiro, baby. Acredite, aparece muitas vezes ao longo do dia. — Suas mãos tocam minha coxa, me arrepiando. Como eu desejo seus toques.

— Jamais vou duvidar da sua capacidade de programar um passeio.

— É nosso momento, não vou decepcionar você — ele me beija nos lábios e sinto um frio no estômago — Pedi nosso café. Espero que não se importe, chegou faz pouco tempo.

— Obrigada. Estou faminta.

Olho para mesa e o apetite abre. São tantas opções. Entre a comida e beijos, Gael me mostra o que estava pesquisando. É incrível. Ele tem tudo planejado; passeios, pontos turísticos, visita a templos e restaurantes. Aponto para um em especial.

— Nascer do sol?

— Isso, eu quero que você veja.

— Mas você não vai junto? — Seus olhos se baixam por um instante, olhando suas pernas.

— Hanna, o caminho é um pouco complicado. Não vou conseguir, mas gostaria muito que você fosse. Na verdade, eu preciso que você faça isso.

— Não será a mesma coisa, Gael. Podemos deixar esse passeio de lado, não é necessário.

— De jeito nenhum. Eu quero que você vá, faça isso por mim.

Suspiro resignada, não é algo que eu gostaria de fazer sem ele. Gael é insistente nos argumentos e começa a me mostrar o roteiro que ele fez. Vamos para Ubud, de lá, sairei com um grupo de turistas de madrugada.

— Você vai ficar maravilhada, Hanna. Ver o nascer do sol em cima de um vulcão ativo é uma experiência única. — Seus olhos brilhavam a cada palavra. Sim, eu iria subir o vulcão *Mount Batur*, mas não estava animada para fazer isso sem ele.

Nos próximos dois dias, seguimos rigorosamente sua programação. Gael não me deixa dormir até tarde, ou perder nada do programado. Fazemos passeios a sós e também com grupos de turistas.

Ele foi reconhecido apenas duas vezes, achei um pouco constrangedor. As mulheres pareciam não notar minha presença, e por mais que eu me esforce, isso me incomoda.

O dia de subir o vulcão chega e Gael está eufórico. Insiste em verificar várias vezes se tinha água suficiente, além de me entregar um celular via satélite e um GPS que conseguiu, caso precise.

— Por que insistiu nisso? Eu queria ir, mas com você. — Cruzo os braços de forma infantil.

— Quero que você vá, Hanna. É uma experiência única, a gente nunca sabe o dia de amanhã e eu não quero que você perca isso por minha causa.

— Gael... — Ele me senta no seu colo. Estamos na praia, sentados em uma toalha estendida na areia.

— Quando chegar lá no topo e ver o sol começar a nascer, eu quero que você pense em mim — ele sussurra no meu ouvido enquanto olhamos para ao mar — Quando eu estiver na estrada e ver o sol nascer, não se surpreenda porque isso vai acontecer muitas vezes — ele beija meu pescoço —, eu sempre estarei pensando em você, Hanna. Sempre vou me lembrar desses lindos olhos verdes, em como seu cabelo brilha à luz do sol, e imaginar o quão lindo seu sorriso vai ser quando ver o nascer do sol.

— Eu amo você, Gael. — As palavras deixam meu coração e saem pela boca, inesperadamente.

— Eu sei, baby. Eu sei.

Ele me aperta com força e descanso minha cabeça no peito dele. O único som é o das ondas quebrando e seu coração acelerado.

Existem sentimentos que não precisam ser verbalizados; um abraço mais apertado, um ritmo descompassado a cada batida do coração, um olhar terno ou um sorriso sincero. E eu nunca tive isso na vida, fosse com palavras ou ações, não das pessoas que realmente precisei.

Eu tive todos esses gestos com ele. Do seu jeito torto, eu sei que ele sente o mesmo por mim.

*“The sad thuth’s I want no one
Unless that someone is you.”*

No One Else Like You – Adam Levine.

“A verdadeira tristeza é que eu não quero alguém / A menos que esse alguém seja você”

Gael

Estou agitado e irritado. Hanna saiu de madrugada e não consigo dormir de novo. Vou até a varanda do quarto e encaro o mar sem parar de pensar no que ela falou.

Eu amo você, Gael.

Quatro palavras que conseguem foder com minha cabeça. Estou confuso e furioso comigo mesmo. Não sei como agir, estava com tudo planejado para que fosse a viagem perfeita, e então poderia fazer a proposta.

Pensei durante o voo inteiro até conseguir chegar a um bom plano, se eu ainda tinha dois meses antes de pegar a estrada, eu queria aproveitar cada segundo com ela.

Eu amo você, Gael.

Porra! Por que as coisas sempre têm que ficar tão complicadas? Dois meses e depois cada um seguiria sua vida. Certo?

Inferno. Claro que não. Eu sou a merda de um babaca egoísta.

Olho no horizonte e o sol começa a aparecer, e um sorriso involuntário surge. Sim, ela está lá. Fecho os olhos e imagino seu rosto iluminado pela luz que está nascendo.

Perplexo, eu percebo que ela é a luz que falta na minha vida.

Volto para o quarto e deito na cama. Relaxo e adormeço sonhando com seu sorriso.

Acordo sentindo um calor familiar contra o corpo. Eu envolvo-a com os braços e pernas.

Minhas pernas a envolvem.

Ainda em choque percebo que ela está com uma das minhas camisas, perco qualquer pensamento sobre o movimento que acabei de fazer.

Minha doce pintora é a obra de arte mais bela já criada nessa humanidade.

Sem querer perder nenhum segundo, minhas mãos vão para barra da camisa puxando sobre o pescoço. Ela não protesta e sei que está acordada. E ela está sem calcinha.

Garota má.

Mordo o pescoço e ela aperta o travesseiro, abafando um gemido. A cada gemido que solta, tenho uma vontade insana de mordê-la mais forte ainda, de marcá-la. Quero que a porra do mundo inteiro saiba que ela me pertence.

Belisco os seios enquanto ela passa um braço ao redor do meu pescoço. E me puxa até que meus lábios encontrem seu ombro e enquanto passo a língua no local da mordida, ela se esfrega mais em mim.

— Oh Deus, isso é bom. — Sua voz rouca do sono me excita.

Minha mão desce e encontra seu clitóris, sinto-a se arrepiar. Beijo suas costas, a pele branca e sensível ficando vermelha por causa dos pelos do meu rosto.

Eu adoro o efeito que isso causa no seu corpo.

Tiro minha mão da boceta e acaricio seu quadril. Ela é gostosa pra caralho e eu amo como meus dedos afundam na sua carne. Acaricio a barriga, descendo pelo o ventre e por um breve momento, penso em como seria ver sua barriga crescendo, com um filho meu.

UM FILHO?! Cassete, de onde veio a porra desse pensamento?

Tiro a boxer e a mantenho de costas. Abro um pouco suas pernas e sinto o quanto ela está excitada.

— Eu pensei em você o tempo todo. — Suas palavras me deixam mais duro. Esfrego meu pau na sua bunda, enquanto dois dedos a penetram devagar.

— E o que você pensou?

— Em você, em nós. — Pressiono eles mais um pouco.

— Oh Deus! — Ela se contorce tentando falar. Mas é impossível, está totalmente entregue.

— Eu vou foder você, Hanna. Vou foder essa bunda gostosa e te dar mais orgasmos do que jamais pensou que fosse possível ter.

Ela se esfrega ainda mais no meu pau. Enfio um pouco mais os dedos dentro dela, num ritmo suave de vai e vem. Ela está tão molhada que vou usar sua própria excitação para me lubrificar. Retiro a mão dela e posiciono meu pau, quando ela empurra, controlo o ritmo segurando seu quadril. Eu entro nela bem devagar escutando-a gemer. Deslizo todo o caminho e depois me retiro. Ela protesta.

— Eu disse que ia foder a sua bunda, e eu vou. — Beijo seu pescoço e chupando o lóbulo da orelha.

Segurando seu quadril, trago-a de encontro com meu pau, no lugar que eu prometi. Ela está excitada e relaxada. Receptiva.

Porra, isso é bom demais.

Quando estou totalmente dentro dela, espero para que se acostume comigo. Estimulo seu clitóris, beijo o pescoço e começo a me mover com a ajuda do seu quadril.

Hanna pega meu dedo e enfia dentro dela. Colocando seu dedo junto.

Filha da puta!

A mão está guiando a minha e o dedo fazendo companhia ao meu, tudo isso junto com meu pau enterrado dentro dela. É excitante demais, totalmente erótico.

Putá merda! É muito foda.

Já não consigo me conter e aumento o ritmo. Com certeza vou deixar a impressão dos dedos no seu quadril. Essa mulher ainda vai me matar!

A cada estocada, ela geme, falando palavras desconexas, e me leva à loucura.

Quando sinto seus músculos apertarem nossos dedos, explodo. Música é o que escuto quando gozamos juntos, gritando os nomes um do outro.

Nesse momento, somos dois corpos saciados com uma única alma.

— Machuquei você? — pergunto, preocupado.

— Acho que vamos nos atrasar para o próximo passeio. — Ouço seu sorriso.

Saio de dentro dela com o corpo ainda quente e tremendo.

— Só um minuto. — Hanna levanta e vai para o banheiro, ouço o som da água e logo depois ela volta com uma toalha na mão.

— Vou cuidar de você.

Ela limpa meu corpo com cuidado e acho engraçado seu olhar concentrado.

— A banheira está enchendo. Você me acompanha? — ela diz enquanto leva a toalha de volta.

Estou sem palavras, essa mulher tira o pouco discernimento que tenho. O breve momento de carinho, misturado com as palavras, não saem da minha cabeça. Estou completamente ferrado.

Saio da cama e a encontro no banheiro, ela está nua olhando o reflexo no espelho. A visão das suas costas me hipnotiza, está toda vermelha e consigo ver a marca da mordida no ombro.

Droga.

Hanna me ajuda a entrar na banheira e depois se acomoda na minha frente, com as costas contra meu peito. Prendo seu cabelo em um rabo de cavalo e ela ri da minha falta de jeito.

— Acho que me excedi um pouco — passo o dedo sobre a marca no ombro e depois beijo suavemente.

— Você não se excedeu. Foi maravilhoso.

Você é maravilhosa.

— Como foi lá?

Ela deixa cair o pescoço no meu ombro e começa a me contar sobre o passeio e a emoção de tudo o que viu. Passo a esponja pelo seu corpo, absorvendo cada palavra. Consigo alcançar meu propósito, ela está feliz.

— Eu nunca serei capaz de agradecer pelo que fez. Foi a coisa mais bela que já vi na vida, Gael. O que eu senti lá em cima, foi... intenso demais.

— Seu sorriso é tudo o que eu preciso. Ver você feliz é o meu mais novo objetivo. E, Hanna, quando eu quero, alcanço todos eles. — Seguro seu queixo virando-o para beijar sua boca.

Eu não menti, enquanto estivermos juntos, vê-la feliz é o que vai me fazer acordar todos os dias.

Nosso último dia em Bali não poderia ser menos que especial. Passamos a manhã no spa. Graças a Deus, não tive maiores problemas, recebo massagem para minha circulação durante uma hora, e Hanna faz os exercícios de fisioterapia que Jackson lhe explicou.

Ela se diverte dizendo que vai tirar o emprego dele, e isso me fazia sorrir mesmo naquela situação constrangedora.

Almoçamos em um restaurante local e Hanna implica comigo porque me recuso a comer algumas coisas. Comidas típicas não são minha praia, enquanto ela não dispensa nada e eu tenho que fazer um esforço descomunal para não rir quando vejo-a torcer a cara quando não gosta de algo.

Preparei uma surpresa para mais tarde. Nossa última noite seria especial e eu tinha uma

proposta para fazer. Passei todos os dias dessa viagem tentando pensar em algo para mantê-la por perto durante os dois meses antes de pegar a estrada.

Quem estou tentando enganar? Eu quero ela por perto não apenas nos próximos sessenta dias.

Entro no quarto e a vejo concentrada no caderno de desenhos. Está sentada com as pernas cruzadas na cama, usando um minúsculo short e top. Seu peito sobe e desce conforme respira. É uma imagem impressionante, sua concentração é admirável, ela nem percebe minha chegada.

Eu decido não interromper e me aproximo da cama, observando seus movimentos. Ela morde os lábios e franze o cenho algumas vezes. É muito sexy.

— Eu poderia passar a tarde inteira observando você. — Hanna tira os olhos do caderno e sorri quando seu olhar encontra o meu.

— Acho que se continuasse nesse ritmo, seria muito mais que uma tarde.

Aproximo minha cadeira da cama e pego o caderno. Ela fez vários desenhos. Um deles, eu acho que é do nascer do sol.

— São perfeitos — digo com sinceridade.

— Apenas rabiscos. — Ela sorri tímida e tenta pegar de volta.

— Você é muito modesta. — Devolvo o caderno e ganho um beijo no rosto.

— E você é um sedutor.

— Não estou seduzindo você. Pelo menos não agora.

Hanna solta uma risada que ecoa pelo quarto. Seu sorriso tem um som extraordinário, a melhor melodia que já ouvi. É o som que me anima e acalma.

— Quero que você se arrume, tenho uma surpresa para nossa última noite.

— Nem acredito que já acabou. — Ela parece triste.

— Quer ficar mais? — Hanna vai até a varanda e contempla o mar. Cruza os braços e olha o horizonte, pensativa.

— Acho que seus amigos não iam concordar. — Sua voz perde todo o entusiasmo e ela não tira os olhos do mar.

Vou até onde está e paro ao seu lado. Seguro sua mão e fico ali, contemplando a mesma vista. A tarde está perfeita e o pôr do sol vai ser melhor ainda para o que tenho em mente.

— Vá se arrumar, baby — beijo sua mão — Encontro você em uma hora, alguém irá levá-la ao meu encontro. — Hanna não discute, apenas abaixa e me beija.

Troco de roupa e vou para a praia aguardá-la.

Tudo está perfeito, toco o bolso da bermuda para conferir se a caixa está ali. Minhas mãos começam a tremer.

Quando foi que me tornei esse cara?

“What am I to you?
 Tell me, darlin', true
 To me you are the sea
 Vast as you can be
 And deepest shade of blue.”

What Am I To You – Norah Jones

“O que eu sou pra você / Diga-me, querida, a verdade / Para mim você é o mar / Tão rápido como só você pode ser / E da cor azul mais profunda”

Hanna

Saio do banheiro apenas enrolada numa toalha, Gael não está mais no quarto e há uma caixa em cima da cama. Ao lado da caixa tem um bilhete escrito à mão com a caligrafia péssima.

Gostaria que você usasse o que está dentro da caixa. Quero vê-la com eles.

Seu Gael.

Meu! A simples menção desse termo me deixa ansiosa. Abro a caixa e o que vejo me faz sorrir. Um par de sandálias de tiras de salto fino, extremamente sexy. Da cor *nude* e combina perfeitamente com o vestido delicado que ele comprou.

Coloco o conjunto de renda da mesma cor das sandálias e me olho no espelho. Estou vestindo apenas lingerie, e a sandália valoriza minhas pernas e bunda. Com certeza ele pensou nesse detalhe.

Termino de me arrumar quando escuto uma batida leve na porta. Um mensageiro que vi algumas vezes no hotel, me avisa que vai me levar até onde Gael está.

Assim que saímos da suíte percebo onde está me levando, franzindo o cenho, fico parada. A praia! Ele não vai querer que eu pise na areia com esses saltos, vai?

— Venha por aqui. O Sr. Malloy reservou uma parte privada da praia. — fala o mensageiro depois de notar minha cara de confusa.

— Oh! — É o único som que sai da minha boca.

Andamos um pouco, até que avisto uma rampa de madeira, ela começa na calçada do hotel e se estende até um ponto iluminado na praia.

— É só seguir em frente, senhora. O Sr. Malloy a aguarda. — Ele aponta o caminho e eu agradeço.

O lugar parece deserto, e por todo caminho tochas iluminam meus passos. É impressionante e eu perco o fôlego.

No final da trilha de madeira, há uma enorme cama de dossel, os tecidos brancos balançam

com o vento. O som das ondas e do meu salto são os únicos barulhos no momento. Algumas tochas ao redor deixam o clima sensual e aconchegante.

Gael me encara do final da trilha, ele está na cadeira com um imenso buque de flores. Seu sorriso é contagiante.

Está vestido com bermuda caqui, que vai até o joelho, e camisa branca com as mangas enroladas. O contraste com o preto das tatuagens faz meu corpo se excitar. As luzes das tochas tornam tudo misterioso e intenso.

Perigoso.

— Já estava pensando que ia me dar o bolo. — Ele não espera eu me aproximar e me encontra no meio do caminho.

— Com um presente desses, esperando para ser usado? — Mostro as sandálias e ele me lança um sorriso travesso.

— Ah, sim, isso é apenas um detalhe, Hanna. Você está linda. — Ele me entrega as flores. São rosas, de todas as cores na verdade.

Isso me faz sorrir.

— Você me surpreende até na escolha das rosas.

— Não gosto do comum e você é uma pessoa especial. É como essas rosas, coloridas e alegres. Ele faz um gesto para que me sente no seu colo e nos leva para perto da cama.

— Eu adorei as rosas. E adorei a surpresa também.

— Que bom. Porque eu ainda nem comecei.

Coloco as flores em cima de uma poltrona que está ao lado da cama, e olho em volta novamente. É tudo tão perfeito.

Em seguida, Gael senta na cama e eu o acompanho.

— Não acredito que estamos sentados em uma cama no meio da praia.

— Vantagens de estar comigo — ele diz beijando minha cabeça.

— Você é um perigo para a sociedade.

— Sou um perigo para você — e cola sua boca na minha me fazendo suspirar — Olhe, quero que você veja isso.

Deito minha cabeça em seu ombro e olho para o sol. O sol com raios alaranjados que está se pondo é lindo. Como se estivesse, aos poucos, mergulhando no oceano. O barulho das ondas vai me relaxando aos poucos.

É como se só nós existíssemos. Nova York com trânsito louco e barulhos ensurdecedores, fãs gritando, fotógrafos e meu estúdio, tudo isso é engolido pela imensa bola laranja que está afundando mais e mais a cada segundo.

— Já te disse o quanto está linda? — Gael sussurra no meu ouvido.

— Já te disse que essa foi a melhor viagem da minha vida?

— A minha também.

Ele me aperta contra o peito, e quando a noite cai, ainda estamos na mesma posição. Amanhã cedo voltamos para realidade e meus olhos se enchem de lágrimas.

— Hanna. Eu estava pensando — saio do conforto do seu peito e lhe dou total atenção — Eu passei esses dias refletindo em como fazer isso dar certo. Tenho dois meses antes de começar a nova turnê, e...

— Eu já sei. Estarei com você.

— Espera, não é isso. Hanna — ele segura minhas mãos que já estão tremendo —, vamos começar a ensaiar pesado durante esse período, sem contar minha reabilitação. Eu tive muitos progressos, mas você sabe que tenho muito trabalho a fazer e ainda não tem nada concreto se irei ou não voltar a andar.

— Gael, sobre isso...

— Shh, só ouça, por favor — concordo e ele prossegue — Eu mal vou ter tempo de respirar, se antes, sem todos esses problemas era tudo atribulado, agora será muito pior.

Ele desvia o olhar e baixa a cabeça, parece que está procurando pelas palavras.

— Então, você quer acabar com isso agora? Antes que tudo fique pior.

— Não, de jeito nenhum. Eu... droga, eu nem sei como dizer isso — ele respira fundo — Eu quero que venha morar comigo.

Eu congelo.

— V-Você... o-o quê? — Começo a gaguejar.

— Calma, me deixa reformular isso. Eu quero venha morar comigo durante esses dois meses. Eu não sei quando terei tempo para estar você. Mas uma coisa eu sei, quando voltar para dormir na minha cama, eu quero encontrar você nela.

— Gael, isso é... Eu tenho minha vida, meu estúdio.

— Você vai continuar fazendo tudo isso, Hanna. Eu só quero chegar em casa e saber que estará lá. Não quero surtar, pensando em você trancada pintando por dias.

— Isso é loucura.

— Não é. Eu posso providenciar um estúdio para você no meu apartamento. Se você tiver vontade de pintar, vai pintar. Você disse que me amava, não disse?

— Isso é chantagem! — falo perplexa.

— Eu não disse que jogava limpo — ele pisca — Aceite, Hanna, eu sei que você quer isso também.

— Por dois meses? — pergunto, apreensiva.

— Dois meses.

— Senhor, eu tenho certeza de que vou me arrepender disso. — Cubro o rosto com as mãos.

— Obrigado! — Ele beija minha mão e coloca uma caixa na palma. Meus olhos não podiam ficar mais abertos.

— Isso... Ai, Meu Deus!!!!

— Abra primeiro, surta depois — Gael diz sorrindo.

Eu abro a pequena caixa e o coração dispara. Uma corrente de prata com um lindo pingente brilhante em formato de guitarra. Viro o pingente e leio a gravação.

Vou tocar sua alma.

— É perfeita. — Não consigo conter as lágrimas quando ele pega a corrente e coloca em mim.

— Perfeita é você, Hanna. Eu sei que deveria ter escolhido algo um pouco menor, mas saber que está usando isso, me deixa mais que excitado.

Então nos beijamos. O silêncio da praia já não existe mais, os gemidos que saem da garganta dele são como acordes da mais perfeita melodia. A nossa melodia.

Sua mão no meu cabelo passeia com tanta delicadeza. Mesmo com todos esses músculos, Gael tem o mais gentil dos toques. Nossas cabeças inclinando de um lado para o outro, tão suave como

a brisa que sopra, tão doce quanto o gosto da sua língua quando toca a minha.

Meu corpo é atraído pelo dele com tanta intensidade que fico tonta. Sua mão segura firme a minha cintura, enquanto a outra desce pelo meu pescoço, passando delicadamente as pontas dos dedos no pingente, para por fim, se perder no meu decote.

— Nosso jantar já vai ser servido — suas palavras me tiram da minha bolha de excitação. Eu queria protestar e pedir para esquecermos o jantar, mas quando viro para trás, vejo vários garçons andando pela rampa empurrando carrinhos de comida. Meu estômago aprova a ideia no mesmo instante que o aroma invade minhas narinas.

— Um brinde — Gael me entrega uma taça de champanhe e olho para sua mão — Não me olhe assim mamãe, é apenas uma taça, vou ter a mulher mais linda que conheço por dois meses dormindo na minha cama, eu tenho que comemorar.

Brindamos enquanto os garçons arrumam uma pequena mesa.

Nosso jantar não é nada menos que esplêndido. Gael preferiu não arriscar e comemos frutos do mar, nenhuma iguaria local foi servida e ele comia aliviado.

— Então, me conte um pouco mais sobre você — ele pergunta quando já estamos deitados olhando para o mar. Ele está sentado e eu estou encaixada na sua frente, seu peito colado na minha costa, minha mão pousa na sua coxa.

— Não tem muito o que saber.

— Seus pais, por exemplo?

— Estão mortos — digo a mesma frase que fui treinada a dizer durante toda a minha vida, ela sai tão facilmente dos meus lábios.

— Sinto muito — ele é sincero.

— Não sinta, eu não sinto — ele cruza seus dedos com os meus apertando levemente.

— É agora que você diz que não quer falar sobre isso?

— Apenas não há o que falar. E você? Seus pais?

A conversa volta a ter um tom mais leve, Gael me conta sobre a sua infância, seu pai ainda é vivo, sua mãe morreu quando ele ainda era um adolescente. Seu pai não conseguiu vir depois do acidente por causa de problemas de saúde, mas eles têm uma relação bastante próxima, ou tanto quanto uma vida de estrela permite.

Aprendi mais sobre o restante da banda, Micah ganhou o apelido de Playboy no primeiro dia que se conheceram, foi em um bar no Texas. Sim, ele pediu para que eu não risse, mas Gael nasceu no Texas, perguntei por que ele não seguiu uma carreira country, ele apenas deu de ombros e disse que não era sua praia.

Micah era filho de um respeitado político — essa informação fez os meus pelos se eriçarem — sempre foi o filho rebelde e saiu de casa quando completou dezoito anos. Vestido com um terno sob medida, camisa aberta e gravata desfeita, foi assim que ele apareceu durante um ensaio na casa de Braden e disse que ia participar da banda.

A visão dele usando um terno e uma gravata me fez sorrir.

— E quando a Braden e Josh? — pergunto curiosa.

— Acredito que você já percebeu o que rola ali não? — concordo com a cabeça, e ele prossegue — Bem, espero que isso não se torne um problema para você, eles costumam ser bem confusos, às vezes você irá vê-los com mulheres, outras apenas os dois.

— E isso não é ruim? Digo, para os dois?

— Isso funciona, pelo menos o Josh acredita que funcione. Certo, vamos falar de nós dois, já enviei um texto pedindo para providenciarem um espaço para você.

— Rápido você.

— Só quando necessário. Agora me diga, quer que mande alguém buscar suas coisas? Ou prefere comprar tudo novo?

— Minhas coisas, por favor.

— Tudo bem, posso providenciar.

— Gael, eu preciso ir lá em casa, conversar com a Mag.

— Nem pensar, assim que pousarmos suas coisas vão estar arrumadas no meu quarto.

— Você quer me manter prisioneira? — viro para olhar em seus olhos.

— Baby, se pudesse trancaria você na droga de uma torre.

— Então, você seria o meu príncipe encantado que viria me salvar?

— Posso garantir a você Hanna, que na nossa história, posso ser qualquer coisa, menos a porra de um príncipe encantado.

Ele muda nossas posições até que estou em cima dele. Minhas pernas abertas, fazendo meu vestido subir até as minhas coxas. Meus seios estão na altura do seu rosto, mas seus olhos estão cravados no meu, enquanto sua mão aperta a carne exposta da minha bunda.

— Quero que olhe para mim Hanna, olhe nos meus olhos, quero ver o mesmo olhar que vi no seu rosto quando estava desenhando. Quero que se perca em mim, da mesma forma que você se perde quando está pintando. Quero aquele olhar, quando estiver enterrado dentro de você.

Gael começa a tirar meu vestido, ele não tira os olhos dos meus. Deus, eu posso jurar que ele está vendo a minha alma nesse instante. Assim que o vestido é retirado, meus seios ficam a sua mercê, ele passa os dedos na renda delicada, apreciando o material.

Nossos olhares não desviam.

Suas mãos seguem juntas para minha costa e encontram o fecho, aos poucos, o sutiã faz companhia ao vestido. A ponta dos seus dedos, tocam meus mamilos.

Nossos olhares não desviam.

Logo, minhas mãos vão para sua camisa, abro cada botão pacientemente. Quando suas tatuagens estão expostas, tenho vontade de lambê-las, cada uma delas. Gael arqueia para que possa retirá-la, e ela se junta as minhas roupas.

Nossos olhares não desviam.

Ele retira sua bermuda, e a única peça que nos separa, é a fina renda da minha calcinha. Ele segura firme nas laterais, e sinto minha pele arranhar.

— Era uma bela peça — sua voz está irreconhecível, tão carregada.

Ele continua a puxar até que não resta mais nada, estamos pele com pele.

É quando sua boca se aproxima da minha que permito fechar meus olhos. Ele me guia até que o sinto me preencher por completo.

Prazer toma conta do meu corpo a cada estocada. Movimento meu quadril com calma, quero sentir cada músculo dele. Gael sussurra palavras doces enquanto morde minha orelha. Sua mão na minha coxa dita o ritmo que devo seguir.

Ele não perde o controle, me comanda mesmo sem que eu perceba. Eu o amo por isso. Cada movimento meu é incitado por ele, um toque suave ou um aperto mais firme. É ele que nos conduz.

Quando sinto meus músculos se contraírem, ele captura minha boca e beija meus lábios. Sua

língua dança dentro da minha boca, convidando a minha para participar. Nós somos apenas gemidos roucos. Dois corpos entregues a paixão.

Quando gozamos, ele muda a intensidade dos beijos, tornando-os lentos e calmantes. Meu corpo treme com a leve brisa e seus braços me envolvem mais apertado.

— Você está bem? — Gael quebra nosso beijo, tirando o cabelo do meu rosto.

— Melhor impossível — dou um sorriso indicando que estou bem.

— Vamos nos vestir, acho que vai esfriar, não quero que você adoça.

Depois de nos vestir, observo mais uma vez o lugar, não tem ninguém a vista, então acredito que nosso show particular não teve plateia. Sorrio com o pensamento, estava tão envolvida em seus braços que não lembrei se poderia ter alguém observando.

Caminhamos pela rampa de madeira em silêncio, levo minha sandália em uma das mãos enquanto a outra é preenchida pelas mãos mais habilidosas que já conheci.

Chegamos ao hotel e Gael passa algumas instruções para o gerente. Amanhã cedo estaremos voltando para NY, porém, a possibilidade de passar dois meses com ele me deixa animada, mas ao mesmo tempo, nervosa.

— Você está me olhando engraçado — ele fala enquanto veste uma camiseta, a noite está mais fria do que os outros dias.

— Engraçado como? — pergunto me juntando a ele na cama.

— Não sei, está preocupada com alguma coisa?

Touché.

— Nada em especial.

— Hanna — ele segura minha mão e olha nos meus olhos — Não quero que se sinta pressionada, quero que esteja confortável com esse arranjo.

— Eu sei, não se preocupe, eu estou.

Quando desligamos as luzes e os braços dele envolvem meu corpo, é que me dou conta do quanto me envolvi até agora.

Eu sempre fui muito cuidadosa e evitei exposição, nunca fui aberta a relacionamentos sérios, muito menos a deixar alguém entrar dessa forma na minha vida. Gael era o tipo de pessoa que eu sempre evitei. Famoso, superexposto. Eu sabia que logo o seríamos notícia nas mídias. E tinha certeza que meu telefone não demoraria a tocar por causa disso.

Foi com esses pensamentos em mente que adormeci, e com eles, claro, vieram as lembranças.

— *Hanna, vamos viajar, entendeu? Vamos nos mudar.*

— *Nos mudar? Mas por quê?*

— *Vamos para os Estados Unidos, querida. Você vai adorar.*

— *Vamos todos juntos?*

— *Não menina, vamos só você e eu.*

— *E o papai? E a mamãe?*

— *Querida! — Ela se agacha ficando com os olhos no nível dos meus — Vamos ser nós duas, tudo bem? Se alguém perguntar, eu sou sua mãe. Você consegue dizer isso, querida?*

— *Mas, eu tenho mãe.*

— *Eu sei meu bem, mas para onde vamos, você vai ter que dizer isso. Você consegue?*

— *Meus pais não me querem por perto, não é? Eles nem me deixam brincar com os bebês.*

— *Para onde vamos, você vai poder brincar com quem você quiser, Hanna. Vai poder sair para o parque, passear e fazer amigos.*

— *Vou poder ir à escola?*

— *Claro que vai. Então, você vai ser uma boa menina e me chamar de mãe quando estivermos nos Estados Unidos?*

— *Sim.*

— *Boa menina, agora venha, vamos arrumar as suas coisas.*

*“I never dreamed that I’d meet somebody like you
And I never dreamed that I’d lose somebody like You.”*

Wiked Game – Stone Sour

“Eu nunca sonhei que encontraria alguém como você / Eu nunca sonhei que perderia alguém como você”

Gael

Tive uma das melhores noites desde o acidente, o fato de Hanna ter aceitado ir morar comigo durante esses dois meses me deixou muito mais tranquilo e motivado.

Ainda é madrugada quando acordo e a observo dormir, retiro o cabelo do seu rosto e vejo uma expressão de dor. Ela está dormindo, mas acho que está tendo um pesadelo. Eu já a observei muito durante o sono, e sei que há algo errado.

Beijo seu ombro e a abraço, não quero acordá-la, desejo apenas lhe passar algum conforto. Beijo novamente seu ombro, pescoço e sussurro palavras de carinho no seu ouvido.

— Estou aqui meu amor. Estou aqui para você — beijo seus cabelos, e inspiro seu cheiro doce.

Noto quando seu corpo começa a relaxar. Olho para seu rosto, a expressão de angústia dá lugar há algo mais sereno. Minha Hanna está de volta, sua respiração é leve e sua mão aperta a minha.

— Eu amo você, minha pintora — falo ao seu ouvido e caio no sono novamente abraçado a única mulher que já me fez sentir que essas palavras eram verdadeiras.

Acordo sentindo um terremoto me sacudir. Tenho a impressão de escutar meu nome, e mais algumas sacodidas. Meus olhos estão tão pesados, que sinto vontade de mandar para o inferno quem quer que seja a pessoa que está tentando me acordar.

É aí que noto que não estou mais abraçado a um corpo quente, então eu escuto a voz dela.

— Droga Gael, acorda estamos atrasados — Hanna parece aflita, e seu tom de voz funciona como um energético, imediatamente meus olhos abrem.

— O que foi? — pergunto confuso e assustado.

— Estamos atrasados. Como você consegue dormir desse jeito? Estou tentando te acordar tem um bom tempo — ela coloca as mãos na cintura e lembra minha mãe quando me dava bronca por acordar tarde, involuntariamente eu rio.

— Relaxa gatinha. É um jatinho particular, ele vai nos esperar.

— Ele sim, mas o carro que irá nos levar já está aguardando há uns bons vinte minutos.

— Droga — sento na cama e me alongo, Hanna me olha com um sorriso presunçoso.

Olho em volta e já está tudo arrumado, minha roupa está separada e ela já está vestida. Uma pena.

Vamos para a recepção e faço o *check out*, coloco um boné e um óculos escuros e partimos em direção ao aeroporto.

Hanna está concentrada no celular falando com Mag por mensagens. Braden já me garantiu que estão providenciando tudo que pedi para a estadia dela no meu apartamento. Pelo menos, foi algo que nenhum deles questionou.

Nosso voo foi tranquilo, Hanna passou o tempo inteiro desenhando e pintando. Pensei que seus dedos estariam dormentes, ela só parou para comer porque eu praticamente arranquei o bloco de desenhos da mão dela.

— Ainda não consigo me acostumar com isso — digo quando estamos nos preparando para pousar.

— Isso o que?

— Isso que você faz. É... não sei, é como se você tivesse um apagão, ou algo do tipo.

— Eu apenas me concentro no que estou fazendo — ela diz como se fosse a coisa mais natural do mundo — como você quando está ensaiando.

— Não mesmo, ninguém precisa me parar para que eu possa me alimentar.

— Você tem um ponto.

— Prometa que você não vai mais ficar assim — peço praticamente suplicando.

— Gael, isso é algo que não consigo controlar — ela não me olha nos olhos — a pintura é como se fosse uma forma de fugir, de me entregar, uma forma de passar despercebida.

— Eu percebo você Hanna. Você está fugindo de que?

— Não sei — ela suspira — Na verdade, não sei mais, começou com um objetivo, mas hoje acho que apenas faz parte de quem eu sou.

— E quem você é? — seu rosto vira em minha direção e seu olhar é decidido.

— Alguém que se entrega a algo pela qual é apaixonada.

Engulo em seco, não sei se ela espera alguma resposta minha. Eu sei o que ela sente e tenho certeza que ela sabe o que eu sinto. Não sabe?

Não sei se estou pronto para dizer tudo que sinto por ela. É como se eu dissesse, tudo fosse se tornar real de certa forma, como se estivesse me entregando de bandeja. E eu não quero fazer isso, não agora.

Agora meu único objetivo é voltar aos palcos e dar o melhor de mim, pela banda, pelo nosso público. E então, eu posso voltar para ela, por inteiro.

Só aí, eu poderei me entregar a ela, de corpo e alma. Cada maldito pedaço de mim.

Quando o piloto anuncia o pouso, nossos olhares desviam. As luzes de Nova York cada vez mais perto, desperta nosso interesse.

— Essa cidade é linda vista assim — Falo enquanto olhamos pela janela.

— Parece tudo tão calmo.

— É, mas é só se aproximar mais, que temos uma explosão de cores, buzinas e pessoas apressadas.

Hanna concorda com um sorriso, e engatamos uma conversa sobre nossos pontos preferidos da cidade. Conto como aproveito muito pouco disso tudo, já que passamos a maior parte do tempo viajando. E ela me diz tudo que mais gosta de fazer, os restaurantes que gosta de frequentar, as melhores baladas.

Não consigo imaginar ela em uma balada, sendo paquerada, ou até mesmo sendo beijada. Isso

faz meu sangue esquentar.

Quando desembarcamos, um carro estava a nossa espera, Braden e Josh também. Eles nos cumprimentaram e Josh caminhou com Hanna até o carro.

— Como foi a viagem? — Braden pergunta.

— Melhor impossível.

— Que bom. Amanhã vocês podem descansar, só começaremos os trabalhos no dia seguinte.

— Obrigado. Como está tudo?

— Tudo certo, Josh e Micah foram buscar algumas coisas da Hanna mais cedo. O estúdio que você pediu já está pronto. Organizei tudo naquele quarto que estava vazio, as janelas são amplas, acho que tem uma boa iluminação.

— Cara, nem sei como agradecer — digo com sinceridade. Braden sempre me ajudou sem questionar, o mínimo que eu poderia fazer era dar tudo de mim nessa turnê.

— Não precisa agradecer, você está feliz e é assim que queremos vê-lo. Agora vamos, antes que o Josh roube a sua namorada.

— Ele não seria louco — Braden me lança um olhar que diz “sério?” — Ok, vamos indo não quero esse pervertido perto dela muito tempo.

Braden sorri e vamos em direção ao carro. Hanna e Josh já estão sentados, ela está sorrindo amplamente para alguma coisa que ele está mostrando no celular.

— Olhe isso — ela pega o celular e vira para me mostrar o motivo do seu sorriso.

São as crianças do Hospital, estão todas sentadas em um círculo, no meio Josh e Micah estão sentados em um banco com um violão na mão. Acho que estão tocando algo.

— Eu disse que eles iriam cobrir você.

— Não tenho palavras para agradecer vocês Josh. De verdade, obrigada.

Hanna beija o rosto dele e vejo pela primeira vez meu amigo sem graça, ele dá um meio sorriso e diz que não foi nada. Mas eu o conheço e sei que sim, foi uma grande coisa. Josh tem problemas para lidar com seus sentimentos, e o fato de estar interagindo com crianças com câncer deixa tudo muito mais delicado.

Braden e Josh se olham com cumplicidade. Braden apenas aperta seu ombro, mostrando que está ali. Hanna senta ao meu lado e encosta a cabeça no meu ombro. Nosso caminho para o meu apartamento é feito em um silêncio confortável.

— Você quer que eu a carregue lá para cima? — Braden me diz então olho para Hanna que adormeceu, já estamos na garagem do prédio e não quero acordá-la.

Concordo, e ele a pega no colo, enquanto Josh me ajuda com a cadeira. Ela se mexe um pouco quando estamos no elevador, mas não acorda. Assim que a porta se abre e entramos no apartamento, Micah que estava sentado no sofá levanta e nos olha preocupado quando a vê no colo de Braden. Faço um sinal com a mão para que não fale, indicando que ela está dormindo. Sua expressão relaxa e ele senta novamente.

Deixamos ela na minha cama, queria poder despi-la, mas não quero que nenhum desses babacas a veja sem roupa. Tiro apenas seus sapatos e a cubro com o edredom antes de voltar para a sala e me juntar aos outros.

— Como foi esses dias? — pergunto quando chego a sala.

— Tudo tranquilo, mas a Hanna tem uma amiga meio tarada. — Josh fala e Micah quase engasga com a água.

— Meio? — ele diz em meio a risadas — Você não dormiu lá no sofá dela, não tem noção do quanto ela é tarada.

— Ela me comeu com os olhos, cara, ela me dá medo. — Josh fala e todos nós sorrimos.

— E você Malloy? Como foi sua pequena lua de mel?

— Tudo perfeito Playboy, mas não foi uma lua de mel.

— Se fosse ele a levaria para um lugar melhor — Josh fala indo em direção a cozinha.

— Quais são seus planos agora? — Braden pergunta.

— A banda — digo como se fosse a coisa mais óbvia.

— E a Hanna? Como vai ser.

— Ela vai ficar aqui até pegarmos a estrada — Micah me olha pensativo.

— E quando começar as viagens? Ela vai ficar numa boa? — Micah fala.

— Acho que sim — não tenho certeza disso, então essa é a minha única resposta.

— Cara quando eu penso que você amadureceu um pouco. Você sabe que ela não vai ficar bem Gael, por que fez essa proposta ridícula?

— E o que você tem a ver com isso? — falo mais alto do que pretendia.

— Eu me preocupo com ela, droga.

— Preocupe-se com você Playboy. Deixe que eu me preocupo com ela.

— Não parece que você está fazendo isso direito.

Suas palavras me atingem e fico sem fala. É isso mesmo? Será que não estou cuidando dela como deveria? Será que estou sendo egoísta?

— Ok, vamos parar com isso certo? Hanna está aqui e ela já é adulta para tomar suas próprias decisões. Vamos deixar o Gael conduzir isso Micah, não vamos nos meter. — Braden fala para um Micah furioso.

— Ele vai ferrar tudo, vai destruir a única coisa boa que ele já teve.

Micah levanta e vai para o quarto. Desde o acidente eles não saem do meu apartamento, esse lugar é praticamente a casa de todos eles, eu gosto disso, ou pelo menos gostava, antes de me sentir intimidado.

— Você sabe que concordo com ele, não sabe? Mas também confio em você, eu gosto dela, parece ser uma boa pessoa. Nunca vi você assim, ela te faz bem, não estrague tudo Gael.

Braden bate no meu ombro e vai em direção as escadas, Josh o encontra no meio do caminho e os dois vão para o quarto.

Olho em volta e me sinto exausto, suspiro e vou em direção ao elevador. Só preciso dormir ao lado dela.

Quando entro ela ainda está na mesma posição. Então começo a tirar a sua roupa, é uma tarefa quase impossível já que meus movimentos estão um tanto limitados. Mas é como se ela obedecesse a cada toque meu, se inclinando quando necessário, facilitando meu trabalho.

Sento na cama e consigo tirar sua blusa, tiro seu sutiã, e a deixo somente de calcinha. Deito ao seu lado e encosto meu corpo no dela, como um imã ela se aninha no meu peito e isso é tudo que preciso para pegar no sono.

Acordo e o quarto ainda está escuro, as cortinas estão abaixadas, mas sei que já deve ser tarde, pois meu lado está vazio.

Que mania frustrante essa mulher tem de levantar cedo. E o pior, sem me acordar.

Tomo um banho rápido e troco de roupas. Pelo cronograma que Braden me passou tenho uma

sessão de fisioterapia hoje à tarde e quero aproveitar essa manhã com Hanna.

Desço e encontro todos tomando café da manhã. Estão alegres comentando sobre algo, quando me aproximo da mesa vejo do que estão falando.

Há um quadro grande encostado na parede. Olho para ele e percebo que se trata dos olhos de alguém. Quando notam minha presença todos se calam, é quando percebo de quem são os olhos que estão no quadro.

Putá que pariu!

— Eu não acredito que você pintou os olhos do Micah.

Digo olhando para Hanna, ninguém fala nada e quando percebo que ela vai dizer alguma coisa eu viro a minha cadeira e saio da cozinha.

*“Yeah, I forget about the consequences
For a minute there I lose my senses”*

Nobody's Perfect – Jessie J

“Sim, eu esqueci das consequências / Por um momento eu perdi meus sentidos”

Hanna

Estávamos todos brincando sobre o quadro quando Gael entrou na cozinha, seus olhos imediatamente pararam na pintura. Eu havia esquecido completamente disso. Nunca mencionei a ele sobre isso, e não me preocupei quando pedi para Mag entregar ao Micah quando ele fosse pegar as minhas coisas.

— Vou falar com ele — Micah levanta, mas eu o detenho.

— Não Micah, eu resolvo isso.

Peço licença a todos e vou procurar por ele. Corro direto para o quarto e não o encontro. Onde ele se meteu?

Fico receosa de entrar nos cômodos da casa e volto para a cozinha.

— Ele não está no quarto. Vocês sabem onde ele pode estar?

— No estúdio. Esse é o lugar para onde ele vai quando está realmente puto — Josh fala mordendo um pedaço de panqueca e Micah bate com a mão na cabeça dele.

— Obrigada.

Vou para o estúdio e Josh tinha razão. Encontro Gael lá olhando para a guitarra em suas mãos. Abro a porta devagar, sei que ele nota a minha presença, mas me ignora.

Sento no chão, encostada na parede, cruzo minhas pernas e observo enquanto ele arrisca alguns acordes.

Quando ele começa a cantar, *Nobody's Perfect* enche o estúdio. Sua voz rouca encontra o tom com perfeição. Gael canta cada letra com tanta emoção que me emociona.

Estou sentada absorvendo cada palavra que sai da boca dele. Seus dedos tocam as cordas da guitarra com tanta força que penso que vai sangrar a qualquer momento. Seus olhos encontram os meus e seu olhar é intenso. Ele não para de cantar, e seus olhos não desviam do meu.

Ele canta para mim, cada palavra é dirigida a mim. Ele está dizendo que não sou perfeita. O que ele não sabe, é que eu já sabia disso.

Quando ele termina, me olha profundamente e arremessa a guitarra na parede. O barulho me assusta, ela está despedaçada. Gael sai do estúdio sem olhar para trás. Abraço minhas pernas com força, e lágrimas começam a cair.

Penso no quão estúpida eu fui quando pinte aquele quadro, e pior, o que me deu na cabeça

quando pedi para Mag entregá-lo ao Micah? Eu deveria imaginar que isso não poderia acabar bem.

Alguns minutos depois, tento me recompor para sair do estúdio. Assim que abro a porta, dou de cara com Micah, ele está parado encostado na parede, seus braços estão cruzados e seu olhar é cuidadoso.

— Você está bem?

Não respondo, eu apenas o abraço. Fico ali enquanto algumas lágrimas ainda teimam em cair.

— Vou conversar com ele, vai ficar tudo bem — ele fala enquanto tenta me consolar.

— Não precisa, eu fiz isso, vou dar um jeito.

— Ele está no quarto agora, Jackson está lá com ele. Dê um tempo para ele esfriar a cabeça, e depois vocês conversam.

— Tudo bem.

— Você quer sair?

Nego, não estou com vontade de ir a lugar nenhum, na verdade eu queria estar no meu estúdio, minha cabeça está explodindo com ideias e cores. Preciso botar para fora.

— Vem, estamos assistindo um filme, fique conosco, depois você vai falar com ele.

Micah me leva pra sala onde Josh e Braden estão sentados no sofá, olho para a TV, eles devem ter pausado o filme, todos me olham com receio, então Josh fala.

— Sente aqui princesa — ele bate no lugar vago ao seu lado, Braden afasta um pouco para me dar mais espaço e me junto a eles.

Josh passa o braço por trás e abraça, é um abraço carinhoso e instantaneamente me sinto verdadeiramente acolhida por eles.

Micah senta na poltrona, e estou entre Josh e Braden, quando ele dá o play, *O Homem de Aço* começa, e não escondo o sorriso pela escolha do filme, quem diria que três marmanjos gostavam do *Superman*?

Assistimos o filme todo ouvindo os comentários de Josh sobre como é diferente dos primeiros, que os filmes de antigamente eram bem melhores. Micah e ele entraram em uma séria discussão sobre *Batman* e *Superman*.

Por um momento esqueci qualquer tristeza, e as lágrimas deram lugar a um sorriso. Braden trouxe pipoca e quando estávamos discutindo sobre qual filme assistiríamos depois, Gael apareceu.

— Sarah preparou o almoço, não estraguem o apetite de vocês com besteiras — minha mão para no ar, estava levando um punhado de pipoca a boca quando devolvo para o balde, me sinto como uma criança que foi repreendida. Josh sorri e pega o balde da minha mão.

— Vai se juntar a nós Malloy? — Josh fala e todos nós olhamos apreensivos. Gael me olha e logo seus olhos param nas mãos de Josh em meus ombros, ele torce a boca e volta para o quarto — Bem, assim sobra mais pipoca.

Braden balança a cabeça sorrindo, e voltamos a discutir qual filme vamos assistir. Não me contenho e olho para cima. No mezanino Gael nos observa, e assim que vê que estou olhando ele entra no quarto batendo a porta.

Meu coração aperta.

— Não se preocupe garota do tempo, isso passa — Josh fala no meu ouvido e deito a minha cabeça no seu ombro.

Mais um filme de meninos começa, e *Duelo de Gigantes* é o escolhido. Horas passam até que

ouvimos Sarah nos chamar para o almoço. Desligamos a TV e vamos até a cozinha.

A mesa está posta com perfeição, mas noto que falta um lugar.

— Gael não vai almoçar? — pergunto para Sarah.

— O Sr. Malloy disse que estava indisposto e ia almoçar no quarto senhorita. Acabei de levar o almoço dele.

Os meninos sentam e Micah me olha, não penso duas vezes, me sirvo de algumas coisas e vou para o quarto. Gael não pode me ignorar.

Entro no quarto e ele está sentado na cama, os olhos fechados, ele está com fones de ouvido e não ouve quando tranco a porta. A bandeja com a comida está do seu lado, intocada.

Quando me aproximo da cama ele abre os olhos e tira os fones de ouvido.

— Eu quero ficar sozinho Hanna — Sua voz é fria.

— Vim almoçar com você.

— Não estou com fome.

— Você não pode ficar me ignorando Gael.

— Eu posso fazer o que eu bem entender Hanna.

— Não Gael, não pode. Não quando você me tirou da minha casa e me trouxe para cá. Então querendo ou não, precisamos conversar.

— Não agora Hanna, não quando estou tão furioso com você.

— Gael, eu...

— Não fala nada ok? Eu estou tentando descobrir por que diabos a minha namorada pintou os olhos do meu melhor amigo, mas nada dessa merda toda faz algum sentido.

— Eu fiz aquilo quando o conheci — tento me justificar.

— Você estava fodendo com ele por um acaso? Ou você costuma pintar rostos de desconhecidos?

— Você está me ofendendo Gael.

— Estou? Sério? Porque eu lembro como foi fácil levar você para cama.

Quando a última palavra sai da sua boca minha mão atinge seu rosto. Eu estou chocada, sinto meu sangue ferver. Gael consegue me deixar louca.

— Você não sabe do que está falando Gael. Você é tão arrogante.

Saio do quarto e tento conter as lágrimas que se formam. Nunca fui do tipo emocional, não é ele que vai me mudar. Quando estou tentando respirar, meu corpo colide com algo rígido. Ergo os olhos e Braden me olha com carinho.

— Seu estúdio fica no final do corredor, a direita — ele aponta a direção, é como se ele soubesse do que preciso no momento.

Dou um meio sorriso em agradecimento e literalmente corro até o estúdio.

Abro as portas e as luzes se acendem, o lugar é espetacular. Tem uma parede cheia de prêmios da banda, há disco de ouro, de platina, um EMY, e muitos outros troféus. Pôsteres com as capas dos álbuns. Em todos Gael parece sexy e perigoso.

Um grande material de pintura está disponível, algumas telas em branco, uma mesa com várias tintas, uma poltrona e colchonetes de Yoga. Tudo muito parecido com o meu estúdio.

Antes de começar a pintar, pego meu celular e ligo para Mag.

— Hey menina, como está? — sua voz animada me conforta.

— Bem, queria agradecer por mandar minhas coisas.

— Eu que agradeço por mandar dois Deuses Gregos aqui. Meu Deus, Hanna! De onde sai tanto homem bonito?

— Então você conheceu o resto dos meninos?

— Se conheci... Micah veio com Josh, e garota, que homem. Hanna o cara grita sexo por todos os poros. Como você se segura com todos eles ao seu redor? Ou o cantor te mantém isolada dos amigos?

A menção ao Gael me deixa nervosa.

— Todos são ótimos, e estão me ajudando bastante. Quero saber de você, está tudo bem com essa minha mudança repentina?

— Sem problemas, só quero que você aproveite bastante.

Conversamos por um tempo, Mag me atualiza de tudo, e percebo que senti sua falta durante esses dias.

Nos despedimos e olho novamente para a tela a minha frente. Deixo o celular no silencioso e pego o pincel.

Volto toda a minha atenção para tela, e como sempre não noto o tempo passar. Cada pincelada é como se todos os meus sentimentos saíssem de dentro de mim e fossem transferidos para tinta que agora habita na tela.

Traços em vermelho, marrom, amarelo e um rosto começa a surgir. O rosto de uma criança triste e solitária. O meu rosto.

Dou uma pausa para tomar uma água quando me assusto. Parado me observando está Gael. Seus olhos estão vermelhos, ele está sem camisa e sua respiração está pesada.

Olho para janela e noto que já é noite, pego minha água, mas não consigo ignorá-lo, como eu gostaria de fazer isso.

— Obrigado por não ter ido embora — ele fala quando volto para o quadro.

— Sou uma mulher de palavra, não poderia ir sem conversar com você — olho para ele — Conversar civilizadamente.

— Você gostou do estúdio? — ele olha em volta e percebo que é a primeira vez que ele vem aqui desde quando voltamos.

— Sim, está tudo perfeito, obrigada. Há quanto tempo está aqui?

— Algumas horas, sai para a fisioterapia e voltei.

— Ah! — digo olhando novamente em volta, tentando localizar o meu celular para verificar a hora.

— Trouxe seu jantar — ele aponta um carrinho com uma bandeja em cima.

— Não precisava se incomodar.

— Hanna, precisamos conversar.

— Precisamos, mas não agora quando estou tão puta com você — uso as mesmas palavras que ele me disse mais cedo e seu rosto se contrai.

— Eu sei que fui um idiota Hanna.

— Me conta uma novidade Gael? — ele passa a mão no cabelo e se aproxima.

— Sei que estraguei nosso primeiro dia, mas eu fiquei louco quando vi aquele quadro.

— Você nem me deixou explicar.

— Eu tenho esse problema.

— Mas eu não tenho a obrigação de ficar tentando pegar os pedaços toda vez que você

surtar com algo — joga o pincel no chão e quando estou passando ao lado dele seus dedos envolvem meu pulso.

— Eu estou tentando me desculpar aqui.

— Acho que você não é muito bom nisso então — puxo meu braço.

— Droga Hanna, me deixa conversar com você.

— Quer saber Gael? Não é o momento, eu estou magoada e ferida, e você causou isso então dá o fora daqui, depois conversamos.

— Você não vai se trancar aqui e ficar sem comer.

Vou em direção ao carrinho de comida e pego o prato e os talheres. Volto para o colchonete e sento olhando para tela na minha frente. Olho para o desenho ainda inacabado, ignorando completamente a presença dele.

Quando termino de comer, coloco o prato de volta no carrinho e pego meu pincel. Volto para o quadro e recomeço o trabalho, como em um passe de mágica, Gael desaparece da minha mente e do meu campo de visão.

*“How I wish you were here
We’re just two lost souls
Swimming in a fish bowl”*

Wish You Were Here – Pink Floyd.

“Como eu queria que você estivesse aqui / Somos apenas duas almas perdidas / Nadando num aquário”

Gael

Depois de ter uma discursão com Braden, vou procurá-la no estúdio. A encontro totalmente concentrada em um quadro, ela não percebe minha chegada, e me permito admirá-la nesse momento.

Algumas horas se passam até que Braden vem me chamar.

— Ela ainda está aí desde aquela hora? — ele pergunta incrédulo.

— Sim — respondo sem tirar os olhos dela.

— E não comeu nada? — ele aponta para a bandeja com o almoço, que Sarah trouxe e ela não comeu.

— Ela não vai comer. Pelo menos não agora — Nós a observamos um pouco quando Braden fala.

— Você precisa ir, seu fisioterapeuta chegou.

— Não quero deixá-la sozinha.

— Eu fico aqui até você voltar.

Agradeço e vou para a sessão de fisioterapia. Amanhã cedo tenho uma consulta para verificar os resultados dos últimos exames, e assim, decidir como será meu tratamento a partir de agora. Mas, com os avanços já evidentes, o fisioterapeuta não me dá descanso.

Fazemos tantos exercícios que meu corpo clama por descanso. Olho para o relógio e já é fim de tarde, tomo um banho rápido e volto para o estúdio. Lá, Braden está sentado em uma cadeira, e Josh ao lado, eles estão observando-a pintar.

— Ela é incrível — Braden fala quando me aproximo.

— Ela mal pisca. Nem percebeu que estamos aqui — Josh fala fascinado.

— Podem ir agora. Obrigado.

— Cara, vou confessar uma coisa, quando ela morde o pincel, é excitante pra caralho — Josh fala e eu sorrio.

Quando eles vão embora, mando um texto para Sarah trazer o jantar de Hanna, então fico ali sentado observando-a enquanto trabalha, e Josh tem razão, é sexy pra caralho quando ela morde

o pincel.

Noto o quanto ela parece concentrada e emocionada, lembro das palavras duras que falei mais cedo. Lembro quando ela disse que me amava.

Eu sou um grande filho da puta.

Meus olhos ardem com a lembrança da sua expressão quando falei o quão fácil foi levá-la para cama. Eu definitivamente mereci aquele tapa.

Depois do que parece uma eternidade, Hanna para e finalmente me nota. Ela parece tentar me ignorar, mas falha terrivelmente.

Depois de discutirmos, mais uma vez, saio do estúdio para dar o espaço que ela precisa. Não posso deixar que ela decida ir embora.

Vou para a cozinha e encontro Micah comendo um sanduíche.

— Não lembro da última vez que realmente precisei de uma bebida — falo me aproximando.

— Como ela está? — ele pergunta e não consigo ler a sua expressão.

— Não sei, ela brigou comigo e me pediu espaço — coloco uma xícara de café e junto-me a ele na mesa.

— Eu avisei, ela é diferente Gael.

— Eu sei — digo levando a xícara até minha boca — Esse café está horrível.

Coloco a xícara na mesa com desgosto, aquilo estava tão forte que é capaz de um gole deixar você acordado por dois dias.

— Josh que fez — ele responde dando de ombros, é claro que fez, somente ele para tomar essa porcaria — Ouça Gael, precisamos conversar.

— O que você quer?

— Eu não sabia sobre o quadro, não fazia ideia.

— E agora que você sabe? — pergunto tentando entender o que se passa na cabeça dele — Eu sei que você tinha uma queda por ela Micah, não sou nenhum idiota para não conhecer o meu melhor amigo.

— Essa merda é complicada cara — ele fala passando a mão no cabelo — O que importa, é que ela é apaixonada por você, e não é mais segredo que você também a ama.

Essas palavras me pegam de surpresa, se eu gosto dela? Sim, amor? Eu a amo mais do que a mim mesmo, isso é fato.

— Eu quero saber de você Playboy. O que você sente com tudo isso? — Micah respira fundo e me encara.

— Eu estou bem com isso. Vocês estão felizes, então eu fico na boa.

— Você merece encontrar uma garota Playboy — bato no seu ombro.

— Não sei se o amor foi feito para mim.

— Talvez, você não é tão insensível quanto pensávamos.

Ele sorri e continuamos nosso café. Conversamos sobre alguns projetos da banda e ele me conta como está sendo providenciado tudo para o nosso retorno. Um grande show em Miami dentro alguns dias marcará o início da nossa nova turnê.

— Troy acredita que vamos fazer pelo menos uns cinco shows na Europa.

— Isso é bom — respondo olhando o relógio, já passa da meia-noite e nenhum movimento vindo do estúdio.

— Temos um jantar em duas semanas, um evento beneficente.

— Braden me avisou — digo despreocupado.

— Você acha que podemos tocar alguma coisa?

— Talvez, por que não? — dou de ombros, isso pode ser uma boa oportunidade antes de voltar aos palcos.

— O primeiro ministro da África do Sul estará presente, o evento tem algo contra o racismo, ou algo do tipo. Alguns representantes de Ong's também estarão presentes.

— Então levantaremos a bandeira contra o preconceito racial?

— Contra todo tipo de preconceito na verdade, por isso pediram a nossa presença. Você, Gael, não sentiu na pele tudo que algumas pessoas nas suas condições sentem, seu status e seu dinheiro facilitam muito.

— Eu sei disso Micah, por isso estou dentro — olho mais uma vez o relógio.

— Gael, vá buscar sua mulher. Ela não vai sair de lá tão cedo — Micah fala notando o meu desespero.

— Obrigado.

Saio em direção ao estúdio enquanto meu amigo está sorrindo do meu nervosismo. Sei que ela me pediu espaço, mas algumas horas já são o suficiente, não?

Entro e a encontro deitada no chão, seus olhos encaram o teto e apenas uma lâmpada está acesa.

— Ainda não estou pronta para conversar — Hanna fala sem tirar os olhos do teto, por um momento olho para cima tentando encontrar o que há de tão interessante.

— Não quero conversar. Vou apenas ficar aqui.

— Vai ficar calado?

— Sim.

Hanna levanta e pega outro colchonete, colocando ao seu lado. É um convite para que me junte a ela. Droga, será que ela sabe como é difícil descer dessa cadeira e ir para o chão?

De um modo desajeitado consigo deitar ao seu lado, não sem antes fazer um tremendo barulho com o baque do meu corpo no colchonete. Que coisa mais desconfortável.

— Lembre-me de comprar algo mais confortável — digo e ela sorri.

— Espero que não tenha se machucado. Muito — Sua voz é divertida.

Não falamos mais nada, ela volta a olhar para o teto e eu acompanho seu movimento. Não há nada de diferente ali, principalmente com o quarto a meia luz. Hanna não parece se incomodar.

Os minutos passam e todo esse silêncio me deixa nervoso, começo a batucar meus dedos no chão em busca de alguma distração.

— Cante algo — Ela pede e fecha os olhos.

Começo a procurar na minha mente alguma música que signifique que estou arrependido, ou algo do tipo. Então *Don't Go Away* do Oasis é o que canto. Cada letra que sai da minha boca, seguro forte a mão dela. Não quero que ela vá.

— Quando fiz aquele quadro — Hanna fala assim que termino a música — Não fazia ideia de quem ele era, era apenas algo que ficou na minha mente, algo que me trazia bons sentimentos.

— Você nunca se sentiu atraída por ele? — continuo segurando a sua mão e ainda olhamos para o teto.

— Atraída? Bem, ele é interessante, muito bonito. Eu precisaria estar morta para não ficar atraída por ele.

- Entendo. Mas, e agora o que você sente?
- Pelo que me lembro eu disse que amava você, não disse?
- Eu sou um péssimo namorado.
- Você não me pediu em namoro.
- Droga. Viu o que eu disse? — tento quebrar o gelo.

Hanna sorri e levanta do chão, vai até o interruptor e liga as luzes. Por um momento a claridade me cega um pouco. Quando minha visão se ajusta, ela está trazendo uma tela em branco e colocando na minha frente.

- Vamos fazer algo juntos.
- Você não quer eu pinte, quer? Porque eu posso imaginar várias coisas que podemos fazer juntos e não envolvem pincéis e tintas.
- Confie em mim, certo? Vamos apenas aproveitar um momento juntos. Deixe-me te mostrar como é esquecer os problemas, esquecer suas dores.

Concordo com a cabeça e ela traz mais material. Quando percebo estou sentado com Hanna sentada a minha frente, suas costas coladas em meu peito e uma tela em branco.

Passo a mão na sua cintura e beijo seu pescoço. Ouço seu suspiro, ela ainda não disse que me perdoa pelo meu comportamento mais cedo.

- Segure minha mão — seu tom de voz é suave.

Libero minha mão direita e nossas mãos se unem. Ela segura o pincel e leva até a tela. Me sinto como uma criança que está aprendendo a desenhar. Hanna começa a misturar algumas cores, aos poucos tons de laranja começam a surgir na tela.

- Você está pintando o nascer do sol?
- Estamos. O sol é como nós dois, ele surge todos os dias, começa lento e se torna imponente ao longo do dia, às vezes uma nuvem mais escura o esconde, essa nuvem nem sempre é passageira — ela divaga — Quando o tempo fica nublado, o sol não aparece, mas ele sempre surge todos os dias, todos os dias sabemos que ele está lá, mesmo quando está escondido.

Continuamos pintando por mais algum tempo. Quando ela nota que já estou cansado, ela para.

- Acho que você deve ir para cama — ela fala virando o corpo, e ficamos frente a frente.
- Vou se você vier comigo — ela suspira e olha para o quadro — Esse é nosso, vamos

terminar juntos. Vem comigo.

Hanna me ajuda com a cadeira e vamos juntos para o quarto, o apartamento está em completo silêncio. Ela entra no banheiro sozinha, trancando a porta logo em seguida. Quando já estamos prontos para dormir, Hanna vira em minha direção e me encara.

- Não pense que perdoei você. Você não está me tocando hoje.
- Ah, isso foi meio exagerado, não foi?
- Você não acha que está sendo dura demais?
- Preciso relembrar cada palavra que você me disse? — Seu olhar poderia congelar o

deserto agora.

Eu me dou por vencido e fecho os olhos, Hanna virou de costas empinando a bunda na minha direção. Droga, isso ia ser uma tortura.

Acordo com um corpo enrolado no meu, Hanna está com a cabeça em meu peito respirando profundamente. Fico contemplando um pouco esse momento, não tenho certeza quando aconteceu, mas estou viciado em acordar com ela em meus braços. E sei que isso será um grande problema.

Quando ela está abrindo os olhos ouvimos uma batida leve na porta.

— Entre — Digo e Braden entra.

— Desculpa, passei só para te avisar que seu fisioterapeuta chega em uma hora, é melhor se apressar — ele aponta para Hanna em meus braços — Ela parece uma gata agarrada em você.

Sorrio, olho para ela e seus olhos ainda estão entreabertos, ela dá um sorriso preguiçoso.

— Já vamos descer — Braden assente e sai do quarto — Ei dorminhoca, hora de levantar — ela geme e me aperta mais.

— Só mais um pouco.

— O que você tem para hoje? — pergunto enquanto tiro o cabelo do seu rosto.

— Tenho sono.

— Engraçadinha, não precisa ir ao hospital?

— Só na parte da tarde.

— Então vamos tomar café.

— Posso ficar aqui? Não estou me sentindo bem, e quero ficar na cama.

— Você está doente? — falo preocupado.

— Não, só uma indisposição, ou muito sono talvez.

— Vou mandar alguma coisa para você comer então.

— Não precisa, só quero dormir mais um pouco.

— Hanna.

— Não se preocupe, é só sono.

Saio da cama contrariado e vou tomar banho, quando saio do banheiro ela está dormindo novamente abraçada ao meu travesseiro. Me arrumo e deixo uma nota avisando onde vou estar nas próximas horas e para ela me deixar saber quando acordar.

— Onde está a garota do tempo? — Josh pergunta quando entro na cozinha, os três patetas já estão tomando café.

— Vocês não têm mais casa não? — pergunto.

— Aqui é bem mais divertido. E então, cadê Hanna?

— Está dormindo.

— Noite longa, Malloy?

— Quem dera, ela me deixou de castigo. — Os três me olham espantados, alguns segundos depois e a cozinha explode em gargalhadas, até Sarah que estava trazendo o café não se contém.

— Ela enroscada em você daquele jeito e você está de castigo? — Braden pergunta ainda rindo.

— Pra você ver como eu sofro.

Continuamos nosso café até que sou avisado da chegada do fisioterapeuta. Peço licença e vou para minha sessão de tortura.

Depois de alguns exercícios o fisioterapeuta vai embora, estou pingando de suor e vou para o quarto tomar um banho, vou ter tempo apenas para um lanche antes de começarmos o ensaio.

Entro no quarto e me assusto, Hanna ainda está deitada, na mesma posição. Sua respiração é lenta e constante, ela dorme pacificamente, resisto a tentação de acordá-la e vou para o banheiro.

Tomo meu banho e me arrumo, visto algo confortável pois vamos passar o resto do dia no estúdio. Hanna ainda está dormindo.

Deus do céu, nem o barulho da cadeira a fez acordar. Se não fosse o movimento do seu peito subindo e descendo a cada respiração eu acharia que está morta.

Antes que eu vá verificá-la, ela muda de posição, ainda dormindo. Solto um suspiro de alívio. Pessoas mortas não se mexem, não é?

Vou para o estúdio é já estão todos à minha espera. Josh está virando suas baquetas enquanto Braden e Micah conversam em um canto.

— Então, vamos começar? — todos param para me observar, e os sorrisos se instalam no rosto de cada um, inclusive do meu.

Aos poucos vamos encontrando nosso ritmo, e bem diferente da última vez, agora sei que estarei voltando para os palcos, com ou sem essa maldita cadeira, mas esse não é o meu maior medo agora.

Meu maior medo é de não vê-la quando o show acabar. Fico tão perdido com esse pensamento que erro a letra da música.

— O que houve? — Braden pergunta e todos param de tocar.

— Eu apenas me desconcentrei, podemos continuar.

— Que tal uma pausa? Já estamos aqui há duas horas.

Todos concordam e mandamos um texto para Sarah, ela imediatamente traz nosso lanche.

— Sarah? — chamo antes que ela saia do estúdio.

— A Hanna, já acordou?

— Não senhor, ou se acordou ela ainda não saiu do quarto.

— Tudo bem, obrigado — Sarah vai embora e três pares de olhos me observam.

— Acho que vou mudar o apelido dela para bela adormecida — Josh fala enquanto mastiga.

— Eu pensei que você fosse o dorminhoco Josh — Micah brinca porém, seu olhar para mim é de preocupação.

— Me dão licença um minuto? — não espero pela resposta, saio do estúdio e vou direto para o quarto.

Lá encontro uma Hanna encolhida na cama, isso me dá calafrios. Ela está abraçada com suas pernas, sua cara está péssima.

— Ei! — entro devagar tocando seu rosto — Você está bem?

— Só um pouco indisposta — sua voz é fraca e ela nem abre os olhos para responder.

— Tem certeza? Você parece realmente doente.

— Eu só... — ela aperta os olhos — Estou *naqueles dias*, e com cólicas. — Ela geme e aperta mais as pernas contra o corpo.

— Ah! — Não consigo conter o meu espanto, eu nunca tive que lidar com uma situação como essa, quer dizer, cólicas? Eu pensava que isso era uma mentira que as mulheres inventavam para espantar os homens, mas pela cara que ela estava fazendo toda encolhida na cama, meu coração dói.

— Posso fazer alguma coisa por você?

— Já tomei um remédio, só esperar fazer efeito — ela ainda não abre o olho, droga.

— Tudo bem, estou lá no estúdio, se você precisar de alguma coisa me avisa.

Ela resmunga algo e eu saio do quarto.

— Sarah? — vou para a cozinha em busca da única mulher que conheço e pode me dar algum tipo de auxílio.

— Sim senhor Malloy?

— Você, é, sabe o que é bom para dor?

— Dor? Que tipo de dor senhor? Está sentindo algo?

— Não Sarah, estou bem, obrigado — passo a mão no cabelo tentando encontrar a palavra

certa — O que eu quero saber é se você sabe o que se pode fazer para aliviar essas dores, que, hum, vocês mulheres têm.

— Cólicas?

— Isso.

— Ela já tomou algum analgésico?

— Ela disse que sim.

— Nesse caso, uma bolsa de água quente ajuda. Vou preparar, só um minuto.

Agradeço e fico aguardando ela preparar, ela também resolve fazer um chá e diz que vai ajudar, eu não questiono, afinal não entendo nada dessas merdas. Assim que está tudo pronto, Sarah me acompanha até o quarto, colocamos a bandeja ao lado da cama, olho para ela e ainda está encolhida.

— Hey Baby! Trouxe algo para ajudar você. — ela mal abre os olhos — Preciso que você sente um pouco, ok? — ela geme e se senta lentamente.

— O que é isso? — ela olha para minha mão que agora lhe entrega uma xícara cheia de chá.

— Um chá, Sarah disse que vai ajudá-la — Hanna faz uma careta e começa a beber — Tome tudo.

— Argh.

Ela bebe todo o conteúdo e me entrega a xícara, voltando para sua posição.

— Preciso que você vire, vou colocar uma bolsa quente. Sarah disse que ajuda — dou de ombros para mostrar que não foi eu que tive todas as ideias e que também não tenho noção do que estou fazendo.

Ela obedece, levanto sua camisa e coloco a bolsa de água no seu ventre, ela geme um pouco, mas depois relaxa. Fico segurando sua mão e massageando seus dedos. Não demora muito para que ela adormeça novamente, dessa vez sua expressão está mais relaxada.

Tiro a bolsa de cima dela, e a cubro de volta. Deixo um bilhete pedindo para me avisar caso ainda se sintam mal e volto para o estúdio.

Pela primeira vez desde quando começamos a ter relações, eu nunca tinha pensado sobre proteção. Merda, na verdade isso nunca me passou pela cabeça. Mas que porra eu tenho na mente? Tremo ao pensar que ela poderia ter ficado grávida, eu nem sequer me dei ao trabalho de perguntar se ela fazia algum tipo de controle de natalidade.

Hanna fodeu com a minha cabeça em todos os níveis aceitáveis. E eu não estava achando isso ruim.

“And be yourself is all that you can do.”

Be Yourself – Audioslave

“E ser você mesmo é tudo o que pode fazer”

Hanna

Acordo sem nenhum vestígio da dor que estava me consumindo há poucas horas atrás. Olho para o lado e acendo um abajur, o quarto está escuro, e as cortinas abaixadas. Minha mão toca dois pedaços de papel. Aquela caligrafia horrível é fácil de distinguir até no escuro.

O primeiro bilhete Gael me avisa que estará no estúdio, o segundo ele pede para avisar-lhe se ainda estiver com dor. Sorriu e envio uma mensagem para o seu celular.

Obrigada por cuidar de mim, estou bem melhor, vou tomar um banho agora.

Sua resposta não vem, e penso que ainda estão ensaiando. Vou para o banheiro e faço minha higiene, minha cara está péssima, mas pelo menos, não estou mais com dor.

Cólicas me atormentam desde quando me entendo por gente, chegando várias vezes a ter que ir ao hospital. Graças ao tratamento com anticoncepcionais, as dores tinham diminuído consideravelmente. Salvo em alguns meses, como esse, pensei.

Quando saio do quarto o aroma que sinto ao descer a escada faz meu estômago protestar. Olho no relógio e são quase duas da tarde. Nossa, eu realmente dormi.

— Cara são chocolates — ouço a voz de Braden.

— Desde quando você entende disso? — Gael fala.

— Toda mulher *naqueles dias* gosta de chocolate, qualquer idiota sabe disso. — oh Deus, se tiver um buraco aqui por favor me avisa, quando penso em dar meia volta e voltar para o quarto, Braden me chama.

— Olhem quem chegou, está bem bela adormecida?

— Sim, obrigada — Sento na cadeira ao lado do Gael.

— Você não fica tipo essas mulheres loucas quando está assim, não é? — Josh fala e Gael tenta conter o riso.

— Não, isso é antes e chama-se TPM — digo não acreditando que eles estão falando sobre meu período.

— Ah, o castigo — Os três falam ao mesmo tempo e meu constrangimento não poderia ser maior.

— Vocês podem por favor, mudar de assunto? — Pergunto e Gael beija a minha mão, finalmente eles mudam o foco da conversa e começam a discutir a música que estará no *setlist* da banda durante a turnê.

— Acho que precisamos trabalhar em algo novo — Braden fala.

— Temos algumas músicas muito boas que ainda não usamos — dessa vez é Josh quem fala.

— Acho que podemos ver isso — Gael fala e Micah concorda.

— Alguma composição sua? — olho para Gael.

— Não, pelo menos por enquanto — Ele pisca me fazendo sorrir.

— Nossa, do que estamos falando aqui? Você voltou a compor Malloy? — Micah fala, seu tom é de admiração.

— Nada de concreto ainda.

A frase de Gael parece surtir um efeito vibrante no grupo, pois todos começam a falar repentinamente, histórias de quando Gael escrevia algumas letras começam a surgir. Em alguns momentos ele baixa a cabeça parecendo constrangido, em outro seu sorriso torto demonstra orgulho.

— Como você está? — Gael pergunta baixinho.

— Bem melhor, muito obrigada por ter cuidado de mim — digo com toda sinceridade e ele sorri meio sem jeito, esse é um lado novo, Gael nunca fica constrangido com elogios, pelo contrário.

— Não precisa agradecer. Podemos conversar depois? — seu tom é um pouco preocupado e eu concordo com a cabeça e voltamos nossa atenção para a conversa na mesa.

Quando terminamos de comer, os meninos vão direto para o estúdio e Gael me acompanha até o quarto.

— Você tem que estar no hospital a que horas?

— Vou apenas verificar alguns e-mails e saio em seguida.

— Certo. Vou pedir para o motorista levá-la — odiava quando ele usava esse tom de voz, não era uma pergunta, nem uma afirmação, Gael dava ordens e acho que nem sequer tinha noção disso.

— Como sei que não tenho escolha, sem problemas. — dou de ombros.

— E vamos sair para jantar — dessa vez seu sorriso era radiante, retribui o sorriso com um beijo delicado.

— Adorei a ideia — ele voltou para a porta e caminhei até a cama para ligar o notebook.

— Ah, Hanna, quase esqueço, temos um jantar importante semana que vem, gostaria que você me acompanhasse, tudo bem?

— Tudo bem, negócios? — perguntei para poder me organizar sobre o que vestir.

— Quase isso, é um evento social, traje de gala e essas merdas todas — ele sacudiu a mão no ar e eu gemi, odiava esses eventos, evitava ao máximo. Horas no salão, vestidos de grife apertados, não era minha praia.

Não deixei que ele percebesse que eu odiava aquele tipo de evento, então apenas concordei e ele foi embora. Não precisei pensar muito sobre roupa, eu tinha alguns vestidos que serviriam para esses tipos de ocasião.

Os dias passaram e minha estadia no apartamento dele era fácil, eu estava à vontade. Mesmo com o tempo escasso, em que pouco conseguíamos nos ver, Gael manteve sua palavra e toda noite fazíamos amor antes de dormir. Não importava a hora, assim que sentia o colchão afundar ao meu lado e seus braços me envolvendo, eu me entregava ao desejo.

Na noite em que saímos para jantar, Gael tocou em um assunto que não tínhamos abordado, confesso que fiquei surpresa e tive um pequeno ataque de pânico. Como pude ser tão imprudente?

Ele sorriu e deixou o clima mais leve, avisando que ele também havia perdido toda a sua sanidade assim que fizemos amor pela primeira vez, mas que confia em mim.

Ele foi muito enfático em dizer que jamais fugiria das suas responsabilidades, e eu sabia do que estava falando. Filhos, isso era algo que eu realmente não desejava, pelo menos tão cedo, na verdade nunca. O temor de gerar uma criança e ela sofrer as mesmas coisas que sofri foi algo que me assombrou por muito tempo. Por isso, uso um contraceptivo interno, Deus me livre do uso de pílulas, não conseguiria lembrar de tomar.

Os meninos já estavam acostumados com a minha presença na casa, Josh, por mais estranho que pareça, era o mais carinhoso de todos, e sempre passávamos algumas horas assistindo filmes. Ele era uma excelente companhia.

Minhas pinturas começaram a ter hora para começar e terminar, já não sentia a necessidade avassaladora de me perder nas cores, minha necessidade era de estar sempre lá, para ele. Era uma necessidade visceral, que me assustava. Eu estava completamente dependente dos seus toques, era o momento que mais ansiava durante o dia.

No sábado, Mag foi me visitar, estava sentindo tanto a sua falta, e ela não deixou por menos, praticamente acampamos na sala enquanto os meninos estavam no estúdio. Uma garrafa de vinho na mão, estávamos sentadas no tapete da sala olhando algumas revistas, Mag me mostrava alguns projetos novos seus que saíram em uma revista famosa. Eu estava orgulhosa da minha amiga.

— Então Hanna, como vai a vida de “quase casada” — ela fez um movimento no ar para enfatizar as palavras quase casada.

— Não estou casada, isso é temporário, você sabe disso — coloco a taça de vinho no chão e prendo meu cabelo com um elástico.

— Não vou comentar sobre isso — ela levanta uma sobrancelha e sorri maliciosamente — Quando você vai no galpão? Pensei que fosse querer levar algumas pinturas do estúdio para lá.

— Nossa, você tem razão. Tinha esquecido disso, podemos ver essa semana.

— Tudo bem, só me avise com antecedência, quero me programar para ir junto, você fica muito deprimida quando vai naquele lugar.

Mag tinha razão, havia muitos quadros naquele galpão, pinturas da minha vida inteira, meus momentos alegres e meus momentos mais escuros.

— Ok.

— E as consultas?

— Oi?

— Não se faça de desentendida Hanna, Dr. Hunt, você está indo?

— Sim Mag, fui essa semana por sinal.

— Que bom.

— Ele mandou lembranças para você.

— Aquele velho é um esquisitão e tarado — não contive o riso.

— Quem é tarado? — Micah fala entrando na sala.

— Nenhum homem dentro desse apartamento. — Mag provoca.

— Opa, isso não é verdade — Josh fala seguido por Braden e Gael.

Eles parecem felizes, e ver essa expressão serena no rosto do Gael faz meu coração suspirar. Sinto que meus sentimentos estão tão interligados aos dele, que um simples sorriso preenche meu coração com calor. É inegável que eu o amo.

— Estão farreando? — Ele aponta para garrafa de vinho que está em cima do tapete, e já vazia.

— Nos distraindo — falo e vou para o seu colo.

— Senti falta disso — ele afunda os dedos no meu cabelo, e meu rosto vai para o seu pescoço. Adoro o cheiro que ele exala quando sai de um ensaio, seu perfume amadeirado se mistura com algo sexy, como suor e adrenalina.

— Já estão livres? — beijo de leve seu pescoço.

— Sou todo seu.

— Acho que vou vomitar arco-íris — a voz de Mag me tira do meu devaneio, e quando olho estão todos nos observando.

— Que tal um jantar? — Braden fala.

— O que acham de uma noite de pizza? Podemos pedir aqui e jogar alguma coisa. — Josh fala e seus olhos brilham.

— Por mim tudo bem. — digo ainda sentada no colo de Gael e ele apoia minha decisão.

— Jogar? Estamos no jardim de infância? — Mag fala e Josh mostra a língua, reprimo uma risada — Muito maduro.

Todos sorrimos e os meninos vão para uma ducha, Mag e eu ficamos responsáveis por pedir a pizza, e arrumar a sala para os jogos, que na verdade nada mais é do que Xbox.

— Vai dormir aqui? — pergunto enquanto arrumamos a mesa.

— Acho que sim, meu encontro de hoje melou.

— Hum, ainda está saindo com aquele engenheiro? — pergunto referindo-me ao cara que ela mencionou que estava encontrando na semana passada, mas pelo que conheço minha amiga, da semana passada até hoje, pode ter havido pelo menos mais uns três depois do engenheiro.

— Sim, mas ele teve um imprevisto e precisará fiscalizar uma obra hoje — isso sim era uma informação importante.

— Você está querendo me dizer que ainda está saindo com o mesmo cara depois de uma semana? — coloco a mão no coração dramatizando, ela pega um copo e me olha fazendo careta.

— Mais ou menos isso — ela volta a se concentrar nos copos, até perceber que não tem como escapar já que está tudo em ordem.

— Nossa, eu estou faminto — Micah entra na cozinha beija a minha bochecha em seguida faz a mesma coisa com Mag. Ela me olha e sorri, salva pelo gongo.

Um a um, eles chegam e a cozinha se torna uma algazarra. Sarah tirou o dia de folga, então todos ajudam um pouco. Assim que a pizza chega Gael vai buscar com Braden, o aroma invade o apartamento e Josh praticamente arranca as caixas das mãos deles, colocando-as no centro da enorme mesa.

Nossa noite não é nada menos que divertida, fico no colo do Gael a maior parte do tempo, e ele só me solta quando chega a minha vez em um jogo de dança estúpido que todos teimam em competir. Claro que eu sou uma tragédia, enquanto Josh e Mag disputam cada ponto arrancando risadas de todos nós.

— Braden não sente ciúmes? — sussurro para Gael, estamos observando eles dançarem, Josh joga charme o tempo todo, sua boca chega a poucos centímetros da de Mag, alguns toques ousados, deixam a dança bem mais ousada.

— Não Hanna, eles são bem estranhos, eu disse.

Estranho não era a palavra exata, na verdade nem sei se conheço alguma palavra para o que acontecia. Josh estava jogando todo seu charme para Mag, enquanto Braden estava sentado com Micah as vezes conversavam e riam, outra ele observava, mas sempre com uma expressão de... admiração?

— Só espero que isso não fique estranho demais e ela não se meta em nenhuma confusão.

— Fique tranquila ok? Confie neles, se sua amiga quiser, aposto que vai ter uma noite bem divertida com os dois.

Meu queixo quase bate no chão de tão chocada que fiquei com essa informação. Olhei para minha amiga e Josh dançando sensualmente no meio da sala e olhava para Braden, meus olhos iam de um para o outro tentando entender essa bagunça quando Braden me flagrou e apenas ergueu a taça em minha direção.

Ele sabia o que eu estava pensando, e eu quase morri de vergonha.

Antes que ficasse mais constrangida, Gael entendeu a deixa e me chamou para subir, nos despedimos de todos e fomos para o quarto.

— Ah meu Deus, isso vai ser estranho amanhã. — me joga na cama levando as mãos no meu rosto.

— Nada será estranho, você está exagerando.

— Eu conheço a minha amiga Gael, ela vai pra cama com ele, ou eles. Ai Deus. — cobri meu rosto novamente e ouvi a risada dele.

— Confie neles Hanna, sua amiga está em boas mãos. Não vai acontecer nada, pelo menos nada que ela não queira.

— Você não está ajudando sabia.

— Você está grilando sem necessidade, Hanna.

— Eu sei que pode soar egoísta, mas os meninos estão me aceitando melhor do que eu imaginava, não quero que minha amiga maníaca sexual estrague tudo — sento na cama observando-o enquanto se troca.

— Não se preocupe com aqueles idiotas, eles adoram você, além do mais, eles sabem se cuidar.

Não argumentei mais, ele não fazia ideia do motivo da minha necessidade em ser aceita pelos seus amigos. Não poderia entender o quanto me sentia acolhida, como nunca tinha sido antes. A convivência com todos estava fazendo um bem que não conseguia descrever.

Acordo com os braços fortes me segurando, suas pernas em cima das minhas, essa posição já havia se tornado rotina.

— Nem pensar, você não vai fugir — sua voz rouca de sono me faz sorrir.

— Preciso levantar, se conheço a minha amiga ela já está preparando o café, não quero deixá-la sozinha.

— E se eu conheço os meus amigos, sua amiga mal consegue andar.

— Gael — bato nas suas costelas e ele sorri.

Me liberto dos seus braços e vou para o banheiro, quando saio ele está na mesma posição abraçado ao meu travesseiro.

— Alguém está preguiçoso hoje — beijo suas costas.

— Se continuar me beijando assim, vou ter algo a mais do que preguiça.

Mordo seu ombro e ouço um grunhido vindo do seu peito. Não dou tempo para que ele reaja

mais, saio correndo do quarto rindo enquanto ele grita alguns palavrões.

— Sabia que ia encontrar você aqui — falo para uma Mag cantarolante.

— Bom dia senhorita.

— Então... — sento no balcão enquanto observo ela preparar o café — Os meninos, hum...

— Você nunca foi tímida Hanna. Pergunta logo de uma vez.

— Você dormiu com ele? Quero dizer, eles? — Mag começa a rir tão alto que acho que

conseguiu acordar a casa inteira.

— Nunca vi seu rosto tão vermelho — ela aponta com uma espátula na minha direção ainda

sorrindo — Mas, vou responder a sua pergunta, passei a noite com eles. Satisfeita?

— Ah não, e o cara que você está saindo?

— O que tem? Se ele me procurar, saímos de novo.

— Simples assim? — pergunto chocada.

— Simples assim Hanna, não estou apaixonada nem pelo Josh, nem pelo Braden, tive um bom

momento com eles e é só.

— Como você consegue?

— Transar com os dois? Bem isso...

— Não!! — tapo os meus ouvidos sorrindo — Não quis dizer isso! Como você consegue dormir

com os caras sem se envolver? Só sexo e nada mais.

— Anos de prática. — ela dá de ombros e desisto de tentar entender, começo a ajudar a

arrumar a mesa e não demora para os meninos invadirem a cozinha.

Josh entra e beija o pescoço dela ganhando um beliscão no traseiro, enquanto Micah me

cumprimenta seguido de Braden, depois Josh vem e me abraça.

— Mantenha suas mãos para si Josh.

— Bom dia Malloy, noite ruim? — ele mantém um braço envolvido na minha cintura.

Gael resmunga alguma coisa e nos sentamos, os meninos conversam sem parar, Mag está bem

à vontade com eles e esse é um dos poucos momentos da minha vida em que me senti em paz, em família.

Era isso que éramos, uma família, e eu tinha certeza que isso não era bom, pelo menos não

para mim.

*“Like a fever
Burning faster
You spark the fire in me.”*

Let Me Put My Love Into You – AC/DC

“Como febre / Ardendo rapidamente / Não se preocupe / Você reluz o fogo em mim”

Gael

Era notável a alegria da Hanna quando estávamos todos reunidos no café, sua amiga logo ganhou a simpatia de todos, e o tão temido “momento constrangedor” nunca apareceu.

Durante a semana Hanna me acompanhou até o Hospital, conversamos juntos com alguns médicos sobre o meu tratamento, ela enchia a todos com perguntas que nem eu mesmo poderia lembrar de perguntar.

Meu avanço era perceptível e no dia que ela me viu em pé em um dos aparelhos de fisioterapia, sua expressão me deu mais vontade de lutar.

— Hey! Você é alto! — ela fala assim que entra na sala, estou em pé em um dos aparelhos, e pela primeira vez ficamos frente a frente.

— Pensei que você já soubesse disso — pisco para ela e sou agraciado com um sorriso — Chega mais perto.

Meu corpo está preso, porém meus braços estão livres. Faço um sinal para me deixarem a sós e Hanna fica tão próxima quanto possível. Ergo meus braços e a ela se aninha no meu corpo. Envolver meus braços como eu sempre desejei, abraço seu corpo com força.

— Em breve, é assim que estarei para você, sem aparelhos, sem enfermeiros, só nós dois.

Beijo o topo da sua cabeça e sinto suas lágrimas molharem minha camisa.

— Desculpe, eu não consigo dizer o quanto estou feliz em ver você assim Gael — Suas mãos encontram meu rosto e encosto minha testa na sua, Hanna é alguns centímetros mais baixa, e seu corpo se encaixa no meu com perfeição.

— Eu sei, e é isso que eu mais desejo Hanna, fazer você feliz.

Beijo seus lábios devagar, saboreando esse momento. Nós já nos beijamos em várias posições diferentes, mas assim, em pé, era a primeira vez. Eu podia jurar que sentia uma eletricidade percorrer por todo meu corpo, a cada movimento da sua língua.

— Desculpa, mas precisamos continuar senhor — um enfermeiro nos interrompe.

— Vejo você em casa, ok? — beijo seus lábios novamente.

— Tudo bem.

— Não esqueça nosso jantar hoje, Micah irá levá-la para casa.

Hanna assente e sai da sala, ainda tenho alguns exercícios para fazer em alguns aparelhos, logo depois vou até o consultório do Dr. Maluco para minha consulta semanal

— Meu Deus, como você demora homem! — o velho praticamente grita quando chego na porta do consultório, ele está esperando do lado de fora com uma bola na mão.

— Vai jogar? — pergunto quando Jackson me ajuda com a cadeira e me aproximo da calçada.

— Não, você vai. Lembra do estádio do outro dia? É para lá que vamos. Venha, volte para o carro.

— Você poderia apenas me mandar uma mensagem avisando, não precisava de todo esse trabalho para descer do carro. — falo enquanto voltamos para o veículo.

— E qual seria a graça? Eu gosto do seu mau humor.

Ignoro seu comentário e partimos em direção a quadra. É como da última vez, Hunt entra cumprimentando algumas pessoas, logo depois me apresenta para um cara chamado Rob.

— Ei Rob, trouxe mais um jogador, só pega leve que ele é meio sensível.

Todos da quadra viram para me olhar, ótimo.

— Excelente apresentação Doutor — falo apenas para ele ouvir.

— O que? Queria que te apresentasse como? Senhoras e senhores o incrível e irresistível Malloy?

— Esquece — vou em direção ao meio da quadra para me juntar aos outros, eu jogava basquete antes, não deve ser tão difícil em uma cadeira.

— Malloy! — Hunt grita e eu me viro — Cuidado com seu corpo delicado!

Mando o dedo do meio e encontro com Rob e mais alguns jogadores, as instruções são passadas e o jogo começa.

A quadra não está em bom estado, algumas elevações no piso tornam difícil a locomoção da cadeira. Pelo menos da minha, porque o resto do time parece se virar muito bem.

Meia hora depois e meus braços já estão dormentes, levei duas boladas na cara e meu rosto deve estar tão vermelho quanto possível. Bem, não era tão fácil como eu pensava, mas o momento valeu a pena, conheci algumas pessoas novas e me exercitei.

— Então, o que achou? — Hunt pergunta me estendendo uma toalha.

— Fazia tempo que não me divertia tanto — digo com sinceridade enquanto enxugo o suor do meu rosto

— Rob faz um belo trabalho aqui, se tivesse mais recursos, essa quadra seria bem melhor — ele aponta em volta e percebo o que está dizendo, sim isso aqui precisa de uma boa reforma, a arquibancada está com problemas, e as cestas são apenas os aros de ferro presos em um poste.

— É, isso aqui está um lixo.

— Sabe como é, instituição que vive de doações, e por aí vai.

— Quanto você quer Hunt? — pergunto entendendo onde ele queria chegar me trazendo até aqui.

— O que? Eu? Não quero nada — ele finge inocência.

— Sou mais inteligente que isso seu velho astuto, quanto custa a reforma do lugar?

— Como eu vou saber? Não administro isso. Mas venha, vamos embora, Rob vai passar um e-mail com tudo que será necessário e eu repasso para sua equipe.

— Rob? Mas você nem falou com ele — então ele sorri — Seu maldito trapaceiro, como você sabia que ia oferecer o dinheiro?

— Observei você quando estive aqui da última vez, seu cabelo foi raspado para fazer uma peruca para uma menina com câncer, e o mais importante, Hanna gosta de você.

— E por isso você deduziu que eu ia aceitar?

— Eu tinha um plano B, caso não aceitasse.

— Que seria? — pergunto curioso.

— Pedir para Hanna falar com você, duvido que você negaria.

Saio sorrindo e ele me explica como tudo funciona, fala de quando começou a tratar Rob, o problema dele foi bem mais grave que o meu, o cara levou um tiro depois de um assalto e nunca mais pode andar. Hoje, Rob se vira melhor do que muito marmanjo com total capacidade de locomoção, mora sozinho e cuida do time de basquete.

Me comprometi em reformar todo o ginásio e garanti uma doação mensal para manter tudo funcionando, Hunt me agradeceu e prometeu me levar para mais passeios. O velho só poderia estar maluco pensado que eu ia reformar toda a cidade.

*“What you would do if
You were the one
Who was spending the night”*

Thinking Of You – Katy Perry

“O que você faria se / Você fosse aquele / Que estava passando a noite”

Hanna

Não consegui parar de sorrir o dia inteiro, ver Gael naquela posição foi algo mágico, e quando seus lábios tocaram o meu, uma explosão de cores virou meu cérebro. Eu estava feliz como nunca me senti antes. Feliz e esperançosa.

Sabia que ele iria passar o dia todo fora, então dediquei um pouco de tempo para me arrumar para noite, meu vestido estava separado, meus cabelos hidratados. Estava indo à cozinha para pegar uma água quando vejo Micah sentado no chão da sala, ele segurava um baralho nas mãos, e mexia uma carta entre os dedos. Aquele movimento me pegou de surpresa, e a lembrança que veio em seguida também.

Era mais uma noite em que a casa estava repleta de convidados, como de costume, estava na cozinha aguardando meu jantar. Estava sentada na pequena mesa de vidro com apenas quatro lugares, eu gostava daquela mesa, era lá que comia as minhas refeições junto com os empregados da casa.

“Com licença, pode me dizer onde fica o banheiro?” uma voz diferente chama a minha atenção, era um menino, e estava parado na porta com um largo sorriso, não pude ignorar, ele deveria estar apertado certo?

“Por ali” aponto o caminho e ele agradece saindo em disparada para o toalete.

Quando meu jantar é servido, o menino está de volta.

“Ei, obrigada pela informação”

“De nada” sorrio.

“Você vai comer aqui?” ele pergunta olhando em volta, fico calada, nunca ninguém antes tinha me perguntado isso, ou pelo menos me perguntado algo.

“Querido, aqui está você” uma senhora entra na cozinha, sua voz é doce porém preocupada.

“Eu só fui ao banheiro mamãe” o menino fala revirando os olhos, tento abafar um sorriso, mas

falho, ele é engraçado.

“Ora, e quem é esta princesa?” a doce senhora pergunta meu nome e mais uma vez fico muda.

“Ela é filha da governanta, senhora. Desculpa se ela está incomodando. Hanna coma seu jantar querida” A senhorita Elizabeth fala passando a mão no meu cabelo.

“Posso comer aqui com ela mamãe?” o menino pergunta e observo a resposta da mãe dele, é claro que ela não vai deixar, meninos vestidos em ternos nunca brincam comigo.

“Querido...”

“Mãe, lá só tem adulto e está chato”

“Posso ficar de olho neles, senhora” Elizabeth diz e a senhora sorri.

“Tudo bem, prometa se comportar”

“Eu prometo mamãe” mais uma vez ele revira os olhos e me faz sorrir.

“Eu sou Hanna” digo quando ele puxa uma cadeira e senta na minha frente.

“Eu sou Micah”

Minha visão fica escura e ouço o barulho de vidro se espalhando pelo chão, minhas pernas começam a fraquejar e sem me dar conta, estou na sala sendo socorrida pelo Micah.

— Meu Deus, você está bem Hanna? — Não consigo falar, eu olho para seu rosto tentando descobrir como foi que esqueci — Hanna você está me assustando, está se sentindo bem?

Olho em volta mais uma vez, o baralho está espalhado no chão do tapete, Micah me olha com preocupação. Então, lágrimas começam a jorrar sem parar e um soluço escapa dos meus lábios. Jogo meus braços ao redor do seu pescoço e choro compulsivamente.

— Eu chorei por você, chorei quando machucou o joelho no jardim — digo entre soluços e noto seu corpo ficar tenso — Diga, Micah, diga que não estou ficando louca, diga que é o menino que jantava comigo na cozinha.

Ele me aperta mais, e um grito de dor escapa da minha garganta.

— Shh, não chora, Hanna, eu estou aqui.

Ele passa sua mão na minha costa tentando me acalmar. Minha cabeça está tão bagunçada, meu coração dói com todas as memórias que tanto lutei para esquecer.

— Eu estava pensando quando você ia se lembrar — ele diz levantando meu rosto, limpo as lágrimas dos olhos para enxergar melhor.

— Desde quando você sabia?

— Poucas pessoas se preocupam com os outros como você. No primeiro dia no hospital eu desconfiei.

— Por que não me disse nada? — deito no seu peito e abraço seu corpo, ele afaga meus cabelos e beija o topo da minha cabeça.

— Não queria assustar você.

— Ah, Micah.

— Eu sei, talvez se tivesse contado no momento que desconfiei, algumas coisas estivessem diferentes.

Me afasto um pouco do seu abraço e o encaro, seu olhar não mudou ao longo dos anos, é um olhar puro e atrevido, me sinto tão tola de não ter desconfiado antes.

— Micah, eu...

— Não se preocupe, Hanna, meus sentimentos em relação a você estão bem definidos, Gael a ama de verdade, e eu estou feliz por vocês dois.

— Obrigada.

— Não vou negar que doeu ver a primeira menina que amei namorando meu melhor amigo — ele sorri e fico constrangida — Vem cá princesa, senti sua falta.

Ele me abraça novamente e minha mente volta no tempo, onde éramos apenas duas crianças que jantavam na cozinha enquanto seus pais discutiam sobre política na sala.

— Eu chorei por dias quando soube que você tinha ido embora. — ele diz me pegando de surpresa — E bem, você sabe, eu era um menino.

— E meninos não choram — digo sorrindo.

— Isso mesmo, você se lembra então?

— Claro que me lembro, eu estava apavorada com seu baque no joelho, chorei com medo de você estar com dor e a única coisa que você dizia era que estava tudo bem, que meninos não choram.

— E não choram mesmo, quer dizer, salvo quando sua melhor amiga vai embora sem deixar rastro.

— Micah, eu não sabia — Seguro sua mão.

— Eu sei, Hanna, e eu também sei de toda a verdade.

Minha respiração para um momento.

— Eu...

— Não diga nada ok? Eu descobri há pouco tempo sobre isso tudo, eu só acho que hoje você já é uma mulher adulta, Hanna, não uma criança que é obrigada a esconder segredos.

— Eu não quero falar sobre isso.

— Gael sabe?

— Não Micah, por favor, não quero que fale nada. Vocês vão começar uma turnê em breve, e então isso tudo ficará para trás.

— Você não conhece ele mesmo, não é? Gael nunca vai deixar você para trás, Hanna.

— Eu só não posso, entende?

— Não, eu não entendo. Mas respeito a sua decisão.

— Droga, tenho que me arrumar — olho o relógio e já está em cima da hora.

— Hanna, sobre esse jantar, eu queria falar com você.

Micah não consegue terminar de falar, Gael entra na sala conversando com Jackson. Assim que me vê, seu semblante muda.

— Você estava chorando? — ele pergunta preocupado.

— Apenas contando como foi ver você em pé hoje — Deus, como consegui mentir desse jeito, Micah apenas me encara.

— Vamos lá, precisamos nos arrumar. Vai conosco, Playboy?

— Com certeza, encarar uma limusine com meus pais é tortura demais.

Gael sorri e vamos para o quarto, olho para Micah e agradeço silenciosamente, ele balança a cabeça e sinto-me doente.

— Acho bom me contar o que realmente houve senhorita, além de mentir mal, havia cacos de vidro na cozinha.

— Podemos falar sobre isso mais tarde? Depois do jantar?

— Tudo bem, depois do jantar conversamos. Mas você não vai escapar, ou com certeza vou ter uma crise idiota de ciúmes e hoje não estou com humor para partir a cara do meu amigo.

Gael beija a minha mão e vai tomar banho, sigo também para lavar o rosto e começar a maquiagem. Enquanto começo a me preparar Gael canta no chuveiro tornando impossível minha concentração.

— Nunca conheci um cantor que fosse tão desafinado no chuveiro — falo sorrindo enquanto faço minha maquiagem.

— Se fosse você, diria que sou o melhor cantou que já viu.

— Ou?

— Ou vai precisar refazer a maquiagem.

Sorrimos e faço o que ele pede, já estou com a maquiagem pronta e tenho certeza que ele vai cumprir o que disse.

— Por que você não contratou uma equipe? Não precisava ter todo esse trabalho — estou terminando meu cabelo quando ele aparece novamente, já vestido, apenas arrumando a gravata.

Olhando assim, com seu traje de gala, ninguém imaginaria o que tem por baixo da sua roupa de grife, suas tatuagens que tanto amo estão ali, apenas esperando o momento certo para aparecer.

— Hanna?

— Oi — pisco saindo do transe, eu estava encarando e ele sorri.

— Se me olhar assim novamente, vamos ter que cancelar esse evento — pego sua gravata e arrumo, dando um beijo em seus lábios.

— Suma daqui, antes que aceite sua proposta.

— Vou esperar você lá em baixo.

Gael sai do quarto e termino meu cabelo, meu vestido é simples, de jérsei azul marinho com um decote drapeado nas costas, um Stella McCartney, que acentuava minhas curvas. Era perfeito, combinado com uma sandália Jimmy Choo de cristais, isso ia maltratar meus pés, mas valeria a pena.

Assim que desci, quase perco o equilíbrio, estavam todos ali, com um copo de whisky na mão conversando animadamente.

Eles estavam lindos, bem alinhados, eram um verdadeiro perigo para sociedade feminina. Assim que me viram, fizeram uma reverência que me fez sorrir. Gael se aproximou com a cadeira e veio ao meu encontro.

— Quero que use isso — Ele estendeu uma caixa de veludo, ao abrir, grandes brincos de diamantes brilhavam em conjunto com um bracelete e dois anéis.

— Isso são aquelas joias caras que a gente aluga para ir a eventos, não é? — Deus, espero que sim.

— Não, elas são suas, e os anéis são dois porque fiquei com medo de você surtar — Estremeci, eu estava andando com o PIB de alguns países na mão.

Troco minhas joias e Gael me encara deslumbrado, quando passo na frente ouço resmungos de todos os lados.

— Meu Deus Hanna, não tinha um decote menor? — ele fala enquanto Josh vem para o meu lado e pousa a mão bem no meio da minha costa.

— Isso vai ser uma fodida longa noite — Gael fala tirando Josh do caminho.

Todos entramos na Limusine e noto os meninos um pouco nervosos. Será a primeira apresentação deles depois do acidente, e mesmo que para um público pequeno, é difícil disfarçar a tensão.

O local é no salão de um grande hotel, um longo tapete vermelho digno de estrelas de cinema está na entrada e me sinto nervosa. Muitos fotógrafos estão aqui, e eu sou a única mulher acompanhando quatro roqueiros.

Olho para Micah em busca de apoio e ele sorri, saímos do carro e imediatamente flashes explodem, Gael é o último a sair, e uma enxurrada de aplausos e gritos tornam-se cada vez maiores. Ele pega a minha mão e beija, então seguimos pelo tapete.

Os meninos param algumas vezes para fotos e algumas declarações, me afasto um pouco mas não posso deixar de ouvir quando um jornalista pergunta.

— Ela é a sua namorada Malloy?

— Ela é mais que isso — essa é a sua resposta, e então eles se afastam deixando todos boquiabertos. Estou ferrada.

Entramos no salão e Troy, o empresário nos encontra, ele também é muito bonito e tão jovem quanto os meninos.

— Vamos ficar em uma mesa enquanto todas as formalidades são apresentadas — ele conversa com Braden nos conduzindo para os nossos lugares — O Primeiro Ministro deve chegar a qualquer momento, vou trazer até vocês para as apresentações.

Olho para Micah e ele está pálido, não entendo o motivo, e antes que posso perguntar se está bem, Troy fala novamente.

— Deixe-me dizer Hanna, você está linda — ele beija minha mão puxando a cadeira para que eu possa sentar.

— Você também Troy, não está nada mal — ele sorri e volta a conversar com Braden.

— O que está achando? — Gael pergunta.

— Tudo está perfeito.

— E você vai dançar comigo? — ele sorri.

— Se você me convidar.

— Quando formos para o palco, você não precisa sair daqui, está vendo? — ele aponta para o palco a poucos metros, temos uma vista privilegiada daqui — Vou cantar para você hoje.

Gael pega minha mão e beija, passando a ponta da sua língua, me provocando. Estremeço com seu toque, e com as promessas não ditas.

Ele olha para o anel na minha mão, é um solitário, com um enorme diamante em corte princesa, então ele pisca para mim e beija o local onde o anel está, e eu começo a entender o motivo daquela joia.

— Vou falar com meus pais — Micah levanta da mesa e vai em direção a um casal que está próximo.

Meu coração acelera com a presença deles, consigo ouvir a voz da sua mãe, é tão doce quanto eu me lembrava, e seus olhos brilham quando ela abraça seu filho. Da mesma forma que brilhavam quando ela permitiu que ele comesse na cozinha comigo.

Viro minha taça.

Algun tempo depois, Micah volta para a mesa e me olha preocupado, Gael conversa com

Braden enquanto Josh joga charme para uma morena da mesa ao lado, eu não consigo entender a expressão de Micah, até Troy chegar.

— Pessoal, quero apresentar a vocês o Sr. Zaik, o Primeiro Ministro da África do Sul.

— É um prazer conhecê-los.

Meu coração para, todos estão cumprimentando o convidado com entusiasmo, e eu não consigo me mexer, não consigo nem ao menos levantar o olho da minha taça.

— Respira Hanna — Micah fala, mas já não consigo escutá-lo, memórias esquecidas ficam tão vívidas diante dos meus olhos.

“Ela só tem cinco anos Zaik” minha mãe falava quando meu pai abria um papel.

“É tempo demais lana, não deveríamos ter deixado ir tão longe”

“Ela é nossa filha, você não pode ignorar isso”

“Não vai ser esses testes de DNA idiotas que irão me convencer disso lana, será que você não percebe? Se as pessoas souberem dela, vai ser o fim da minha carreira, o fim de tudo pelo que lutei”

Estou parada diante deles, quando ouço minha mãe chorar, eu não me aproximo, ou a chamo de mãe, ela nunca permitiu, a única que devo chamar assim é Elis, nossa governanta.

“Ela vai com Elis para os Estados Unidos, vamos garantir que fiquem bem estabelecidas”

“Por que não podemos mantê-la aqui? Está dando certo”

“Não lana, o filho do Governador já está passando tempo demais com ela, são crianças, uma hora ou outra ela vai abrir a boca”

Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, eu nunca falei nada com ninguém, nem mesmo com Micah.

— Hanna? Meu amor, você está bem? — Gael falava suavemente, enquanto massageava minhas mãos, olho em volta e várias pessoas estão me olhando. Inclusive ele.

— Me desculpe, acho que bebi champanhe demais.

— Você desmaiou quando apresentamos o Sr. Zaik. Está bem mesmo?

— Preciso ir ao *toalete* — pego minha bolsa e saio apressada me desculpando com todos. Preciso de ar.

Entro no banheiro quase desmaiando novamente. Droga, o que deu em mim? Sento em um pequeno sofá levantando o rosto, tentando o máximo não chorar.

Vou até a pia, e jogo um pouco de água para acalmar minha pele, então ouço uma risada, uma menina de mais ou menos dezoito anos entra no banheiro.

— Oi — ela fala enquanto retoca sua maquiagem, aceno com um sorriso e lavo meu rosto novamente — Você está bem? Está pálida.

— Estou bem, apenas uma indisposição — começo a retocar a minha maquiagem quando ela me encara novamente.

— Ah, você é a namorada do roqueiro certo? Do cara que vai cantar hoje à noite.

— Mais ou menos isso — digo sorrindo, ela é linda e jovem, seu cabelo cacheado caindo nos seus ombros, sua pele negra brilha na luz ambiente.

— Sou muito fã deles, será que você poderia me apresentar a banda? — sua pergunta me

pega desprevenida, mas seus olhos suplicantes me fazem concordar — Ah, meu irmão vai morrer quando souber, ele também adora a banda — ela pula batendo as mãos em euforia, não posso deixar de sorrir.

— Posso apresentar vocês dois — digo para a menina que pula ainda mais.

— Ele vai amar, somos gêmeos sabe, e o *Originals*, é uma das poucas coisas que gostamos iguais — ela faz uma careta — Ah, meu nome é Malika — ela estende a mão.

— Hanna — digo sorrindo.

— Querida estávamos procurando você, o show já vai começar — uma mulher elegante entra no banheiro, quando ela nos vê apertando a mão, toda cor do seu rosto se esvai. E eu me sinto novamente como se tivesse levado um soco no estômago.

*“You’re breaking into my imagination
Whatever’s in there
Is yours to take.”*

Song For Someone – U2

“Você está invadindo minha imaginação / O que quer que esteja lá / É seu para tomar”

Gael

Depois que Hanna saiu, parece que um mal-estar se instalou, Micah estava com cara de que ia vomitar a qualquer momento, o tal Ministro saiu dando uma desculpa qualquer, eu não estava entendendo nada.

— Aí está a senhorita — falo quando Hanna volta para nossa mesa, ela está completamente desorientada — Hanna? Está tudo bem?

— Sim, eu fiquei um pouco indisposta, mas já estou melhor — ela bebe um pouco de água.

— Você não parece melhor do que quando saiu. Quer ir embora? Podemos ir, é só você falar.

— Você vai cantar para mim hoje, lembra? — ela dá um sorriso pouco convincente.

— Vamos tocar e depois vamos embora.

— Tudo bem — Hanna diz, e Troy vem nos chamar.

Vamos em direção ao palco para testar os instrumentos antes de começar, não queríamos que nossa primeira apresentação fosse usando roupas de gala, então Josh trouxe nossa roupa usual.

Ele me ajuda para não atrasarmos, e quando vai se trocar vejo Micah, ele já está pronto, mas parece perdido.

— Nervoso? — pergunto.

— Um pouco, você não? — ele me olha e percebo que seu nervosismo não é sobre a apresentação.

— O que está pegando Playboy?

— Nada Malloy, nada que eu possa consertar.

— Você sabe o que aconteceu com a Hanna? — ele me olha, parece pensar na sua resposta, por fim suspira e fala.

— Sei.

Não tenho tempo de perguntar, Braden vem nos avisar que já está na hora. Olho para Micah e sua expressão está impassível.

— É hora do show — Josh fala batendo no ombro de Micah levando ele para o palco.

Tomo algumas respirações, preciso me concentrar para subir naquele palco, e depois, vou

descobrir que merda que está acontecendo.

— Boa noite — falo no microfone e todo o salão para de falar — É uma honra para nós, nos apresentarmos pela primeira vez, desde o acidente, em uma causa tão nobre. Como roqueiros, estamos sim acostumados com alguns tipos de preconceito — as pessoas me olham atentas, observo Hanna no seu lugar, sua atenção totalmente volta para mim, ela está mais relaxada — Muitas pessoas pensam que somos drogados, brigões, maníacos por sexo, bem a parte do sexo pode ser verdade — algumas pessoas sorriem e eu pisco para Hanna, ela fica corada mas corresponde o sorriso — Nós somos acima de tudo, pessoas, amigos que fazem de tudo para proteger uns aos outros, somos uma família. Por isso estamos aqui hoje, as pessoas nunca devem julgar um livro pela capa, ou uma pessoa pela cor. Essa primeira música não é nossa, mas acredito não ter nada melhor para expressar o motivo de estarmos aqui hoje.

Então começamos a tocar *The Best Thing About Me Is You* — Rick Martin, era uma música sobre preconceito, e uma música que o título dizia exatamente o que eu queria falar para Hanna, então cantei para ela.

“...Come on and just say yes
You know it's time to
Keep it simple
Let's take a chance and hope for the best...”

Quando terminamos a música, Hanna nos aplaudia de pé, seu rosto vermelho marcado pelas lágrimas, ela estava linda, e eu orgulhoso.

Seguimos com algumas composições próprias, em nenhum momento desviei meu olhar dela, ela estava sentada, acompanhava algumas letras.

Foi então que a vi ficar tensa, um homem se aproximou e disse algo no seu ouvido, ela negou, mas ele foi insistente, segurando seu braço com força, ele a levantou. Hanna sabia que eu a estava observando. Então seus lábios se moveram com algo que pareceu, desculpa.

Ela saiu com o cara que mais parecia um segurança, já estávamos na última música, eu já havia errado o tom algumas vezes desde quando a vi saindo, o público parecia não perceber, mas os caras sim.

— Pelo amor de Deus, Gael! O que houve? — Braden pergunta irritado — Estávamos indo bem, e no final você se perde, em uma música que você sabe de trás para frente.

— Alguém levou a Hanna — Digo sem paciência e todos me olham perplexos.

— Que porra é essa? — Braden fala.

— Eu não sei, eu vi alguém levando ela, e pelo jeito que agarrava o braço dela, não era de boa vontade que ela ia.

— Merda — Micah falou passando a mão no cabelo.

— O que você sabe? — pergunto.

— Vamos atrás dela — é a única coisa que ele fala.

— Não me esconda as coisas Playboy. — grito com ele.

— Não é meu segredo porra, mas temos que ir encontrá-la, ela vai precisar de você.

Josh e Braden ficam para falar com algumas pessoas que estavam aguardando o término do show, enquanto vou com Micah atrás da Hanna.

Olhamos em volta e não a encontramos, Micah vai falar com os pais dele e quando volta traz notícias.

— Acho que ela está na sala de conferência.

— Como você sabe disso?

— Olha Gael, é complicado ok? Mas ela vai te explicar tudo, só precisamos encontrá-la.

Na porta da sala de conferência, dois seguranças estão impedindo a entrada, um deles é o merda que levou a Hanna a força, meu sangue ferve.

— Eles não vão nos deixar passar — Micah suspira frustrado.

— Não, mas vamos entrar assim mesmo — Micah sorri e vamos até os babacas.

Eles não têm tempo para saber como foram atingidos, Micah derruba um deles rapidamente, enquanto o outro ainda me dá um certo trabalho, quando ele me acerta um soco, Micah o nocauteia.

— Valeu — agradeço e entramos na sala. Ouço a voz da Hanna, seu tom é como se tivesse implorando.

Assim que abrimos a porta que dá acesso a uma sala privada, minha visão fica turva. Hanna está desalinhada e o cara que foi apresentado a nós como Primeiro Ministro da África do Sul, está segurando os braços dela, segurando com força.

— Olha só o que você se tornou Hanna, andando com um bando de delinquentes. — ele fala gritando e sacudindo.

— Eles não são delinquentes, me larga. — Hanna grita de volta e tenta se soltar.

— Baixe seu tom de voz quando falar comigo mocinha. — Ele levanta a mão, e sei que vai bater nela.

— Larga ela — Hanna para de lutar e me olha.

— Gael! — sua voz é de surpresa.

— É melhor saírem — ele fala sem olhar para nós.

— Eu não vou falar novamente. Larga ela — minha voz é fria, então ele finalmente me olha, me analisando de cima abaixo com desdém.

— É com isso que você está? Um roqueiro drogado e inválido? — Um soluço escapa dos lábios dela e eu não vejo mais nada.

Fico em pé em fração de segundos estou dando um soco bem no meio do rosto dele, Hanna grita, mas não ouço mais nada, estou tão enfurecido. Dou mais um soco, e outro quando ela grita novamente.

— Gael, para! Ele é meu pai! — minha mão fica imóvel.

Olho para seu rosto, a maquiagem borrada pelas lágrimas, Micah a está segurando.

— Meu pai Gael, ele é meu pai!

— Mas que porra! — sinto um baque no meu corpo que me leva ao chão. Um dos seguranças me acertou, e o outro chuta minhas costelas.

Não consigo me mexer, tudo se transforma em uma imensa gritaria, Braden e Josh estão na sala, os seguranças estão desmaiados e eu estou tentando respirar.

— Vamos chamar uma ambulância — Braden fala e eu apenas concordo com a cabeça.

— Gael, você está bem? — Hanna está ajoelhada ao meu lado, porra é tão difícil respirar. — Fala comigo por favor — ela deita sua cabeça em meu peito e desaba em um choro incontrollável.

— Vem Hanna, um médico está vindo, você também não está bem — Micah a tira de cima de

mim, ela sai sussurrando desculpas.

— Você está bem? — Dessa vez é Braden que se aproxima.

— Minha cabeça está fodida — digo, ainda não entendo nada do que aconteceu aqui.

— Metade das pessoas ouviram a briga, estão dizendo que você surrou o primeiro ministro, é verdade?

— Ele estava machucando ela — tento me levantar.

— Não se mexa, não sabemos quais foram os danos. Você deu uns bons socos nele, mas que história é essa de pai?

— Não faço ideia Braden — era essa a verdade, eu não sabia o que tinha acontecido, Hanna disse que ele era seu pai, mas como? O cara era negro e ela era loira, do tipo loira natural, com os olhos verdes.

Porra minha cabeça estava muito fodida.

*“I can’t love you in the dark
If feels like we’re oceans apart.”*

Love In The dark – Adele

“Eu não posso te amar no escuro / parece que estamos a oceanos de distancia”

Hanna

Eu sabia que seria chamada para uma conversa, tinha certeza que ele não esperaria o momento nem o lugar certo, mas ser levada por um brutamontes, foi muito baixo.

— Não precisava mandar alguém me arrastar até aqui — falo assim que entro na sala, ele está lá, com toda sua postura soberana, me encarando da mesma forma de sempre, frio.

— Liguei várias vezes, você não me atendia. Agora aparece em um evento desses, em minha homenagem, você quer me desafiar, Hanna?

Meu nome soa tão frio, esfrego meus braços como uma forma de proteção.

— Não sabia que você estaria aqui — digo a verdade, eu não perguntei sobre o que era o evento, e nunca liguei para mídias.

— Só pode ser piada, como você não sabia?

— Gael me convidou, eu não perguntei.

— Ah, sim, o roqueiro. É com ele que você está? É com esse tipo de gente que você se envolve, Hanna?

— Você não tem o direito de questionar com quem eu me envolvo — sem perceber, estou gritando, ele me olha com fúria e me dá um tapa tão forte que tenho que me equilibrar para não cair.

— Você é minha filha! — ele grita de volta segurando meu braço.

— Está me machucando — imploro.

Ele ainda está sacodindo meu corpo quando a porta abre, Gael aparece com Micah, ele olha furioso para o homem que me segura bruscamente.

Não ouço mais nada, Gael levanta da cadeira me deixando atônita, desferindo socos, até que eu grito.

— Gael para! Ele é meu pai! — Sua mão para no ar, ele me olha confuso, seu olhar vai para o meu pai, ele está incrédulo. Ele não acredita.

A porta explode novamente, dois seguranças entram tirando Gael de cima do meu pai, um deles acerta o rosto dele, e o outro chuta suas costas. Eu grito de dor e sou amparada por Micah.

Josh e Braden chegam e não pensam duas vezes, eles tiram os seguranças que estão em cima do Gael, Braden não precisa lutar muito, ele é forte e com apenas dois socos, um dos seguranças

está no chão. Josh não tem tanta sorte e é atingindo antes de levar o segundo segurança para o chão também.

Uma confusão se instala, Troy chega e observa a cena, é como uma catástrofe. Cadeiras quebradas, pessoas ensanguentadas. Os meninos estão feridos e Gael está no chão.

Oh Deus, ele está no chão.

Vou até ele e me ajoelho perguntando se está bem, ele parece com dor e não me responde. Estou em choque com tudo que aconteceu, e sou levada até uma ambulância por Micah.

— Vou levá-la para casa — Micah diz enquanto sou examinada.

— Não, eu vou com Gael.

— Hanna, ele vai para o Hospital. Vai precisar fazer alguns exames.

— Quero estar lá — tomo um comprimido.

— Me desculpa, Hanna, dessa vez não.

Olho sem entender, quando vejo uma figura familiar se aproximar. É Malika.

— Você está bem? — ela pergunta preocupada e logo um rapaz aparece, ele é bem parecido com ela e deduzo ser seu irmão.

— É ela? A nossa irmã? — ele pergunta.

Minhas pálpebras começam a pesar, e minha cabeça fica pesada. Não consigo responder a eles, sou tomada pela escuridão.

Tento abrir os olhos, estou deitada em uma cama confortável, abraço com força o edredom exalando o cheiro tão familiar. Fecho os olhos com força, não quero acordar, quero pensar que tudo que aconteceu foi um enorme pesadelo, que assim que me virar ele vai estar deitado aqui ao meu lado.

— Vamos lá, garota! Hora de levantar! — a voz de Mag invade o quarto, ela começa a abrir as cortinas e a claridade me deixa tonta.

— Ah Mag, não! — falo tapando os olhos.

— Finalmente falou! — ela senta ao meu lado na cama — Como você está?

— Destruída — digo, é exatamente assim que me sinto.

— Seu namorado está chegando do hospital daqui a pouco, será que você não quer ficar um pouco mais apresentável?

— Como ele está? — sento na cama, estive dormindo esse tempo todo, não faço ideia nem de como cheguei até aqui.

— Não sei, o que sei é que ele quer conversar com você — gemo e me encolho na cama — Hey, se anime, ok? Vocês vão se acertar.

Mag me ajuda e me entrega um hobby, vejo que horas são, já é fim de tarde e eu dormi quase um dia inteiro.

— Micah mandou dopar você, ele disse que você estava muito agitada e merecia um descanso — Mag me explica enquanto comemos algo.

Então, quando ouvimos a porta abrir meu coração dispara, tão forte e inconstante, como se pudesse sair do peito. E pela cara de todos, as notícias não são nada boas.

— Precisamos conversar — Gael diz, ele está na sua cadeira, seu rosto cheio de hematomas, reprimo a vontade de tocá-lo.

Vamos para o quarto em silêncio, os meninos parecem me olhar com pena, é como se estivesse indo para uma execução.

— Por que não me contou? — Me surpreendo com o tom frio da sua voz.

— Eu ia contar Gael.

— Quando Hanna? Quando te pedisse em casamento e fossemos mandar os convites?

— Eu...

— Você é filha dele mesmo?

— Sim — assumo isso pela primeira vez na minha vida, sento na cama derrotada — E antes que você pergunte, sou filha legítima, dele e de Iana.

— Mas, isso não faz sentido — ele passa a mão no rosto.

— Eu sei, eles são negros — digo, eu mesma não consigo acreditar, mesmo com exames de DNA, que guardo até hoje, e toda pesquisa sobre genética que fiz, ainda é surreal.

— Não é disso que estou falando, estou falando o porquê eles agiram daquela forma com você — Isso me pega de surpresa.

— Você não está surpreso por meus pais serem negros e eu ser branca?

— Não Hanna, isso no começo foi meio que um choque, mas porra, quem sou eu para questionar? Eu quero saber o que houve.

Gael espera pacientemente minha resposta, não é uma história que gosto de contar, nem nas minhas consultas com Dr. Hunt me permito lembrar tanto.

— Quando nasci, meus pais ficaram chocados — respiro fundo, ele está na minha frente ouvindo atentamente — Imediatamente meu pai solicitou um exame de DNA, ele não acreditava que pudesse ser filha deles, na hora ele pensava que havia sido traído. Minha mãe ficou arrasada, e entrou em depressão. Quando foi confirmada a paternidade, eles imaginaram que minha cor fosse mudar.

— O que é óbvio que não ocorreu.

— Não, pelo contrário, meus cabelos foram ficando cada vez mais loiros. Todos os empregados na casa, eram de confiança, portanto, ninguém abria a boca para questionar, em uma pesquisa, meu pai descobriu que a bisavó da minha mãe havia casado com um estrangeiro. Qual era a possibilidade de nascer um descendente branco? Quase nula, eu fui um golpe de azar.

Paro para enxugar as lágrimas do meu rosto, Gael apenas me observa.

— É comum pessoas brancas na África do Sul, eu não era considerada algo bizarro na escola, apenas em casa. Meu pai não aceitava o fato de ter uma filha branca, ele foi uma pessoa que lutou demais contra o racismo, seus antepassados foram escravizados, ele odiava os brancos.

— Então não tolerava sua filha branca. — Gael afirmou.

— Isso, fiquei com eles até meus seis anos, foi quando a governanta da casa me adotou e viemos morar aqui.

— Ela foi a sua mãe então?

— Sim, ela cuidou de mim até a sua morte — já não conseguia conter minhas lágrimas, falar de Elis era doloroso.

— Ela não casou?

— Casou com um industrial, morávamos em uma cidade pequena, ele não me aceitava muito bem, e quando comecei a pintar, ele achava um pouco estranho. Foi aí que comecei a terapia. Elis nunca disse que eu não era sua filha, havia um grande fundo fiduciário em meu nome, e todo mês era depositado uma grande quantia, ela nunca mexeu nesse dinheiro, nem seu falecido marido soube disso.

— Você esteve segura? Quer dizer, não foi abusada?

— Não — respiro fundo — Às vezes, o abuso não é só físico, é psicológico, passei anos sabendo quem eram meus pais, mas estava proibida de falar, nunca tive um momento de carinho, uma palavra sequer. E quando meus irmãos chegaram, eu via como meus pais os tratavam, chorei o dia inteiro.

— Era aquele casal de jovens que estavam lá?

— Sim, eu conheci minha irmã no banheiro. Triste não? Mas eles não são meus irmãos de sangue, foram adotados, meu pai temia que uma outra criança loira viesse, então, optaram pela adoção.

— E renegaram a própria filha?

— Sim.

— Eu deveria ter matado aquele desgraçado. O que ele queria?

— Que me afastasse de você, não quer a mídia fuçando sobre a minha vida.

— Então, acredito que ele não vá olhar as notícias tão cedo — gemo.

— Como você está?

Gael me olha, sem me responder, ele parece procurar as palavras, ele se aproxima mais e segura a minha mão.

— Houve uma lesão — aperto a mão dele com força — Mas nada que a fisioterapia não resolva.

— Por que eu acredito que não vou gostar do que você vai falar? — ele beija minha mão.

— Hanna, ouça.

— Por favor, Gael.

— Conversei muito com os médicos, com Troy, preciso estar cem por cento na minha reabilitação, eu preciso estar cem por cento para você, entende?

— Você está me dispensando? — olho incrédula.

— Hanna...

— Você... Eu odeio você.

Levanto da cama e vou direto para o *closet*, pego todas as minhas roupas e jogo na cama de qualquer jeito.

— Hanna, espera, não vá ainda.

— Ainda? Por que? Você já me dispensou Gael, a festa acabou não foi? Sou complicação demais para você, já entendi.

Desisto das minhas roupas e vou direto para sala, ele vem atrás, xingando alto, finjo que não escuto. Estou com tanta raiva que se olhar em seus olhos sou capaz de arrancá-los da sua cara.

— Vamos Mag — minha amiga levanta do sofá assustada, eu ainda estou vestindo apenas uma camisola.

— Você vai desse jeito? — ela aponta para minha roupa, e eu ignoro.

— Vamos pegar um táxi.

— Alguém pode levar você — Gael fala e me viro para encará-lo.

— Você, seu idiota de merda, não manda em mim, você não opina mais em nada, não dita mais nenhuma maldita regra — aponto o dedo em sua direção, sem perceber Mag está me puxando pela cintura.

— Ai, essa doeu — Josh fala.

— Eu só quero ir embora, Mag.

Minha amiga não questiona mais e saímos do apartamento, pego meu celular e mando uma mensagem para Micah pedindo que leve minhas roupas para o meu apartamento.

O taxista me olha pelo retrovisor, impossível não olhar, não deve ser todo dia que uma louca usando apenas uma camisola de seda entra no seu carro. Tento ficar alheia aos olhares pesarosos de Mag e me concentro na rua. Tudo passa tão lentamente, como a cena de ontem à noite.

— Ele me dispensou Mag. — Falo olhando pela janela.

— Tem certeza? — Olho para minha amiga.

— Não sou idiota Mag, sei quando sou dispensada.

— Gael é um imbecil Hanna, não merece você.

— Eu sei, mas mesmo assim, eu o amo tanto que dói.

Mag não disse mais nada, chegamos em casa e a primeira coisa que faço é me jogar na cama, eu não queria mais pensar.

*“Do you ever feel like breaking down?
Do you ever feel out of place?
Like somehow you just don’t belong
And no one understands you.”*

Welcome To My Life – Simple Plam

“Você já se sentiu como se estive se quebrando? / Você já se sentiu fora do lugar? / Como se sentisse deslocado / E ninguém te entendesse”

Gael

Hanna sai do meu apartamento batendo a porta, sinto meu coração sendo esmagado a cada passo que ela dava. Mas o que eu poderia fazer? Troy teve que lidar com um bando de jornalistas de merda, sem contar que teve que negociar com o pai dela, o cara ia me processar e ameaçou fazer um escândalo internacional.

Troy teve uma grande dor de cabeça, no final, tive que prometer que ia focar na minha recuperação e ficar longe da Hanna, pelo menos até a poeira abaixar. Não queria que ela fosse exposta, não queria que ela sofresse ainda mais.

— Mas que grande covarde você é Malloy.

— Cala a boca Micah — Braden fala, mas Micah tem razão, eu apenas aceitei os termos.

— O que? Vão dizer que concordam com essa merda toda?

— Micah tem razão — Josh fala, os três estão me olhando.

— Viu? Até ele que só pensa em dinheiro está concordando comigo.

— Me deixem em paz, todos vocês.

Volto para o quarto e as roupas dela estão espalhadas pela cama, seguro uma de suas camisas e não posso evitar o sorriso, é uma dessas camisas, toda rabiscada que ela costumava usar.

Tomo um banho e deito na cama, abraçado a sua camisa, ignorando toda aquela bagunça. Doeui quando vi a mágoa em seu rosto, principalmente depois de tudo que ela passou. Eu sou um merda.

Durmo e tenho pesadelos a noite inteira, pesadelos onde sou incapaz de defendê-la, isso é o pior sentimento de todos, a impotência.

Quando saio do quarto, Mag está com Josh e Braden, eles conversam casualmente e eu a procuro com os olhos. O que é ridículo, sei que ela não veio.

— Finalmente saiu do quarto, vim buscar as coisas da Hanna — Mag passa por mim acompanhada por Josh.

— Você sabe como ela está? — pergunto a Braden.

— Nada bem.

— Eu não sei o que fazer.

— Deveria ter lutado por ela — Micah diz assim que entra na sala, ele está segurando a chave da moto e o capacete na mão — E antes que pergunte, vou até o apartamento dela.

— Que porra é essa? — Grito indo em sua direção.

— O que? Vou fazer a merda que você não fez.

— Eu não posso estar com ela agora Micah.

— Sério? Não pensei que você fazia o que os outros mandavam.

— Gael está certo Micah — Braden intervém, ele estava ciente de tudo.

— Vocês vão me contar tudo o que aconteceu? Ou vou precisar arrancar de vocês?

— O que aconteceu? — Josh reaparece com Mag, e eu cubro meu rosto com as mãos.

— Braden, por favor, eu não tenho mais forças para lidar com isso.

Então todos começam a escutar, Braden explica o acordo que foi feito, informando que o pai da Hanna ia ficar por mais duas semanas nos Estados Unidos, e nos ameaçou com um processo, o que não seria bom já que a banda iria retornar aos palcos, e eu poderia correr o risco de ir para prisão, bem como todos que estavam envolvidos.

— Ah droga, e você não contou isso a ela? — Mag falava horrorizada.

— Mal tive tempo, ela saiu furiosa, mas acho que foi melhor assim.

— Então é isso? Você está desistindo dela? — Micah fala.

— Não posso ser o quer ela precisa agora. — Digo.

— Você é um completo babaca Gael, eu conheço a Hanna desde os cinco anos, nunca vi alguém melhor do que ela.

— É por isso que estou me afastando, eu não pude protegê-la quando ela precisou de mim, não enquanto estiver sentado nessa porra de cadeira de rodas.

— Você não precisa ser a droga de um super-herói, você tem seus amigos. Mas vou lhe dar um aviso, se você a perder, eu vou estar lá para ela.

Com isso ele sai, deixando todos boquiabertos, então sinto meu rosto queimar, e lágrimas caírem enquanto volto para o meu quarto.

Uma semana passou sem que tivesse alguma notícia, sei que todos eles vão visitá-la, principalmente Micah, ele só aparece aqui para os ensaios. Estou totalmente focado na minha reabilitação, faço os exercícios recomendados e contratei a melhor equipe médica que o dinheiro pode comprar.

O esforço que fiz quando levantei, me custou praticamente todo avanço que tinha tido até hoje, e os chutes que levei na costa poderia ter me custado muito mais. Por pouco, minha lesão poderia ser permanente.

Por isso decidi focar na minha recuperação, e só voltaria a procurá-la quando estivesse andando.

Porra isso estava sendo difícil pra caralho.

— Onde vocês estão indo? — pergunto quando Braden e Josh estão descendo a escada.

— Vamos sair para jantar — Braden fala.

— Ok, estou precisando sair disso aqui, tem duas semanas que o único lugar que vou é o hospital.

— Acho melhor não — Josh fala e começo entender o motivo.

— Porra, agora vocês são o que? Babás dela?

— Cara não pira, você já é bem grandinho, Mag finalmente a convenceu a sair de casa.

— Como ela está? — Pergunto para Braden, já tinha parado de perguntar por ela, sempre recebia as mesmas respostas.

— Josh, pode ir, vou sair com Gael — Braden fala ignorando a minha pergunta.

— Ok — Josh sai e Braden respira fundo.

— Ela só não sai de casa, de resto, está melhor do que eu esperava.

Certo, isso não foi tão ruim, ela está bem e é isso que importa, não? Mas por que meu coração dói?

— Você vai me levar onde vocês iam jantar.

— Só pode ser brincadeira.

— Não Braden, preciso vê-la, mesmo que de longe.

— Gael, se você fizer alguma merda juro por Deus que soco você.

— Combinado. Onde eles vão jantar?

— No Takeshi.

Era perfeito, consegui entrar em contato com meu amigo e conseguimos uma mesa isolada, ela nem ia notar que eu estava ali.

Como previsto chegamos primeiro, eu estava nervoso como inferno e Braden ria. Duas semanas sem vê-la e parecia uma eternidade. Então meu coração parou de bater, consegui ouvir as vozes de Josh e Mag quando entraram no restaurante, Mag segurava seu braço e ria de alguma piada que ele contara, Hanna vinha logo atrás sorrindo também, de braços dados com Micah.

Hanna estava linda, seu cabelo preso em uma trança, ela praticamente não usava maquiagem, e usava um jeans e um camisa de seda.

Meu pau se contorceu com a visão do seu decote.

— Sem merdas Gael — Braden disse quando viu minha reação. Pedi uma dose de Whisky.

Não consegui comer, apenas bebia uma dose após a outra, mesmo depois de Braden me ameaçar, ignorei, o que ele sabia sobre coração partido? Nada.

— Você não acha que já bebeu demais? Está encarando ela como um psicopata — Hanna não podia me ver, mas eu tinha uma visão perfeita da mesa deles, agora ela compartilhava uma sobremesa com Micah.

— Eu vou matá-lo — dizia mais para mim do que para Braden.

— Vamos embora, foi uma péssima ideia ter vindo até aqui.

Nesse momento vejo algo que me paralisa até os ossos, Micah limpa a boca dela com a ponta dos dedos, ela fica imóvel, e ele beija o seu rosto, um beijo bastante demorado.

Penso que isso pode ter sido efeito do álcool, mas quando vejo o rosto de Braden ele parece tão chocado quanto eu.

— Certo, é agora que ele morre — Digo e começo a me movimentar.

— Vamos embora Gael, você não vai fazer nenhum escândalo — ele me puxa de volta para o meu lugar, e noto uma mesa onde duas garotas nos observam.

Olho por olho, certo?

Olho para Braden e ele percebe as minhas intenções, sua cabeça sacode de um lado para o outro. Sei que estou fazendo burrice, e que é a jogada mais estúpida que posso fazer, mas porra,

eu estou bêbado.

Começo a flertar com as garotas, uma piscada entre um gole e outro. Não demorou para duas sentarem na nossa mesa, engatamos em uma conversa vazia, enquanto revezava em flertes idiotas e a vontade de matar meu amigo.

A conversa na outra mesa seguia animada. Por que ela não está em casa sofrendo? Esse era o certo não era? É sentir seu mundo perder a cor, é ouvir o som da sua guitarra e não sentir seu coração pulsar, porque simplesmente ele está pela metade.

— Aqueles ali não são? — uma das meninas apontou para Micah e Josh, ah isso estava ficando divertido.

— Ah sim, são eles — corto já sabendo o que querem saber — Que tal ir lá dar um oi? Então podemos ir nos divertir.

Faíscas saem dos olhos delas e Braden geme, ignoro enquanto ele chama o garçom, nossa conta é fechada e vamos até a mesa pesadelo.

— Ora, ora, e ainda dizem que essa cidade é enorme — falo quando nos aproximamos, vejo que Hanna congela ao ouvir o som da minha voz.

— Uma enorme coincidência, não acha? — Micah fala e olha para Braden.

— Acredito que temos gostos semelhantes — olho para Hanna e seu rosto assume um tom de vermelho. Ah baby, eu posso jogar esse jogo a noite toda.

Não tiro os olhos dela enquanto as meninas tomam seu tempo com Micah e Josh, pedindo seus autógrafos e tirando fotos. Hanna não me olha, seu olhar está concentrado na taça com água a sua frente, noto o colar no seu pescoço e meu pulso acelera com a possibilidade de ela estar usando o pingente que dei em Bali.

— Acho que já chega meninas, temos outro lugar para ir — digo capturando a atenção delas. Deus, como são fáceis — Tenham uma noite agradável.

Saímos e ouço Micah xingar por entre os dentes. Tenham uma noite de merda é isso que desejo.

Vamos para o meu apartamento, Braden não fala comigo durante o percurso, e eu fico agradecido, não estou afim de ouvir sermões enquanto temos duas garotas mais do que dispostas nos acompanhando.

— Eu não acredito que você está levando elas para sua casa — ele fala quando chegamos na garagem.

— Você pode ir dormir, eu vou me divertir.

— Você está bêbado Gael, e está puto.

— Não enche, Braden.

Entramos no meu apartamento, então a festa começa. Braden fica no sofá jogando conversa fora com a morena de peitos fartos e cabeça vazia, enquanto a loira me acompanha. Ela não tem o mesmo tom de cabelo, nem o mesmo formato da boca, mas deve servir.

Vou até a cozinha para pegar mais álcool, preciso estar entorpecido para poder esquecer, para poder tirar ela do meu sistema.

Alguns minutos de conversa fiada e vamos para o quarto, Braden tenta impedir, sem sucesso, enquanto a loira me segue. Nem fodendo eu vou deixá-la sentar no meu colo.

No quarto, minha mente fica embaçada. Imagens do rosto dela invadem minha cabeça como ondas em um mar revolto, um mar que pretende me engolir até a morte.

Seu corpo quente, colado ao meu quando acordamos, sua voz manhosa quando estava doente,

seu olhar compenetrado quando pinta. Mas o gosto, não, esse não é o gosto dela.

Abro os olhos e estou deitado na cama, completamente nu. Como diabos eu cheguei até aqui? A loira não está diferente, ela ataca minha boca faminta. Seguro seus braços tentando ter um pouco de foco, quando minha porta abre e o barulho faz a loira gritar e se cobrir.

— Isso só pode ser brincadeira — Hanna me olha perplexa.

— Hanna...

— Não fala o meu nome — a loira sai de cima de mim e senta ao meu lado assustada, olho para baixo, porra, nem sequer estava excitado.

Ela anda em direção a cama e me sinto confuso, fazia um tempo que não bebia assim e estou desorientado. Então ela se abaixa ao meu lado na cama, pega a minha mão e coloca o colar que havia lhe dado.

Assim, sem dizer mais nenhuma palavra, ela sai, fecho meu punho, enquanto meu coração se desintegra.

Eu ferrei com tudo.

— Podemos continuar? — a loira fala ao meu lado.

— Saia.

— Mas...

— SAI PORRA.

Grito e ela se assusta, pega suas roupas e sai correndo enrolada em um lençol. Olho para o objeto em minhas mãos, então eu choro. Choro pela Hanna, choro pelo babaca que fui esse tempo todo, choro por não ter lutado por ela.

Acordo com uma ressaca dos infernos, mas mesmo assim, ainda acho que merecia muito mais, demoro um pouco até que vou ao banheiro. Minha mão está vermelha, marcada pela força que fiz quando apartei o pingente. Adormeci com ele na minha mão, com a última coisa que ela tocou.

Visto apenas uma calça de pijama, não estou com vontade de sair do quarto, mesmo assim, desço para tomar um café, e quem sabe pegar mais um pouco de álcool, a fisioterapia pode ficar mais divertida, penso.

No momento que eu entro na cozinha, três pares de olhos estão me encarando. Que ótimo, bom dia de merda para mim.

— Você poderia me dar o prazer da sua ausência hoje Playboy — falo encarando Micah.

— Não perderia ver a sua cara agora, por nada no mundo.

— Pensei que estar com ela valesse mais que a ver a minha cara de merda — sirvo uma xícara de café.

— Porra Malloy, que merda você pensou que estava fazendo ontem? — Micah fala e eu jogo a xícara na parede, espalhando café para todos os lados.

— Que porra VOCÊ pensa que estava fazendo, Micah? — Braden e Josh levantam prontos para separar uma briga.

— Tentando fazer você lutar por ela, imbecil — Micah levanta derrubando a cadeira.

— Você o quê? Que merda você está dizendo? — falo confuso.

— Eu sabia que você estava lá, idiota — olho para Braden e ele torce os lábios — Eu estava provocando você, pensei que você ia lá e quebraria a minha cara. Mas não, o fodido Malloy teve que levar uma garota para cama.

— Caralho Micah!

— É, caralho mesmo, você conseguiu foder com tudo. Passei a noite com ela chorando no meu ombro. Ela dormiu cansada de tanto chorar Gael.

— E eu passei a noite no zero a zero. — Josh fala ganhando um olhar de advertência — O que foi? É verdade.

— Micah, eu não transei com aquela garota.

— Você não entende, não é? Hanna pegou ela em cima de você, você trouxe outra mulher para sua cama. Porra, ela queria tacar fogo na sua cama.

Ele sorri e passa a mão no cabelo, meu coração se aquece. Ela queria me matar, isso era um bom sinal, não era?

— Eu não posso voltar para ela.

— Por que? Temos bons advogados Malloy, não vamos ser presos — Micah fala como se fosse a coisa mais simples do mundo.

— Estamos com você Gael, esses processos não são nada — Braden fala e Josh concorda.

— Não é por isso — confesso — Eu não posso voltar para ela enquanto tiver nessa cadeira.

— Vocês estavam felizes, que merda Malloy.

— Eu não posso ok? Não posso vê-la indefesa e não poder fazer nada, não posso ver alguém machucá-la e não poder socar o filho da puta até a morte — respiro fundo — Foi assim que me senti quando vi aquele cara segurando os braços dela, pela primeira vez me senti realmente impotente.

Meus amigos me olharam por um momento, ninguém falou, não precisava, eu sabia o que passava na cabeça de cada um deles. Eles me entendiam.

Continuamos a tomar nosso café, contei a eles meus planos para minha recuperação e como pretendia lutar por ela. Eu vi a dor nos seus olhos, e o filho da puta responsável por isso era eu. Eu iria voltar a andar, por ela, eu iria rastejar se fosse preciso, mas a teria de volta.

Era uma fodida promessa.

*"I may cry, ruining my make-up
Wash away all the things you've taken
I don't care if I don't look pretty
Big girls cry when their hearts are breaking."*

Big Girls Cry – Sai

*"Eu posso chorar, arruinando a minha maquiagem / Lavando todas as coisas que você tomou / E eu não ligo se não estou bonita
/ Garotas crescidas choram"*

Hanna

Depois que Gael me dispensou, minha vida se estabeleceu em uma simples rotina, pedi licença nos trabalhos no hospital, sabia que ele estaria lá com frequência. Me dediquei as minhas pinturas e ao Centro de Recuperação.

Meu pai entrou em contato comigo, na verdade o advogado dele ligou, o que não era novidade. Assinei alguns documentos de confidencialidade a respeito do que aconteceu na festa, porém, deixei claro que se meus irmãos me procurassem, eu iria recebê-los.

Micah, Josh e Braden, eram como meus guardiões, sempre presentes, em alguns dias quando acordava, Braden estava fazendo o café da manhã. O que era um pouco estranho. Mas a nossa convivência era muito agradável.

Mas tudo se desintegrou quando o vi, meu coração virou pó quando entrei naquele quarto e uma mulher estava em cima dele. Meu Deus, eu pensei que fosse morrer naquela noite, ou melhor, eu queria ter morrido naquela noite.

A cada hora que fechava os olhos, era ele que eu via, não conseguia mais pintar, fui para o estúdio algumas vezes tentando me distrair. É impossível apagar uma memória, eu sabia, tentei por anos esquecer o quanto fui ignorada pelos meus pais, tentei apagar da minha mente a visão deles sendo completamente amáveis com meus irmãos.

Nunca funcionou, mas agora, essas visões apenas foram substituídas. Uma dor, para amenizar a outra.

Uma semana depois, devolvi tudo que ele havia me dado, as joias, roupas, o pingente entreguei na mesma noite. Nunca havia retirado, mas depois de vê-lo naquela situação, era demais para mim, o amor que carregava no meu coração já era pesado demais, não precisava de nada material.

— Hanna, os meninos chegaram, e vieram com um arsenal de comidas e filmes — Mag começou a tagarelar.

— Não estou no clima — Falo sem tirar os olhos do computador.

— O que você está vendo aí mocinha? — ela se aproxima e não tenho tempo de fechar a tela

— Passagem? Você está querendo ir viajar?

— Não sei Mag, foi só algo que surgiu na minha cabeça.

— E isso aqui? Foi algo que surgiu na sua cabeça também? — ela mostra a tela com a busca no Google, isso mesmo, eu estava buscando sobre Gael, qualquer informação, qualquer foto.

— Apenas me deixa Mag — fecho a tela do notebook.

— Hanna por favor, se você quer saber alguma coisa basta perguntar para os meninos, não fique atrás de informações de uma impressa que você sabe, dificilmente são verdadeiras.

— Prefiro assim, seria vergonhoso demais sair perguntando sobre ele, pelo visto não deve se lembrar de mim — me jogo na cama e coloco o braço no rosto.

— Vem, vamos para sala, você precisa se distrair um pouco, Micah está aí, Josh e Braden também, você não precisa daquele babaca do Gael.

— Não Mag, é isso que está me matando, eu preciso dele mais do que gostaria.

Meu celular apita uma mensagem e Mag corre para olhar, ultimamente tenho visto ela fazer isso regularmente, ela diz que quer ficar de olho caso haja alguma mensagem idiota do meu pai.

— Acho que acabo que ter uma ideia — olho para o seu rosto — Vamos sair senhorita Daves.

Mag pula e bate palmas e joga o celular, pego e verifico a mensagem, não contendo o sorriso. Minha cabeça tem estado em um constante estado de auto piedade que havia esquecido, hoje os meninos da casa de detenção têm uma exposição de Arte, a mensagem era do diretor para me avisar do horário.

Olho para Mag e concordo com a cabeça, ela corre para sala para avisar a todos que vamos sair. Não demoro muito para me arrumar, apesar de ser uma exposição, o recomendado é jeans e camisa branca, eu sei o que será feito, trabalhamos muito para montar toda a apresentação, de repente meu coração infla de orgulho.

Josh fica animado com a exposição, ele me conta como foi quando ele e Braden estiveram com os meninos e como se divertiram.

— Fazia tempo que não via você sorrir desse jeito — Micah fala apertando minha mão.

Estamos todos no carro de Braden, Mag está com ele no banco da frente, eu estou entre Micah e Josh no banco de trás.

— Eu só não consigo me perdoar de ter esquecido, se não fosse a mensagem, seria decepcionante para os meninos.

— Eles amam você, iam entender.

— Quando se é abandonado a vida toda, e a única pessoa que parece se importar comente uma falta, porra, é muito foda — Josh fala nos deixando boquiabertos — O que foi? Também tenho coração.

Todos nós sorrimos e ele volta a olhar pela janela, olho para eles e me sinto agradecida em tê-los por perto. Mag é mais que uma amiga, mas esses meninos, se tornaram minha família.

O local da exposição é em uma importante galeria de arte, trabalhei meses incansáveis para conseguir agendar uma vaga. Quando entramos, vejo alguns dos meninos, eles parecem nervosos, mas quando nos veem, seus sorrisos são capazes de iluminar o bairro inteiro.

— Oh meu Deus, isso está perfeito Travis — abraço ele com força.

Travis tem apenas dezesseis anos, e estava cumprindo pena por roubo, e tráfico de drogas.

Seus olhos são da cor dos meus, um verde vibrante. Quando comecei a trabalhar com eles, Travis foi o que me deu mais trabalho, mas foi o meu maior motivo de orgulho também, seu talento para pintura é sem igual.

— Se não fosse por você Hanna, e eles — ele aponta para Josh e Braden — Isso não seria possível.

— Eles?

— Sim, você não sabia? Todo o material, o coquetel, foi tudo bancado por eles.

— Mas, o diretor me disse que tinha conseguido um patrocínio — falo confusa.

— Sim, quem está patrocinando tudo são seus amigos.

Travis fala orgulhoso, olho para eles e Braden apenas sorri. Todos estão sendo apresentados para as obras, os meninos explicam cada uma como profissionais, comentando qual técnica foi utilizada, os tipos de tintas.

Acho que não poderia ficar mais feliz.

Pego uma bebida e vou para perto da grande parede branca, este espaço foi criado para que os convidados possam se expressar. Latas de tintas estão dispostas, separadas por cores, para facilitar. A ideia é integrar cada pessoa a arte, o grafite é muito mais que rabiscos na parede, são mensagens, são formas de expressão.

— O que é isso aqui? — Micah se aproxima e olha para a parede.

— Aqui é o momento que você pode voltar a ser criança — olho para ele e sorrio.

— Podemos pintar? — ele pergunta olhando as tintas.

— Vamos grafitar — Sorrio e entrego uma lata, Micah olha para trás e chama os meninos, Mag vem sorrindo com eles.

Entrego uma lata para cada um, somos cinco pessoas diante de uma parede branca, todos ficamos ali olhando, tentando pensar em algo que podemos fazer.

— Posso me juntar a vocês? — Uma voz rouca invade meus ouvidos, minhas pernas fraquejam e minhas mãos quase vacilam.

Ainda estou olhando para a parede, sei que todos estão olhando Gael, ele está bem atrás de mim, não preciso virar para saber. Minha resposta é o que todos estão esperando, então ouço Travis.

— Cara, que bom que você pode vir.

— Não perderia isso por nada garoto — consigo sentir um sorriso na sua voz, então respiro fundo, pego uma lata e entrego a ele.

Seus olhos me encaram, sua mão cobre a minha e por um momento esqueço o quanto ele me magoou, esqueço da mulher em sua cama.

Meu único pensamento é de sentar no seu colo e afundar minhas mãos em seu cabelo, provar da sua boca. Ser sua.

— Damas primeiro — Ele fala apontando para a parede, seu sorriso é apreensivo.

Eu viro, Braden abre espaço, Gael fica ao meu lado. Os barulhos dos sprays é o único som que escuto. Cores começam a tomar conta da grande parede, era algo para ser de todos os convidados, mas, ao que parece, ninguém se atreve a nos atrapalhar.

De vez em quando trocamos as latas uns com os outros, nossas mãos sempre se tocando. Gael parece estar feliz, ele sorri a cada traço, e eu fico feliz em ver sua habilidade com as latas. Olhos para os demais, Mag ri de si mesma e sua tentativa de desenhar uma árvore — Sou arquiteta,

droga, deveria saber desenhar algo — é o que ela diz, Micah faz algo que lembra uma caveira.

— Você desenhava melhor aos cinco anos — Falo e ele mostra sua língua — Continua tão maduro — mostro minha língua novamente.

Braden fez algumas notas musicais e Josh, bem ainda não consegui identificar o que ele desenhou. Olho para o desenho do Gael e me surpreendo.

— Nossa, isso está bom — digo observando, ele fez uma guitarra, e um pincel. Meu coração acelera.

— Eu disse que não sabia pintar com pincéis, já tive meus tempos de grafiteiro — ele diz dando de ombros, coloca duas iniciais abaixo do desenho.

GH

— Tenho que ir.

Ele vira e vai embora, parando apenas para se despedir de Travis e dos garotos, enquanto eu fico olhando para o que ele fez, tentando decidir se o amo, ou odeio.

Depois da noite na galeria, não tive mais notícias de Gael, nem mesmo na internet, é como se ele tivesse sumido da mídia. As visitas dos meninos ficaram mais escassas, mesmo assim, Micah me liga todos os dias, os ensaios estão cada vez mais intensos e eles não estão encontrando tempo para nada.

— Vai sair? — estou sentada assistindo um novo seriado que virou meu novo vício, romances de época sempre foram meu fraco.

— Você não enjoa? — Mag pergunta apontando para a TV, se enjoa? Com certeza, mas isso é melhor do que ficar pensando no Gael.

— Não, Jamie é meu novo amor, então não enche o saco.

— Não sei se volto para dormir. Vai ficar bem? — resmungo uma resposta — Hanna, por que você nunca mais pintou? — Ela senta ao meu lado e me olha preocupada.

— Não faça drama, Mag, eu pinte, aquele dia na galeria — falo como se fosse a coisa mais óbvia.

— Você está brincando? Hanna, o que está acontecendo? Seu estúdio está abandonado, o galpão.

— Estou sem inspiração — falo sem tirar os olhos da TV, Mag se contém de mais algum comentário quando seu celular toca.

— Já vou indo. Cuide-se — ela beija minha testa e sai.

Volto a me jogar no sofá, é patético a minha situação, é como se minha vontade de viver estivesse ligada a ele.

Começo a mudar incessantemente os canais, quando uma propaganda me chama atenção. É uma chamada, para o show de retorno dos *Originals*.

Prendo minha respiração, as imagens que aparecem são antigas, vários shows mesclados para um final surpreendente. Gael está vibrante em todos os momentos.

Sem perceber, meus olhos estão encharcados, limpo minhas lágrimas com as mãos, é isso, acabou. Gael vai voltar para os palcos, e eu preciso voltar para o meu estúdio.

Desligo a TV e subo, meu estúdio está ali, exatamente como deixei na última vez que estive aqui, antes de me mudar para o apartamento dele.

Acendo todas as luzes e arrumo as bisnagas de tintas, coloco uma tela em branco em um cavalete. Nada, não sinto nada, olho em volta e minha angústia apenas se torna maior, sufocante.

Devagar, coloco a tela no chão, pego as bisnagas e começo a apertar a esmo, sem controle. A tela está completamente cheia de tinta, e jogo longe cada bisnaga vazia. Não há nada ali, nada em especial, apenas tinta jogada, sem sentido. Assim como a minha vida.

Não sei quanto tempo passa até me sentir exausta, começo a pegar todas as outras pinturas coloco uma em cima da outra em uma enorme pilha. Inclusive as pinturas das tatuagens dele.

Malditas tatuagens.

Lembro de cada uma delas, as asas de anjo na sua costa que parecem ganhar vida a cada movimento dos seus braços, a rosa em seu peito, as garras de um dragão, os tribais em seu braço.

Com uma navalha, começo a cortar, uma a uma, o tecido da tela se abre com facilidade, de uma ponta a outra, não tenho pressa. Cada vez que faço uma abertura na tela, é meu coração que está sendo cicatrizado.

Quando chego na tela que pintei do meu pai, bem, isso é mais fácil do que pensei. Na verdade, me questiono como não pude fazer isso antes, afinal tenho um galpão cheio dessas merdas.

Estou deitada no chão, meus braços esticados, a navalha ainda na minha mão, mas um sorriso satisfeito não sai do meu rosto. É isso, anos pintando, horas dedicadas a cada linha, e simplesmente, *puff*, tudo se esvai em questão de horas.

Lágrimas começam a borrar meu sorriso, não sei se são de alegria ou de tristeza. Acabou, é tudo que penso.

— Meu Deus! — Mag entra e praticamente se joga ao meu lado, tirando a navalha da minha mão — Hanna?

Ela me olha confusa, olha em volta e vê toda a destruição, então eu percebo que é exatamente assim que me sinto, destruída, rasgada.

— Acabou Mag — Sento e me jogo em seus braços chorando compulsivamente — Ele não vem mais.

— Ah, Hanna.

Minha amiga me abraça, tenho meu tempo chorando em seu colo, choro até não ter mais forças e adormeço em seus braços.

*“You’re never gonna be alone
From this moment on,
If you ever feel like letting go,
I won’t let you fall.”*

Never Gonna Be Alone – Nickelback

“Você nunca vai estar sozinha / De agora em diante / Se você que está desistindo / Não vou deixar você cair”

Gael

No dia da exposição, reuni toda a coragem que tinha para aparecer, eu sabia do evento, sabia que estávamos patrocinando, e principalmente sabia que ela iria.

Quando eu a vi, eles estavam todos em frente para uma parede, alegres com latas de tintas na mão, eu era bom naquilo. Lembrei das vezes que fugi com alguns meninos do bairro, o que fazíamos era ilegal, mas a adrenalina era muito foda.

Então, antes de fazer qualquer merda, como me ajoelhar e pedir perdão, eu simplesmente fui embora, não sem antes colocar nossas iniciais naquela parede. Um lembrete de que nos pertencíamos.

Eu ia tê-la de volta, só precisava ser paciente.

Estava terminando de escrever a música que fiz para ela quando meu celular toca, olho para o visor e um nome pisca incessantemente.

— Oi Mag.

— Porra cara, o que você fez para ela? — Mag está chorando. Meu corpo começa a tremer.

— Mag, o que aconteceu? — coloco o celular no viva voz e vou para a cadeira. Caralho Mag, para de chorar e fala alguma coisa.

— A Hanna — Mag toma uma respiração e quase deixo meu celular cair — Três dias Gael, ela ficou três dias naquele lugar.

— Que lugar? — falo saindo do quarto, Faço um sinal para Jackson quando saio do elevador.

— Naquele maldito lugar Gael, ela está no estúdio.

— Mas não é a primeira vez que ela fica dias lá, você mesma já disse.

— Você não está entendendo, não é? Ela está lá, não come, não dorme, ela virou praticamente um zumbi.

— O que você está dizendo?

— Porra cara, vem logo e conserta a merda que você fez — dessa vez é Micah quem fala.

Desligo o telefone e entro no carro, peço para o motorista ir depressa, Braden manda uma

mensagem avisando que já está lá com Josh, isso me preocupa, se não fosse sério, não estariam todos lá.

Minha entrada no prédio é liberada e nunca desejei tanto que minhas pernas estivessem completamente boas, eu queria sair correndo para o apartamento dela. Cada parada do elevador é uma tortura.

Na saída do elevador, vejo a porta aberta, na sala encontro Josh, Braden e o Dr. Hunt. Droga.

— Onde ela está?

— A meu Deus, finalmente. Ela está lá dentro, Micah a levou. — Mag fala e vou em direção ao quarto.

— Espera aí Herói — Dr. Hunt me chama.

— Não tenho tempo para piadas — Digo sem humor.

— Não é nenhuma piada, mas se você não conseguir tirá-la daquele estado, eu estou internando-a, fui claro? — acho que toda a cor some do meu rosto, olho para os meus amigos e suas expressões não são nada boas.

— O que aconteceu? — aproximo minha cadeira, e Dr. Hunt começa a me contar.

Pelo que parece, Hanna teve um surto, Mag não sabia dizer como, nem a que horas, mas ela destruiu todo o estúdio, e teve uma crise de choro, depois dispensou Mag dizendo que ia arrumar tudo e que estava bem, o que não aconteceu, ela apenas ficou lá, deitada no chão.

— Por que diabos vocês esperaram tanto tempo? — pergunto olhando para todos.

— Não percebi Gael, eu chegava do trabalho ela apenas enviava mensagens avisando que estava bem, que estava pintando, já fazia muito tempo que ela não pintava, então eu não quis incomodar — Mag enxuga as lágrimas — Eu sinto tanto por não ter ido lá antes, eu sabia que não era certo, depois do que aconteceu.

Josh abraça Mag, ela chora em seu ombro, então Micah sai do quarto, seu rosto está abatido, mas algo parecido com alívio transparece assim que ele me vê.

— Ela está dormindo — ele fala e olha para o médico.

— Ok, ela vai dormir mais um pouco. Quanto a você — ele aponta para mim — Se ela não melhorar, amanhã estarei internando, entendido?

Pela primeira vez eu escuto-o falando como um médico de verdade, então concordo com a cabeça e ele se despede. Mag o acompanha até a porta agradecendo por tudo.

— O que você vai fazer? — Micah senta no sofá e esfrega o rosto.

— Vou fazer o eu deveria ter feito desde o início. Vou cuidar dela.

— Ela está destruída Gael, se isso não for verdade, você vai matá-la. E eu mato você.

— Eu sei, e eu morreria antes de fazê-la sofrer assim novamente. Agora, será que vocês podem me ajudar? Minha cadeira não chega até o quarto dela.

Braden me ajuda a levantar, nesse tempo todo que estive afastado me dediquei como nunca a fisioterapia, consigo dar alguns passos, mas sempre com apoio, e não posso me exceder. Mas foda-se, andar até o quarto dela não é excesso.

Devagar, me apoio em Braden e vamos andando até o quarto, um passo de cada vez. Abro a porta e ela está deitada, o edredom cobrindo seu corpo, seu cabelo não está tão brilhante. Quando estamos chegando perto da cama, Hanna se mexe e abre lentamente os olhos, seus olhos estão sem vida e minhas pernas vacilam.

Porra eu fiz isso com ela.

— Calma cara, ela está bem — Braden me diz e me sento ao lado dela, Hanna pisca tentando focar em mim, mas suas pálpebras parecem pesadas e ela mergulha em um sono profundo.

— Quer que espere você?

— Não, mas amanhã cedo manda alguém vir nos buscar.

— Ela vai com você?

— Sim, vamos para casa Braden, para o lugar de onde eu nunca deveria ter deixado ela sair.

Braden sorri, bate no meu ombro e sai do quarto. Olho para ela, seu corpo frágil, está tão abatida, seus olhos possuem olheiras profundas, e seu rosto está mais fino. Ela emagreceu, estremeço.

Tiro minha camisa e meus tênis, deito ao seu lado e puxo seu corpo, a sensação de tê-la em meus braços é inebriante. Estava com tanta saudade disso.

Começo a passar a mão no seu cabelo, tiro uma mecha que cai em seu rosto, sua expressão é serena, sinto seus braços me envolverem, e ela me aperta.

— Isso minha pintora, estou aqui meu amor, e não vou a lugar nenhum.

Sussurro em seu ouvido, beijando seu rosto. Fico nessa posição pelo que parece ser horas, até que ouço seu gemido.

— Onde estou? — Ela pergunta tentando abrir seus olhos, e assim que ela me vê, ela congela

— O que você está fazendo aqui?

Bem, não era essa reação que eu esperava, Hanna tenta se afastar, mas acho que está fraca demais até mesmo para isso. Seguro em seus braços e tenho vontade de dar um soco em mim mesmo por isso, ela está tão magra que tenho medo de machucá-la.

— Hanna, por favor, eu vim conversar com você.

Ela me analisa incrédula, seus olhos vagam pelo quarto tentando reconhecer o ambiente.

— Você está no meu quarto — isso não foi uma pergunta.

— Sim estou.

— Meu Deus! Eu não estava sonhando então? — meu sorriso se estende, ela me viu entrar.

— Não meu amor — toco seu rosto e ela fecha os olhos — Eu estou aqui Hanna, vim te pedir perdão.

Seus olhos e abrem, ela absorve minhas palavras com cautela, mas não fala nada. Seus olhos começam a ficar vermelhos e sei que ela vai chorar.

— Ei, não chore ok? Preciso que você me escute, pode fazer isso? — ela concorda com a cabeça — Bom, então vou pedir algo para você comer, então conversamos, ok?

— Não estou com fome.

— Está Hanna, e tem pessoas muito preocupadas com você, então você vai comer.

Não espero ela responder, ligo para Micah e ele ainda está na sala com Mag, ele fica aliviado quando peço para trazerem alguma coisa para Hanna comer.

— O que você está fazendo aqui? — sua voz sai fraca.

— Vim para você.

— Estou tão mal assim para tirar você da sua rotina? — seu tom é de deboche, Hanna consegue se afastar um pouco e prende o cabelo em um coque que desmancha logo em seguida.

— Hanna, sobre isso, vamos conversar, ok? Só quero que você coma primeiro, então pode até me bater se você quiser.

— Já tive vontade.

— E agora? Não tem mais?

— Agora eu só quero tirar você daqui — ela aponta para o coração.

— Impossível meu amor. Eu estou aí — toco o local e sinto sua pele arrepiar — Da mesma forma que você está aqui.

Toco meu peito e seus olhos seguem minha mão, então eu tiro meus dedos, mas seus olhos continuam lá, e nesse momento ela percebe um novo desenho.

— Você... — ela gagueja e começa a soluçar. Puxo seu corpo e ela me abraça com força.

— Sim meu amor, você sempre esteve e sempre vai estar comigo — falo referindo-me a tatuagem nova em meu peito, dentro da rosa negra, mandei fazer o nome dela, em letras azuis, é a única tatuagem colorida que tenho. Um pequeno nome que se destaca no meio de tantos desenhos.

— Por que você fez isso? — Ela enxuga suas lágrimas e me olha, minhas mãos ainda abraçando seu corpo.

— Porque minha pintora, eu amei você desde o dia que caiu em cima de mim — seus olhos buscam os meus, e percebo que ela tenta pegar o menor indício de arrependimento pelo que eu disse.

— Por que você está me dizendo isso agora?

— Eu fui egoísta Hanna, burro, imaturo, o que você quiser chamar, mas eu sempre amei você, essa é a verdade, só fui covarde demais.

Ela abre a boca para argumentar quando Mag entra com uma bandeja, seguida por Micah.

— Ei, como você se sente? — Ele se aproxima da cama sentando ao lado dela, ela senta e eles se abraçam.

— Obrigada.

— De nada, mas você nos deu um susto e tanto. — Ele tira o cabelo dela de rosto e eu apenas observo, eles têm um carinho muito grande um pelo outro, e eu nunca tive coragem de perguntar sobre a história deles.

— Me desculpa Hanna, eu surtei legal e sai ligando para todo mundo — Mag fala deixando a bandeja e abraçando a amiga, Micah se afasta e sorri.

— Eu não sei o que faria sem você Maggie.

— Nem eu sem você. Agora vá, coma tudo.

— Vamos Mag, vamos deixá-la descansar — Micah fala e ergue uma sobrancelha para mim, sorrio para eles.

— Podem ir, vou cuidar dela.

Micah aperta minha mão, e me abraça.

— Eu sabia que você ia fazer a coisa certa — Ele fala no meu ouvido e depois sai com Mag.

— Quer dividir? — Hanna pergunta arrumando a bandeja.

— Não, mas quero te servir — sento na cama dobrando a perna, vejo como ela observa cada um dos meus movimentos. Ela não acompanhou meu progresso e não faço ideia se sabe como estou, mas é por ela que estou assim.

Vou dando comida na sua boca, nós não nos falamos em nenhum momento e o quarto está em completo silêncio. Hanna come devagar, e às vezes pausa para poder respirar, ela ainda está fraca e isso é perceptível.

Assim que termina um bocejo escapa e eu sorrio.

— Acho que você está cansada, dorme um pouco, vou estar aqui com você.

— Tudo bem — ela coloca a bandeja no chão e deita novamente, puxando o edredom.

— Hanna?

— Hum? — ela resmunga, ela está de costas para mim então me aproximo e falo no seu ouvido.

— Posso pedir uma coisa? — ela balança a cabeça — Me deixa te abraçar?

Vejo seu ombro sacudir devagar, ela está chorando novamente, então não espero seu consentimento, puxo seu corpo para mais perto e a abraço.

Sinto suas lágrimas molharem meu braço, eu não me importo, estarei aqui para secar cada uma delas.

Não sei como acontece, mas durmo abraçado a ela.

Ainda estamos abraçados quando acordo, Hanna dorme pacificamente, e fico admirando seu corpo. Olho em volta e pelo que parece o dia ainda não amanheceu. Passo o resto da madrugada velando seu sono.

Sinto-me tão arrependido por ter me afastado dela, mas era o certo a fazer. Seu pai tem mais poder do que eu poderia imaginar, e eu não queria que ele cumprisse sua promessa. Ele conseguiu manter uma filha escondida, fazê-la desaparecer não seria difícil.

Isso foi o que mais me chocou, eu sabia que não era uma ameaça de morte, mas ele poderia afastá-la de mim de uma maneira definitiva e isso seria o meu fim.

— Por que ainda está aqui? — sua voz me faz voltar a realidade, olho para seu rosto enquanto ela tira a mão da minha cintura.

— Eu já disse Hanna, eu vim para você.

— Vá embora Gael, eu não quero você aqui.

— Hanna, eu amo você. — seguro seu rosto com as mãos e vejo seu olhar perdido — Eu amo você meu amor, eu não vou mais fugir e um dia você vai entender o que eu fiz.

Hanna fecha os olhos, tomando seu tempo, então ela me encara e vejo nada além de determinação refletindo naqueles olhos verdes.

— Preciso que você vá.

— Hanna, eu..

— Não Gael, você não entende? — ela sai da cama devagar — Eu precisava desse amor há algumas semanas, e o que eu tive foi decepção.

— Então você quer que eu vá? — digo sentando na cama.

— Eu preciso que você vá Gael.

— Você consegue me ajudar a chegar na sala? — Hanna balança a cabeça e se aproxima da cama, sei que ela não está cem por cento e provavelmente não consegue lidar com o peso do meu corpo. Mas foda-se, eu preciso fazer isso.

Ela me ajuda a levantar e ficamos frente a frente, ela levanta o rosto e me olha. Sei que está sentindo a mesma coisa que eu, da última vez que ficamos assim, eu estava em um aparelho.

Seguro seus pulsos enquanto meu coração acelera, ela não desvia o olhar, me olhando de cima a baixo. Sinto o cansaço nas pernas, mas não vou sucumbir.

Passo uma mão pelo seu pescoço, levantando seu queixo e encontrando seu olhar novamente. Ela está emocionada, mas não quer demonstrar. Seus olhos são como um mar revolto, tantos

sentimentos ali.

— Eu preciso fazer uma coisa antes de ir Hanna — ela não responde — Depois disso, juro que vou fazer exatamente o que você me pedir.

Ela assente então eu puxo seu corpo contra o meu, abraçando tão forte quanto possível. Ela respira fundo, inspirando meu cheiro, beijo o topo da sua cabeça e me afasto um pouco. Traço seus lábios com o dedo, e ela fecha os olhos absorvendo meu toque.

— Eu vou te beijar Hanna, e não vou parar até estar enterrado em você. Não vou parar até você dizer que me ama, mesmo no calor do momento. Você vai falar, e eu vou fazê-la sentir. Vou fazer você sentir tudo que está dentro de mim.

Ela pisca com as minhas palavras e não permito que pense, seguro seu rosto e tomo sua boca. Minha saudade é transformada em um beijo, lento, carinhoso. Hanna não protesta, ela se entrega ao meu beijo.

Envolvo meu braço na sua cintura, e com outro aperto sua nuca, trazendo-a mais para perto, tornando nossos corpos um só. Porra como eu queria beijá-la assim. Minha ereção encosta nela fazendo-a gemer. Meu desejo era de suspendê-la pela cintura e transar com ela encostada na parede. Mas, minhas pernas têm outros planos.

Antes que force demais, quebro nosso beijo e começo a beijar seu pescoço, ela fecha os olhos, inclinando um pouco para me dar mais acesso. Dou leves mordidas no local e sinto suas mãos indo para minha bunda. Ela aperta e um gemido rouco escapa da minha garganta.

— Me deixa ser seu Hanna. — imploro.

— Eu não posso me quebrar mais do que estou.

Suas palavras são como facas perfurando meu corpo. Seguro a barra da sua camisola, suspendendo, seus seios estão expostos e inchados, mesmo abatida, ela é linda de se olhar. Ela fica paralisada enquanto tiro minha roupa, ainda estou em pé, e ver a felicidade em seu olhar faz toda dor que estou sentindo ser esquecida.

Pego sua mão e a direciono para cama, Hanna deita e observa cada movimento que eu faço.

— Vou beijar seu corpo inteiro Hanna, vou fazer você sentir toda saudade que está acumulada dentro de mim.

Sento na cama e começo a beijar seus pés, beijo delicadamente cada um dos seus dedos, passando a língua em seu tornozelo, fazendo-a gemer a cada avanço. Beijo as duas pernas igualmente, primeiro uma depois a outra até chegar na coxa. Hanna está excitada, quanto minha mão chega na sua boceta, ela se contorce. Se eu não for devagar, estarei gozando apenas com meu dedo dentro dela.

Faço círculos, pressionando seu clitóris com o polegar, por cima da sua calcinha, enquanto passo a língua na parte interna da coxa. Estou de joelhos em cima dela, e excitando como nunca estive. Isso tudo é tão novo que me assusta.

— Vou fazer amor com você — vou beijando cada centímetro da sua perna. A ponta do meu dedo traçando o contorno da sua calcinha — Diga que me ama Hanna.

Falo enquanto vou puxando sua calcinha com a boca. Seus músculos estremecem.

— Eu odeio você — ela mal consegue falar, sua voz é apenas um sussurro rouco e excitante.

— Tente de novo — desço a calcinha pelo seu tornozelo. Primeiro um, depois o outro. Ela está nua, espalhada na cama. E ela é minha.

Abro suas pernas e me posiciono de joelhos. Hanna abre os olhos e olha diretamente para a

nova tatuagem. Desço meu corpo, e suspendo seus braços acima da cabeça.

— Só sinta.

— Eu odeio tanto você.

— Vai ter que fazer melhor que isso meu amor.

Levo minha boca até seu seio e um grito de prazer sai dos seus lábios. Tomo meu tempo com eles, revezando entre um e outro, entre chupar e torcer. Palavras distorcidas deixam seus lábios, e isso me faz sorrir.

Devagar, entro nela. Tomando-a tão lenta e amorosamente quanto minha sanidade permite. Porém, a força com que meus dedos estão pressionando sua pele e a rispidez com que minha boca devora o seu pescoço, dizem apenas que quero ter o quanto eu puder, e assim, fazer com que se lembre de mim, cada vez que se olhar no espelho.

Hanna corresponde com a mesma intensidade. Suas unhas cravam nas minhas costas como garras, provavelmente estou sangrando. Ela abre mais suas pernas, entrelaçando-as na minha cintura. Vou mais profundo, lentamente. Loucamente.

Beijo seus lábios como se fosse a última vez, uma parte de mim sabe que é, mas outra é tão teimosa que não vai abrir mão tão fácil. E, é essa parte que ela está tendo essa noite.

— Ah Deus! — Hanna segura meu ombro com força, seu corpo começando a ter espasmos do seu orgasmo.

— Fale Hanna.

— Eu não posso — mexo meu quadril, entrando e saindo, ela geme mais alto.

— Fale.

— Eu amo você! Oh, porra, eu amo você Gael! — ela fala meu nome com um grito. Seguro seu rosto, silenciando sua boca com a minha, aumentando meu ritmo. Gozando tão forte quanto humanamente possível.

Puta merda. Meu corpo está exausto, suor escorre entre nossos peitos. Nossas respirações ofegantes. E a minha boca ainda na dela.

— Eu te amo, minha pintora. E não vou parar de dizer isso até você sentir, até você me perdoar — dou beijos suaves em seu rosto, ela aprecia de olhos fechados.

— Eu preciso que você vá — suas palavras saem embargadas, e seus olhos permanecem fechados.

Meu corpo todo enrijece, eu não consigo acreditar no que estou ouvindo. Tivemos um momento incrível. Isso não pode estar acontecendo.

— Hanna, você não quer dizer isso.

— Eu quero dizer exatamente isso — Ela abre os olhos me encarando.

— Eu disse que ia fazer exatamente o que você pediu. Me diga, é isso mesmo que você quer?

— Sim — ela não vacila.

Porra isso dói.

Começo a sair de dentro dela. Meu corpo está destruído, não só fisicamente, eu não tenho mais a porra do meu coração, porque ele está deitado nessa maldita cama me observando levantar.

— Eu precisei tanto de você — ela diz, estou sentado na borda da cama, minhas mãos no meu rosto. Uma tentativa inútil de não chorar.

— Eu perdi você? — é a única coisa que preciso saber, porque não há nenhuma maneira fodida de eu desistir se souber que tenho esperança. Por menor que seja.

— Eu não sei Gael. Só sei que preciso me encontrar primeiro, saber quem sou, só assim, poderei dizer se posso pertencer de novo a alguém.

Ouçõ ela levantar e o arrastar dos lençóis no chão, seu corpo está diante de mim. Ela segura o lençol envolta do seu corpo, se protegendo.

— Eu vou ao banheiro. Por favor, não esteja mais aqui quando eu sair — tiro as mãos do meu rosto, vejo sua expressão amenizar quando me olha. Estou uma bagunça, e merda, estou chorando como um bebê.

— Eu vou esperar você.

— Eu não, Gael. Não dessa vez.

Ela sai em direção ao banheiro me deixando tão destruído quanto possível. Pego meu celular, mal consigo digitar os números. Minhas mãos tremem, lágrimas molham o visor.

CARALHO, como é doloroso.

— Me tira daqui — Micah pergunta algo na linha e eu não dou ouvidos — Só me leva embora Micah, por favor.

*“Time, it needs time
To win back your love again
I will be there, I will be there.”*

Still loving you – Scorpions

“Tempo, é preciso tempo / Para ganhar de volta seu amor / Eu estarei lá, estarei lá”

Hanna

Houve tempos, que eu pensei, que nada pudesse ser mais doloroso do que o dia que vim morar nos Estados Unidos. Sair da casa que nasci, vir para uma cidade estranha, para uma garota de seis anos, isso não soava como um paraíso. Para uma garota de seis anos que passou cada dia praticamente enclausurada dentro de casa, era um pesadelo.

Mas nada do que eu senti naquele dia, poderia ser comparado ao que estou sentindo agora. Ouvir o choro dele enquanto estou trancada no banheiro é mais do que posso suportar. Não consigo olhar meu reflexo no espelho.

Minha consciência vacila entre o certo e o errado. Não é certo fazer sofrer quem você ama, não é errado você querer encontrar a si mesma. Por tudo que ele me disse, por todo seu esforço, Gael merece muito mais do que posso dar a ele, pelo menos por agora.

Agora, eu não passo de uma garota assustada de seis anos. Uma garota que está sozinha, com medo de falar com seus pais, com medo de ser repreendida.

Uma garota que está sentada em um vaso sanitário, ouvindo metade do seu coração se desfazer do outro lado da porta.

— Hanna? — a voz calma de Mag soa através da porta.

— Estou bem Mag — digo para tranquilizá-la.

— Me deixe entrar, Hanna.

Devagar vou até a porta, não quero olhar para fora, sei que Micah também está lá, e ele está indo embora.

Mag entra no banheiro fechando a porta atrás de si, ela me analisa por um tempo. Estou sentada novamente no vaso, um lençol enrolado no meu corpo, e o cheiro dele em toda minha pele.

— Sabe, ver uma mulher chorando é de partir o coração, mas ver um cara daquele tamanho, se acabando em lágrimas, é só a coisa mais triste que já vi na vida. Nenhum filme de Nickolas Sparks supera aquela cena.

Mag fala tentando colocar algum humor no momento. É exatamente por isso que gosto tanto dela, por mais difícil que a situação pareça, ela sempre enxerga o melhor. O problema, é que eu

não consigo ver nada de bom nisso tudo.

Não falo nada, tiro o lençol do corpo e vou para o box, ligando o chuveiro em seguida, talvez se tirar seu cheiro de mim, possa sair desse banheiro um pouco mais leve. O que é ridículo, não é só o cheiro dele que está em mim, é sua alma. Cada sorriso, cada momento de mau humor, cada crise de ciúmes, cada noite dormindo abraçados.

Está tudo ali, como as suas tatuagens, impossíveis de tirar, não sem causar uma dor insuportável.

Sua tatuagem.

Minha mente volta para o meu nome escrito em seu peito. Como ele pode fazer isso? Tatuá-lo meu nome mesmo depois de ter me afastado? Mesmo sabendo que tínhamos um prazo de validade?

Mesmo que contidas, minhas lágrimas se misturam a água, Mag sai um pouco retornando em seguida com minhas roupas. Assim que desligo o chuveiro, ela fala.

— Ele se foi, Micah o levou. Hanna, eu...

— Por favor Mag, eu não quero falar sobre isso agora.

— Você está sendo cabeça dura, sabe disso. Hanna, ele teve seus motivos — ela cruza os braços enquanto me visto. Olho meu reflexo no espelho pela primeira vez, estou um lixo.

— Mag — suspiro derrotada enquanto prendo meu cabelo — Eu sei o quão dura estou sendo, mas também sei como fui estúpida ao embarcar em uma relação dessas. Eu sabia que ele iria me magoar, mesmo assim, arrisquei.

— Ele também está ferido Hanna, ele ama você tanto, não percebe isso?

— Onde estava todo esse amor quando eu precisei dele Mag? Quando eu contei sobre a minha família, onde ele guardou todo esse amor?

— O que você pretende fazer?

Saímos do banheiro e olho para minha cama, a bagunça nos lençóis traz um aperto no meu peito. No chão, sua camisa está jogada de forma displicente. Vou até ela e seguro tão forte quanto possível.

— Eu preciso viver Mag, não quero mais me esconder, não quero mais deixar de não existir.

— Por que você está falando assim? Hanna, você existe sim, pelo menos para as pessoas que se importam com você, e a lista é grande eu posso passar horas falando cada nome.

— Não é sobre isso Mag — sento na cama tentando organizar meus pensamentos — Eu vou procurar meus pais, preciso conversar com eles, conhecer meus irmãos.

— Você pretende ir para África do Sul? — Mag fala espantada.

— Eu não sei, talvez.

— Tem ideia do que isso pode fazer com você Hanna? Um lugar que te traz tantas lembranças ruins.

Jogo minha cabeça para trás, ela tem razão, aquele lugar me machuca apenas com o pensamento de voltar a pisar naquela casa, não sei como seria minha real reação se viesse a cruzar aqueles portões.

— Seus amigos estão aqui, Hanna, não vamos te deixar.

— Eu sei.

— Vou pegar algo para comermos, quem sabe de estômago cheio sua cabeça volta a funcionar direito.

Mag sorri e sai do quarto, ainda me sinto exausta, então volto a deitar, na cama. A camisa dele

em minhas mãos, eu a dobro e coloco em cima do travesseiro ao meu lado. No seu lugar.

Pego meu celular para verificar as mensagens e vejo uma de Micah.

Apenas para avisar que já chegamos em casa.

Penso se devo perguntar como ele está, mas desisto. Eu preciso fazer algo, e se souber que ele está tão destruído como eu, minha coragem vai dissipar-se.

Obrigada.

É a única coisa sensata que consigo responder.

Dois dias se passam até que consigo realmente sair do quarto. Mag ficou comigo o tempo inteiro, me enchendo com suas melhores receitas e me ajudando a me manter sã.

Dr. Hunt também veio nesses dois dias, com ele pude chorar todas as lágrimas que ficaram guardadas. Eu o amava como um pai, e ele sempre dizia as coisas certas.

— Ele é um babaca. — ele disse na sua última visita, e me fazia sorrir.

Micah sempre me checava, uma vez pela manhã e uma vez pela tarde, e ligava constantemente para Mag. Se Gael estava ligando, eu não sabia. Pedi a Mag para não me contar caso ele ligasse, nem que me passasse nenhum tipo de informação sobre ele.

Estou fazendo o café quando Mag sai do quarto. Ela para e olha para os lados, sei o que está se passando pela sua mente, eu não costumo fazer café, mas tomei uma decisão e preciso que ela esteja comigo.

— Como se sente? — Ela senta na mesa enquanto eu termino de organizar nosso desjejum.

— Revigorada — Sorrio, e ela me olha de soslaio.

— Você não está de onda com a minha cara, está? — ela cerra os seus olhos em minha direção.

— Apenas tome seu café Mag, pare de especulações absurdas.

— Não gosto disso, não gosto nada disso.

Mag resmunga enquanto começa a tomar seu café, pego algumas torradas e um suco de laranja enquanto vasculho algumas informações na internet.

— Preciso conversar com você — Mag para de mastigar e me encara.

— Eu disse que não estava gostando disso — suas palavras saem enroladas, ela ainda está mastigando e esperando o que tenho a dizer.

— Preciso de um lugar novo.

— O que? Como assim lugar novo? Um estúdio novo?

— Não, preciso de um apartamento novo.

— Isso é alguma piada? — Mag levanta rapidamente quase derrubando seu café. — Porque se for, não tem graça Hanna.

— Mag, apenas me escute por favor — Respiro fundo enquanto aguardo ela se sentar — Você sabe que comprei isso aqui com o dinheiro do meu pai não sabe? Não o dinheiro do meu pai adotivo, mas do meu pai biológico. É um dinheiro que foi usado para me esconder Mag, esconder quem eu sou. E eu não quero mais me esconder.

— Você ama esse lugar Hanna — ela fala com pesar.

— Sim, amo. De um jeito meio torto, e carente, é como se eu fizesse parte daquela família de alguma forma, como se de algum modo extremamente bizarro, meu pai tivesse me ajudado de alguma forma.

— Eu acho que entendo você. Se é isso que você quer, podemos nos mudar. Posso procurar

algo.

— Não, é aí que está, eu vou me mudar, você não. Eu sei o quanto você gosta desse apartamento, então é seu.

— Você está dizendo que está me dando esse apartamento?

— Esse é o de cima, todo seu.

— Isso não é real Hanna, eu não posso aceitar isso, de jeito nenhum — ela levanta novamente e começa a andar até a sala — Isso não está certo, não é você.

— Mag, pela primeira vez sou eu — vou em sua direção — E dessa vez eu preciso da minha amiga.

— E como eu vou ficar aqui sem você? — ela fala chorosa.

— Você vai ficar bem, eu ia sair, eventualmente, não ia?

— Sim, mas eu tinha esperanças de que fosse ir quando nascesse seus mini roqueiros tatuados. Encolho com a menção dele.

— Me desculpe, Hanna, eu não quis dizer isso — sento no sofá ainda assimilando suas palavras — Droga, eu e minha boca grande.

— Não Mag, não é culpa sua. Apenas, é doloroso demais, eu sonho com ele a noite, eu sinto seu cheiro e estou tirando forças Deus sabe de onde para não procurá-lo.

— Se serve de consolo, ele está tão fodido quanto você — respiro fundo, mas não consigo evitar as palavras que saem a seguir.

— Você tem visto ele? — um sorriso se expande no rosto dela.

— Graças a Deus, nossa eu já estava aflita querendo contar tudo para você — ela encolhe suas pernas no sofá ficando mais confortável, pelo modo que ela se arruma, isso pode demorar horas — Eu o vi ontem à noite, e ele parece tão miserável Hanna, os meninos estão nervosos, porque, quando ensaiam parece o mesmo Gael, mas quando a porta do estúdio abre, ele desmorona. Não sorri, não fala com ninguém, e está com uma estranha mania de esfregar a mão no peito.

— Ele... — suspiro antes de continuar — Perguntou por mim?

— Sim Hanna, ele sempre pergunta por você, os meninos sempre o mantêm atualizado.

— Não sei o que eu faço Mag. Estou uma bagunça confusa.

— Siga em frente Hanna, siga o seu coração. Se encontre como você mesma deseja, e depois se você acredita que vale a pena, se entregue a ele novamente.

— Como eu posso encontrar alguém que nunca existiu?

— Ah, minha amiga, você sempre existiu, só que ainda não se descobriu.

Mag beija minha testa e sai me deixando com meus pensamentos. Penso se devo voltar para o estúdio, sei que já foi limpo, mas realmente não tenho vontade de pintar. Minha vontade é de recomeçar, e o primeiro passo para isso, é fazer algo que eu nunca fiz ao longo desses anos.

Ligar para o meu pai.

*"I just can't let it die
Cause her heart's just like mine."*

This I Love – Guns N' Roses

"Eu só não posso deixar isso morrer / Pois o coração dela é exatamente igual ao meu"

Gael

Eu sou um idiota. Um estúpido e fodido idiota. É isso que vou repetindo para mim mesmo quando estou a caminho de casa. Não é o Malloy que está aqui, não é cantor famoso por foder tantas mulheres que nem consegue se lembrar. Quem está aqui, é um mísero pedaço de merda que deixou-se ser fodido por uma mulher, uma única mulher conseguiu me derrubar tão rápido como uma maldita lutadora de MMA.

Ela me nocauteou, e triturou tudo que ainda restava do meu coração. E agora, eu estou entrando no meu apartamento pensando em como eu posso tê-la de volta.

Doente? Eu sei, mas essa porra de amor faz isso com você, ele nos cega e nos faz perder qualquer tipo de orgulho, qualquer vestígio se esvai apenas na menção do nome dela.

Hanna.

A maldita mulher que conseguiu foder muito mais que meu coração. Ela fodeu com a minha alma, e isso não tem conserto.

— Então, o que você pretende fazer? — Micah fala me tirando do meu momento enquanto estamos entrando no meu quarto.

— Eu acho que estou perdido — era verdade, eu não fazia ideia de como reagir, não sabia se dava espaço, me sentindo miserável a cada dia sem vê-la, ou se mandava tudo para o inferno e montava acampamento na porta do apartamento dela até que me perdoasse.

Eu estava muito inclinado a seguir a segunda opção.

— Dê um tempo Malloy, ela deve estar tão perdida quanto você.

— Por mais que eu odeie admitir Playboy, você tem razão.

— Você vai ficar na boa?

— Você não vai atrás dela, vai? — não pude deixar de não perguntar, foi como se eu voltasse para a adolescência e minhas inseguranças estivessem todas de volta. O detalhe, era que eu nunca fui inseguro.

— Não, mas tenho algo importante para fazer — ele fala sorrindo.

Nos despedimos e eu vou direto para cama, ainda não estou pronto para um banho. Estou cheirando a sexo, cheirando a Hanna.

Deito na cama olhando em volta. Sem ela é como se nada tivesse certo. Porra, há quanto tempo

nós nos conhecemos? Pouco tempo para que eu me sinta assim, tão quebrado.

Foda.

Reviro na cama até abraçar o travesseiro que ela costumava usar, não está com seu cheiro, mas eu não preciso disso para lembrar dele, ele está em mim. Fecho os olhos e meus pensamentos são apenas sobre a minha pintora. A única mulher que já fodeu comigo em todos os sentidos.

Merda, eu era uma mulherzinha.

Acordo com Braden me encarando, ele está como uma sombra no quarto, apenas observando.

— Vai ficar me olhando por muito tempo? — minha voz grossa ainda de sono, tento me sentar e meu corpo dói por inteiro.

— Acabei de chegar, vim checar você. — ele é direto.

— Não preciso de uma babá, Braden.

— Não, mas acho que precisa de amigos.

— Eu estou bem — falo em um tom mais leve — Você pode me ajudar? Preciso ir ao banheiro.

Braden me ajuda enquanto vou tomar um banho. O esforço que fiz quando estava com ela deixou todos os meus músculos doendo. Mas porra se eu não fazia tudo novamente. Faria tudo em dobro se ela deixasse.

— Tá a fim de comer alguma coisa? Josh foi buscar algo.

— Estou bem, vou apenas ficar aqui, acho que vou dormir mais um pouco.

— Tudo bem, eu sei que você deve estar cansado — Braden fala e começa a sair do quarto.

— Obrigado.

— Não tem de que. Mas estarei de olho em você.

Assim que ele sai me jogo novamente na cama, de repente algo me vem à mente, e envio uma mensagem para ele.

Você poderia conseguir uma cama nova?

Você pretende colocar onde?

É para o meu quarto, quero me livrar dessa.

Algum motivo especial?

Sim, outra mulher esteve nela.

Braden me manda uma carinha feliz me fazendo sorrir, então eu volto a dormir novamente antes que tente ligar para ela.

Os dias vão passando e crio uma nova rotina, fisioterapia e os ensaios. Braden sempre tenta conversar comigo, porém, se não for para me informar sobre ela, simplesmente não me interessa em ouvir.

— Falta quanto tempo? — pergunto me referindo ao nosso show de retorno.

— Três semanas, você tem alguma coisa em mente? — Braden pergunta.

Estamos todos na sala, e hoje tem exatamente sete dias que não a vejo, é como se estivesse de luto. Micah passa mais tempo aqui, como antes, mas ninguém me fala nada mais do que o necessário.

Ela está bem. É a única informação que recebo. Eu tenho vontade de socar cada um desses bastardos.

— Nada em especial, mas eu vou querer um favor.

— Esse favor envolve a Hanna? — Josh pergunta entrando na conversa. No instante que o nome dela é mencionado, Micah para de jogar no celular e se concentra na conversa.

— Eu quero que ela vá ao Show — digo sem rodeios.

— O que você pretende? — Micah pergunta realmente interessado.

— Fazê-la minha. Definitivamente.

Todos sorriem, então sei que estão dentro. Toda a ajuda será bem-vinda, levá-la até lá será a parte mais difícil, mas eu sei que ela não negará, se Micah pedir.

Sábado acordo cedo, hoje não preciso fazer fisioterapia, e programamos uma pausa no ensaio pela parte da tarde.

Esfrego a tatuagem no meu peito, a saudade hoje está beirando ao insuportável. Porra será que ela não sente vontade de ligar?

Desço para o café e encontro todos sentados, suas expressões sérias disparam um alerta no meu corpo.

— O que aconteceu com ela? — Braden suspira.

— Ela vai conversar com o pai.

— O que? Ela vai viajar? — pergunto surpreso, não é possível que ela vá embora.

— Relaxe, o bastardo ainda está aqui. — Micah interrompe.

— Eles vão se encontrar?

— No apartamento dela — Braden fala.

— Quando?

— Daqui uma hora. E acho que deveríamos estar lá — dessa vez é Josh, e caralho, ele tem razão.

— Vamos.

— Gael...

— Vocês ouviram o que ele disse — aponto para Josh que está mastigando — Eu não tive a ideia, então não me julguem, apenas vamos.

— E vamos entrar lá, simples assim? — Braden está na minha frente — Seja razoável Gael.

— Vamos ficar do lado de fora ok? Mas apenas vamos estar lá para ela, caso precise.

Deus, isso era egoísta, mas eu realmente estava torcendo para que ela precisasse.

— Ela precisa resolver isso sozinha Gael — Micah me adverte.

— Eu sei, mas eu só quero estar lá. Quero que ela saiba que pode contar comigo.

— Essa sua versão Malloy, é tão fofa — Josh fala e coloca a mão no coração, enquanto Braden abafa uma risada.

— E você é tão idiota — aproximo minha cadeira e bato na nuca dele — Preciso que vocês estejam comigo.

— Com medo de levar um fora? — Braden fala cruzando os braços, me observando.

— Não, eu só quero que ela saiba que tem pessoas que gostam dela, e que vão cuidar sempre dela.

— Ok, vamos de uma vez antes que comece a vomitar arco-íris aqui — Josh levanta e todos fazemos o mesmo — Gostei da sua versão fofa Malloy.

Ele diz e pisca para mim enquanto saímos indo em direção ao apartamento dela.

No caminho Braden liga para Mag e descobre que Hanna preferiu se encontrar no Hotel, isso não me agradou, mas ela disse que podíamos esperar por ela no apartamento. Passei todo percurso nervoso, olhando o relógio.

Assim que chegamos, uma sensação de incomodo toma conta do meu corpo. Mag nos recebe

sem aquele sarcasmo habitual. Ela também está apreensiva e o ar fica cada vez mais pesado.

— Você já sabe que ela vai se mudar? — Mag fala quando estamos todos acomodados na sala.

Essa informação me pega de surpresa, e pelo olhar de todos, ninguém aqui sabia desses planos.

— Como assim se mudar?

— Ela está procurando um novo apartamento, não quer mais ficar aqui.

— Ela já encontrou?

— Não, mas eu não gosto de nenhuma das opções que ela está vendo Gael. São apartamentos pequenos, em bairros com pouca segurança.

— Que diabos! O que ela pretende fazer afinal?

— Não faço ideia, e não me agrada o rumo que as coisas estão tomando. Não sei como vai ser essa conversa, nem como ela vai voltar. Tenho medo de como ela vai ficar depois disso.

— Foi por isso que eu vim — esfrego minha mão no meu rosto — Quero estar com ela, mesmo contra a sua vontade.

Mag concorda com a cabeça e logo depois ela me mostra no computador as opções de apartamentos que Hanna estava olhando. Não tenho ideia do que está passando pela sua cabeça, mas nem fodendo vou deixar que ela se mude para um desses buracos.

Ela vai se mudar, isso é certo. Mas será para onde eu nunca deveria ter deixado ela sair.

A minha casa.

*"I try not to think
About the pain I feel inside
Did you know you used to be my hero?"*

Perfect – Simple Plam

"Eu tento não pensar / Sobre a dor que sinto / Você sabia que era meu herói?"

Hanna

Tudo o que eu queria, era uma mudança de vida. Tudo o que estava conseguindo, era um aumento dos meus temores. Respiro fundo olhando para o celular, ele não pareceu nenhum pouco surpreso com a minha ligação, Sr. Zaik nunca se surpreende, eu deveria ter previsto.

Minha mente vaga e lembro dos meninos da casa de detenção, sua determinação, nas vezes em que os encorajei a seguirem em frente, sempre de cabeça erguida, a nunca se sentirem diminuídos. Eles são mais, e eu estava me sentindo tão pequena.

Escorrego pelo balcão e me sento no chão, apoio minha cabeça na parede de tijolos de vidros na minha costa. Tantas palavras encorajadoras já saíram da minha boca, por que eu não conseguia segui-las também?

Faça o que eu digo, não faça o que eu faço, pensei.

Vou para o banho e ligo meu iPod, a voz dele invade meus sentidos me fazendo relaxar. Seus gritos roucos embalam meu banho e me preparam para o meu encontro. Por várias vezes fiquei tentada a ligar, simplesmente não pude, pelo menos não enquanto me sentia assim, como se ainda precisasse me esconder do mundo.

Me sentindo como se minha existência fosse algo tóxico.

Quando já estou me arrumando meu celular apita uma mensagem, quase não acredito quando vejo que meu pai está remarcando o local, ele quer que eu vá encontra-lo no seu hotel.

Gemo em resposta, estava me sentindo confortável aqui, na minha casa, no meu território. Mesmo assim, respondo concordando e ele me envia o endereço.

Mag não aprova a mudança de local, precisei omitir o fato de que foi ele que remarcou, ela jamais me deixaria ir sozinha. E eu preciso fazer isso por mim mesma, preciso deixar para trás a menina assustada e insegura de cinco anos de idade.

Visto minha roupa habitual, um jeans e uma camiseta personalizada que ganhei de Travis, me sinto confortável, pronta para enfrentar o que quer que esteja me esperando. Calço minhas sapatilhas e pego minha bolsa.

— Não acho que o Primeiro Ministro da África do Sul vai gostar das vestimentas da filha —

Mag fala quando chego na sala.

— Não sou filha dele Mag, e esta aqui — aponto para o meu corpo — É a mulher que me tornei quando vim morar aqui.

— E é alguém de quem eu me orgulho muito de ser amiga — Mag me abraça e tento controlar minhas emoções.

Preciso fazer isso, é só não me deixar abater, sou muito melhor do que ele pensa. Não é isso que vivo falando para o Travis? Essas palavras deveriam estar funcionando comigo agora.

— Obrigada Mag.

— Vai lá e arrasa.

Sorrio para suas palavras e desço para chamar um táxi. Não me surpreendeu sua escolha de Hotel, o Trump Soho ficava na St. Spring, estrategicamente próximo de onde eu morava, Tribeca. Me senti como um coelho enjaulado que estava sendo monitorado. Será que todos esses anos fui vigiada?

Lembro de quando comprei o meu apartamento, foi uma oportunidade de ouro, meu corretor disse na época. Hoje me pergunto o quanto disso foi verdade.

Chego no hotel em poucos minutos, na recepção assim que informo meu nome sou autorizada a subir. O lugar é impressionante, tanto do lado de fora, uma torre gigantesca toda espelhada, quanto pelo lado de dentro, todo luxo e modernidade que o dinheiro pode pagar.

Noto alguns olhares em minha direção e sorrio internamente, sim minha roupa destoa de tudo isso. Que se dane, é disso que vim me livrar hoje.

Meu coração começa a perder o compasso a cada parada do elevador. Algumas pessoas entram e inserem seus cartões para seus referidos andares. Algumas nem me notam, tão absortas em seus mundinhos particulares.

As portas se abrem no vigésimo quinto andar. Com passos relutantes vou até a suíte 2500. Dois seguranças na porta me recebem com um gesto cortês, mas só consigo me lembrar da noite em que tudo desabou a minha volta. A confusão com os seguranças, Gael caído no chão.

Respiro fundo e quando dou por mim, já estou na sala da suíte sendo recebida pela minha mãe.

Mãe! Uma palavra tão pequena que possui tantos significados, uma palavra que fui proibida de falar quando mais precisei. Agora ela estava aqui na minha frente, me olhando com seus imensos olhos verdes, iguais aos meus.

— Hanna! — sua voz sai embargada, seus olhos gritam de dor e angústia.

— Eu tenho uma reunião, com meu... — as palavras ficam presas, um nó se forma na minha garganta, eu nunca havia dito isso em voz alta, ou pelo menos assim, espontaneamente e não tinha nem certeza de que mereciam que elas fossem ditas — Tenho uma reunião com Zaik. — digo por fim.

— Eu sei, venha aqui — ela estende a mão e eu ignoro. Ela recolhe constrangida e seguimos para uma outra sala, que mais parece um escritório.

Sinto-me como se estivesse indo para uma reunião de negócios, ou uma entrevista de emprego. Iana está tão elegante como me lembrava. Ela é alta, seu cabelo preso elegantemente com um grande coque, um vestido longo que se ajusta no seu corpo. Ela é linda, e me faz lembrar das vezes que desejei ser como ela, desejei ter puxado mais que a cor dos seus olhos.

Assim que entramos no escritório, eu o vejo. Sua postura imponente, queixo erguido. Assim como

foi ensinado a ser, nunca baixando a cabeça. Seu olhar fixou no meu e por um segundo minhas pernas fraquejaram.

Zaik era intimidador, seus olhos negros eram indecifráveis, sua mandíbula cerrada era o sinal de que ele estava tão desconfortável quanto eu.

— Hanna, queremos que dê uma olhada nisso — lana me entrega um envelope pardo.

— Sente-se Hanna. — ele aponta para a cadeira vazia em frente à mesa, eu não respondo, apenas sento abrindo o envelope.

Ele senta na cadeira a minha frente e sua esposa fica em pé ao seu lado. Típico.

— O que é isso? — finalmente minha voz volta a funcionar, e eu não estou acreditando na papelada que estou segurando.

— Isso, é a documentação referente ao reconhecimento de paternidade. — ele diz como se isso fosse algo tão banal.

— E por que isso agora? — pergunto, confusa.

— Você não precisa questionar os motivos, não era isso que você sempre quis? — sua voz é fria, e olho para lana, ela está imóvel, seus olhos me implorando por algo. Mas como sempre, mantém-se calada.

— Aqui. — abro minha bolsa e retiro os papéis que guardo comigo desde quando consigo me lembrar.

Jogo em sua direção, junto com seus documentos ridículos. Ele examina reconhecendo o conteúdo, são os exames de DNA.

Os exames que passei horas olhando, lembrando que tinha sim, sido colocada no mundo por duas pessoas, lembrando que elas me rejeitaram.

— O que você quer Hanna? — ele pergunta parecendo cansado.

— Quero que pelo menos uma vez na sua vida, você assuma que sou filha de vocês.

— E o que é essa papelada que te entregamos? Basta assinar e você será reconhecida legalmente. Será uma Essien.

— Não, você está errado. Não quero a droga do seu sobrenome, quero ouvir você falar.

— Hanna! — lana me adverte.

— Você está me desafiando? É isso mesmo?

— Não, não estou desafiando — fico de pé e olho nos seus olhos — Eu esperei esse momento por toda a minha vida, você acredita que um papel vai tornar você meu pai? Eu ouvia quando você falava sobre aqueles exames de DNA, eles não provam nada para você, assim como essa porcaria de papelada não prova nada para mim.

lana tapa a boca com as mãos enquanto ele se levanta. Está furioso, mas não consigo me arrepender das palavras que saíram da minha boca. Foi reconfortante.

Antes que ele consiga abrir a boca, a porta abre, uma Malika entra como um furacão.

— Hanna! — ela praticamente grita em minha direção e me abraça. Sou pega de surpresa com a intensidade do seu abraço e tento manter o equilíbrio.

— Você está bem? — a sinceridade na sua voz é esmagadora.

— Sim estou.

— Ficamos preocupados com você, depois daquela confusão. — ela diz olhando em volta, mas sei que ela se refere ao seu irmão, não a seus pais.

— Estou ótima Malika, obrigada por se preocupar.

— Você vai assinar? — pisco surpresa, ela sabia disso?

— Não Malika, não vou.

— Mas Hanna, você é nossa irmã, precisa assinar e ter o que é seu — Afago seus cabelos, ela tão jovem e ingênua.

— Não tem nada naqueles papeis que eu queira Malika. Nada ali me fará feliz.

— Mas... — ela olha confusa em direção ao seu pai.

— Malika, vá. Ainda não terminei de falar com a Hanna.

Ela me olha e me abraça novamente, mas não questiona as ordens que recebeu e sai da sala.

— Você vai ter todos os direitos como nossa herdeira, pare com qualquer bobagem que esteja pensando e assine esses documentos Hanna, não é hora para ser orgulhosa.

— Orgulhosa? — tento manter minha compostura — A única coisa que eu quis foi ter um pai e uma mãe, eu nunca tive qualquer palavra de carinho de vocês, fui criada pelos empregados da casa. Vocês têm noção de como foi a minha vida quando vim para cá?

— Foi muito boa até onde era do nosso conhecimento — sua voz era tão fria que sentia arrepios por toda minha espinha.

— Foi triste, solitária. Eu comecei a pintar e a frequentar terapia. Eu era uma criança que tinha que ir ao terapeuta porque foi rejeitada por seus pais pelo simples fato de ter nascida branca. Eu tinha tanto receio de falar que meu terapeuta levou anos para entender qual era o meu verdadeiro problema. Porque convenhamos, esse tipo de preconceito é tão bizarro que chega a ser inacreditável.

— O que você sabe sobre preconceito garota? Eu vivi isso, eu lutei para que meu povo estivesse em uma posição melhor.

— Você rejeitou a sua filha. Você é tão preconceituoso quanto esses animais com quem lutou contra. — Minha voz sai tão alterada que ele se assusta.

Olho para Iana e lágrimas escorrem pelo seu rosto, todos ficam calados e o silêncio é sufocante.

— Eu não sei o que vim fazer aqui — vou em direção a minha bolsa.

— Assine essa droga de documento Hanna. As pessoas vão começar a questionar quem é você quando aquele roqueiro assumir o relacionamento de vocês, isso se ele assumir.

— Você está preocupado se descobrirem que sou o esqueleto que você esconde no armário? — digo consternada — Eu não acredito nisso, não acredito que por um segundo eu pensei que vocês quisessem realmente me reconhecer.

— Hanna... — as palavras saem da boca da minha mãe como um chiado.

— Não se preocupem, eu nunca vou abrir a boca, na verdade eu tenho vergonha de vocês, e não é pela cor, é pelo caráter.

Saio o escritório fechando a porta com tanta força que sinto o cômodo vibrar. Me recusando a derramar qualquer lágrima aqui, vou em direção ao elevador e aperto o botão freneticamente.

— Hanna? Você já está indo? — é Malika.

— Sim, desculpa, mas eu não posso ficar mais.

— Posso ligar para você? — sua pergunta me surpreende, e nós nos abraçamos.

Passo meu número prometendo manter contato, vejo que ela fica feliz com a possibilidade e me deseja sorte.

Volto para o meu apartamento sem os exames de DNA que guardei por tantos anos, e sem o

peso que carreguei junto com eles. Não quero ser uma Essien, sou uma Daves. É quem eu sou.

Assim que chego no meu prédio a realidade bate em mim com a força de um caminhão. Meu Deus, como eles podem ter sido tão frios? Como puderam pensar que eu ia assinar aquilo? Eles não queriam me proteger, queriam se proteger. E pensar que por um momento...

Abro a porta do meu apartamento, e não consigo conter o espanto. Estão todos ali, Micah, Mag, Josh, Braden e Gael. Meu coração acelera.

Ele se aproxima e estende a mão.

— Achei que você fosse precisar — Ele fala com a mão estendida — Se você quiser, e precisar se segurar em alguém, pode segurar minha mão.

E eu largo minha bolsa no chão e estendo meu braço. Meus dedos tocam os deles devagar, até que nossas mãos estão tão unidas quanto possível, nossos dedos entrelaçados. Ele me segura com força, me puxando para seu colo.

E eu aceito, porque não há nenhum outro lugar que eu queira estar agora, do que no seu colo.

*“And I promise that it’s not your fault
It was never your fault
And I promise that it’s not your fault
It was never your fault”*

Broken Angel – Boyce Avenue

“E eu prometo que isso não é culpa sua / Isso nunca foi culpa sua / E eu prometo que isso não é culpa sua / Isso nunca foi culpa sua”

Gael

Não importa quanto tempo passe. Não importa o que foi dito. Céu, é assim que me sinto quando ela está sentada assim, no meu colo. Seus braços envoltos no meu corpo, sua cabeça encostada no meu pescoço. Seu cheiro. Porra, seu cheiro é a coisa mais doce e mais viciante que eu já experimentei.

Eu quero ela, eu preciso dela. Preciso senti-la todos os dias pelo resto da minha maldita vida.

Hanna está sentada no meu colo, ela não está chorando, sua respiração é tranquila, é como se ela estivesse em paz. Apenas a força do seu abraço denuncia seu real estado. Ela não quer me largar, e eu sou egoísta demais para soltá-la.

— Você já comeu? — falo enquanto passo minha mão na sua costa, não saímos do lugar, Braden, Josh, Micah e Mag estão de volta para o sofá, fingindo que não estão atentos a cada movimento nosso.

Ela tira seu rosto do meu pescoço e franze a sobrancelha ao me olhar, um vislumbre de um sorriso aparece antes que ela fale.

— Tomei apenas o café da manhã — Olho o relógio.

— Ainda é cedo para almoçarmos, vá vestir algo mais confortável. Vamos sair.

— Vamos? — ela pisca não entendendo o convite, pego suas mãos e beijos as juntas dos seus dedos.

— Vamos.

— Todos juntos — Josh grita do sofá e ela sorri.

— Vem, vamos nos trocar — Mag se aproxima e estende a mão, Hanna levanta um pouco relutante e eu sorrio.

— Tudo bem, para onde vamos? — Josh fala quando me aproximo do sofá.

— Nos divertir.

Micah e Braden sorriem, e eu ligo para Jackson trazer outro carro, não podemos ir todos no

carro do Braden.

Hanna não demora, ela está usando um tênis, uma *legging* preta e uma camisa cinza. O cabelo preso em um rabo de cavalo, está sem maquiagem. Mas o sorriso contido estampado em seu rosto é o suficiente para deixá-la mais que desejável.

Passei uns bons minutos reunindo minhas forças para não beijá-la, para não levá-la para o quarto e me afundar profundamente nela. Mas, preciso mostrar a ela que estamos além de quatro paredes.

— Vocês estão lindas — digo para as duas que se entreolham e sorriem. Mag faz uma reverência, ela está vestindo a mesma coisa que a Hanna, sendo que está toda de preto. Assim que se abaixa, Josh chega e aperta sua bunda.

— Lindas e gostosas — ele beija o pescoço dela.

— Seu idiota pervertido — ela bate no braço dele.

Josh pisca e todos vamos em direção ao elevador. Hanna caminha ao meu lado, com o braço entrelaçado ao de Mag. Jackson me envia um texto avisando que já está a nossa espera. Sorrio internamente, ela vai adorar o que tenho em mente.

Quando entramos nos carros, Mag não dá trégua, ela vai ao lado dela o tempo todo, tagarelando coisas sem sentido. Acho que está tentando manter a cabeça dela relaxada. Troco algumas mensagens com Micah, assim deixo-os cientes de tudo que tenho em mente para o dia.

Vinte minutos depois, estamos em frente a quadra de basquete. Rob avisou que o local estaria vazio, mas liberou a nossa entrada.

Assim que Micah abre a porta de ferro, vejo o olhar dela. Hanna parece confusa, e feliz. Ela segura a minha mão e entramos juntos na quadra.

— Por que você me trouxe aqui? — ela para na minha frente.

— Lembra de quando pintamos juntos? — ela assente — Agora é a minha vez de retribuir o favor. Vem vamos nos divertir um pouco.

Estendo a mão e ela sorri, seus olhos estão brilhando com expectativa. Micah já está com a bola em mãos, Josh corre atrás da Mag pela quadra enquanto Braden vem ao nosso encontro.

— Prontos? — ele pergunta sorrindo.

— Sempre. Vamos chutar algumas bundas.

Posiciono minha cadeira, mesmo tendo uma melhora considerável, meu fisioterapeuta me mataria se eu comesse a correr atrás de uma bola de basquete. Começo a me arrepender de não usar umas das cadeiras disponíveis, vai ser complicado usar essa motorizada.

Mag volta usando apenas um top, então percebo que Hanna vai fazer o mesmo.

Merda.

Merda.

Merda.

Ela tira a camisa, e é como um maldito efeito de *slow motion*. Sua barriga plana, vai aparecendo aos poucos, meu olhar acompanha o movimento da blusa, subindo pelo seu umbigo, indo em direção aos seios.

Olho em volta para ver se alguém mais observa, e percebo que sou o único a fazer isso. Ela joga a blusa em um canto da quadra e se junta a Mag. Enquanto eu estive observando como um maníaco.

Controle-se Malloy.

Micah se aproxima e coloca o braço em cima do ombro dela, seguido por Josh que enlaça o braço dele na cintura dela. Eles riem juntos.

Foda-se o meu controle.

— Seus olhos devem estar doendo — Braden fala ao meu lado.

— Do que você está falando? — falo sem tirar os olhos deles, agora Mag completa o quarteto feliz.

— Você nem piscou desde quando ela começou a tirar a blusa — ele sorri — Vamos Gael, hora do jogo.

A bola começa a quicar no chão, e a diversão começa. Hanna não para de sorrir, tomando a bola de Micah e arriscando um arremesso. Se Rob estivesse aqui, seríamos uma vergonha para o esporte.

Eles correm pela quadra, em nenhum momento me deixando de lado. Nossas risadas ecoam pelo ambiente, e pela primeira vez em muito tempo sinto-me verdadeiramente feliz.

Meia hora depois, paro um pouco com Braden ao meu lado, ele senta no banco e enxuga o rosto.

— Estou muito velho para isso — ele resmunga me entregando uma garrafa d'água.

— Somos dois, amigo — brindamos com nossa água e voltamos a observá-los na quadra.

Eles finalmente pararam de correr, agora estão disputando arremessos, Hanna é a pior dos quatro, mas sempre sorri quando a bola não entra. Micah é tão ruim quanto ela, enquanto Josh e Mag dificilmente erram uma cesta.

— Como você consegue? — falo para Braden, sem tirar os olhos da quadra. Não preciso dizer sobre o que estou me referindo.

— Nossa relação é muito valiosa para nos desgastarmos com sentimentos irrelevantes — Braden diz, ele também não tira os olhos da quadra.

— Juro que não entendo vocês. Não te incomoda vê-lo assim com a Mag? — aponto para a quadra, Josh esta segurando-a pela cintura, girando em círculos, enquanto os sons das risadas inundam o ambiente.

— Eu o quero feliz Gael, sua felicidade não me incomoda — ele vira o rosto em minha direção — Eu sei o que temos, não há nada no mundo que mude um sentimento, quando você sabe que é verdadeiro. Não é Mag, ou qualquer outra mulher que vai me deixar inseguro — ele suspira e passa a mão no cabelo — Quando você encontra a pessoa certa, mesmo que tudo em volta pareça ser errado, você simplesmente se entrega. Não deixe que a sua insegurança, interfira no que você tem com ela Gael, Hanna é tão especial para você, quanto Josh é para mim, você só tem que confiar mais em si mesmo.

Suas palavras atingem em cheio meu peito. Ele era meu amigo há tanto tempo quanto podia me lembrar, mas eu nunca o tinha ouvido falar sobre seu relacionamento com Josh, pelo menos, não desse jeito.

Deixamos nossas garrafas de lado e voltamos para quadra. O piso está renovado, cortesia do Dr. Hunt, com o meu dinheiro. Minha cadeira desliza com facilidade, logo, estou capturando Hanna, que grita com o susto. Ela está sentada no meu colo e sorri sem parar.

— Você me assustou — ela joga os braços no meu pescoço, enquanto me afasto um pouco da nossa plateia.

— Eu só queria sequestrar você um pouco — paro a cadeira do outro lado da quadra, em um

canto afastado. Longe dos olhares de todos.

— Obrigada — sua voz é fraca e ela me olha nos olhos.

— Como você está? — pergunto pela primeira vez desde que ela voltou da conversa com seu pai.

— Nesse momento? Feliz — suas palavras me pegam de surpresa, minha pintora é mais forte do que eu imaginava.

— Sabe que estaremos aqui, não sabe? E quando eu digo isso, estou me referindo a todos nós.

— Você está mudado — ela me analisa.

— Isso é bom? — dou meu melhor sorriso.

— Não sei, na verdade isso me assusta um pouco — seus olhos brilhantes me observam com cautela.

— Não quero assustar você, Hanna. Mas não vou deixá-la escapar dessa vez.

— Eu sei disso — ela encosta a cabeça no meu peito — Você sabe, estamos fedendo.

Sua voz é divertida, e uma gargalhada sincera sai dos meus lábios. Logo ela também está sorrindo junto comigo. Abraço seu corpo com mais força, e beijo o topo da sua cabeça.

— Eu amo você minha pintora.

— Eu também, amo você meu roqueiro — ela se afasta apenas o suficiente para me olhar.

— Eu senti falta disso.

— De quê?

— De ouvir essas palavras da sua boca.

— Gael, eu... — coloco o dedo nos seus lábios, impellido que ela fale mais alguma coisa.

— Eu preciso fazer algo, mas estou me segurando esse tempo todo. Só que estou percebendo que, quando estou perto de você Hanna, eu não tenho nenhuma porra de controle.

Ela sorri, e seus lábios encontram os meus. Eu não precisei tomar a iniciativa, ela sabia exatamente do que eu precisava. Seus dedos passavam carinhosamente pela minha nuca, enquanto os meus tiravam o elástico que prendiam seus cabelos. Ela estava suada, e seu cabelo estava úmido. Eu não me importava, precisava senti-los entre meus dedos. A familiaridade do seu corpo, da sua língua explorando a minha boca, era algo que acalmava o turbilhão que se instalava dentro do meu peito.

As palavras de Braden invadiam meus pensamentos, com a mesma intensidade que as mãos dela seguravam meus braços. Meus dedos pressionavam a coxa, e ela gemia em resposta.

Ela era minha, e eu seria um idiota se desperdiçasse essa chance.

— Hora de comer, pombinhos — Josh grita e Hanna sorri, ainda com os lábios colados aos meus.

— Deus, às vezes eu quero matá-lo — beijo seu pescoço — Está com fome?

— Muita — ela beija meu ombro, e tenho certeza que sua fome é a mesma da minha.

— Vamos almoçar — ela geme e eu sorrio.

Hanna sai do meu colo e voltamos para a quadra, as bolas já foram guardadas e todos estão nos esperando na saída.

— Preciso de um banho — Hanna fala.

— Vamos deixar vocês em casa, precisamos trocar de roupa também, depois voltamos para buscá-las — é Braden que fala, confesso que não gosto muito da ideia de deixá-la, logo agora que as coisas parecem estar começando a se encaixar. E eu também não quero que fique sozinha.

Como se lesse meus pensamentos, Braden não dá brecha para questionamentos, assim, nós as deixamos em casa para que possam se arrumar, e vamos para o meu apartamento.

— Você me surpreendeu hoje, Malloy — Micah fala ao meu lado.

— Eu não fazia ideia de que ia dar certo — falo a verdade.

— Foi perfeito cara, exatamente o que ela precisa agora.

— Estou longe de ser perfeito Playboy.

— Eu sei, mas está no caminho certo — Micah bate no meu ombro.

Braden estaciona o carro e me ajuda a descer. Quando entramos no apartamento ligo para Takeshi pedindo uma mesa. Ele não hesita, e fico satisfeito.

Depois do banho, olho para as muletas que estão encostadas ao lado da cama. Eu ainda não sei como me sinto em relação a elas, mas gostaria de usá-las hoje. Pego meu celular e envio uma mensagem para Hanna.

Pronta?

Sua resposta é rápida.

Sim.

Já estou com saudades.

Eu também. ;)

Sem me dar conta estou com um sorriso idiota estampado no rosto. Palavras simples conseguem melhorar o dia de qualquer pessoa.

— Vai no seu carro? — Josh entra no meu quarto sem a menor cerimônia.

— Vou. Encontro vocês lá.

— Tudo bem. Vai usar isso? — Ele aponta para as muletas que estou segurando.

— Vou.

— Maneiro.

Ele sorri e sai do meu quarto. Olhos para as muletas e suspiro. Eu consigo, já estou caminhando com a ajuda das barras, e já as usei na fisioterapia. Não deve ser tão difícil assim.

Seguro nos apoios e levanto da cama. A sensação é diferente, eu me esforço para fazer o mínimo de cara feia possível. Acho que estou falhando nesse quesito. Os músculos do meu braço queimam, não só pelo esforço com as muletas, mas também pelo empenho de mais cedo.

Estou virando um fracote.

Saio do elevador e encontro todos à minha espera. Eles sorriem como crianças que acabaram de ganhar o presente de Natal.

— O que foi? — pergunto, mesmo já sabendo a resposta.

— Nada — os três respondem em uníssono.

Idiotas.

Braden e Josh vão direto para o restaurante, enquanto Micah me acompanha. Desde o acidente, eu não tinha dirigido, mesmo com carros adaptados, eu não queria. Não me sentia à vontade e no fundo, tinha esperança de que não precisasse usar um. Meu *Porsche* aguardava na garagem, e quando Micah percebeu o que eu faria seu olhar mudou.

— Você não vai me dizer que vai dirigir, não é?

— Acertou em cheio, Playboy.

— Ah, porra Malloy. Sério?

— Está com medo — pergunto sorrindo.

— Há quanto tempo você não dirige? Mesmo antes do acidente, tem certeza que lembra como ligar essa coisa?

— Não me subestime, Micah — aperto o botão na chave e um barulho das portas destravando ecoa na garagem.

— Merda!

Micah entra no carro, joga as muletas no banco de trás e sento. Seguro o volante com força e olho o painel. Respiro fundo. Eu consigo, tenho o controle dos meus movimentos, mesmo não tendo cem por cento de certeza, a adrenalina começa a fazer seu caminho pelo meu sistema.

Você consegue, Malloy.

Ligo o carro e Micah balança a cabeça.

— Pronto?

— Você não acha que está exagerando não?

— O dia ainda nem terminou Playboy.

— Que Deus me ajude.

Micah liga o sistema de som e o carro desliza suavemente até a saída. Dirigir essa máquina é a coisa mais prazerosa que já fiz, depois de fazer amor com Hanna, é claro.

O carro obedece a cada comando com facilidade. O sistema automático deixa tudo mais fácil. Porra eu me sinto pronto para qualquer coisa.

Micah relaxa a cada quilometro percorrido. Começamos a conversar amenidades. Seu apartamento não fica muito longe, e em vinte minutos, ele já está ligando avisando que estamos aqui em baixo.

— Vamos trocar — digo e ele me olha surpreso.

— Você vai me dar o seu carro para dirigir?

— Não se empolgue ok? Quero aproveitar cada minuto que posso ter ao lado dela — Micah se surpreende com meu pedido, eu nunca deixei nenhum deles encostar nesse carro. É o meu bebê. Mas nada supera poder estar com ela sentado no banco de trás.

— Certo, só não vão transar aí atrás — ele sorri.

— Não posso prometer nada.

Hanna e Mag aparecem na minha linha de visão. Micah desce do carro e acena para elas, Hanna parece surpresa quando me vê saindo pela porta do motorista. Micah me entrega as muletas para que possamos trocar de lugar.

— Hey — ela fala com um sorriso no rosto.

— Belas muletas cantor — Mag me diz sorrindo.

Hanna se aproxima e ficamos frente a frente. Ela é um pouco mais baixa do que eu, imediatamente a memória da manhã em seu quarto me vem à mente. Nós estávamos assim, e fizemos amor da forma mais intensa que eu já havia experimentado.

— Você vai dirigir? — ela pergunta olhando para o carro.

— Não arriscaria a sua segurança — digo com sinceridade, ainda não estava totalmente pronto, mas precisava sentir um pouco do antigo Gael de volta.

— Me assustar já foi o suficiente — Micah diz abrindo a porta para Mag entrar.

— Do que ele está falando? Você não fez nenhuma besteira, fez?

— Seu amigo está ficando sensível demais — abro a porta e ela entra, quando olho para Micah ele me mostra o dedo do meio.

Hanna se afasta um pouco e eu entro no carro, ela coloca as muletas ao lado da porta e se aproxima.

— Como você está? — ela me pergunta.

— Agora? Bem melhor — puxo ela mais para perto.

— Estou falando do tratamento, como está indo?

— Acho que bem melhor do que eu esperava — mexo meus pés e ela sorri — Um avanço de cada vez, mas estou me esforçando.

— Já tinha usado as muletas?

— Apenas na fisioterapia — respondo com sinceridade.

— E por que hoje?

— E por que não hoje?

Olho em seus olhos, passo a mão pelo contorno do seu rosto, Hanna é delicada, mas seus traços são marcantes. Seu sorriso é algo perturbador, e faz meu corpo vibrar.

Nosso momento é interrompido quando chegamos ao restaurante. Micah para o carro e abre a porta para Mag, e aguarda enquanto saio do veículo. Estendo a mão para Hanna que sai sorrindo.

Devagar, entramos no restaurante, que para variar, está lotado. Algumas pessoas notam nossa presença, e me olham de soslaio.

É isso mesmo pessoal, ontem eu estava em uma cadeira, agora estou de muletas.

Takeshi me recebe como sempre, sem fazer nenhum comentário pelo meu estado, e nos leva até a mesa onde Braden e Josh nos esperam.

Nosso almoço é descontraído, Micah conta sobre a minha aventura dirigindo e Braden me lança um olhar acusatório. Dou de ombros, fingindo que não fiz nada fora do comum. No fundo, eu sabia o que queria, impressioná-la.

São quase três da tarde quando estamos deixando o restaurante. Dessa vez, Mag sai com Braden e Josh, e Micah me acompanha com Hanna.

— Eu não acredito que vou ser o motorista de vocês. — ele fala abrindo a porta para Hanna entrar.

— Não reclame Playboy.

Ele bufa em resposta, tento não sorrir, mas é impossível. Hanna está novamente ao meu lado e deita a cabeça no meu ombro, ela parece exausta.

— Para onde Malloy? — Micah pergunta.

— Meu apartamento — Hanna me olha, mas não questiona, ela quer tanto estar lá quanto eu.

Micah me olha pelo retrovisor e sorri satisfeito, em seguida, uma música suave começa a tocar enquanto somos levados para casa.

Quando entramos no elevador, Hanna está calada. Não consigo decifrar se ela está apenas cansada, ou somente agora está se dando conta de tudo.

Quando entramos, Sarah nos recebe com um sorriso no rosto. Ela abraça Hanna com tanta força que tenho medo que possa ter quebrado algum osso. Hanna agradece e depois me encara.

— Eu vou descansar um pouco. Vejo vocês mais tarde — Micah fala abraçando Hanna. Ela assente e logo em seguida ele desaparece para o quarto.

— Precisam de alguma coisa senhor? — Sarah pergunta.

— Não Sarah, obrigado. Vamos descansar também.

— Tudo bem.

Ela se despede e vai em direção a cozinha. Olhos em volta e estamos sozinhos. Hanna me olha e suspira. Subimos para o meu quarto em silêncio. Ela está a ponto de quebrar.

Largo as muletas quando estamos próximos da cama, estendendo os braços para ela. Hanna não hesita, ela me dá um abraço desesperado, e então ela quebra.

*“Tell me
Tell me that you want me
And I’ll be yours completely
For better or for worst”*

The One – Kodakline

“Diga / Diga que você me quer / E eu serei completamente seu / Para o melhor ou para o pior”

Hanna

Meu corpo estava tremendo com tanta força, que fiquei com medo de entrar em colapso. Eu estava guardando isso para quando estivesse sozinha. Toda aquela conversa com meus pais, logo depois encontrar Gael na minha casa, era muito para processar.

Não fui forte o suficiente para negar a sua mão, não fui forte o suficiente para não sentar no seu colo, e não estava sendo forte agora, aqui no seu quarto.

Simplesmente não havia outro lugar que eu quisesse estar nesse momento. Seus braços eram minha casa, era onde eu me sentia mais segura, e amada.

E agora, tremendo e chorando, sentindo seus braços me apertando como uma promessa de que estaria me segurando, ouvindo suas palavras de carinho. Era tudo tão... perturbador.

Gael me levava ao limite em muitos sentidos, mas ainda assim, eram emoções verdadeiras. Com ele eu podia chorar, gritar, sorrir. E agora, que ele sabia quem eu era, tudo se tornou mais leve.

— Hey, Baby! Não chore — eu não conseguia falar, minha voz era substituída por soluços e lágrimas — Venha, vamos para cama. Prometo não te soltar.

E ele cumpriu, tiramos nossas roupas e nos deitamos. Gael me puxou, colando meu corpo ao dele. Meus seios pressionados no seu peito, suas pernas cobrindo as minhas em um emaranhado de corpos. Não havia nada de sexual, apenas amor.

Ele continuava a falar que me amava e o quanto sentiu minha falta, enquanto eu inalava seu cheiro, abraçada ao seu corpo.

— Eu também senti muito a sua falta — Consigo dizer.

— Eu vivi em um inferno esses dias Hanna, e não pretendo voltar para lá — Ele fala beijando meu cabelo, enquanto meus dedos traçam a sua tatuagem.

A tatuagem que ele fez com meu nome.

— Converse comigo meu amor, como você está se sentindo depois da conversa com seu pai?

— Eu não sei dizer exatamente — me afasto um pouco para poder olhá-lo nos olhos — Mais leve talvez?

— Isso é tão surreal.

— Eu sei, uma pessoa que luta contra o preconceito racial, rejeitar a filha por causa da sua cor, é no mínimo hipócrita.

— Não é somente isso Hanna, ele rejeitou uma filha, que tipo de ser humano faz isso?

— Muitos Gael, infelizmente muitos. Você teve o amor dos seus pais, talvez não consiga entender quando esse tipo de coisa acontece, mas sim, existem aos montes, das mais diversas formas.

— Eu nunca seria capaz de rejeitar um filho meu.

— Eu sei, nunca duvidei disso — digo sorrindo, passando a mão no seu rosto, ele pega e beija meus dedos.

— E eu quero ter isso com você Hanna.

— Filhos? — congelo.

— Sim, filhos. No plural, muito no plural.

— Eu não sei Gael, não sei que gosto dessa ideia. E as coisas entre nós dois ainda não estão resolvidas.

— Você está aqui em meus braços Hanna, é isso que importa.

Suspiro derrotada, estou tão cansada para discutir qualquer coisa. Primeiro meus pais, Gael e agora essa conversa sobre filhos. Fale-me sobre ser rápido demais.

— Quanto tempo você ainda tem aqui? — mesmo sabendo a resposta eu quero ouvi-lo dizer, Micah sempre me manteve atualizada, então eu sei que em duas semanas eles estarão de volta ao palco.

— Duas semanas Hanna — ele segura meu rosto — Posso ficar o tempo que você precisar — ele beija meus lábios — Posso cancelar toda essa merda para ficar com você Hanna.

Ele me puxa novamente e me abraça, seu abraço é carinhoso, e logo me perco nele e encontro a minha paz.

Já é noite quando acordo, meu estômago clama por comida. Olho para frente, Gael dorme pacificamente, saio da cama e vou em direção ao banheiro, não trouxe nenhuma roupa minha, então pego uma camiseta dentro do *closet*, ele vai ficar uma fera se eu sair do quarto apenas com a sua camiseta.

Na bancada da pia, ainda estão os meus produtos. Isso me surpreende, olho em volta e percebo o quanto senti falta disso. Tomo um longo banho e tento não pensar nos acontecimentos de mais cedo. As palavras do meu pai, a inércia da minha mãe. Deus eu nem sei o porquê ainda penso neles dessa forma, mãe e pai? Eles nunca foram isso para mim, mas meus irmãos são diferentes, eu vi isso nos olhos de Malika.

Quando termino o banho, tenho uma ideia. Coloco a camiseta e uma boxer, e sorrio para o espelho, seco o meu cabelo na toalha, não quero fazer barulho. Gael ainda dorme esparramado na cama. Ele está abraçado ao meu travesseiro, sua respiração tranquila faz suas costas se moverem devagar. As tatuagens se movendo em perfeita sincronia. Aperto minhas coxas, é impossível não ficar excitada com essa visão. Seu corpo iluminado apenas pela luz da lua que entra pela imensa porta da varanda.

Pego meu celular e saio do quarto para comer alguma coisa. A cozinha está vazia, então sento na bancada e digito uma mensagem.

Quando você vai embora?

Em três dias.
Quer jantar amanhã?
Siiiiim ! :)

Sorrio pelo entusiasmo da sua resposta. Mesmo não querendo ter nenhum tipo de ligação com meus pais, não vou renegar meus irmãos, e jantar com Malika vai ser o primeiro passo para isso.

— O que está fazendo aqui sozinha garota do tempo? — Josh entra na cozinha, usando apenas uma boxer.

— Estou com fome — respondo não tentando olhar para o seu corpo, Senhor todos eles são impressionantes.

— Vou fazer algo para nós dois, também estou morrendo de fome.

— Precisa de ajuda?

— Não princesa, eu me viro. Gosta de panquecas? — meu estômago vibra.

— Muito! — ele pisca e abre a geladeira para pegar os ingredientes — Você sabe que está só de cueca não sabe?

— Queria me ver pelado? — ele coloca os ingredientes na bancada — Acho que seu namorado não ia curtir muito a ideia.

— Você é um perverso! — digo beliscando um pedaço de queijo.

— Você não tem ideia — ele sorri novamente e começa a misturar os ingredientes.

— E Mag?

— Deixamos ela em casa mais cedo, estava exausta.

— Muita informação — tapo os ouvidos com a mão sorrindo.

— Prove — ele me entrega a colher com um pouco de massa e quando coloco na boca é o paraíso.

— Eu poderia comer essa tigela inteira, nem precisa assar.

— Eu sei, é minha receita secreta — ele pisca novamente e vai para o fogão.

Pego meu celular e seleciono uma música para tocar, Josh reconhece a letra e começa a dançar enquanto coloca a massa na frigideira. Não tem como não sorrir com a cena.

— Ele vai te conquistar com essas panquecas — ouço Braden dizer ao meu lado.

— Já me conquistou — pisco e ele sorri, depois dá a volta no balcão e beija no ombro de um Josh muito animado.

Ele não se surpreende, é como se ele já soubesse da presença dele, mesmo estando concentrado na comida e cantando a plenos pulmões.

Braden, graças a Deus, não está usando os mesmos trajes, ele está com uma bermuda azul que vai até o joelho. As tatuagens do braço são bem evidentes, são pretas como as do Gael, um contraste com as de Josh, que tem um dragão colorido que cobre toda sua costa.

— Acordei com cheiro de panqueca e uma voz horrível cantando — os pelos do meu braço se arrepiam ao ouvir o som daquela voz, Gael está parado ao meu lado, com o rosto ainda inchado de sono. Está lindo — Senti sua falta.

Ele beija meu pescoço enquanto apoia as muletas no balcão e senta no banco ao meu lado. Josh serve as panquecas enquanto Braden pega uma jarra de suco na geladeira.

— Alguém podia chamar o Micah — falo enquanto sirvo o suco.

— Micah saiu, já tem um tempo — Josh fala trazendo algumas geleias.

— Ele disse onde ia? — Gael pergunta.

— Desde quando ele diz aonde vai? Até porque, todos nós já sabemos.

— Callie — Gael fala pensativo.

— Quem é Callie? — não contenho minha curiosidade, Micah nunca me falou sobre ela, e eu nem ao menos ouvi eles a mencionarem antes.

— Amiga de foda dele — Josh responde ganhando um olhar severo de Braden e Gael — O quê? Eu menti?

— Hanna — Gael larga o garfo e me olha — Callie é uma amiga do Micah, eles se encontram as vezes.

Meu Deus, eles estão me tratando como uma criança.

— Se encontram às vezes para transar, como loucos, com chicote, vendas essas merdas todas — Josh diz sem pestanejar.

— Cala a boca Josh — Gael fala e ele levanta as mãos em rendição e continua a comer, Braden apenas balança a cabeça.

— Ele bate nela? — pergunto incrédula.

— Hanna, isso não é algo que eu tenho que falar, eu disse a você, ele é bem mais fodido da cabeça do que eu. Mas a relação deles é saudável, para ambos, não se preocupe.

— E sempre estamos de olho, Hanna — Braden fala, e suas palavras conseguem me transmitir um pouco mais de tranquilidade.

Quando terminamos, ajudo Josh com a louça, Gael tenta protestar, e quanto mais ele resmunga, mais Josh mexe comigo, fingindo que vai levantar minha blusa ou tentando me abraçar. Braden chega a bater uma foto de nós dois de costas na pia, e brinca com Gael para dizer quem tem a melhor bunda.

Quando acabamos, vamos assistir a um filme, Gael traz um cobertor, com a desculpa que está frio, quando no fundo eu sei que é apenas para cobrir as minhas pernas.

O filme não podia ser diferente, de ação, não me atendo a ele, meu foco está no corpo atrás do meu, em uma mão que acaricia minha barriga, e outra na minha coxa.

Gael me provoca o quanto pode, brincando com seus dedos na minha pele. Braden e Josh não estão diferentes, Acho que esse é um dos momentos mais íntimos que eu já presenciei dos dois juntos. Josh está sentado na frente dele, com as mãos na perna do Braden. Eles conversam sobre o filme, riem juntos. Em alguns momentos, Braden beija o rosto dele, ou sua cabeça. São toques sutis, pequenos lembretes de como um verdadeiro amor deve ser. Leve e alegre.

Por um breve instante, sinto um pouco de inveja deles, minha relação com Gael sempre foi tão intensa. Quando penso que estamos bem, acontece algo, seu ciúme fora do controle não é algo que eu goste, e mesmo com esse sentimento, eu nunca senti que outra pessoa fosse tão certa para mim quanto Gael.

— Está cansada? — Gael fala ao meu ouvido, olho a hora e me assusto.

— Não percebi o tempo passar — digo me agarrando mais ao seu corpo.

— Isso acontece muito com você mocinha. Vem vamos para cama — sorrimos enquanto o ajudo a levantar, nos despedimos dos meninos e vamos para o quarto.

Gael está usando as muletas, mesmo indo devagar, seus passos são firmes e ele não reclama. Meu cantor está me surpreendendo.

— Por que você trocou a cama? — pergunto quando tranco a porta, eu percebi a cama nova assim que cheguei mais cedo.

— Não queria falar sobre isso, tudo bem?

— Eu quero falar sobre isso, me diga, por que trocou? — cruza os braços esperando sua resposta, ele senta na cama e passa mão no cabelo. Que já não está mais tão curto como antes, e fica um pouco bagunçado.

— Eu trouxe outra mulher para esse quarto, ela deitou na minha cama. Você viu — engulo em seco, não gosto de me lembrar da cena — Eu não queria que você dormisse na mesma cama que outra mulher deitou Hanna, mesmo que não tenha acontecido nada, eu não transei com ela. Inferno eu nem acho que ia conseguir mesmo se você não tivesse entrado.

— Não era isso que pareceu — estou em pé na sua frente, ele ergue os olhos e me encara.

— Eu só conseguia pensar em você — ele suspira e volta a me encarar — Hanna, eu sei que o que fiz não tem perdão, eu te magoei muito, mas eu me arrependo disso e eu prometo a você — ele segura minhas mãos — Que eu nunca mais vou magoar você desse jeito — sento ao seu lado, suas mãos estão frias e ele parece tenso.

— Como será depois? Quando vocês pegarem a estrada?

— Vou dar um jeito, eu seria egoísta demais se pedisse para você me acompanhar.

— Seria.

— Podemos nos programar, você pode ir me ver, eu posso vir. Podemos fazer isso funcionar Hanna, só, me dê uma chance.

— Você não pode pedir uma garota em namoro, como um cara normal? — rio tentando conter as lágrimas.

— Não somos normais, minha pintora — Gael segura meu rosto com as duas mãos, encostando sua testa na minha — Isso é um sim?

— Isso é um vou tentar.

— Você é durona senhorita Daves.

— Eu nunca disse que não era.

— Minha pintora.

Gael começa a tirar a minha blusa, e sorri maliciosamente quando vê sua boxer. Deito enquanto ele passa seus dedos preguiçosos pelo cócs decidindo se tira, ou não. Me torturando.

Seus dedos subindo pela minha barriga até o encontro com meus seios. Ele belisca devagar, fazendo meu corpo arquear de prazer, enquanto sua boca beija a parte interna da minha coxa. Ele desliza a boxer com habilidade, sinto seu sorriso quando sua boca volta para minha coxa. Seguro com força os lençóis quando sua mão deixa meu seio, ele me abre um pouco mais, então sua língua começa a trabalhar.

Oh merda, sexo com ele sempre foi maravilhoso, mas Gael está conseguindo me surpreender. Ele me toma com a boca com uma fome que me deixa tonta. Sua língua implacável tocando meu clitóris, movimentos sincronizados, que me levam a loucura.

O silêncio do quarto é quebrado pelos meus gemidos, e quando ele enfia um dos dedos dentro de mim, tenho que me agarrar novamente aos lençóis, um grito de prazer sai pela minha boca no mesmo instante que ele morde meu clitóris pulsante. Minhas pernas já não têm mais forças, e meu corpo está vibrando.

— Minha vez de ficar por cima.

Abro os olhos e ele está pairando sobre meu corpo, um sorriso sexy no rosto. Ele me beija lentamente, sinto meu gosto na sua boca. É tudo tão sexy. Ele me penetra devagar, sem parar de

me beijar.

Juntos encontramos nosso ritmo.

Gael geme e se entrega a cada estocada. Sussurrando palavras de carinho ao meu ouvido, levando-me ao delírio.

E quando ele grita meu nome, mordendo meu ombro, me permito planar no som da sua voz, vagando até o completo êxtase.

— Você está dormindo? — ele ainda está deitando em cima de mim, sua respiração lenta.

— Não — sua voz sai abafada — Quero fazer um pedido.

Ele se ergue um pouco, ainda dentro de mim, e me encara. Seus olhos brilhando.

— Faça — e ele sorri.

— Quero que pare com o contraceptivo — meu queixo cai.

— Você está tendo algum surto pós orgasmo? — falo ainda incrédula.

— Não — ele fala com veemência — Eu disse que você era minha Hanna, e vou fazer o que estiver ao meu alcance para não perder você.

— Não cometer nenhuma burrice seria um bom começo, mas filhos? Você tem certeza que está bem?

— Cometer burrices faz parte de quem sou, ter um filho com você é o meu mais novo objetivo.

— Vou ignorar essa conversa e fingir que nunca aconteceu, ok? — digo, mas não consigo parar de sorrir, ele está com um sorriso que pode iluminar Nova York inteira.

— Se você quer assim, tudo bem. Mas, a minha proposta ainda está de pé.

— Proposta indecente, por assim dizer.

— Baby, minhas propostas para você, sempre serão indecentes. Acostume-se.

— Tire essa ideia da cabeça, Gael. Não vai rolar.

— Você sabe, que se rolar, eu seria o homem mais feliz do mundo? — ele começa a movimentar-se novamente, seu sorriso malicioso e sua ereção cada vez mais crescente era o sinal do que ainda estava por vir — Eu nunca havia pensando nisso dessa forma, nunca me importei se você engravidasse, nunca fomos cuidadosos Hanna — ele afundou a cabeça no meu pescoço lambendo minha orelha, fazendo meu corpo arquear — Eu nunca me preocupei, porque era você, e você é quem eu quero para estar comigo — suas estocadas estavam mais fortes, mais duras, eu gemia em seus braços — Eu quero você, para a porra da minha vida inteira.

Gritamos juntos, nossos corpos suados. Gael me abraçava forte, sua respiração acelerada, o mesmo ritmo dos nossos corações. Era uma bela maneira de um cara dizer que queria você para sempre.

Dois dias depois, o tema bebês não foi mais tocado. Braden quase teve uma síncope quando Gael disse que iria ser pai, e eu tive que o corrigir, pois isso era num futuro, muito, muito distante. Mas sempre que fazíamos amor, ele era doce e o brilho nos seus olhos revelavam tudo o que eu não queria que acontecesse.

Meu jantar com Malika foi tranquilo, conversamos bastante, ela me explicou muitas coisas que eu não sabia. Na manhã seguinte, me informou que ia ficar mais alguns dias para nos conhecermos melhor.

— O que está lendo? — pergunto assim que entro no quarto, já é noite e ele está deitado na cama, com um livro na mão.

Ele tira o óculos e mostra a capa. Ele está tão sexy que seria capaz de me tocar apenas

olhando ele ler.

— Uma boa leitura, não sabia que era fã — falo referindo-me ao livro, a biografia de Kurt Cobain.

— Apenas lembretes de coisas que eu não devo mais me envolver — ele deixa o livro de lado e beija minha mão quando me junto a ele a cama.

— Você nunca me contou direito a sua história.

— Não tem muita coisa para contar Hanna, eu sou o típico roqueiro clichê, que se envolveu com as merdas erradas, apenas decidi ter um final diferente.

— Nunca teve recaídas?

— A minha única recaída é loira, sexy, que fode com a minha mente e me morde forte pra caralho quando goza — ele puxa meu corpo me posicionando sentada em seu colo.

— Eu não mordo você — falo na defensiva.

— Ah eu tenho provas — ele sorri.

— E Micah? Qual a história de vocês?

— A história do Micah é apenas dele, não posso contar. Cada um tem o direito de contar a sua versão Hanna, no momento certo, ele dirá a dele. Só posso dizer que afundamos, e levantamos antes que fosse tarde demais.

— Entendo. E eu admiro muito vocês por isso.

— E eu amo você por isso.

— Gael... — gemo quando ele começa a levantar a minha blusa.

— Hanna.. — sua resposta faz meu corpo vibrar — Vem baby, vamos fabricar bebês.

Minha risada ecoa dentro do quarto, mas logo é abafada pelos seus beijos. Ele consome cada centímetro do meu corpo. E me arrisco a dizer, ele consome cada centímetro da minha alma.

“If I had my way, I’d spend every day by your side”

Without You — My Darkest Days

“Se eu fosse do meu jeito eu passaria todos os dias do seu lado”

Gael

Estamos há três dias de embarcar para o nosso show de retorno, serão sete meses na estrada incluindo três meses de turnê internacional. Hanna ao meu lado esses últimos dias é como um bálsamo para acalmar todo turbilhão em que me encontro. Inúmeros ensaios no estúdio, ensaios fotográficos e as sessões de fisioterapia estão sendo desgastantes. Mas só o pensamento de encontrá-la dormindo na nossa cama, sim é a nossa cama, nenhuma outra mulher irá ocupar esse lugar, faz meus nervos se acalmarem.

— Você já separou o que vai levar? — pergunto quando a vejo sair do banho, ela está apenas enrolada em uma toalha, seus cabelos presos em um coque alto.

— Ainda não, mas não será muita coisa, tenho que voltar depois do show — eu quase bufo com a resposta dela, na verdade, acredito que fiz isso.

— Vamos fazer dois shows em Miami, e logo depois Chicago, tem certeza que não quer vir para Chicago? — eu provavelmente parecia uma criança implorando, mas foda-se eu a queria do meu lado.

— Você sabe que eu não posso, meus irmãos estarão aqui e quero passar um tempo com eles — eu preferia quando ela não tinha irmãos, mas optei não dizer isso em voz alta.

— Já encontrou o apartamento novo? — pergunto enquanto olho ela se vestir, Hanna não tem pressa, e passa os jeans tão devagar quanto possível, é uma maldita provocadora.

— Ainda não, acredita que o último que vi já estava tudo certo, mas segundo o corretor alguém ofereceu o dobro. Quem pagaria o dobro do preço por um apartamento de um quarto no subúrbio?

— Alguém tão louco quanto você para querer morar lá — digo tentando disfarçar o sorriso.

— Já foram três apartamentos que perdi, do mesmo jeito. Isso está me frustrando — ela vira em minha direção e ajuda com os botões da sua camisa.

— Você deveria ver isso como um sinal.

— Sinal?

— Sim, de que você não deve se mudar.

— Sério? Desde quanto você acredita nisso? — sua sobrancelha levanta e eu apenas dou de ombros.

— Vem, vamos nos atrasar — beijo seus lábios e ela me entrega as muletas.

Hoje será um dia cheio, temos uma entrevista em uma rádio, e uma sessão de fotos para uma campanha publicitária. Um monte de merda que eu trocaria só para poder ficar o dia inteiro com ela.

— Onde está o Micah? — pergunto para Josh assim que descemos.

— Ele irá nos encontrar lá, precisava passar no apartamento dele antes para deixar as coisas em ordem antes da viagem.

— Ah, às vezes eu esqueço que vocês têm suas casas.

— Nós também — Josh fala sorrindo e logo abraçando Hanna.

Sim, esquecem com muita frequência por sinal.

Braden se junta a nós e vamos direto para o hospital. Hanna ainda fica relutante, mas sempre faço questão de deixá-la tanto no hospital quanto no centro de detenção, por isso tento organizar nossas agendas de acordo com seus horários, cada minuto que posso passar ao lado dela, eu quero aproveitar.

Serão sete longos meses fodidos.

— Posso pedir um favor? — Hanna pergunta quando chegamos ao hospital, seus olhos estão relutantes, então sei que não vou gostar do favor.

— Peça.

— Na entrevista, eu gostaria que você não mencionasse meu nome — Josh vira imediatamente e ele parece tão incrédulo quanto eu.

— Você não é um maldito segredo Hanna.

— Eu sei, não é isso que quero dizer, mas eu gosto da minha privacidade Gael, não quero perder isso, ainda.

— Muitas fotos nossa já saíram em jornais, inclusive daquele maldito jantar.

— Eu sei, mas as coisas ainda estão calmas, eu prefiro que fique assim.

Foda-se, será que ela ainda se preocupava com o que o pai ia falar? Ou ela não queria estar ligada a mim?

— Vou respeitar essa sua decisão, mesmo não gostando nenhum pouco.

— Obrigada — ela disse aliviada.

— Mas, aproveita o pouco tempo que você tem, logo logo, a porra do mundo inteiro vai saber o que você significa para mim.

— Eu amo você.

Hanna me beija novamente e desce do carro, aguardamos ela entrar no hospital só então Braden segue para a rádio.

— Braden?

— Sim — ele responde sem tirar os olhos do trânsito.

— Tenho uma música nova, preciso que ela esteja pronta até o show.

— O show é em três dias — ele diz surpreso.

— Só precisamos colocar a melodia, e ensaiar.

— Você é um pé no saco com suas músicas, nada nunca fica bom.

— Eu posso fazer isso — Josh diz ganhando atenção — O quê? Não é como se fosse a porra de uma fórmula mágica, além do mais, eu já ouvi o Malloy sussurrando ela quando ele acha que não tem ninguém observando.

Josh sorriu vitorioso, eu nem sabia que falava as letras em voz alta, o maldito é como um

fantasma.

— Então é toda sua, faça funcionar.

Braden sorriu quando chegamos a estação de rádio. Não dava para ver a entrada tamanha a movimentação, pessoas gritavam segurando cartazes, fotos. Eu não fazia ideia de como íamos descer do carro.

— Micah acabou de enviar uma mensagem, ele já está lá dentro, alguns seguranças estão vindo.

— De volta ao jogo — Josh disse sorrindo.

A multidão é contida por um cordão de isolamento, que deixa um corredor livre de acesso até a porta do prédio. Imediatamente me arrependo de não ter trazido nossa equipe de segurança.

— Vamos lá Malloy, hora do show.

Braden é o primeiro a sair do carro, a multidão grita o nome dele, ele acena e sorri. Josh sai logo em seguida recebendo a mesma recepção, ele chega mais próximo e começa a autografar algumas fotos. Ele sempre foi o mais educado com os fãs.

— Tudo bem? — Braden pergunta quando abre a porta, olho em volta e respiro fundo. Pelo menos não estou mais naquela maldita cadeira.

Pego minhas muletas e desço do carro. A multidão para, e todos me olham, o silêncio dura pouco tempo, dando lugar a gritos e choros histéricos. Braden aperta meu ombro me incentivando a caminhar.

Devagar ele me acompanha até a porta, não paro, simplesmente não consigo. Olho para trás e aceno. Os fãs enlouquecem, Josh junta-se a nós e a porta se fecha, abafando o barulho ensurdecedor.

— Senti falta disso — Josh fala, seu olhar expressa sua felicidade. Acho que se não fosse por eles, eu definitivamente não saberia o que fazer.

— Hey! Estão atrasados — Micah fala batendo no meu ombro cumprimentando os demais. Troy está conversando com alguém que acredito ser o apresentador do programa.

— Por que não nos avisaram que estava assim aí fora? Teríamos nos preparado — falo um pouco irritado, não gosto de me sentir assim, Troy sabe disso melhor do que ninguém.

— Não faço ideia Malloy, mas Troy também não sabia e não gostou nada, ele já tratou disso.

Troy termina sua conversa e nos cumprimenta, logo somos levados para uma sala onde está acontecendo o programa. Não é a primeira vez que fazemos isso, nem a primeira vez que estamos nessa rádio, mas hoje sinto-me um pouco perdido.

O programa retorna da sua pausa e o apresentador começa com as perguntas. Limito minhas respostas e falo somente quando necessário, Braden toma a frente e responde a maioria das perguntas, até que, o apresentador faz as perguntas dos ouvintes.

— Malloy, suas fãs querem saber, esse tempo todo que você esteve se recuperando, foi visto algumas vezes com uma loira, inclusive algumas fontes falam sobre uma suposta viagem romântica. Acabe com a nossa curiosidade, finalmente você foi fisgado?

Fisgado? Esse idiota está me comparando com a porra de um peixe? Olho para Braden e ele me encoraja a responder, lembro das palavras de Hanna, eu não quero decepcioná-la.

— Não, eu não fui fisgado — dei minha melhor resposta, o que não deixava de ser verdade, não sou a porra de um peixe para ser fisgado. Hanna me tomou, ela reivindicou meu coração no segundo que caiu no meu colo.

— Então os rumores da viagem são falsos?

— Não — respiro fundo.

— Então podemos dizer que você não está mais no mercado?

— Não sou nenhuma mercadoria para estar no mercado, mas você pode dizer que eu não

estou mais disponível para nenhuma outra mulher — Josh abafa uma risada

— Então você está apaixonado Malloy?

Deus do céu, será que esse cara não tinha outras perguntas?

— Ela sabe o que eu sinto por ela.

— E você pode nos dizer o nome da sua escolhida?

— Infelizmente, essa é uma informação que vai ficar para outro momento.

Finalmente ele se contenta e direciona suas perguntas sem sentido para Micah, o Playboy consegue se sair muito bem. Logo em seguida Josh é o novo alvo, eu não esperava, mas tem uma boa quantidade de perguntas para ele, o que o faz extremamente desconfortável. Ele ama falar sobre a banda, mas seu coração, é algo que somente uma pessoa tem acesso.

— O que era aquilo? — ele fala frustrado quando saímos da rádio.

Troy chamou nossa equipe que trouxe um outro veículo para que pudéssemos ir todos juntos, mesmo relutante, Micah entregou as chaves da moto para outro motorista, assim como Braden fez com seu carro.

Estávamos todos novamente enfiados dentro de uma limusine. Como nos velhos tempos.

Verifico meu celular e vejo uma mensagem de Hanna.

Então você não está apaixonado?

Sorrio, ela estava ouvindo a entrevista, eu não esperava menos.

Eu tinha ordens expressas, não gosto de decepcionar minha mulher.

Sua mulher?

Somente minha.

Gostei disso ;)

Estou perdoado?

Hum... pensando...

Não me contenho e ligo para ela.

— Não me faça cancelar o ensaio e ir te buscar — sua risada invade meus sentidos.

— Oi para você também. Como foi tudo?

— Josh quer matar o apresentador.

— Eu ouvi, foi um pouco tenso, mas vocês foram ótimos.

— Obrigado. Você já está livre?

— Não, ainda tenho muita coisa, e antes que você pergunte vou almoçar aqui, tenho que deixar tudo organizado, você sabe tenho um show para ir.

— Hum, e esse show seria?

— Uma banda que conheci faz pouco tempo, mas pelo que ouvi falar são bons.

— Bons? Acho que eles são mais que bons Baby.

— Não sei, nunca vi eles no palco. Dizem que o vocalista é tão sexy quando está lá em cima — porra, olho em volta e ninguém está prestando atenção, tento ajustar meu pau que aparentemente gosta quando Hanna joga sujo pelo telefone.

— Sexy? Do tipo muito sexy?

— Muito, acho inclusive que tenho alguns sonhos molhados com ele — sua voz é quase um sussurro.

— Caralho Hanna, não me diga que você está falando assim comigo no meio do hospital?

— E não me diga que você está excitado na frente dos seus amigos? — ela responde sorrindo.

— Eles já me viram em situações bem piores, acredite.

— Muita informação Malloy.

— Tudo bem provocadora, a que horas posso buscar você?

— Mando um texto quando terminar aqui, tudo bem?

— Vou ficar esperando.

— Amo você meu roqueiro excitado.

— Você me paga mais tarde, minha pintora provocadora.

Desligo o celular e me deparo com três pares de olhos me encarando. Qual é? Não se pode mais ter um momento no telefone com sua garota.

— Não me diga que é isso que vamos ter que aturar durante toda a turnê? — Josh pergunta ganhando meu dedo do meio em resposta.

Chegamos ao estúdio quase na hora do almoço. Troy providenciou nossa comida, enquanto estamos comendo, Josh me mostra um pouco da melodia que estava pensando para música nova. O cara era um maldito gênio quando queria, seu cérebro pipocava com ideias.

São feitas algumas gravações para o novo álbum, Troy está mais radiante do que nunca, nossos contratos estão aumentando e a turnê na Europa está rendendo muito mais do que o esperado.

Braden me ajuda na saída do estúdio, já está escurecendo e nem sinal da Hanna, meu corpo está exausto, implorando por um bom banho. Braden caminha ao meu lado, enquanto Micah e Josh estão encostados na lateral da limusine.

— Merda — ouço Micah dizer, um carro para na frente do nosso, e pela expressão no rosto dele, ele sabe exatamente de quem se trata.

Um homem do tamanho de um tanque de guerra sai, abrindo a porta de trás logo em seguida.

Ali, na minha frente está o Sr. Zaik. O pai da Hanna.

— Posso ter um minuto? — sua voz autoritária faz meus pelos se eriçarem.

— Sim, mas seu minuto terá que ser dentro do meu carro — aponto para limusine, ele dispensa os seguranças e peço para meus amigos aguardarem.

— Eu vou ser breve rapaz — ele fala arrumando os botões do seu terno.

— Não esperava menos.

— Estou aqui por causa da Hanna.

— Prossiga.

— Você não é o tipo de pessoa que eu aprovaria para ter um relacionamento com uma filha minha — aperto minhas mãos em punhos, eu vou quebrar a cara desse bastardo e vou gostar muito disso — Mas, pelo que eu vi e ouvi, as coisas entre vocês dois andam bem avançadas.

— O que você quer de nós?

— Eu sei que Hanna vai manter sua palavra e tudo vai ser como antes, eu quero saber de você, quero sua palavra que essa história continuará em sigilo.

— Você quer dizer que quer saber se vou manter seu segredo sujo?

— Não me ofenda, garoto.

— Não me trate como um garoto quando o único aqui a fazer merda é você — aponto o dedo em sua direção e ele não recua, em nenhum momento se intimida.

Eu tenho que dar crédito a ele.

— Eu nunca quis que nada de mal acontecesse a Hanna — seu tom é baixo.

— Mas a renegou.

— Vocês nunca vão entender.

— Acredito que não tenha tanto para entender.

— Ah, garoto, existem muitas coisas que pessoas como você não fazem ideia que existem.

— Me ilumine.

— O que eu posso dizer, é que Hanna jamais estaria segura se soubessem que ela é minha filha. Eu fiz muitas coisas das quais eu me arrependo, e não quero que o peso disso caia sobre ela.

— E seus outros filhos? Parece que não existe problema nenhum em mostrá-los ao mundo — digo com desdém.

— Você não entende o que poderia acontecer a filha branca do cara que lutou contra uma raça para proteger seu povo, não faz ideia do tipo de pessoas que tive que lidar na minha juventude. O tipo de pessoas que tenho que subornar. A ganância senhor Malloy, é uma arma poderosa, e faz os homens cometerem atrocidades.

— Hanna está em perigo? — suas palavras me preocupam, não são as coisas que ele diz que me afeta, é a sinceridade que vejo em seus olhos.

— Sim, ela está. Ninguém sabe que tenho uma filha branca, por isso eu quero manter isso em sigilo. Meus filhos sabem que precisam manter isso fora dos holofotes, eles não serão problemas enquanto estiverem aqui.

— Você está por trás das compras dos apartamentos? Os apartamentos que a Hanna estava vendo?

— Sim, e você também está, afinal foi você quem comprou o primeiro.

Eu não era fã do cara, ainda o odiava, mas um obrigado estava muito perto de sair da minha boca.

— Eu não quero viajar sabendo que ela corre algum tipo de perigo.

— Não se preocupe, ela vai estar segura como sempre esteve todos esses anos. Não pense que é fácil abrir mão de quem amamos garoto, mas as vezes, precisamos sacrificar até o nosso próprio coração por um objetivo maior.

— Ela sabe disso?

— Não, e preciso que me dê a sua palavra de que ela não vai saber dessa conversa.

Foda. Mentir para Hanna? Era totalmente fora de questão. Mas então o que eu estava fazendo esse tempo? Comprando apartamento as escondidas, burlando suas tentativas de mudança. Talvez mais um pecado não fizesse diferença.

— Eu nunca vou entender os motivos que levaram o senhor e sua esposa a agirem dessa forma, mas não os quero perto dela, se for escolha dela, ir procurar por vocês, eu vou respeitar, caso contrário, mantenham a distância e eu mantenho nosso acordo.

— Temos um acordo então — ele estende a mão.

— Não espere que aperte a sua mão, minha palavra é o suficiente.

— Você joga duro — ah, ele não fazia ideia — Eu admiro isso — sua mão vai para a maçaneta da porta.

— E Sr. Zaik. Não ouse chamar a Hanna de filha, um pai de verdade honraria esse título.

Ele não fala nada, mas posso ver a raiva borbulhando em seu sistema. Se eu preciso esconder algo dela, então que ele pelo menos fique ciente do seu verdadeiro lugar nessa história.

Assim que ele sai, Josh, Braden e Micah entram como um furacão, uma confusão de corpos se empurrando, tenho que me afastar para não ser atingido com tamanha demonstração de infantilidade.

— Parem de se debater, não vou contar uma merda do que foi dito aqui.

Josh bufa de frustração, seguido por Braden e Micah. Porra de homens que mais parecem adolescentes mimados.

Durante o trajeto de volta Hanna me envia um texto avisando que já está em casa, Mag foi buscá-la no hospital e a deixou.

Saber que ela já está lá faz minha respiração menos tensa.

— Então, já que você não vai nos contar nada, o que você pretende fazer agora? — Josh pergunta despreocupado.

Olho para os meus amigos, minha decisão já está tomada há muito tempo, eu só precisava pensar em como seguir com isso, fazer esse relacionamento funcionar a distância será um excitante desafio.

Merda, como eu amo desafios.

— Eu vou me casar com ela.

Minhas palavras ficam suspensas no ar. Um sorriso surge no rosto de cada um deles, eu não esperava menos.

*“And this evening I, won’t let the feeling die
I never wanna leave your side”*

You and I – John Legend.

“E nesta noite eu não deixarei o sentimento morrer / Eu nunca quero deixar o seu lado”

Hanna

O tão temido momento chegou, estávamos todos no aeroporto, prontos para embarcar, Miami era o nosso destino, o primeiro destino deles. Gael estava nervoso, e animado, uma mistura de sentimentos que fazia dele um ser humano único. Só ele causava esse efeito, hora de tormenta, hora de calma. Ele era o branco e o preto, o yin e yang, tudo isso moldando uma personalidade única. Gael, o meu Gael.

O homem por quem me apaixonei, me fez sair de um mundo que havia somente o silêncio, afirmando que fui eu que enchi seu mundo com cores, mas ele também preencheu o meu, com a mais linda canção. O amor faz isso com as pessoas, é um sentimento capaz de transformar tudo em sua volta. As músicas começam a fazer mais sentido, objetos, antes ignorados, passam a ter algum significado, e no meu caso, as horas intermináveis imersa em meus quadros foram substituídas pelo desejo. O desejo de vê-lo, de estar com ele, de me entregar a ele. Só Gael me tinha assim. Só ele poderia me envolver em seu abraço e me fazer mergulhar na intensidade do seu olhar da mesma forma que eu mergulhava nas minhas pinturas.

— Tudo bem? — Gael pergunta assim que nos acomodamos no jatinho.

— Sim.

— Tem certeza? Sua aparência não é das melhores.

— Estou bem, é apenas a realidade que está chegando muito rápido.

— Hey! — ele ajusta seu corpo para ficarmos frente a frente, pega meu rosto com as duas mãos e encosta seu nariz no meu — Não quero que fique assim ok? Vamos conseguir.

Suas palavras saem com convicção, como eu gostaria de ter essa certeza. Mas quanto mais eu tentava, mas lembrava do quanto éramos inconstantes.

— Eu vou tentar.

— Quero que prometa que vai se esforçar.

— Eu vou. E quero que me prometa que vai guardar seu pau dentro das calças. — ele sorri.

— Não se preocupe, meu pau foi enfeitado.

Abraço seu corpo com força, e assim que é permito tirar o cinto de segurança, deito minha cabeça em seu colo, enquanto ele brinca com meus cabelos. O clima não poderia estar melhor, os humores em alta, meus irmãos estão se divertindo bastante, com o resto da banda. É nítido como

todos estão animados com o show de hoje, rindo e cantando. Mas nesse momento, a única coisa que quero aproveitar é essas mãos em meus cabelos.

Miami é uma cidade impressionante, as palmeiras, o sol, até as pessoas de uma certa forma pareciam mais relaxadas. Meus irmãos ficaram extasiados, ainda não conheciam a cidade, e confesso que eu também não.

A banda tinha uma estrutura enorme, era incrível como Troy conseguia organizar tudo. Assim que pousamos, dois carros estavam a nossa espera. Segui com Gael, Troy e Braden no primeiro carro, enquanto os demais iam no outro.

— Onde vamos ficar? — Gael pergunta a Troy.

— Four Seasons.

— Ok. Os quartos?

— Malloy para de ser um chute na bunda. Não sou um amador, mesmo esquema de sempre.

— Troy responde como se estivesse ofendido.

— O que é esse esquema? — fico curiosa.

— Dois andares reservados para banda, um somente para Troy, Micah eu, Braden e Josh, os demais no andar de baixo.

— Oh. E meus irmãos?

— No mesmo andar, coloquei Mag e Malika no mesmo quarto se você não se importar Hanna.

Agradeço a Troy e Gael aperta minha mão, engatando uma conversa com Braden e Troy sobre como gostaria que funcionasse a segurança. Ele não queria a mídia xeretando, e pediu para Braden para tomarem cuidado com quem ele e Josh levavam para cama, o mesmo valia para Micah, Ele não queria nenhuma repórter infiltrada naquele andar.

— Temos uma coletiva de imprensa hoje no Hotel, logo depois vamos até o local do show para fazer a passagem de som. Quero que fiquem no hotel Hanna, assim vamos todos juntos para o show depois do jantar.

— Meu amor, estamos em Miami, vou aproveitar esse tempo e vamos à praia – olho pela janela, a paisagem me deslumbra.

— Não adianta discutir certo?

— Certo — Gael bufa, enquanto Braden tenta abafar uma risada, já que Troy não se importa em segurar seu sorriso.

— Jackson vai com vocês.

— Você quer colocar seu enfermeiro para me vigiar? — pergunto incrédula.

— Já viu como ele está pálido? Precisa de um bronzado.

— Você está brincado comigo – cruzo os braços.

— Falando sério Hanna, deixe que ele acompanhe vocês, vou me sentir muito melhor. Ele pode ser um enfermeiro, mas o homem é do tamanho de um armário, garanto que ninguém vai se aproximar.

— Tudo bem, somente ele Gael, isso já é constrangedor demais.

— Você ainda não viu nada – Braden fala ganhando uma cotovelada nas costelas.

Paramos em frente ao hotel, há uma grade de isolamento e muitas, muitas pessoas. Cartazes, faixas, gritos, é tanta gritaria que por um momento sinto-me tonta.

— Que diabos? — falo surpresa

— Vem baby, hora de entrar no meu mundo — Gael pisca e Troy abre a porta do carro.

Ele me beija antes de sairmos, imediatamente vejo Micah na minha frente, ele me oferece o braço sorridente, olho para Gael que me incentiva, Braden o ajuda com as muletas.

— Onde estão meus irmãos?

— Longe da multidão. Mag e eles desceram e foram levados para dentro do hotel.

Se eu achava que o barulho que estava escutando dentro do carro era alto, do lado de fora era ensurdecedor. Olho para aquelas pessoas, adolescentes na maioria, gritando pedidos de casamento aos meninos, algumas dizem que os amam. Chega a ser engraçado.

Micah para em alguns momentos para autografar alguns papéis e tirar algumas fotos, olho para Gael e vejo fazer o mesmo, ele está assinando algumas coisas, mas não se aproxima muito da grade, Braden é quem passa para ele, acho que está com medo de ser puxado e acabar perdendo o equilíbrio.

Quando seus olhos me encontram ele pisca sorrindo. É lindo como suas covinhas aparecem, e como meu interior vibra com aquele sorriso.

Quando conseguimos chegar no *hall* do Hotel, Troy nos entrega as chaves dos quartos e me informa que meus irmãos e Mag já estão instalados.

Nossa, como ele é rápido.

— Enfim só — Gael joga as muletas no chão e me abraça assim que fechamos a porta da suíte.

— Preciso ver se meus irmãos estão bem — digo já envolvida em seu abraço.

— Seus irmãos são grandinhos, sabem se virar — seus dedos vão para o botão do meu jeans — Sabe o que eu mais quero?

— Não — minha voz fraqueja quando sinto sua mão por dentro da minha calça, segurando minha bunda.

— Carregar você no colo — ele puxa meu corpo e consigo sentir sua excitação — Fazer com que suas pernas envolvam minha cintura — ele beija meu pescoço — Encostar você nessa porta, e te foder tanto que você não teria como sair do quarto, até eu vim resgatar você.

— Quer me matar com sexo, roqueiro?

— Ah pintora, esse é um dos meus fetiches.

— Um?

— Sim, porque quando minhas pernas tiverem força suficiente, vou fazer amor com você de tantas maneiras, que nem o *Kama Sutra* pode ensinar.

Sorrio contra seu peito.

— Você tem que se arrumar, tem uma entrevista em alguns minutos.

— Inferno, você tem uma bunda tão gostosa de apertar. Tem certeza que não posso ficar assim mais uns minutos?

— Não — falo sorrindo tentando tirar as mãos dele do meu traseiro.

Consigo me desvencilhar, Gael xinga Troy de todos os palavrões possíveis, já que ele arrumou essa entrevista tão cedo. Enquanto ele troca de roupa, mando uma mensagem a Mag avisando que vamos a praia.

Mag é daquelas mulheres que não apreciam o sol, na verdade ela até gosta, deste que não toque na sua pele. Por isso não me surpreendo de encontrá-la com um chapéu que cobre praticamente seu corpo inteiro.

— Onde está Enam? — pergunto a Malika.

Ela está vestindo um biquíni que deixa muito pouco para imaginação, uma canga amarrada em sua cintura e um chapéu de sol. Vejo como Josh a observa de cima a baixo.

— Ele vai ficar no quarto, tem alguns trabalhos para fazer com papai.

Uma coisa eu tinha que admitir, Enam era o filho dos sonhos do meu pai, ele era jovem e muito talentoso, e pelo que me contaram, Zaik já estava o preparando para tomar conta de todos os negócios.

— Josh tire seus olhos da minha irmã, ou enforco você durante o sono — aponto para Josh que sorri.

— Relaxa princesa, se é sua irmã, é minha também.

Ele pisca e coloca o braço no ombro de Malika. Gael sai do quarto seguido por Micah e Braden. Ele para assim que me vê, baixando seu óculos de sol, analisando meu corpo.

Estou usando um short jeans, e a parte de cima de um biquíni, meu cabelo preso em um rabo de cavalo, e um boné.

— Qual o problema que vocês mulheres tem em usar um pouco mais de roupa para ir à praia?

— Você também está lindo — beijo seus lábios.

— Vamos Malloy, não faça o tipo ciumento, você nunca foi um cara egoísta — Josh disse me puxando para ele fazendo com que todos ríssemos.

Nos separamos no *hall*, Troy preferiu que os meninos saíssem pela saída de serviço, enquanto Mag, Malika e eu fomos em direção à praia.

Conforme o combinado Jackson nos aguardava na frente do Hotel, uma das raras vezes que o vi sem seu uniforme branco. Ele era um homem realmente impressionante e intimidador, e de poucas, ou quase nenhuma palavra.

Malika aproveitou cada segundo que pode, era como uma criança curtindo o momento, isso me deixou orgulhosa. Nosso relacionamento era melhor do que eu esperava, e como eu sempre soube, família não está no sangue, tínhamos tantas coisas em comum que me assustava.

— Deus, eu preciso de um banho — Mag resmungava na volta para o Hotel — Sério Hanna, eu tenho areia em partes minhas que eu definitivamente não gosto.

— Não faça drama Mag.

— Eu só quero um chuveiro quente, e umas boas horas de sono.

— Confesso que estou cansada também. Você quer fazer alguma coisa Malika?

— Para mim, dormir está ótimo.

Sorrimos e fomos ao encontro das nossas camas. Tínhamos almoçado em um restaurante em frente à praia. Enam havia se juntado a nós logo depois do almoço, e não saiu do celular desde o momento em que entramos no carro. Deus, esse menino não para de trabalhar?

Já era noite quando senti meu corpo se arrepiar. Gael distribuía beijos na minha perna, sua língua passeando na minha coxa. Eu gemi.

— Eu queria fazer isso desde o momento que vi você naquele short. Encontrar você nua embaixo desses lençóis foi um presente.

Ele sussurrava contra minha pele. Arqueei meu quadril pressionando seu rosto ainda mais, ele era um descarado paciente. Um suspiro saiu da minha boca quando sua língua pressionou meu clitóris, eu já estava sensível demais, e muito, muito molhada.

Não me dei ao trabalho de abrir os olhos, as sensações da sua boca em mim eram boas demais, e deveriam ser apreciadas. Gael lambia cada centímetro que conseguia.

— Oh Deus! — seguro os lençóis enquanto um dedo me penetra, meu quadril balançando de acordo com o ritmo.

Quase protestei quando ele tirou o dedo, e sua língua parou. Eu estava quase lá e tinha certeza que ele sabia disso. Foi quando senti seus beijos na minha barriga, subindo lentamente até alcançar meus seios.

— Você tem peitos fantásticos — ele segurou com força levando um deles até sua boca, mordendo em seguida.

Senti seu pau se esfregando em mim, pronto para me preencher. Tentei guia-lo para onde eu queria, mas ele mordeu meu seio novamente fazendo-me gritar.

— Não tenha pressa — ele segurava minha garganta, seu polegar acariciando meu pescoço. O maldito ia me matar de desejo.

Logo ele me penetrava, com movimentos suaves enquanto beijava minha orelha, sussurrando o quanto me amava.

Algo está diferente, Gael sempre foi muito carinhoso durante o sexo, mas suas mãos são sempre exigentes, sempre me marcando. Hoje suas mãos estão cuidadosas, seus movimentos mais lentos me levando em um espiral. Seus gemidos deixando todos os meus sentidos em alerta, pronta para ele.

— Eu amo você Hanna — ele diz entre um beijo e outro.

— Ai Deus, eu vou gozar — digo mordendo seus lábios.

— Vem meu amor, se entrega para mim Hanna.

E eu fiz, ele aumentou o ritmo beijando meus lábios com ganância, eu mal conseguia respirar. Sua mão elevou minha perna enquanto ele ia cada vez mais fundo. Gozei gritando, sem me importar onde estava, ou se alguém ouviu. Naquele momento, era somente nós dois.

Gael também não demorou e gozou demoradamente, seu corpo tremia inteiro enquanto ele lambia meus lábios, devagar, saboreando meu gosto.

Eu estava adorando.

— Não sei como vou conseguir ficar longe de você tanto tempo — Gael coloca uma mecha do meu cabelo para trás da minha orelha, beijando o local.

— Vamos conseguir, você vai ver.

— Troy está providenciando a compra de um jatinho para banda. Assim, não teremos que depender de voos comerciais.

— Tem certeza?

— Sim, já era algo que conversamos antes do acidente.

— Não quero ser um empecilho.

— Ei, nunca mais repita isso Hanna — ele me olha com tanta intensidade que fico desconcertada.

— Eu só quero que você saiba, que eu vou entender como é o tempo de vocês.

— Nossa agenda já está toda organizada Hanna, vai dar tudo certo.

— Confio em você.

— Mas, sempre você pode vir comigo, se quiser — seu sorriso é tão doce que amolece meu coração.

— Você é impossível.

— Não custa nada tentar — ele pisca sentado na cama e pegando o celular. — O pessoal

vai jantar no restaurante do Hotel antes de irmos até o local do show.

— Tudo bem, vou me arrumar.

— Eu gostaria que jantássemos aqui, tudo bem?

— Há algum problema?

— Não, por que? — saio da cama dando a volta para ficar de frente para ele, estou com lençol enrolado no meu corpo, fico de joelhos entre as suas pernas, então eu noto.

Seus ombros estão caídos, seu olhar é triste. Gael parece tenso.

— Você está preocupado com o Show?

— Não, estou bastante seguro quanto a isso.

— Então o que você tem? — passo a mão no seu rosto, ele fecha os olhos aproveitando meu toque.

— Eu só quero aproveitar o máximo de tempo que tenho com você, vamos demorar pelo menos uma semana para nos vermos novamente.

Respiro fundo e sento no seu colo, Gael me abraça forte e ficamos assim por algum tempo. Só nós dois, em um abraço cheio de promessas.

Conforme prometido, jantamos na suíte, Gael permaneceu a maior parte do tempo em silêncio e fez com que comêssemos na cama, ele sentado com a costa apoiada na cabeceira, e eu, na sua frente, contra seu peito.

Durante o banho, fizemos amor novamente, foi suave, ele sempre repetindo que me amava, implorando para esperá-lo. Ele não entendia que eu era dele, que nenhuma distância poderia mudar isso.

— Como vai ser durante o show? Vai suar as muletas? — pergunto enquanto estamos nos trocando.

— Vou usar um banco, vai ser mais prático, e não vou precisar forçar demais.

— Não exagere ok? Sua recuperação está excelente — contemplo seu visual. Ele está lindo, usando uma camisa preta sem mangas, um jeans escuro. Seu cabelo está espetado, e suas tatuagens expostas.

Chego mais perto e seguro seu braço, passando os dedos ao longo dos desenhos, Gael fecha os olhos e coloca a mão na minha cintura. Ele não fala uma palavra, substituo minhas mãos pelos meus lábios, beijando cada desenho ao longo dos seus braços. Seu corpo inteiro se arrepia, e meu coração entra em colapso. Uma parte de mim quer estar ao lado dele, mas outra sabe que eu não posso abandonar tudo.

— Vamos antes que eu desista de ir — ele sorri quando beijo seus lábios — E por favor, fique onde eu possa manter os olhos em você e matar qualquer desgraçado que tentar colocar a mão nas suas pernas.

Sorrio, Gael me devorava com os olhos, eu usava uma camisa da banda, amarrada na cintura e uma saia jeans, curta o bastante para que ele não tirasse os olhos das minhas coxas. Não era o meu estilo, mas eu queria estar no seu ambiente, e não havia nada de mais agradável do que ver os olhares de fome que ele me lançava.

Gael liga para Braden que informa que já estão todos nos esperando no carro. Dessa vez, Troy acomoda a todos dentro de uma limusine. Malika está linda e radiante, Enam, como sempre concentrado em seu celular.

— Aqui, dê-me isso — puxo o aparelho das suas mãos desligando em seguida, guardando

dentro da minha bolsa.

— Hanna!

— Nem pensar, você vai se divertir como qualquer garoto de dezoito anos — ele sorri meio de lado, apesar da pouca idade, Enam tem um porte que se iguala aos demais, não aparentando ser apenas um jovem de dezoito anos — Depois do show, devolvo seu celular.

Malika sorri fazendo sinal de positivo com as mãos. Tento engatar em uma conversa banal com ela e Mag, mas não consigo me concentrar em nada que não seja o homem ao meu lado. Ele segura a minha mão com força demais, seu olhar perdido, olhando pela janela. Eu não sei se devo me sentir assim, mas acredito estar tão nervosa quanto ele.

O local do show é o The Fillmore Miami Beach at The Jackie Gleason Theatre, uma das mais bonitas e importante casa de shows na Flórida, é um local impressionante.

O camarim era espetacular, entramos alguns minutos depois que os meninos estavam acomodados, para não causar muita especulação, assim poderíamos assistir ao show em paz. Gael fez questão que ficássemos na primeira fila, argumentou que queria olhar nos meus olhos quando começasse a cantar.

Não poderia amá-lo mais.

Nada de bizarro foi pedido, algumas frutas, energéticos e uma quantidade impressionante de água estava em uma mesa impecavelmente arrumada. Dois sofás brancos e quatro poltronas e um banheiro, o lugar era enorme, maior do que muitos quartos, suspeitava que era para poder acomodar a todos.

— É sempre assim? — pergunto para um Gael pensativo, estamos sentados no sofá, ele está com uma garrafa de água na mão, e nem chegou a abrir.

— Assim como?

— Todos juntos, camarim enorme — ergo a mão apontando em volta, Mag está conversando com Braden e Micah, enquanto Malika, Enam e Josh estão rindo de algo que Josh mostra no celular.

— Às vezes, dependendo do local — ele olha em volta pensativo — Hanna, eu queria falar com você.

— Vinte minutos rapazes! — Troy entra no camarim interrompendo o que ele ia dizer.

— Conversamos depois do show ok? Vou indo agora.

— Obrigado por estar aqui.

— Eu sempre estarei com você, mesmo que somente em pensamento.

Beijo sua boca e acompanho Troy e o restante do pessoal para nossos lugares, o show vai começar e eu não poderia estar mais orgulhosa do meu roqueiro.

*“Leve o tempo que levar, baby
Respire, e me diga só
Se o que você sente não é assim
Insano Amor*

INSANO — Andy Collins

Gael

Estou nervoso como inferno e pelas malditas, razões erradas. Tudo em minha volta parecia girar, era como se meu estômago estivesse em uma montanha russa.

Merda.

Pego as muletas, me atrapalhando no trajeto, quase derrubo Micah ao tentar chegar até o banheiro, então, lá eu abaixo minha cabeça e despejo todo conteúdo do meu estômago no vaso sanitário.

Caralho!

— Está tudo bem aí, Malloy? — Micah bate na porta, eu mal consigo responder vomitando novamente — Cara o que aconteceu com você?

Faço um gesto com a mão pedindo mais um minuto. Mais vômito, será que ainda existe alguma merda para vomitar?

A ânsia parece que finalmente cede, dou descarga e lavo meu rosto passando um pouco de água na minha nuca. Minhas mãos tremem.

Minhas malditas mãos estão tremendo. Que maravilha!

— Você está bem? — estou sentado no vaso sanitário olhando para o azulejo em minha frente, apenas sacudo a cabeça.

Negativamente, eu não estou nada bem.

— Cara, não precisar surtar, nós ensaiamos, você já subiu no palco naquele maldito jantar.

— Não é por isso — consigo finalmente dizer, Micah me analisa então eu só aponto para o bolso do meu jeans.

Ele olha, e não percebe nada. Eu o encorajo a enfiar a mão, não tenho coragem nem mesmo de fazer isso.

— Puta merda — ele diz quando pega o conteúdo do meu bolso — Cara, isso é....

— É — não consigo terminar de falar, Braden entra no banheiro seguido por Josh.

— Que fedor é esse? Alguém esteve vomitando aqui? — Josh fala olhando ao redor.

— Está tudo bem Gael? — é Braden que pergunta, então Micah abre a mão e mostra o que eu estava guardando esse tempo todo.

— Puta que pariu! — Josh grita — Isso é o que eu estou pensando?

— E o que deu você? Está se sentindo mal? — Braden me olha preocupado, tenho certeza de que estou com uma cara de merda.

— Estou com medo — as palavras saem antes que eu consiga parar.

— De subir no palco? — Josh parece incrédulo.

— Não, não disse. Estou com medo que ela não aceite.

Todos os três se entreolham por segundos que aprecem uma eternidade, e quando penso em ouvir alguma palavra de incentivo, o único ruído que ouço é de gargalhadas, altas, estridentes.

Eu não acredito.

— Vocês podem parar com isso — digo tentando manter minha respiração calma, porque acalmar meus batimentos eu já desisti.

Meus amigos são ridículos.

— Vamos lá cara, apenas respire e seja você mesmo. Como você pretende fazer isso? — Braden fala colocando a mão no meu ombro.

— No palco.

— Ai droga, se ela disser não vai ser o maior chute na bunda da história — Josh ri e eu tenho vontade de socá-lo.

— Vamos lá Malloy, Hanna ama você, não seja um maricas agora — Micah fala me entregando o anel — Bonito anel por sinal.

E realmente era, comprei esse anel logo depois que ela foi embora do meu apartamento, conversei pessoalmente com um *DESIGNER* de joias e mandei fazer sob medida, era um solitário, com um diamante de seis quilates, com lapidação esmeralda. Hanna era delicada e precisou de todo meu bom senso para não comprar um diamante que pesasse mais que a mão dela. Eu queria mostrar ao mundo que ela tinha um dono, e se fosse preciso um anel enorme, eu faria.

Somente em pensar sobre isso eu já me sentia enjoado novamente.

Maldito nervosismo.

Então, mais uma batida na porta nos alertou que era a hora do show. Saímos do banheiro e antes que chegar na porta, Braden nos para.

— Antes de subirmos lá, queria dizer uma coisa — Josh fecha a porta novamente pedindo um minuto para os seguranças — Eu sinceramente não acreditava que fôssemos estar aqui, não tão cedo pelo menos — todos me olharam sorrindo — Você Gael, mostrou ser a pessoa mais teimosa que eu já conheci e cara, eu sou um puta fã seu. Você encontrou o que todo homem busca, pelo menos a maioria deles — ele olha para Micah que dá um meio sorriso — Espero que sua garota diga sim, e que em breve você esteja subindo em um altar. Agora, vamos lá mostrar porque somos os melhores nessa merda.

Braden me abraça, Micah e Josh fazem o mesmo me desejando sorte. Josh beija Braden antes de sairmos do camarim e deseja boa sorte sussurrando em seu ouvido. Eu sabia o que ele dizia, ele sempre fala a mesma coisa antes de um show começar. Era algo deles, e eu tinha uma certa inveja desse momento, isso até saber que o que eles têm, eu também tenho com Hanna.

Amor, a porra de um sentimento que entrou tão rápido no meu sistema, como uma maldita droga, que só me fez querer mais e mais. Mais da sua risada, mais do seu cheiro, mais dos seus olhares. Qualquer coisa que ela me desse, eu sempre iria querer mais.

Minha pintora estava seguindo um caminho para ser minha, e eu sabia que o que nós temos,

nem a morte irá conseguir separar.

O palco ainda está escuro quando assumimos nossas posições, coloco as muletas no chão, ao lado do banco e sento ajustando o microfone. Respiro fundo, e quando os primeiros acordes da guitarra do Micah começam, eu me entrego e minha voz sai com tanta naturalidade que é como se eu nunca tivesse me afastado desse lugar.

Olho para frente quando já estamos próximos de terminar a primeira música, Hanna está ali, seus olhos vermelhos e um sorriso lindo nos lábios, não contenho o sorriso que se instala em meu rosto. Música após música é nela que foco.

Uma hora e meia depois, Micah canta a penúltima música enquanto me preparo para encerrar. Eu nunca entendi porque ele não gosta de cantar, as meninas deliram com o som da voz dele, mas como ele diz, não gosta de ser o centro das atenções. Pelo menos não no palco.

Quando ele encerra, saio de trás do palco, caminho de muletas até o microfone, o público está em silêncio esperando pelas minhas palavras. Largo as muletas novamente, mas dispenso o banco.

— Boa noite! — o público grita em resposta — Não temos palavras para descrever o que essa noite significou para a banda, mas vou pedir um favor a todos vocês — o público fica em silêncio novamente — Eu peço que espalhem por aí que a *Originals* ESTÁ DE VOLTA! — grito as últimas palavras e sou recompensado com muitos gritos e aplausos, olho em direção da minha pintora e ela está deslumbrante, sorrindo, ao seu lado está Mag e seus irmãos.

— Vou encerrar com uma música nova, uma música que compus para alguém que tem não só meu coração, ela possui também a minha alma. Por isso, ela merece que eu cante essa canção assim, em pé, pois é a ela que devo a minha recuperação.

Olho novamente e Hanna chora tentando limpar as lágrimas que rolam pelo seu rosto.

— Baby, eu amo você — aponto para ela então começo a tocar minha guitarra.

*Olhe nos meus olhos
diz pra mim se ainda não sentiu
esse sentimento louco
Diz pra mim se suas pernas não tremeram
se seus pulmões falharam
Me diga só que não sente isso, baby
É como um tufão que vem quebrando tudo.
Insano amor, é o que sinto por você
Não me importa o que pense
É o que sinto por você
Você encheu minha vida com cores
Minha alma ficou mais leve
Leve o tempo que levar, baby
Respire, e me diga só
Se o que você sente não é assim
Insano Amor*

*"I was the one you always dreamed of
You were the one I tried to draw"*

Slow Dancing in a Burning Room – John Mayer

"Eu era a pessoa que você sonhou / Você era a pessoa que eu tentei desenhar"

Hanna

Eu não conseguia acreditar no que estava vendo, e ouvindo. Quando Gael começou a tocar sua guitarra, uma explosão de cores surgiu no palco, os telões se iluminaram por todo o teatro com imagens vibrantes.

Eram os meus quadros.

Todas as minhas melhores pinturas estavam ali, as mais alegres, as que me remetiam as melhores lembranças. Olhei para Mag e ela apenas piscou, eu sabia que tinha um dedo dela nisso tudo, essas pinturas estavam guardadas em um galpão, agora estavam sendo visualizadas por todos.

Foi a coisa mais linda que eu já vi. Estou hipnotizada, olho em volta e vejo como todos estão admirados, a forma com que cada uma passa nas telas, a sincronia das cores.

É mágico.

Paro de olhar em volta e me concentro nele, seus olhos estão fechados e ele canta cada letra com paixão, ele fez uma música que resume perfeitamente o que somos, o que sentimos. Não é um amor convencional, é um *amor insano*.

Gael termina a música e me chama para o palco, logo percebo que há um segurança me chamando, olho em volta sem entender enquanto Mag me encoraja a subir. Deus como eu odeio esse tipo de exposição.

Subo no palco e os meninos estão sorrindo, olho para frente e me assusto com o que vejo, a quantidade de pessoas vista daqui é impressionante, milhares de olhos olhando em uma única direção.

Deus, eu não posso ficar mais envergonhada.

Micah nota meu constrangimento, ele chega próximo segurando em meu braço me levando até ele.

— Oi — consigo verbalizar, olho em volta e os quadros continuam a passar no telão.

— Oi — sua voz chama minha atenção, e por hora, esqueço das pessoas nos assistindo — Preciso pedir algo — ele fala, o microfone captando todas as suas palavras.

— Precisa ser assim? — sussurro no seu ouvido, ele segura minha mão.

— Sim, é aqui que tenho coragem, é aqui que eu me liberto Hanna, nesse palco, assim como

você se liberta pintando — um coro de ‘oh’ sai da plateia me deixando constrangida, olho para os meninos, eles estão sentados no chão, nos observando, como crianças à espera de um presente.

— Quando uma loira desajeitada caiu no meu colo — eu sorri — Eu nunca imaginei os tipos de sentimentos que ela poderia me despertar, além do tesão que ficou muito óbvio naquele dia — ele piscou enquanto o público sorria — E eu entrei nesse relacionamento de uma maneira totalmente errada, mas agora, eu quero fazer do jeito certo — Gael segura minha mão com força, ele está tremendo — Hanna, eu sei que não sou seu primeiro, mas permita-me sonhar em ser seu último. Casa comigo?

Ele diz as últimas palavras retirando um objeto do bolso, se ajoelhando na minha frente. Eu não consigo conter minhas lágrimas, seu sorriso é tão grande que faz minhas pernas fraquejarem. Caio de joelhos abraçando seu corpo trêmulo.

— Ainda estou esperando a sua resposta — ele fala ao meu ouvido, limpo minhas lágrimas e olho em seus olhos.

— Sim, sim, sim! — digo beijando seus lábios, seu rosto.

— Graças a Deus! — ele solta a respiração — Agora deixe-me colocar esse anel no seu dedo.

Sorrio encantada ao vê-lo colocando o anel no meu dedo, é um lindo solitário, ergo a mão para admirá-lo e quando volto a olhá-lo, ele me mostra outra aliança, sorrindo coloco em seu dedo, beijando sua mão logo em seguida.

— Estamos noivos — olho incrédula para nossas mãos.

— Porra, sim, estamos noivos! — Gael segura meu rosto com as duas mãos e me beija.

Meu mundo para de girar com aquele beijo, estou beijando meu noivo. O quão louco é isso?

Saio do meu devaneio com os gritos da plateia, ainda estamos ajoelhados no palco, Gael me fez esquecer do mundo ao meu redor, ele sempre teve esse poder sobre mim. Faz minha cabeça esquecer de tudo ao nosso redor, e embarcar em um mundo em que só existe nós dois.

Braden, Micah e Josh estão nos parabenizando, Braden ajuda Gael a levantar, eles agradecem o público e logo voltamos ao camarim.

— Ai meu Deus! — Mag grita assim que olha meu anel — Eu sabia que ele era louco, mas um pedido de casamento assim, superou minhas expectativas.

Gael está sentado no sofá, e eu, para variar, estou sentada em seu colo. Suas mãos na minha cintura, prendendo meu corpo ao dele, garantindo que eu não me mova.

Eu nunca vou querer me mover.

— Já sabem quando será o casamento? — Malika pergunta também admirando meu anel.

— Assim que a turnê acabar — Gael fala convicto.

— Já temos uma data então? — digo.

— Já temos um prazo — ele dá aquele sorriso que tenho vontade de beijá-lo e matá-lo ao mesmo tempo.

Troy entra no camarim e avisa que alguns fãs vão tirar fotos, somos levados para uma outra sala para deixá-los mais à vontade. Gael me explica que por enquanto não vai dar muitos detalhes e vai pedir que a imprensa mantenha distância. Ele quer preservar ao máximo minha privacidade, mas depois do que aconteceu hoje, eu sei que a última coisa que terei depois disso será algum tipo de privacidade. E por mais incrível que pareça, saber disso não me assusta.

— Estou tão feliz por você — Mag diz enquanto esperamos os meninos terminarem.

— Confesso que estou assustada Mag, mas feliz ao mesmo tempo.
— Vocês vão tirar isso de letra, foram feitos um para o outro, Hanna.
— Eu espero que sim, só de pensar que temos apenas mais um dia juntos, meu coração aperta.
— passo a mão no peito tentando controlar minha tristeza.
— Hey, nada de tristeza, temos que comemorar. Além do mais, a distância sempre dá uma apimentada na relação.

Minha amiga dá conselhos como se realmente fosse especialista em relacionamentos bem-sucedidos. Acho que o homem que ela já saiu mais vezes, ou melhor, os homens, são Braden e Josh.

Devolvo o celular de Enam enquanto converso com Malika, eles já vão embora amanhã, porém, logo estarão de volta e poderemos passar um pouco mais de tempo juntos. Não faço ideia de como será a reação dos meus pais, e peço para Malika não comentar nada, afinal, isso não é assunto deles.

Meia hora depois, Troy nos leva para a limusine, onde os meninos já estão a nossa espera. Gael me puxa para o seu lado, beijando meus lábios com tanta força que sinto meus pulmões falharem.

— Alguém está com saudades?

— Acho que essa palavra vai ter um novo significado para mim, a partir de amanhã.

Seu polegar toca meus lábios e nossos olhares se prendem.

— Hanna...

— Nem pense nisso, Malloy — interrompo suas palavras, eu sei exatamente o que ele vai falar, e se ele pedir, eu não serei capaz de dizer não.

— Um homem pode sonhar.

Olho para meus amigos e concluo que nunca em minha vida estive tão feliz, Mag está deitada com a cabeça encostada nas pernas de Braden, seus olhos estão fechados e ele massageia seu couro cabeludo, enquanto ele conversa com Josh, que está com as pernas dela em seu colo. Seria estranho, se não fosse lindo, ela está recebendo carinho, em dobro.

Micah está com a cabeça encostada, um pano cobrindo seu rosto, sua respiração constante prova que ele está dormindo. Malika está com a cabeça encostada no ombro de Enam, os dois olhando algo no celular.

É isso, minha família está aqui, não a família que me colocou no mundo, mas a família que eu conquistei, são laços que nada nesse mundo será capaz de quebrar.

Gael não me deixa dormir o restante da noite, alegando que terei muito tempo para isso quando voltar para Nova York. Então fazemos amor pela primeira, segunda e terceira vez, como noivos.

— Acho que só vou conseguir levantar dessa cama para ir direto para o palco — já é dia, Gael está deitado acariciando minhas costas.

— Já sinto saudades — falo com sinceridade.

— Eu também, Hanna. Eu também.

Minhas forças não duram muito tempo, e logo sucumbo ao sono. Meu corpo totalmente relaxado, não só pelos orgasmos, mas também pela certeza de que vamos conseguir.

O segundo show em Miami não foi menos impressionante, ao final o público gritava para Gael cantar a música que ele fez para nós, ele não decepcionou e foi tão emocionante quanto da primeira vez.

Passamos o tempo todo que tínhamos dentro da suíte do hotel, nos amando com tanta intensidade. Gael já nem se dava ao trabalho de se vestir. Foram dois dias incríveis.

O jatinho já estava nos esperando, enquanto descíamos do carro, Gael me pediu para aguardar. E quando estávamos sozinhos ele falou.

— Eu quero que você saiba Hanna, que eu amo você.

— Eu sei.

— E que também esse anel no seu dedo significa para mim, muito mais do que você pode imaginar. Eu vou honrar ele Hanna, com todo meu coração.

— Eu não espero menos de você, meu roqueiro — beijo o anel na sua mão.

— Seu roqueiro, não se esqueça nunca disso.

— Quando você retornar da turnê, prometo a você que vamos tentar.

— Tentar? Do que você está falando?

— Vamos tentar fabricar os nossos bebês — uso as palavras que ele usou da última vez que conversamos sobre filhos.

— E quando eu pensei que não podia te amar mais. Você me surpreende.

— Não é uma decisão fácil, mas quero ter uma família com você.

— Eu também, e é por isso, que Troy já está providenciando uma casa nova — ele diz sorridente.

— Casa nova? E o seu apartamento?

— Aquilo lá é um antro de sacanagem Hanna, meus filhos não serão criados ali — torço os lábios — Não me leve a mal baby, mas você não tem ideia do que aquelas paredes já presenciaram antes de você aparecer.

— Muita informação — tapo os ouvidos sorrindo.

— E é lá que você vai me esperar. Sarah já está com tudo preparado para sua chegada.

— Você já estava com tudo planejado não era?

— Um pouco — ele dá um sorriso presunçoso, engulo a vontade de perguntar se ele teve algo a ver com as compras repentinas dos apartamentos que estava interessada, eu não preciso da sua confirmação para saber o óbvio.

— Vamos lá, hora de nos despedirmos.

Ajudo a pegar suas muletas e ele me acompanha até a porta do jatinho, me despeço de Josh e Braden, logo depois de Micah.

— Se cuida princesa.

— Você também.

— Nos vemos daqui alguns dias — ele me abraça e tento conter minhas lágrimas. Deus como me tornei sentimental em torno deles.

Saio do seu abraço e encontro o olhar do meu roqueiro, meu noivo, que agora tem os olhos tão vermelhos quantos os meus.

— Sabe que isso não é um adeus, não é? É um até breve, minha pintora.

— Prometa que esses meses vão passar rápido? — Nos olhamos e ele me abraça.

— Prometo que vamos ficar juntos em todas as oportunidades que surgir. Isso é uma promessa!

Gael beija meus lábios, sinto o gosto de nossas lágrimas através do beijo, mas não são apenas lágrimas de tristeza. Também são de alegria, porque sei que em breve estaremos juntos novamente.

Fim.

Nota da autora

A continuação dessa emocionante turnê continua em INSENSÍVEL, e Micah irá contar sua história.

Até lá.

Prólogo

Quatorze meses, esse foi o tempo em que ficamos viajando. Uma turnê que seria para durar sete meses, dobrou. A banda estava exausta e Gael, fora de controle. Ele estava irritado e impaciente. Fez com que não assinássemos mais nenhum contrato, ele queria um tempo com Hanna, e desde quando descobriram que ela estava grávida, ele quase desistiu de tudo.

Na verdade, todos nós estávamos no limite. Gael não aceitava que Hanna viajasse, mesmo com sua gravidez recente, assim era ele que se deslocava, os shows foram agendados de maneira que não o deixasse exausto. O maior tempo que ele ficou sem vê-la pessoalmente foram quatro semanas, se Troy estivesse conosco naquele período, provavelmente não estaria vivo, estávamos na Ásia, e viajar de jatinho toda semana era meio que impossível.

Hanna estava morando no apartamento do Gael, ele havia contratado uma equipe de segurança para vigiá-la. Quanto a sua origem, há segredos tão bem enterrados, que é impossível de levar para fora. Seus irmãos ainda mantinham contato, mas nunca foi sequer cogitado pela imprensa algum tipo de parentesco. O que deve ter sido um alívio para os pais dela.

Gael nunca nos contou a conversa que teve com ele, mas vivo nesse meio há tanto tempo, que não é difícil supor o que aconteceu.

Por isso que não segui esse caminho, é algo contaminado demais para se estar perto.

Mag sempre vinha com Hanna quando ela nos encontrava, o que garantia a Josh e Braden boas horas de diversão, enquanto eu, bem, transar com fãs nunca foi minha preferência. Não que eu não goste, ao final de cada show não faltam mulheres bem dispostas.

Mas não é esse tipo de sexo que me alimenta, que me satisfaz. Eu sempre gostei de algo mais cru, mais agressivo e não posso despejar tudo isso em algumas *groupies*, esse tipo de sexo eu só tinha com uma pessoa.

Callie.

Nós não nos falávamos havia um bom tempo, meses para ser mais exato. Depois que quebrei minha promessa de estar presente na inauguração do bar dela, não tive coragem de procurá-la, eu sabia que ela deveria estar puta comigo, mas em minha defesa, a data coincidiu com um show nosso na Carolina do Norte, então mandei um texto desejando boa sorte, e me desculpando pela falta.

‘Foda-se’, foi a sua resposta.

Já estávamos há mais de doze horas dentro do avião, Gael impaciente por não poder falar com a Hanna, Josh e Braden dormindo no quarto, enquanto eu olhava pela janela imaginando todas as maneiras que vou transar com ela quando vê-la.

Meu corpo inteiro vibra com as possibilidades.

Eu sei que ela está chateada, ela nunca respondeu mais nenhuma das minhas mensagens, mas eu conheço aquele corpo como ninguém, sei todas as maneiras possíveis para acendê-lo. E droga, sexo com ela quando estava chateada, eram os melhores.

Callie tinha uma disposição para sexo que sempre me impressionava, apesar de que nossos encontros não passavam disso.

Sexo, puro, animal, INSENSÍVEL.

Era isso que eu queria ter, assim que a encontrasse.

Ah Callie, você não perde por esperar.

Conheça o bônus que conquistou os leitores do Wattpad

Entre quatro paredes

Mag estava tão absorta em sua dança sensual com Josh, que não havia percebido os olhares cheios de desejo que Braden lançava ao casal. Todos já haviam ido para seus respectivos quartos, apenas o trio continuava na sala.

— Você é muito sexy — a voz de Josh causava arrepios pela sua espinha.

Ela era sexy, e sabia disso, principalmente sabia como usar toda a sua sensualidade. Era queria passar uma noite quente, primal, queria esquecer que estava se sentindo vazia e solitária, pela primeira vez se sentiu rejeitada, ela odiava isso, odiava a pessoa que a fez se sentir assim. Essa noite ele não ia habitar seus pensamentos. Engenheiro idiota, pensou.

O que Mag não esperava, era que sua noite seria inesquecível.

— Sexy, gostosa, quente como o inferno. O que mais você é Mag?

Não era Josh que falava, era Braden que roçava sua barba por fazer em seu pescoço, ela não hesitou. Imediatamente seu corpo encostou no dele, tremores de desejo estavam consumindo seu corpo.

Josh estava com sorriso diabólico, um sorriso cheio de promessas. Quando ele chegou mais perto a sensação era de estar sendo esmagada.

Maravilhosamente esmagada.

Mag conseguia sentir a ereção de ambos, nunca estivera tão excitada.

— Que tal uma brincadeira diferente, diaba ruiva? — Mag teve vontade de sorrir, ninguém a chamava desse jeito desde a quinta série.

— Está me propondo um ménage, criança? — ele encarava Josh, enquanto sentia os dedos carinhosos e obstinados de Braden passando pela sua espinha, ela sentia a respiração dele tão próximo quanto humanamente possível. — Não será uma novidade, garanto a você.

Algo sombrio e carregado de luxúria passou por aqueles jovens olhos.

— Acredite, você nunca teve algo como o que poderá ter conosco.

Enquanto Josh falava, Braden a tocava, tornando difícil dizer não. Cada toque seu, era como fogo em sua pele. Seus dedos deixavam rastros de desejo.

Mag não pensou mais, não queria pensar nas consequências, nem no maldito engenheiro que a deixou esperando.

Necessitada, ela fechou os olhos enquanto sua boca era tomada pela boca faminta de Josh.

O beijo era intenso, necessitado. Ele segurava seu rosto com apenas uma mão. Enquanto isso, Braden beijava seu pescoço, mordiscava sua orelha.

Aquilo era surreal, era como uma droga sexual, ela apenas precisava de mais. Muito mais.

Mag não notara que enquanto era beijada e acariciada, a mão livre de Josh passeava pelo braço de Braden. Enquanto sua boca era faminta, sua mão era delicada, como um lembrete a quem seu coração pertencia.

Não que ela fosse se importar em saber disso, até porque, seu coração também tinha um dono. Um dono relapso, mas um dono.

— Vamos diaba ruiva, mostre tudo que você é capaz. — Braden disse no seu ouvido, sua voz rouca trouxe uma dor insuportável no meio das suas pernas.

Mag foi conduzida ao quarto, uma grande cama com lençóis negros deveria ser um aviso que aquele local, não era um local para se entrar, caso não estivesse preparada para tudo que aconteceria ali dentro depois que a porta fechasse.

Mas ela não se assustava, ela não temia nenhuma experiência sexual, afinal ela era muito egoísta e queria ter seu prazer.

Ela ouviu um clique na porta, estava trancada com dois leões, de igual proporção de perigo. Mas eles não sabiam que ela não era um aperitivo. Mag sempre foi o prato principal.

— Hora de provar seu gosto. — Braden segurou seu cabelo com a mão direita e a puxou pela cintura.

Seu beijo era mais suave e menos agressivo que o beijo de Josh, mas não menos excitante. Ele brincava, e saboreava, era paciente.

Envolvida nos lábios dele, não notara quando Josh foi até a cama e conectou seu *iPhone* em uma pequena caixa de som.

A música era sexy, ela não reconhecia, na verdade estava tão embriagada com aquele beijo que não lembrava mais seu próprio nome. Ela nunca poderia imaginar que essa era a música que sempre tocava quando os dois estavam com outra pessoa.

Era um lembrete de que se pertenciam.

— Isso é tão... — não conseguia reconhecer sua própria voz quando Braden se afastou, Josh começou a despi-la. Ela olhou em volta, seu corpo era pura adrenalina, bombeando seu sangue tão feroz, como se pudesse rasgá-la de dentro para fora.

E porra, eles ainda estavam nas preliminares.

Enquanto era despida por Josh, suas mãos estavam no corpo de Braden, tirando sua camisa cuidadosamente, enquanto levantava um dos pés para se livrar do seu jeans. Depois, Braden foi para barra da sua blusa levantando cada centímetro com a paciência de alguém muito experiente.

Seus olhos jamais deixando os dela.

Ele teve seu tempo, roçando os dedos por cada pedaço de pele que conseguia tocar. Mag sentia-se em chamas, os homens costumavam ser tão apressados, e ela estava com dois, que pareciam ter todo tempo do mundo.

Josh beijava a costa de Braden como uma reverência, cada toque dos lábios dele era lento, amoroso. Ainda assim, ele não se permitia fechar os olhos, Braden os mantinha focados em Mag, queria apreciar cada reação daquele corpo.

Nem toda experiência sexual havia preparado Mag para o que vinha a seguir.

Eles estavam nus, no meio do quarto. Braden beijava sua boca, acariciando seu seio, e quando Josh beijava a costa dele acariciando sua ereção.

Era erótico, sensual, a forma como Josh contemplava o corpo de Braden só a deixava excitada.

Imediatamente ela pressionou mais seu corpo ao corpo de Braden, conseguia sentir Josh movendo sua mão em um movimento lento e constante.

Sem perceber, ela se esfregava a nele, sua mão foi para costa de Braden e conseguiu segurar a ereção de Josh.

Era isso, o quarto foi tomado por gemidos enquanto eles se masturbavam em uma posição no mínimo estranha, mas muito erótica.

— Eu preciso de mais. — foram as palavras que saíram da boca dela, sua respiração estava irregular, ela precisava gozar desesperadamente.

Josh saiu da sua posição e foi até uma gaveta, lá pegou um pacote de preservativo e lubrificante.

Braden encostou ela na parede sem parar de beijar sua boca, e quando ele tomou um de seus seios em seus lábios, Mag sentiu que ia explodir.

Ela gemia a cada mordida, tremia a cada chupada. Seus pensamentos não eram coerentes, ela estava dopada, em êxtase.

Quando deu por si, já não era mais Braden que a beijava, aquele rosto liso e sem barba, e a boca tão faminta. Era Josh, eram como o anjo e o diabo. Delicados e agressivos. Impressionantes.

— Você gosta disso não gosta? — Josh falou no seu ouvido. — Gosta de sexo sujo?

— Ah Deus! — ela gemia, e ele acariciava seu clitóris. Ela estava encurralada em uma parede, e rezava mentalmente para que fosse resistente o bastante.

— Não clame por Deus querida, você vai gritar bem alto, mas será o nosso nome.

Ele estava com as mãos na parede, uma de cada lado do seu rosto. Josh olhava para ela de uma forma ameaçadora, e muito sensual.

Ela segurou sua ereção, já com preservativo e a guiou para dentro dela. Eles arfaram.

Antes de começarem a se mover, Braden surgiu beijando o pescoço de Josh, que continuava a encará-la. Por um momento, ela ficou confusa.

Braden passou a mão na sua coxa, elevando um pouco a sua perna, tornando a penetração de Josh mais profunda.

Então aconteceu, Braden também penetrou Josh por trás, ela não teve tempo de raciocinar, pois a boca de Josh já estava consumindo a sua novamente e ela se entregou ao momento.

Um deles segurava sua perna para mantê-la estável, ela não fazia ideia de quem a segurava. Seus dedos cravaram com força no ombro de Josh, enquanto ele se movimentava.

Entrando e saindo. Da mesma forma que Braden estava fazendo com ele.

Gritos de prazer, que Mag acreditava que podiam ser ouvidos em qualquer lugar do mundo, foram tomando conta do ambiente. A Música já não era mais o único som.

Apenas grunhidos e pedidos de mais. Se era ela que pedia, ela não sabia, o que importava, era que estava recebendo. E quando gozou, foi um orgasmo que a consumiu como uma descarga elétrica, iniciando nas pernas, subindo cada vez mais, até que se tornou um grito saindo através de seus lábios inchados.

Estavam suados, ofegantes.

Satisfeitos.

Pelo menos era o que pensava, até ser levada no colo por Braden até o banheiro. Ele testou a temperatura da água e eles entraram dentro do enorme espaço.

— Está tudo bem com você? — ele perguntou enquanto lavava seu corpo completamente

exausto.

— Vocês dois são incríveis — conseguiu dizer.

— Não se importou com o que aconteceu?

— Vocês juntos são impressionantes, Braden.

Ela tocou seu rosto e eles se beijaram. A água caía entre os dois, mas seus corpos estavam tão colados. A espuma os deixava escorregadios. Ela estava excitada novamente.

— Ah porra, vocês vão me matar. — Josh falou enquanto observa os dois, ele estava se acariciando observando a cena.

Braden riu na boca dela. Então ela ergueu a mão convidando Josh para participar da festa molhada.

Ele não pestanejou, entrou no box e se posicionou atrás dela. Enquanto Braden beijava seu seio, Josh beijava sua costa, ele descia sua língua deixando uma trilha na sua espinha até chegar na sua bunda.

— Ah, Mag, você é perfeita — ele beijava cada parte da sua costa, enquanto Braden beijava na frente.

Os jatos de água pararam, Braden estava ajoelhado com sua língua exatamente onde o pau de Josh estava a poucos minutos.

Ele sugava e beliscava seu clitóris com os dentes, Josh tinha saído e voltado com mais preservativos e lubrificante.

E quando ela pensou que a cena anterior ia se repetir, eles a posicionaram no meio.

Ah foda, ela já tinha participado de ménages, mas tudo até agora estava sendo novo, inclusive o que estava por vir.

— Confie na gente ok? — Josh disse beijando sua nuca, enquanto seu dedo trabalhava para deixar sua bunda relaxada.

— Segure no meu ombro — Braden disse. — Vamos ser cuidadosos.

Josh estava deixando-a lubrificada o suficiente. Ele enfiava o dedo devagar, para que ela pudesse relaxar.

Braden levantou uma perna, segurando a coxa, ela segurou seu ombro enquanto Josh começava a penetrá-la por trás.

Braden acariciava seu rosto, sussurrando palavras de carinho, ela sentiu seu corpo acostumando com Josh. E quando Braden percebeu que ela estava entregue. Ele a penetrou também.

Um novo ritmo começou, Braden e Josh se moviam em um ritmo lento, enquanto um entrava, o outro saía, e assim continuaram.

— Puta merda — era o que ela dizia, Braden beliscava seu seio, ela estava se desfazendo no meio daqueles dois homens.

Os três chegaram a mais um orgasmo, juntos. Tinha sido uma experiência incrível. Mag viu a adoração entre os dois, mas em nenhum momento eles a deixaram se sentir excluída, eles davam tanto prazer a ela quanto davam entre eles.

O resto da noite foi um mar de luxúria. Eles transaram mais duas vezes quando foram para cama, sempre em posições diferentes, sempre com todos saciados.

Quando estavam esgotados fisicamente, Mag deu um beijo em cada um.

— Agora vou para o meu quarto, estou exausta.

— E satisfeita? — Josh perguntava com um sorriso travesso. Eles estavam na cama, em um emaranhado de lençóis bagunçados.

— Muito satisfeita, mas desconfio que se ficar aqui, vou morrer com tantos orgasmos.

— Somos bons nisso. — ele brincava, puxando-a para mais um beijo.

Ele a puxou novamente e ela caiu entre os dois.

— Sabe que você pode dormir aqui. — Braden disse enquanto tirava o cabelo da sua nuca para plantar um beijo no local.

— Meu Deus, vocês não cansam? — Mag sorria enquanto Josh esfrega a sua ereção nela.

— Você é diferente, Mag, é receptiva.

— Mente aberta — Josh completou.

— E vocês são deliciosamente apaixonantes.

Ela disse com a voz carregada de desejo novamente, então fechou os olhos e se entregou as carícias daquelas quatro mãos.